



Tem que ter categoria: Construção do saber futebolístico

Enrico Spaggiari

Série: Produção Acadêmica Premiada

Enrico Spaggiari

Tem que ter categoria:
Construção do saber futebolístico



Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

São Paulo 2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Reitor: Prof. dr. João Grandino Rodas

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Diretor: Profa. dra. Sandra Margarida Nitrini
Vice-Diretor: Prof. dr. Modesto Florenzano

SERVIÇO DE EDITORAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO
Helena Rodrigues MTb/SP 28840
Diagramação: Camila Rodrigues

COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO ON-LINE
Presidente: Profa. dra. Sandra Margarida Nitrini

MEMBROS

DA - Profa. dra. Rose Satiko Gitirana Hikiji
DCP - Prof. dr. Bernado Ricupero
DF - Prof. dr. Vladimir Safatle
DH - Profa. Mary Anne Junqueira (titular)
DH - Prof. Rafael de Bivar Marquese (suplente)
DL - Prof. dr. Marcos Lopes (titular)
DL - Profa. dra. Luciana Raccanello Storto (suplente)
DLCV - Prof. dr. Waldemar Ferreira Netto
DLM - Profa. dra. Roberta Barni
DLO - Prof. dr. Paulo Daniel Elias Farah
DS - Profa. dra. Márcia Lima
DTLLC - Prof. dr. Marcus Mazzari
SCS - Dorli Hiroko Yamaoka
STI - Augusto Cesar Freire Santiago

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo

M499 Spaggiari, Enrico
Tem que ter categoria: construção do saber futebolístico / Enrico
Spaggiari. -- São Paulo : Humanitas, 2012.
238 p. -- (Série Produção Acadêmica Premiada)

ISBN 978-85-7506-206-7

1. Futebol. 2. Aprendizagem. 3. Antropologia Cultural e Social. I
Título. II. Série.

CDD 306.483

AGRADECIMENTOS

Gostaria, inicialmente, de agradecer a todos que participaram direta ou indiretamente da minha formação até este momento, visto que aqui só poderei mencionar alguns.

À FAPESP, pelo suporte ao longo do trabalho, e ao CNPq, pelo apoio nos primeiros meses.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Heitor Frúgoli Jr., pela confiança, dedicação e por todo o apoio desde as primeiras conversas ainda na Iniciação Científica. Desde então, provou “ter categoria”. Sou muito grato.

Ao Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo e à Profa. Dra. Rose Satiko Hikiji, que colaboraram na qualificação desta pesquisa e com quem pude aprender muito sobre antropologia, esporte e audiovisual. Obrigado pelas críticas e sugestões terminantes para a conclusão deste trabalho.

Aos professores do Departamento de Antropologia da USP que desde a graduação influenciaram a produção deste trabalho, entre eles: José Guilherme Magnani, Vagner Gonçalves da Silva, Ana Lúcia Pastore, Márcio Silva, John Dawsey e Margarida Maria Moura. Aos funcionários do departamento, que me ajudaram muito ao longo destes anos, sempre solícitos e generosos: Soraya, Ivanete, Rose, Edinaldo e Celso, em especial, pelas conversas semanais sobre as rodadas futebolísticas.

Aos colegas do Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC), coordenado por Heitor Frúgoli Jr., pelos instigantes debates teóricos e empíricos sobre espaços urbanos e Antropologia. Agradeço a todos os participantes. Ao Daniel De Lucca, Jessie Sklair Corrêa, Caroline Hilário Macedo, Isadora Fonseca, Paula Delage, Laís Silveira, Marina Capusso e Bianca Chizzolini. Ao Inácio Andrade, pelo companheirismo laboral neste último ano. Ao Carlos Filadelfo de Aquino, excelente antropólogo, interlocutor e amigo de todas as horas, pela paciência com que me aturou ao longo do mestrado.

Aos colegas do PPGAS da USP, entre eles: Alexandre Kishimoto, Igor Scaramuzzi, Natacha Leal, Ana Cecília Venci, Ana Marta Yano, Glaucia Destro, Adriana Silva, Gabriel Pugliese, Florbela Ribeiro, Camila Galditano, Adalton Marques, Jayne Colevatti, César Augusto Silva, André-Kees Schouten, Giovanni Cirino, Marcelo Florido, Alex Vega, Eva Scheliga, Daniela Alfonsi e Rodrigo Lobo. Às “meninas super-poderosas”: Thais Waldman, Paula Pires e Priscila Vieira.

Aos colegas editores da revista *Cadernos de Campo* nestes últimos dois anos, com quem pude compartilhar uma experiência editorial incrível.

Aos membros do Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol (GIEF), pelas instigantes discussões nestes últimos quatro anos. Em especial, o amigo Sergio Giglio.

Diversos amigos estiveram presentes ao longo deste trabalho, mas por falta de espaço mencionarei alguns, que representarão a todos: Leandro “Mizu”, futebolista e jornalista “de categoria”, cujo único defeito é ser são-paulino; Ricardo Oliveira, ótimo

corredor e corintiano, o que já dispensa demais elogios; o são-paulino e “escalofanário” Leonardo “Canhão”, conhecido por ser, ao mesmo tempo, artista plástico, filósofo, humorista e jogador de Squash; o esportista e corintiano Wagner, cuja sabedoria mineira influenciou muitos pontos deste trabalho; Denis e André Oshima, corintianos e grandes jogadores de futebol de várzea da Cidade Líder.

Às pessoas que conheci no universo futebolístico, com quem pude aprender muito e um pouco sobre tudo: Jaílson e Silva (Cidade Líder); Renato, Nenê, Jurandir, Sérgio, Itamar, Luizinho, Adônias, Edson e Severo (Guaianases); David (Pequeninos do Jockey); Oscar e Tânia (Ferraz de Vasconcelos).

Aos meus pais, Lauro e Gilce Helena, e familiares. À tia Eliana, pela hospitalidade em São Roque durante alguns períodos de redação da dissertação.

Ao querido amigo e antropólogo Luis Fernando Pereira (*in memoriam*). Saudades...

Por fim, à minha companheira Aline Izabel - que me ensinou a alteridade na prática -, pela parceria, carinho, paciência e conselhos nestes vários anos.

Dedico este trabalho a Eduardo, Vinicius “Cebola”, Guilherme, Marcelo, David, Yuri, “Dodó”, Raúl, Juan, “Teddy”, Héston, “Caixa”, Gabriel, Lucas, Diana, Katlyn, Rodrigo, Felipe, Cauê, Herbert, Bruno, “Pinga”, Gustavo, Vinicius, Levi, “Pelé”, “Pelézinho”, Carlos, “Índio”, Bernardo, “Buda”, Maurício, Vitor, Pio, Alan, Wellington, “Bucheça”, Luis Adriano, Renan, “Ninja”, “Nono”, Romário, Henrique, “Nenê”, Kelve, Ed e às gêmeas Isabela e Gabriela. Algumas das muitas crianças e jovens que jogaram com esta dissertação.

Confesso que o futebol me aturde,
porque não sei chegar até o seu mistério.
Entretanto, a criança menos informada o possui.

Carlos Drummond de Andrade

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	5
INTRODUÇÃO	13
A) Apontamentos iniciais	13
A.1) Reavaliando dicotomias	15
A.2) Desdobramentos: as redes futebolísticas.....	19
A.3) Questões metodológicas	22
B) O olheiro e o antropólogo: por uma produção dialógica de conhecimentos	27
B.1) Conversa com Eduardo (parte 1)	27
B.2) Conversa com Eduardo (parte 2)	30
C) Estrutura da dissertação.....	34
CAPÍTULO 1 - SOBRE “QUEM PARTICIPA DO RATEIO”:	
A ESCOLINHA DE FUTEBOL DO CDM CIDADE LÍDER.....	37
1. 1) Clube Desportivo Municipal Cidade Líder	39
1.2) Programa Mais Esporte no Segundo Tempo	43
1.3) Políticas sociais de esporte.....	46
Iconografia – Capítulo 1	75
Capítulo 2 “MEU PROFESSOR É A BOLA”:	
ENSINO E APRENDIZADO DE FUTEBOL.....	79
2.1) Sobre a rotina da escolinha: saber prático versus saber teórico ..	80
2.2) Os treinamentos	87
2.3) Alguns sentidos da prática futebolística.....	92
2.4) Jovens jogadores, jovens trabalhadores	94
2.5) As redes de relações futebolísticas.....	96
2.6) Dom: o algo a ser multiplicado.....	105
2.7) A reciprocidade do dom	110
2.8) O aprendizado fora da escolinha.....	112
Iconografia – Capítulo 2	135

CAPÍTULO 3 – OS UNIVERSOS DO FUTEBOL:	
O QUE CABE EM UMA REDE.....	145
3.1) Algumas questões sobre conexões e redes	145
3.2) “O agente FIFA filho de Guaianases” e seus primeiros passos .	147
3.3) “O mundo do futebol é muito estreito”: a escolinha do Botafogo de Guaianases	163
3.4) “A diferença é uma cidade inteira”: Pequeninos do Jockey e Real Madrid	180
Iconografia – Capítulo 3	193
CONSIDERAÇÕES FINAIS: OU A INCRÍVEL HISTÓRIA DO Famoso Goleiro Vitor.....	205
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	211
Matérias da imprensa	217
Depoimentos	218
Filmes	218
ANEXOS	219
Anexo 01 – O projeto Mais Esporte.....	219
Anexo 02 – Celso e o Bar do CDM Cidade Líder.....	220
Anexo 03 – Fotos do baú do ex-jogador Silva.....	222
Anexo 04 – Silva na capa da revista Placar agosto de 1979	225
Anexo 05 – A história de David	226
Anexo 06 – Quadro tático utilizado no CDM Cidade Líder	229
Anexo 07 – Características do bom jogador	230
Anexo 08 – Principais características físicas por posição	231
Anexo 09 – Modelo de procuração utilizado por renato para assinar contrato com um jovem de dezessete anos do bairro cidade Tiradentes	232
Anexo 10 – “Periferia na mídia”: A visita de Neto ao Botafogo de Guaianases	233
Anexo 11 – Copa Vale Histórico.....	235
Anexo 12 – Certificado conferido aos participantes da Copa São Lourenço	236
Anexo 13 – Sobre chuteiras.....	237

INTRODUÇÃO

A) APONTAMENTOS INICIAIS

Esta pesquisa tem como objetivo principal investigar o ensino e aprendizado da prática futebolística para crianças e jovens de alguns bairros da Zona Leste de São Paulo. Marcada, inicialmente, pela observação na escolinha de futebol do CDM (Clube Desportivo Municipal) Cidade Líder, na Zona Leste paulistana, a pesquisa posteriormente ganhou uma amplitude de atores, experiências, trajetórias e situações que atravessam os recortes pesquisados. Trata-se, assim, de pesquisar atores e práticas que se encontram numa posição de invisibilidade quando observados somente por meio de certas oposições consagradas, tais como esporte e jogo, ritual e cotidiano, amador e profissional etc.

Para isso, tomei um conjunto de experiências, geradas em diferentes cenários e planos de interação, como traçado privilegiado de observação, a fim de acessar configurações mais amplas que se desenham por toda a contextura social. Deste modo, as propostas partiram, fundamentalmente, da experiência dos atores e das situações concretas observadas no campo, para assim reconstituir práticas, conflitos e trajetórias.¹

Este estudo, além disso, deve ser compreendido como um esforço de investigação de algumas das inúmeras mudanças estruturais que o futebol brasileiro vem sofrendo, tanto no seu plano espetacularizado quanto nas formas ativadas cotidianamente nos espaços urbanos. Uma destas mudanças, por exemplo, tem sido a proliferação das escolinhas de futebol em São Paulo (SP), principalmente em bairros próximos às regiões centrais, simultânea ao longo processo de periferação da prática do futebol de várzea.²

Isso levou à necessidade de problematizar uma recente bibliografia antropológica que toma as escolinhas exclusivamente como modalidade empresarial criada por clubes de futebol, ex-jogadores e investidores, e voltada para setores da classe média e classe média alta, com a finalidade de ensinar a prática futebolística como um saber a ser aprendido e comprado mensalmente. Em muitos casos, ocorreria uma associação da imagem da escolinha aos clubes de futebol, como se fossem franquias.³ Além do uso da marca, as

¹ Levar a sério o que era observado em campo fez com que algumas das propostas formuladas inicialmente fossem revistas, o que provocou certos desvios teórico-metodológicos e algumas mudanças etnográficas. Isso acarretou a introdução de novos recortes, a configuração de novas questões, como também de outras perspectivas decorrentes do processo de imersão e interação etnográfica.

² Entendo esse momento de periferação não como um deslocamento do futebol varzeano para as áreas periféricas, mas sim como a relativa permanência da prática nestas áreas, quando comparamos com a acentuada diminuição dos campos de várzea em áreas mais próximas à região central.

³ O que pode ser visto também em âmbito internacional. O A. C. Milan, da Itália, tem organizado em algumas cidades brasileiras o Milan Júnior Camp, uma colônia de férias para a prática futebolística, destinada a um certo público com maior poder aquisitivo.

parcerias também permitiriam, na maioria dos casos, que a escolinha indicasse garotos para testes no clube.

Esta classificação mostrou-se insuficiente, já que foi possível perceber, mesmo nos bairros mais periféricos e carentes de infra-estrutura urbana, a existência de um padrão semelhante ao das escolinhas de futebol, embora com outras especificidades, ditas populares, como, por exemplo, o futebol de várzea, que ocupa de forma visível as áreas periféricas da cidade. O predomínio destes espaços fez com que se optasse por um trabalho etnográfico no CDM Cidade Líder, integrado ao universo do futebol de várzea numa região urbana mais periférica.

No CDM, acompanhei as aulas, treinos e jogos relacionados à escolinha do CDM, como também as demais atividades praticadas naquele espaço, principalmente as partidas de futebol de várzea aos finais de semana. Pude, assim, investigar as práticas, representações e formas de sociabilidade características, ou seja, averiguar a dinâmica relacional em torno dessa escolinha de futebol de várzea.

Contudo, vale esclarecer que mesmo ao focar especificamente o CDM Cidade Líder e as diferentes formas de diálogo da escolinha com o espaço sociocultural local, procuro me afastar de uma premissa preocupada tão a priori com a institucionalidade da escolinha a ser pesquisada. Esta problemática demonstrou-se conceitualmente inconsistente conforme ocorriam as observações no campo.

Ao contrário, procuro analisar, a partir das práticas e representações geradas por meio da prática futebolística local, a ordem relacional, ou seja, as redes de relações em torno da escolinha de futebol do CDM Cidade Líder enquanto uma modalidade geradora e mediadora de sociabilidades. Assim, se pensarmos num possível contraste entre a abordagem de Agier (1999), sobre *sociabilidades alargadas*, e a compreensão de Wacquant (2002), sobre a formação de uma *sociabilidade protegida* na academia de boxe em Chicago –,⁴ aproximar-me-ia da abordagem de Agier.

Nesse sentido, para apreender os diferentes aspectos em torno do ensino do futebol, preferi, por meio de um acompanhamento das atividades (aulas, jogos, treinos), observar as relações construídas entre crianças, jovens, jogadores de várzea, pais e mães, olheiros, empresários etc. A presença freqüente dessa multiplicidade de atores no dia-a-dia do CDM Cidade Líder foi se tornando cada vez mais significativa, o que me fez atentar às redes de relações observadas. A pesquisa tem, portanto, um enfoque nas relações etnografadas, que conectam uma pluralidade de pessoas, configurando redes de relações com os mais diversos atores sociais inseridos nesse universo interacional. Este

⁴ As duas perspectivas evidenciam distintas formas de interação, verificadas nos contextos socioespaciais das respectivas pesquisas, que auxiliam a pensar no universo relacional aqui trabalhado. A partir da primeira, utilizando-se dos referenciais trabalhados por Wacquant, pensar-se-ia numa sociabilidade protegida dentro da escolinha, comparando-a ao salão de boxe, onde há um “fechamento da academia sobre ela mesma” e onde a vida pública “não tem a menor repercussão no interior do ginásio” (2002, 47). No segundo plano, a questão giraria em torno de uma ordem relacional que a escolinha de futebol definiria num campo marcado por sociabilidades alargadas, onde não haveria uma oposição radical entre a escolinha e a vida pública do bairro ou da vizinhança, mas sim uma possível imersão da escolinha dentro das redes de relações locais ou mais amplas, que constituem, segundo Agier (1999), os níveis intermediários da vida social.

é um dos objetivos desta pesquisa: traçar, a partir das descrições e análises ao longo dos capítulos, as conexões entre os diferentes recortes, dos primeiros aos últimos contatos.

Os desdobramentos do trabalho de campo, iniciado em fevereiro de 2007, foram as razões principais⁵ para as mudanças durante a pesquisa, isto porque certas questões só foram abordadas tendo em vista o que era observado em campo.

Uma situação em que isso ficou mais claro decorreu do contato com um conjunto de obras vinculadas à Pedagogia do Esporte, bem como do Treinamento Esportivo, em que percebi que grande parte dos estudiosos propunha uma reflexão sobre as escolinhas de futebol e ensino da prática futebolística pautada somente pela ótica de quem ensina, descartando, assim, as intervenções e ações daqueles que eram beneficiados pelos projetos esportivos e educacionais. Percebi, a partir das primeiras observações no CDM Cidade Líder, que a proposta inicial de estudar o ensino de um saber futebolístico não poderia vir desacompanhada da idéia de aprendizado da parte das crianças e jovens. Portanto, constatei que para apreender as práticas sociais e representações daquele plano, deveria focar o ensino e o aprendizado da prática futebolística, incorporando as crianças e jovens⁶ como agentes ativos na construção das dinâmicas locais.⁷

A.1) REAVALIANDO DICOTOMIAS

Ainda por meio das primeiras e pontuais observações na Cidade Líder, passei a questionar certos binarismos, como amadorismo e profissionalismo, ao testemunhar as redes de relações ativadas por alguns atores ligados ao universo do futebol de várzea e, também, à escolinha do CDM; ou então entre ritual e cotidiano, quando pude acompanhar, de forma mais detida, a rotina de treinos no cotidiano da escolinha, bem como em semanas com partidas, amistosas ou por campeonatos municipais, nas quais percebi as

⁵ Destaco aqui as discussões e diálogos vivenciados no Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC), coordenado pelo Prof. Dr. Heitor Frúgoli Jr., com encontros periódicos e coletivos importantes, tendo em vista a possibilidade de debate de textos e temas relativos aos fenômenos urbanos. Trata-se de um espaço de interlocução entre orientandos em diferentes etapas, essencial para o meu advento num corpo bibliográfico contemporâneo dentro da Antropologia (e das Ciências Sociais, de modo geral). A partir desta amplitude de abordagens com as quais tive contato, pude iniciar a discussão sobre a construção de aparatos conceituais – que atravessam redes, planos multilocalizados, etnologias citadinas, observações de perto e de dentro –, marcados pelo encontro etnográfico e pela tentativa de uma produção dialógica de conhecimento. Debate esse que percorrerá os capítulos desta dissertação.

⁶ Embora corra o risco de simplificação, utilizo os termos criança, menino, menina e infância para fazer referência aos interlocutores que tinham até 12 anos no momento da observação; para os sujeitos que tinham entre 13 e 17 anos, emprego os termos jovem, garoto, garota e juventude. Tais denominações correspondem às divisões de períodos nos treinos da escolinha do CDM Cidade Líder: terça e quinta-feira para os que tinham entre 7 e 12 anos; quarta e sexta-feira para os que tinham entre 13 e 17 anos.

⁷ Tal qual uma antropologia da criança vem, há tempos, justificando e defendendo (Lopes da Silva; Nunes, 2002; Cohn, 2005), com pesquisas nas quais as crianças são entendidas enquanto sujeitos a serem estudados especificamente, em sua dimensão particular, enquanto interlocutores plenos e ativos da sociedade, e não apenas enquanto pessoas incompletas ou adultos em potencial. Assim, para uma Antropologia da Criança, não se trata de investigar a compreensão que os adultos têm dos pequenos, mas dar voz a elas para saber o que elas fazem, o que sentem, seus pontos de vista e o que têm a dizer sobre suas experiências. Deste modo, uma investigação sistemática do universo infantil permitirá compreender as concepções críticas das crianças sobre o mundo social que as cerca e os sentidos que conferem a ele. Portanto, os estudos antropológicos muito têm a contribuir no entendimento das dinâmicas e experiências sociais ao reconhecer a autonomia do universo sociocultural infantil, dimensão esta não mais vista como experiência parcial do mundo social, mas sim como uma dimensão com perspectivas diferenciadas e complementares às do universo dos adultos.

continuidades entre treino e jogo. Tais polaridades serão enfrentadas etnograficamente ao longo dos capítulos, porém exigem alguns comentários iniciais.

Penso as dimensões ritual e cotidiana a partir da pesquisa realizada por Toledo (2002, cap.1), que analisou as partidas enquanto espaços rituais, e os treinos, cursos, preparativos e bastidores enquanto espaços cotidianos.⁸ Ao revisitar a máxima de Didi⁹ – *treino é treino, jogo é jogo* –, Toledo argumenta que haveria uma continuidade relacional entre treino e jogo, isto é, entre as dimensões cotidiana e ritual. A rotina de treinamentos, por exemplo, configuraria esquemas táticos e disciplinares, padrões e performances, decisivos na preparação de um time para a partida, a espacialidade ritual. Assim, será possível observar o que há de cotidiano nos jogos e de ritual nos treinos, pois embora sejam momentos distintos, podem ser compreendidos de forma relacional.

Deste modo, no caso das práticas futebolísticas aqui estudadas, a observação extrapola o jogo propriamente dito e deve acompanhar também suas diversas fases rituais e seus *bastidores* (Damo, 2007): estágios de preparação, treinos, coletivos, concentração, preleção, aquecimento e desdobramentos da partida. Trata-se, portanto, de uma análise da *seqüência total da performance* (Schechner, 1985), desde os momentos que preenchem a dimensão cotidiana, até os eventos da dimensão ritual.¹⁰ A performance, tal como o jogo, pode operar transformações permanentes, e também extrapolar o tempo da encenação no palco, ou seja, alcançar a vida cotidiana.

Partindo da premissa de que existe uma *heterogeneidade* (Stigger, 2002, 16) dos significados do esporte – “um elemento da cultura que, de forma distintiva, faz parte do cotidiano e dos estilos de vida de indivíduos e de grupos particulares” –, concordo com a proposta de Toledo de não opor as dimensões ritual e cotidiana e polarizá-las, pois estão interligadas. Contudo, é importante desde já enfatizar que embora sejam dimensões interligadas, é possível centralizar o enfoque em uma das duas, tendo sempre em mente que são planos em constantes entrelaçamentos, onde tanto a prática cotidiana alimenta a dimensão ritual, como também o inverso:

Uma “antropologia das práticas esportivas” deve estar atenta a estes dinamismos e não confinar sua investigação aos eventos esportivos, do mesmo modo que uma antropologia urbana não deve ficar restrita a explicar o fenômeno urbano, a própria cidade como variável independente (Toledo, 2001, 137).

⁸ Vale ressaltar, ainda, a notável pluralidade, analisada por Toledo, de contextos e atores envolvidos com o campo futebolístico profissional, recortando-o em três categorias de agentes – profissionais, especialistas e torcedores – e tomando como significativos espaços rituais e cotidianos de construção de representações, a princípio despretenhosos: cursos para treinadores, botecos e programas esportivos de televisão (2002, 15-18).

⁹ Jogador de meio-campo do Botafogo/RJ e campeão mundial pela Seleção Brasileira, considerado o inventor da forma de chutar popularmente conhecida como “folha-seca”.

¹⁰ Richard Schechner (1985) reavaliou certos estudos que se detiveram apenas na análise da performance quando da apresentação pública e que rejeitaram analisar os momentos anteriores e posteriores à performance pública. Para o autor, é essencial a investigação de toda a seqüência da performance – training (treinamento), workshops (oficinas), rehearsals (ensaios), warm-ups (aquecimentos), performances, cool-downs (esfriamentos) e aftermaths (desdobramentos) – para poder compreender a complexa atuação dos performers, que experimentam uma situação de liminariedade: a transformação – ser not himself (não-eu) e not not-himself (não não-eu). A transformação – tornar-se outro – não implica abdicar de si próprio, mas sim viver, ao mesmo tempo, identidades múltiplas e ambivalentes.

Do mesmo modo, em vez de tomar a dicotomia amadorismo e profissionalismo como princípio classificatório, como acontece em inúmeros trabalhos, pretendo apreender as diferentes formas de suas destinações e ocupações, evitando, assim, reificar reducionismos dos significados. Trata-se, portanto, de analisar as gradações e modulações dos termos em suas posições relacionais.

Penso que o emprego da categoria *futebol amador* para diferenciar a prática esportiva da categoria *futebol profissional*, organizado pela FIFA (Fédération Internationale de Football Association) e regido pela International Board (órgão da FIFA), precisa ser reavaliado, como propôs Damo (2002). São categorias a serem problematizadas e redimensionadas, frente à variedade de práticas futebolísticas, devido à utilização exaustiva dos termos “amadorismo” e “profissionalismo” – dicotomia adotada no campo intelectual sem as mediações necessárias.

Nas observações de campo, percebi que os termos amadorismo e profissionalismo eram empregados em diferentes abordagens nas discussões e conversas sobre futebol. Ora para se referir a certas configurações futebolísticas como amadoras (futebol de várzea, futebol society etc.) ou profissionais; ora para delimitar períodos históricos (“naquele tempo os jogadores eram amadores”, “jogava-se por amor à camisa nos tempos dos amadores” etc.); ou ainda para qualificar atitudes, comportamentos, estrutura e desempenho (“o Botafogo parece time profissional”, “eu chutava como um profissional”, “o problema é que os dirigentes dos clubes brasileiros são muito amadores”); e ainda para separar os que atuaram por equipes do futebol espetacularizado e os que jogaram somente na várzea e em outros espaços.

Percebe-se que os termos são sempre usados num sentido valorativo, tendo como referência o universo esportivo espetacularizado. Essa é a razão principal para o esgotamento da polaridade amadorismo e profissionalismo. Questão que exige reflexão crítica, prudência e mediações no uso desse par dicotômico como categoria analítica, pois tal categoria mostra-se, por meio das observações de campo, pouco rentável para a compreensão de certas questões, bem como insuficiente para o aprofundamento das investigações voltadas ao estudo de diferentes configurações futebolísticas.

Porém, tendo em vista a extensão, complexidade e diversidade do objeto aqui estudado, a tarefa de definir categorias para a classificação das práticas futebolísticas torna-se imprescindível. Provisoriamente, utilizo as definições *espetacularizado*, *comunitário*, *bricolada* e *escolar*. Derivações do *football association*¹¹ no Brasil, que compõem uma diversidade de *futebóis* (Damo, 2007) praticados nos espaços das grandes, médias e pequenas cidades.¹² Empregarei essa conceituação para abordar o universo futebolístico como um todo e para analisar as práticas aqui pesquisadas.

¹¹ Prática que desembarcou no Brasil de forma mais institucionalizada e orientada pelas regras usadas no futebol oficial praticado na Inglaterra do século XIX. Conferir Mascarenhas (2001).

¹² Na interessante classificação formulada por Arlei Damo – que divide as práticas futebolísticas em quatro matrizes: espetacularizada, bricolada, comunitária e escolar (2007, 40) – a comunitária é uma matriz intermediária, mais padronizada que a pelada (bricolada), porém sem um corpo administrativo do alcance do sistema regido pela FIFA (espetacularizada), apesar de ser uma prática dotada de um sistema organizado e complexo. Por fim, a matriz escolar abrange, principalmente, atividades desenvolvidas nas escolas, nas aulas de Educação Física.

A principal polaridade a ser questionada, porém, era etnograficamente atualizada, de forma contínua, por quase todos os atores, ao construírem suas redes de relações nos universos amador e profissional, ritual e cotidiano. Como pensavam as práticas futebo-lísticas com as quais estavam, de alguma forma, relacionados – jogo ou esporte?

A análise das práticas aqui pesquisadas perpassa o debate envolvendo os usos dos conceitos de esporte e jogo – ou lúdico e agonístico, divertimento e seriedade –, que mobilizou e ainda mobiliza as investigações e preocupações de diversos autores.¹³ Obras como as de Johan Huizinga (2005)¹⁴ e Roger Caillois (1990)¹⁵, realizadas num intervalo de vinte anos, inspiraram, mesmo que de formas distintas, um corpo amplo de estudos que se voltou à pesquisa dos significados dos esportes nas sociedades modernas. Por meio destes dois autores, procura-se freqüentemente debater a definição do *esporte* e a amplitude do conceito: “para uns, a atividade esportiva se restringe às competições regulamentadas, seu campo é muito restrito; para os outros, toda atividade física pode entrar no campo, que, por isso, se torna quase ilimitado” (Bourg; Gouguet, 2005, 7). Contudo, ao abranger uma variedade dilatada de acepções, o conceito de *esporte* teria, na verdade, um sentido vazio, o que exigiria, assim, a classificação e delimitação de categorias diferenciadas para sabermos os limites e fronteiras do fenômeno esportivo.¹⁶

Nas observações realizadas ainda na escolinha do CDM Cidade Líder, notei meus interlocutores falarem a toda hora “jogo” e “esporte”, alternando os termos aparentemente de forma aleatória, ao se referirem aos treinos da escolinha, ou aos jogos de futebol de várzea, ou, ainda, às disputas travadas na quadra de futsal do CDM. Percebi,

¹³ Muitas dessas questões já foram abordadas detidamente por vários autores (Bracht, 2003; Helal, 1990; Bourg; Gouguet, 2005; Stigger, 2002), não cabendo discuti-las aqui exaustivamente.

¹⁴ Conferir Spaggiari (2008), onde faço uma análise detida das proposições de Huizinga e as leituras da obra deste autor realizadas por pesquisadores voltados à temática esportiva, retomadas do conceito de jogo e esporte nas quais a maioria dos autores abdicou da que é a principal contribuição do autor: sua análise multifacetada dos jogos. Apesar de não concordar com o enfoque cultural e evolucionista proposto por Huizinga, destaco um de seus legados: a complexidade do lúdico e seus aspectos contraditórios, pois tanto o conceito de esporte quanto o de jogo apresentam, para o autor, múltiplas manifestações.

¹⁵ Questões importantes da obra de Huizinga foram problematizadas por Caillois (1992), ainda que este último reconheça a riqueza das formulações centrais de Huizinga e concorde com ele em vários aspectos do jogo e suas regras. Embora Caillois não pense que tudo seja resultante do jogo, mas sim que o jogo seria consubstancial à cultura, sua obra apresenta uma concepção tão valorativa do lúdico, dividido em categorias de acordo com as experiências que proporcionam: Agon (marcado pela competição), Alea (pelo acaso), Mimicry (pela interpretação e ilusão) e Ilinx (pelo êxtase e vertigem). A categorização de Caillois vai além. O autor classifica os jogos em Paidia (mais ligados ao divertimento e prazer) e Ludus (uma forma mais disciplinada e regrada, que teria originado o esporte moderno). Mas tal como Huizinga, Caillois trabalha com um quadro lúdico muito amplo, resumido nos quatro grupos por ele classificados.

¹⁶ Este debate passa, primeiramente, pela questão da historicidade das noções de esporte e jogo e por uma postulada continuidade histórica entre os jogos populares (anteriores ao século XIX) e os esportes modernos, como se estes fossem reconfigurações dos primeiros. Além disso, parte da questão se refere, também, às questões de linguagem em torno destes conceitos, principalmente quando se aborda as diferentes formas de se referir ao termo “jogo” em idiomas dos mais diversos. Porém, o objetivo aqui não é o de historicizar e esmiuçar estas gradações. Esses processos de evolução lúdica (ou involução, com base na obra de Huizinga) são refutados por Toledo (2005), que propõe pensar as duas formas de manifestação – jogo e esporte – a partir de um modelo analítico sintetizado como continuum lúdico. Embora a noção de continuum remeta a tradicionais polarizações (continuum rural-urbano, por exemplo), o autor esclarece que sua proposta não é delimitar pólos lúdicos, como jogo/arcaico em oposição ao esporte/moderno: “Não se trata disso, pois, sobretudo quando o que se quer relatar é o modo como as pessoas no cotidiano vivenciam a experiência multifacetada do lúdico, tanto jogo quanto esporte definem, antes, estados ou situações típico-ideais, apartadas num nível mais formal, digamos, de ordem da morfologia social (o que está e o que não está institucionalizado, por exemplo)” (Toledo, 2005, 143).

a partir destes usos, que as observações evidenciavam a existência de um conjunto mais amplo de atores, agentes, espaços, interesses, conflitos e representações que perpassam os dois pólos, de um a outro, traçando, nesses movimentos, as linhas que desenham este enredado de interações. Procurei, portanto, aprofundar essa temática no sentido de investigar as práticas para além de tradicionais adjetivações.¹⁷ Desse modo, ter como fim analítico uma nova polaridade não auxilia a avançar na compreensão das diversas formas de como o esporte pode ser vivido.

Sabe-se que tais exercícios de síntese entre pólos dicotômicos vêm sendo realizados por diversos autores, que têm enfrentado reflexões baseadas em concepções duais para evidenciar que tais abordagens são impotentes frente à multidimensionalidade da realidade social.¹⁸ Pode-se indicar inúmeras polaridades: indivíduo e sociedade, tradicional e moderno, sociedades primitivas e sociedades complexas, localização x globalização, de dentro x de fora etc. Na antropologia urbana, existem, por seu lado, temáticas que interessam mais diretamente a esta pesquisa, como: cidade legal x cidade ilegal, formal x informal, centro e periferia etc. (Telles; Cabanes, 2006).

Ao concordar com a idéia de que pressupostos dicotômicos deixam escapar a complexidade de relações dinâmicas e móveis inseridas nas redes, tenho como objetivo buscar uma multiplicidade de relações estabelecidas entre diversos atores sociais por meio das permeabilidades e cruzamentos encontrados entre as polarizações conceituais. Almejo, portanto, investigar os cruzamentos e liames ofuscados pelas definições e esquematizações dualizadas, evitando, assim, interpretações e proposições homogeneizantes sobre os conceitos citados anteriormente.

Propõe-se, assim, problematizar oposições inflexíveis, mas sabendo, como vimos anteriormente, que tais dicotomias são pertinentes. O objetivo não é superar ou desfazer dualidades construídas por décadas, mas sim, quando possível, avaliar até que ponto se pode utilizá-las como polaridades provisórias, evitando reificá-las. Dessa forma, para além das dimensões investigadas por esquemas dicotômicos, há uma complexidade de espaços múltiplos, emaranhada a um multifacetado conjunto de atores e grupos, assim como de representações.

A.2) DESDOBRAMENTOS: AS REDES FUTEBOLÍSTICAS

Um outro aspecto a problematizar a compreensão da dinâmica relacional característica da escolinha de futebol do CDM Cidade Líder só pôde ser verificado no decorrer do trabalho de campo: a formação de jovens e potenciais jogadores. Se, por um lado, ob-

¹⁷ Tais como esporte de alto rendimento, esporte de lazer e esporte educativo (Bracht, 2003); espetáculo esportivo, prática amadora, esporte profissional, esporte de massa, esporte competição, esporte lazer (Bourg & Gougnet, 2005); esporte-espetáculo, futebol-empresa, atividade pseudo-profissional (Proni, 2000); esporte-lazer, esporte-economia, esporte-política, esporte-mídia, esporte-marketing, esporte-mobilidade social, esporte-formação do atleta de alto rendimento (Pimenta, 2001); futebol-esporte e futebol-meio de vida (Fernández, 1974).

¹⁸ Nesse sentido, opero uma problematização que vem sendo recorrente na antropologia contemporânea: ênfase o caráter relacional de algumas dicotomias, destacando as categorias como esferas não somente opostas, mas também congruentes. Assim, conceitos tradicionais são reavaliados diante dos novos questionamentos (Viveiros de Castro, 2002), em outras palavras, coloca-se em questão como usar os velhos conceitos para explicar problemas surgidos de novos contextos.

servava o processo de ensino e aprendizado do futebol entre os alunos, pais e professores, por outro, percebia que, concomitante ao ensino, trabalhava-se a idéia da formação dos pequenos jogadores, o que exigia um olhar para outros atores que se relacionam com os indicados há pouco.

No decorrer das conversas e interações em campo, termos e expressões como “testes”, “peneiras”,¹⁹ “seleção de garotos” e “indicação” soavam ininterruptamente, tanto nas falas dos adolescentes mais velhos, que trocavam informações de locais e datas para testes, como nas conversas dos atores adultos, que articulavam, cada um a seu modo, contatos com olheiros,²⁰ funcionários de clubes de futebol, pais, jovens etc. Há, portanto, um conjunto diversificado de atores sociais envolvido, de alguma maneira, com o processo de formação e seleção de potenciais jovens jogadores. Processo este que se dá, no caso dos recortes aqui pesquisados, em espaços não espetacularizados. Etapa anterior à centrada nas categorias de base dos clubes de futebol, já enfrentada por outros autores (Rodrigues, 2003; Damo, 2007), mas que foge dos objetivos desta pesquisa.

Assim, quando passei a observar e acompanhar a multiplicidade de posições, atitudes, agenciamentos e percepções implicadas, defrontei-me com uma pluralidade de temas, objetos e questionamentos. Isso exigiu novas problematizações de certas abordagens propostas inicialmente, dentre elas, a delimitação de um recorte específico que, embora fosse amplo, visto que transcendia o espaço da escolinha do CDM para todo o bairro, ainda se mostrava circunscrito. Tal questão me fez pensar em estender a pesquisa a novas espacialidades, de forma *multilocalizada* (Marcus, 1995), que partiriam, entretanto, de questões observadas na Cidade Líder, lócus inicial da pesquisa.

A rede pesquisada, porém, se expandiu a partir do próprio pesquisador, ator também inserido na rede (Latour, 2006).²¹ Por meio de um amigo, conheci Renato, formado em Ciências do Esporte e recém registrado como *Agente FIFA*. A conversa de bar virou troca de informações sobre agenciamento de jogadores. Fiquei sabendo que Renato organizaria, para as próximas semanas de março de 2008, algumas peneiras em Guaianases, bairro da Zona Leste paulistana. Decidi acompanhar o trabalho desenvolvido por Renato no bairro, que já naquele momento envolvia o Guaianases F. C., clube de futebol varzeano tradicional no bairro. Por meio das peneiras realizadas por ele no campo do clube Guaianases, conheci os principais interlocutores dos dois próximos recortes etno-

¹⁹ Processo tradicional de seleção de jovens jogadores, as peneiras têm um caráter muito espontâneo: os garotos se cadastram por telefone ou nas sedes do clube e esperam por uma convocação para testes preparados pelos profissionais responsáveis dos clubes. As peneiras, diferente das escolinhas, não têm um caráter de formação de jogadores plenamente institucionalizado. Sua finalidade é selecionar, a partir dos testes realizados com inúmeros jovens, aqueles que se sobressaem nas avaliações e que têm potencial para ingressar nas categorias de base dos clubes. As peneiras, apesar de serem realizadas constantemente, não promovem a seleção da maioria dos garotos que participam dos testes. Ou seja, as peneiras não constituem hoje a principal forma de seleção de jovens jogadores, pois poucos jovens, dos que se apresentam para os testes, são selecionados. E destes, muitos não permanecem nos clubes, pois são dispensados nas etapas seguintes (Toledo, 2002; Damo, 2007), sendo necessária uma etnografia mais detida sobre o universo das peneiras.

²⁰ Agente muito próximo ao universo futebolístico profissional, que tem como tarefa procurar – incumbido pelos empresários de jogadores e clubes de futebol – jovens praticantes (de diferentes idades) com potencial para um dia serem jogadores profissionais de futebol.

²¹ Inserção que será explorada ao longo do terceiro capítulo.

grafados: Rodrigo “Nenê”, morador de Guaianases, e o Prof. Oscar, da vizinha Ferraz de Vasconcelos. Novamente, a rede se ampliava...

Rodrigo, formado em Educação Física e professor do CEU (Centro Educacional Unificado) Jambeiro de Guaianases, tentou, quando garoto, tornar-se jogador de futebol. Com 22 anos, ainda recebe inúmeros e freqüentes convites para participar de equipes de futebol de várzea e de futsal da Zona Leste. Amigo de infância de Renato, Rodrigo também participava das peneiras, ajudando a organizar e selecionar os garotos. A parceria de Renato e Rodrigo tinha como objetivo principal o desenvolvimento de um projeto de formação de jogadores na Zona Leste. A matriz desse projeto ocorreria, inicialmente, por meio do Guaianases F. C., para depois se ampliar para outros lugares.

Por meio do Rodrigo “Nenê”, que após o horário de aulas no CEU Jambeiro levou-me ao Botafogo de Guaianases (são instituições vizinhas), conheci alguns dirigentes do clube Botafogo, entre eles, Severo, diretor das categorias de base.²² Posteriormente, conheci Itamar (presidente do Botafogo), Jurandir (coordenador das categorias de base), Luiz Moura (dirigente, presidente de cooperativa de lotações e principal patrocinador do clube), Edson (dirigente e torcedor-símbolo), entre outros. No Botafogo, pude observar os primeiros passos da parceria com o São Paulo, assim como os treinos e atividades práticas ministradas pelos técnicos e professores da Escolinha de Futebol Comunitário do Botafogo de Guaianases. Detive-me, principalmente, nas questões de bastidores da escolinha do Botafogo, imersas num conjunto de práticas políticas e clientelísticas locais, relacionadas não só ao bairro, mas também à política no âmbito municipal.²³

Portanto, após as primeiras observações na Cidade Líder, realizei uma revisão de alguns dos aportes iniciais da pesquisa, redirecionando as trilhas etnográficas a serem traçadas. Decidi, num certo momento da pesquisa, ampliar a rede, na já citada perspectiva *multilocalizada* (Marcus, 1995), onde as conexões não se limitavam aos aspectos espaciais ou interacionais, mas também faziam referência a conexões entre idéias, práticas, valores e representações.²⁴

Segui, assim, uma rede a partir do que foi observado no CDM Cidade Líder, principalmente sobre a necessidade de atentar para os mecanismos do processo de formação de jogadores de futebol, mais especificamente na zona leste paulistana. Deste modo, como não problematizar o trabalho realizado no Pequeninos do Jockey – sediado pró-

²² Categorias de base são os espaços, nos clubes de futebol, de formação e aprimoramento de jogadores visando prepará-los para a equipe principal. Portanto, difere-se totalmente das escolinhas e seus diversos objetivos. Contudo, é uma expressão utilizada também por clubes de várzea para denominar o trabalho com crianças e jovens. Não abordarei aqui o caminho percorrido por um jovem atleta a partir de sua inserção dentro do departamento amador dos clubes. Porém, convém destacar que os clubes grandes trabalham com diversas categorias, como, por exemplo, dente-de-leite, infantil, juvenil e júnior (Toledo, 2002, 92). Analisarei um intervalo etário que compreende estas diversas categorias, pois não é regra que os jogadores perpassem por todas as etapas, variando conforme a idade que são selecionados.

²³ Aponto, também, uma preocupação ética de refletir até que ponto posso, ao identificar alguns dos interlocutores e situações etnografadas, prejudicar a posição deles. Como estou estudando diversos atores que circulam em meio a práticas ilegais – tais como ocupação de áreas públicas, rádios comunitárias (também conhecidas como piratas), uso e venda de substâncias ilícitas, operações clientelísticas e eleitoreiras –, preferi utilizar certos instrumentos de pesquisa (cadernos, câmeras fotográficas e filmadoras, gravadores) apenas quando fosse permitido pelos atores.

²⁴ Questões também implícitas na Teoria Ator-Rede de Latour (2006).

ximo de Taboão da Serra (SP), na zona sul de São Paulo –, para compreender as redes observadas na zona leste, visto que o Pequeninos era mencionado constantemente como entidade de referência no ensino de futebol para crianças e jovens, bem como no trabalho de formação e direcionamento dos garotos?

O trabalho no Pequeninos do Jockey surgiu como potencial recorte a partir das falas de interlocutores da Cidade Líder e de Guaianases, que ocasionalmente faziam referência ao Pequeninos e suas atividades futebolísticas. A admiração e o respeito que a escolinha de futebol do Pequeninos despertava fizeram com que eu tentasse uma aproximação, para observar o trabalho ali desenvolvido.

No mesmo período, por volta de abril de 2008, retomei contato com o Prof. Oscar, responsável pela escolinha Real Madrid de Ferraz de Vasconcelos, que eu conhecera num dos dias de realização das peneiras organizadas pelo agente de futebol Renato em Guaianases. Intrigado por acompanhar os desdobramentos da primeira seleção resultante do processo de peneiras realizado em março, decidi tentar um contato com um dos garotos aprovados e que começava a ser agenciado por Renato. Renan (92),²⁵ selecionado como volante na peneira, mora em Cidade Tiradentes e treina na escolinha de Ferraz de Vasconcelos. Após algumas idas a Ferraz, surgiu a oportunidade de acompanhar Renan e a escolinha do Real Madrid numa viagem até São Lourenço (MG), cidade próxima a Caxambu, onde seria realizado um torneio regional de futebol para categorias de base. Disputado em maio de 2008, entre os dias 21 e 25, o torneio reuniu equipes mineiras e paulistas e ocupou, naquele ano, uma janela dentro da agenda futebolística da escolinha de Ferraz, que incluiria ainda uma viagem a ser realizada em julho para um torneio em Bananal (SP), além da disputa do Torneio de Piquete (SP), organizado em janeiro daquele ano. Ampliava-se, assim, a rede.

A.3) QUESTÕES METODOLÓGICAS

Em resumo, portanto, o processo da pesquisa, iniciado em fevereiro de 2007 foi bastante dinâmico, com três fases ditadas por estratégias e ritmos distintos. A primeira abarca as visitas iniciais a Cidade Líder, a partir de março de 2007, quando ocorreram as primeiras negociações para a entrada em campo propriamente dita, bem como o início de uma observação dos treinos.

A segunda fase, de setembro de 2007 a março de 2008, é marcada pela observação participante no CDM Cidade Líder, o que inclui a escolinha, os times de futebol de várzea, diferentes atividades esportivas ali praticadas, dentre outras experiências e eventos. Nesta etapa, optei por imprimir um ritmo mais acelerado ao trabalho de campo, com intensas e constantes negociações visando o acompanhamento das diferentes atividades.

²⁵ Farei um uso sistemático destas indicações entre parênteses, que fazem referência ao ano de nascimento do entrevistado. Por exemplo: Renan (92) indica que ele nasceu em 1992, Marcos (01) assinala que ele nasceu em 2001. O objetivo é evidenciar, quando preciso, a idade dos sujeitos pesquisados, principalmente das crianças, adolescentes e jovens. A idade é uma informação essencial nos universos dos recortes pesquisados, pois definem: momento da iniciação esportiva, etapas do aprendizado, momento das tentativas de consolidação da carreira de jogador, idade escolar, procura de empregos, etc. Saber, por exemplo, que Rodrigo (90) pretende tentar carreira até o final de 2009, permite compreender que o próprio jovem sabe que não terá mais chances a partir de certa idade.

As informações e experiências apresentadas no primeiro e segundo capítulos foram observadas, em sua grande maioria, nesta segunda fase.

A terceira fase, que veio a ampliar e *multilocalizar* a etnografia, começou em março de 2008 e encerrou-se ao final do mesmo ano. Embora não possa ser considerado um período de saída de campo no CDM Cidade Líder, ocorreu uma diminuição do ritmo do trabalho naquele recorte, com idas a campo mais ocasionais. Tal desaceleração é explicada pelo advento dos seguintes recortes:

- observação das peneiras realizadas pelo agente FIFA Renato no campo do Guaianases F. C., assim como acompanhamento dos projetos recém-criados pelo mesmo;
- a observação na escolinha do Botafogo de Guaianases, que, por diferentes motivos, acabou por focar mais o trabalho diário dos coordenadores da escolinha e dirigentes do Botafogo, o que evidenciou as fortes relações cotidianas entre o futebol varzeano de Guaianases e as redes de atuação política do bairro;
- a observação na escolinha Real Madrid de Ferraz de Vasconcelos, mas principalmente a viagem até São Lourenço para um torneio inter-regional realizado no feriado de Corpus Christi, a partir do dia 22 de maio de 2008;
- as visitas e breves observações na escolinha Pequeninos do Jockey, referência que surgiu de forma constante ao longo da pesquisa, principalmente no Botafogo de Guaianases.

Na maioria destes recortes, optei por realizar *observação participante*, o que traz distintas implicações para a construção dos dados, pois “quando o campo é a cidade” (Magnani, 1996, 20), a etnografia não se realiza do mesmo modo que o elaborado por Malinowski, pois pesquisar em sua própria sociedade problematiza a relação entre pesquisador e pesquisado, e o processo da pesquisa.²⁶

Em consonância com a escolha da *observação participante*, uma das referências metodológicas desta pesquisa foi olhar *de perto e de dentro* (Magnani, 2002). Desse modo, é possível apreender, descrever e analisar certos aspectos urbanos (principalmente relações construídas no dia-a-dia) excluídos dos enfoques metodológicos de perspectivas macro, *de fora e de longe*. Porém, esse olhar específico não impede o antropólogo de articular a especificidade do seu objeto com outras questões urbanas para compreender formas sociais mais abrangentes das sociedades urbanas contemporâneas. A partir desse olhar *de perto e de dentro* dos arranjos dos próprios atores é possível buscar categorias e princípios de maior amplitude, e também outros pontos de vista sobre a dinâmica da cidade.²⁷

²⁶ Esta discussão metodológica tem a proposta de fazer da etnografia “um elemento de reflexão que possibilite compreender a proximidade e a distância social que une e separa o antropólogo dos grupos que observa, sejam estes pertencentes ou não à mesma sociedade do pesquisador” (Silva, 2000, 72). Uma reflexão entendida como um legado que aborda “os problemas e dificuldades vividos no campo e freqüentemente ausentes na passagem das experiências empíricas para o texto etnográfico” (idem, 124).

²⁷ Se tal escolha levou a certas perdas e lacunas, busquei conseguir, num outro sentido, uma densidade nos dados obtidos que marca a observação participante e que é pouco alcançada com as entrevistas.

Optei, inicialmente, por não fazer uso de gravador no campo, para assim, primeiro, construir uma relação de confiança com os sujeitos estudados. Descartei, ainda, manter um caderno de anotações sempre ao meu lado, visto o estranhamento que isso causava, principalmente entre as crianças e jovens. Logo na primeira semana de observação no CDM Cidade Líder, num momento de breves anotações, um garoto, que passava às minhas costas, advertiu: “lugar de caderno é na escola”. Ainda tímido no contato etnográfico com a garotada, não pretendia responder, porém Lucas (92), que ouvira o comentário, logo complementou: “nas escolas de verdade, não na escolinha aqui”.²⁸

Adicionei, à pesquisa etnográfica, as câmeras fotográficas e de vídeo. Mais do que isso: fizeram-se bem mais presentes que o gravador e o caderno de campo no momento da pesquisa, visto que poucas vezes utilizei gravador e pelo fato de somente utilizar os cadernos ao final do dia ou nos períodos de intervalo entre as observações. A partir da mediação da câmera, creio ter pulado, em momentos específicos, certos muros que me distanciavam das crianças e jovens no cotidiano da escolinha. Ou seja, consegui criar experiências e situações de interação intensas entre pesquisador e pesquisados na etnografia, bem como abrandar, temporariamente, desconfianças e introspecções:

Eu sei que muitas vezes as pessoas se sentem mais à vontade com um antropólogo com uma câmera, do que sem uma câmera. Eu mesmo ouvi isso muitas vezes. Sempre perguntam: “O que está fazendo?”, “Por que está aqui?” e especialmente: “O que você está escrevendo?” “O que são todas estas anotações?” Se você tem uma câmera fica muito claro o que está fazendo. Você tem um trabalho a fazer (MacDougall, 2007, 181).

A primeira fase da pesquisa foi mais de observação, pois consegui pouco contato com as crianças e jovens, ainda que eu tentasse me aproximar. Com o aumento da minha frequência no campo a partir do 2º semestre de 2007, a situação se inverteu parcialmente. Se não posso afirmar que todas as crianças e jovens vinham conversar comigo, posso, contudo, relatar que alguns deles vinham, curiosos, saber o porquê da minha presença ali. Minha posição de pesquisador havia sido explicitada logo no começo para os responsáveis pelas escolinhas, porém não conseguia fazer o mesmo esclarecimento para as crianças, pelo simples fato de não conseguir me aproximar delas.

Os frequentadores do CDM e pais de alunos perguntavam se eu era jornalista ou algum funcionário do governo, tanto estadual quanto federal. Em alguns casos, a pesquisa era associada às reivindicações políticas municipais, como se eu estivesse no bairro para fazer um inventário das demandas sociais e estruturais da população local.²⁹ Em outros momentos, perguntavam-me que tipo de trabalho eu estava desenvolvendo ali,

²⁸ A opção por não usar bloco de anotações e gravador no dia-a-dia do CDM acarretou, com certeza, uma perda significativa de expressões empregadas pelas crianças e jovens. Era praticamente impossível tentar reproduzir, na feitura do trabalho de campo em casa, os modos exatos de expressão. Dificuldade aos poucos superada. Os frequentes intervalos permitiam o registro pouco tempo após o fato ou evento.

²⁹ Alba Zaluar (2002) também revela o enfrentamento dessa desconfiança, de acordo com a especificidade de seu recorte, em trabalho realizado a partir da etnografia na Cidade de Deus, no Rio de Janeiro: “Estivesse ou não acompanhada, fui ora recebida com desconfiança, como jornalista interessada em difamar o local, ora com esperança, como uma enviada do governo que antecederia os sacos de feijão e arroz que o governo iria mandar para as famílias mais pobres” (2002, 14).

quem contratara e qual era a utilidade de ver de crianças jogando bola.³⁰ Houve, portanto, uma diversificação dos papéis que me foram atribuídos: antropólogo, pesquisador, jornalista, professor, funcionário público, empresário de jogador e olheiro.

Certas vezes fui chamado a arbitrar relações de conflito, tanto entre crianças, quanto entre crianças e adultos, bem como entre adultos. Todas foram muito frequentes, principalmente no CDM Cidade Líder, quando envolvia crianças de até 8 anos, brigando entre elas; ou as várias discussões entre professores e os jovens; ou ainda, os freqüentes descompassos entre os próprios professores e coordenadores, que me recrutavam como testemunha de eventos e fatos dos quais a maioria não participei.³¹

Portanto, ao privilegiar – no começo da pesquisa – uma posição de observador, sem me preocupar em fazer perguntas e iniciar diálogos, consegui criar os primeiros contatos com aqueles que eu pesquisava ao deixá-los iniciar as conversas e conduzirem-nas de acordo com seus interesses. Embora grande parte das temáticas fugisse ao que inicialmente planejava como possível roteiro de perguntas, notei que ao levarem as conversas para outros assuntos, aqueles que eu observava estavam, na verdade, ajudando-me a reorganizar as minhas temáticas.

Assuntos que se provaram importantes – como os programas de fim de semana, as discussões sobre horários das partidas de futsal daquela semana, os segredos e manejos do controle de videogame, a partida do Corinthians na noite anterior etc. –, só tornaram-se mais claros para mim após levar a sério o que eles falavam e deixar de lado preocupações com as diferenças sociais existentes entre pesquisador e pesquisados. Portanto, inspirado por leituras de alguns empreendimentos etnográficos clássicos e contemporâneos (Foote Whyte, 2005; Zaluar, 2002; Wacquant, 2002), procurei fazer antropologia a partir dos princípios antropológicos basilares: apreender o discurso a partir do ponto de vista nativo.

O corpo textual é composto, portanto, pelas minhas anotações no diário de campo, em sua grande maioria realizada após os eventos e fatos observados; algumas gravações de entrevistas que realizei com interlocutores, principalmente nas últimas etapas do trabalho de campo; material fotográfico e fílmico que coletei em diferentes momentos nos recortes anteriormente delineados, fazendo um uso das câmeras para além do simples registro, procurando pensá-las também como instrumentos comunicacionais; diversos materiais impressos – revistas da prefeitura e do governo do estado, folhetos, históricos de agremiações, notícias e material de imprensa. É importante ressaltar que optei por utilizar somente os materiais que entravam na rede, descartando assim a busca incessante por documentos e materiais bibliográficos gerais sobre os campos de várzea observados, bem como sobre bairros periféricos que os circundam.

Um exemplo dessa opção metodológica poderá ser visto ao longo da dissertação, com a incorporação à análise de algumas reportagens publicadas em uma revista Placar,

³⁰ Dúvidas vivenciadas por Zaluar: “Inúmeras vezes me revelaram sua desconfiança quanto à importância ou utilidade disso. Que espécie de trabalho era esse? Para que serve a pesquisa?” (2002, 19-20).

³¹ Arbitrar estas situações aproxima-se da posição conferida ao etnógrafo de mediador em debates nem sempre agradáveis. Porém, essa é uma das especificidades do *anthropological blues* presente no ofício do etnólogo (DaMatta, 1978).

Observei, ao longo do primeiro ano de pesquisa na escolinha de futebol do CDM Cidade Líder, que minha presença como pesquisador – até então não revelada para as crianças e jovens pelo pouco contato criado em campo – foi compreendida numa outra posição: a figura do *olheiro*. Identificado dessa forma, principalmente após uma frequência assídua nos treinamentos, percebi, posteriormente, como essa representação provocou alterações nas performances³⁴ que verifiquei nas primeiras visitas ocasionais (quando ainda não era visto como *olheiro*) e posteriormente (quando já revelada a posição de pesquisador). Após tomar conhecimento dessas situações, comecei a considerar a hipótese de trabalhar com a câmera de vídeo na etnografia das aulas, treinos e jogos. Desse modo, e a partir de uma reflexão teórica pautada por questões ligadas à Antropologia Visual,³⁵ pensei a câmera de vídeo como um *olheiro*, catalisadora de mudanças nas performances e percepções dos agentes em campo (pesquisador e pesquisados), bem como de alterações nas relações entre os agentes (aquele que filma e os que são filmados).

As questões que me instigavam eram: quais seriam as performances criadas para a câmera? A câmera, tal como um *olheiro*, despertaria novas e diferentes atuações? Se Wacquant, por seu lado, elegeu trabalhar o comportamento natural dos boxeadores na academia, ressaltando que “os comportamentos descritos são aqueles do boxeador em seu ‘habitat natural’ e não a (re)apresentação teatralizada e altamente codificada que ele gosta de fazer de si mesmo em público [...]” (2002, 23), preferi, num outro sentido, incentivar as teatralizações. A câmera de vídeo foi o instrumento que, naquele momento, pensei ser o melhor catalisador de performances.

Somente após seis meses, já um pouco mais confiante de minha inserção no campo, decidi realizar algumas filmagens. Acompanhei, numa manhã de sábado (10/11/2007), a movimentação em torno da disputa de uma partida decisiva, válida pelas oitavas-de-final do “V Campeonato Mais Esporte”, organizado no 2º semestre pela Prefeitura de São Paulo, para jovens nascidos nos anos de 1994 e 1995. Cheguei cedo, por volta das 7h, decidido a observar todos os momentos, anteriores e posteriores à partida. Porém, ainda não estava decidido, naquela manhã de sábado, a gravar as performances. Por estar ainda em dúvida sobre a realização da filmagem, carreguei comigo apenas a câmera fotográfica digital, pensando mais na possibilidade de fazer algumas fotos. Decidi começar a filmar somente após o início do jogo contra a equipe do Alvorada, escolinha de futebol da COHAB 1,³⁶ na Zona Leste paulistana. Autorizado por Silva, professor da escolinha do CDM Cidade Líder, e pelos garotos, gravei, posicionado do banco de reservas do CDM, imagens de algumas jogadas, registrando em torno de 10 dos 40 minutos do

³⁴ Desde a encenação de contusões; insistência em jogadas que exigem habilidade próxima à linha lateral; conversas sobre peneiras, anteriores ou futuras; empenho incomum nos exercícios físicos e inúmeras demonstrações de controle da bola no ar, conhecidas como embaixadinhas.

³⁵ Utilizo essa designação, embora saiba do extenso debate em torno do uso dessa e outras denominações: Filme etnográfico, Antropologia Fílmica, Antropologia Audiovisual, Antropologia Visual e Sonora, Cultura e Media, Tecnologias da Representação, Antropologia da Comunicação Visual, Etnografia ou Antropologia Digital (Ribeiro, 2007, 19-23).

³⁶ Sigla da Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo.

de 1979.³² Tive acesso à revista num dia de observação no CDM Cidade Líder, quando Silva, ex-jogador de futebol e atualmente professor da escolinha do CDM, trouxe consigo uma edição da revista para apresentar ao repórter do Jornal de Itaquera, que tinha combinado de fazer uma reportagem com ele naquela manhã de sexta-feira. O repórter não apareceu e Silva me mostrou algumas fotos do tempo que jogava, todas já desgastadas, desbotadas; mostrou, também, a revista Placar de 1979, que trazia com destaque na capa, uma foto grande dele, no canto superior esquerdo, quando atuava na época como zagueiro da Sociedade Esportiva Palmeiras (SP). A capa e a reportagem assinalavam a então recente convocação do “beque” para a Seleção Brasileira, somente após oito jogos como jogador do Palmeiras naquele ano, contratado então junto à Associação Atlética Francana, equipe do interior de São Paulo.³³

B) O OLHEIRO E O ANTROPÓLOGO: POR UMA PRODUÇÃO DIALÓGICA DE CONHECIMENTOS

B.1) CONVERSA COM EDUARDO (PARTE 1)

Eduardo – Você não é olheiro, então?

E – Não, sou pesquisador, antropólogo, estudo na USP.

Eduardo – Nem empresário?

E – Também não, venho para observar as aulas e treinos, faz parte do meu estudo.

Eduardo – Os caras viajaram... até ficavam fazendo firula na sua frente, dando elástico, caneta, achando que poderiam ir para um time aí...

Este foi o início de uma conversa basilar para os desdobramentos da pesquisa. Após três meses de campo no CDM Cidade Líder, com visitas semanais, tivera contato com diferentes atores: professores, jogadores de várzea, alguns pais e mães, comerciantes locais, entre outros. Porém, não conseguia me aproximar das crianças e jovens, realizando apenas rápidos diálogos. A maioria destas conversas teve como fim algo prático: “que horas são?”, “segura meu boné enquanto eu jogo”, “joga a bola aqui”.

Em junho de 2007, porém, Eduardo (95) veio em minha direção. Sentou-se ao meu lado, na mureta que delimita a área ocupada pelo bar, comandado até então por Celso, dentro do perímetro do CDM. Após alguns minutos calado, ajeitando a chuteira e esfregando a canela com cara de dor, perguntou: “Você é olheiro?”. A partir deste trecho da conversa com Eduardo (95), pude iniciar uma longa problematização sobre o uso da câmera de vídeo e a esfera audiovisual no recorte da pesquisa, pensando inicialmente o vídeo enquanto instrumento de pesquisa e meio de comunicação entre pesquisador e pesquisados na relação cotidiana em campo.

³² É importante comentar, neste momento, a curiosa leitura desta revista, que trazia reportagens e matérias que dialogam com o período atual do futebol espetacularizado brasileiro e mundial, e também com os dados coletados e experiências observadas no trabalho de campo. Pretendo algumas dessas reportagens e as observações de campo, traçando as conexões entre os diferentes planos.

³³ Essa história será detalhada no primeiro capítulo.

jogo. Concomitantemente, e de forma alternada, também registrava imagens fotográficas coloridas e em preto e branco.

A pedido de alguns garotos fiz uma montagem das filmagens daquele dia. Na edição, prática responsável por boa parte da função argumentativa,³⁷ dividi as filmagens em três momentos: primeiro, vídeos com lances da partida e alguns comentários, de fundo, dos jogadores reservas; segundo, imagens realizadas também a partir do banco de reservas, porém me posicionando atrás dos garotos, registrando, assim, o jogo jogado pelos suplentes, seus comentários, gestos, posturas, brincadeiras, provocações; e terceiro, o fim da seqüência performática, quando já reunidos novamente no ônibus, gravei imagens do retorno para casa após o empate de 1 x 1 no tempo normal (os 40 minutos, divididos em dois tempos) e a posterior derrota nos pênaltis, num jogo emocionante, assinalado pelo gol de empate do CDM Cidade Líder quando faltavam apenas 2 minutos de jogo.

Dediquei a esse terceiro momento um pouco mais da metade do vídeo, pois foi quando consegui, a partir da mediação da câmera, criar a situação de interação mais intensa entre pesquisador e pesquisados na etnografia até aquele momento; estimular a criação de performances e mímesis para a câmera nas narrações e recriações que os garotos faziam de alguns lances da partida; e trocar impressões técnicas sobre as filmagens realizadas nos dois momentos anteriores. Durante 45 minutos de fotos e filmagens dentro do ônibus, quando da viagem de volta para o CDM Cidade Líder após uma partida, consegui criar um espaço de investigação e, principalmente, de diálogo com os garotos. Uma intensa interação, inédita até aquele momento.

A ênfase estava, portanto, sobre a construção dessa interação com as crianças e jovens, privilegiando assim uma filmagem observacional e também participativa, tal como na passagem abaixo, filmada durante uma terça-feira de manhã no CDM Cidade Líder, junto aos garotos de sete a doze anos:

E: Gustavo como foi o jogo?

Gustavo: Bom.

E: Você fez gol?

Gustavo: Não, ainda não.

E: Quanto está?

Gustavo: Está três a um.

E: Para quem?

Gustavo: Para nós.

E: Para vocês? Quem fez os gols?

Gustavo: Dois daquele gordinho ali e um do Cebola.

[...]

E: Você mora aonde?

Gustavo: Córrego Dois.

E: Córrego Dois? Ah, então é um pouco mais longe.

[...]

E: Você treinava em outro lugar antes?

Gustavo: Treinava.

³⁷ “A prática da montagem revela uma função, da qual não se conseguiu fugir, que é a de argumentação: é a partir dela que a imagem se torna elemento de discurso, possibilitando a narratividade do filme” (Sztutman, 1997, 25).

E: Onde você treinava antes?

Gustavo: Lá perto da minha casa.

E: Ah, e quando você veio treinar para cá? Como é que você descobriu que treinavam aqui?

Gustavo: Minha mãe conhecia o Chinês, aí ela veio aqui falar com o Silva.

E: E aí, quer virar jogador?

Gustavo: Quero.

E: Quem você gosta de ver jogar no Corinthians?

Gustavo: Que joga no Corinthians? Deixa eu ver... André Santos, Acosta.

E: E o goleiro Felipe?

Gustavo: O Felipe também.

E: Quem você acha que é o melhor jogador do Corinthians?

Gustavo: Do Corinthians acho que é o Vampeta.

Nisso, outras figuras e vozes aparecem no vídeo. Frases soltas acotovelam-se na gravação: “Sou corintiano... são-paulino... eu não sou corintiano... o melhor do São Paulo é o Adriano... o gol é muito bom... o moleque vai entrar daqui a pouco, e o meu irmão, nunca mais vai entrar”. Com a bagunça, termina a rápida conversa com Gustavo.

O uso do vídeo foi pensado, também, por causa de um fator em especial: empregar o audiovisual como instrumento de comunicação e negociação, inclusive sobre a produção de imagens em conjunto:

Sinto que este tipo de filmagem é um processo, não é apenas uma ilustração de algo já conhecido. Essa é uma experiência de aprendizagem, um processo que leva a construir novos conhecimentos. Esses novos conhecimentos não viriam necessariamente sem a câmera. A câmera está integrada à descoberta de coisas. Alguém trabalhando convencionalmente, com anotações em caderno de campo, talvez não descobrisse coisas novas. Para mim, fazer filmes é parte da minha vida, é uma forma de me relacionar com o mundo, com outras pessoas. Sem a câmera eu nunca teria aprendido as coisas que aprendi (MacDougall, 2007, 181).

As filmagens foram, sem dúvida, vias de acesso privilegiado aos pesquisados, permitindo um contato direto e próximo. Nestes momentos aproveitava para conversar sobre o cotidiano deles, suas perspectivas, vontades e anseios, histórias de vida etc. Valia-me, ainda, para apreender suas inspirações, referências, modelos, e de contemplar movimentos, atitudes, gestos, brincadeiras ou comportamentos. Para a câmera – também um ator importante (Rouch, 1995) –, os sujeitos se revelavam, como protagonistas, bem como atuavam, apresentando performances catalisadas pela presença do antropólogo. Revelava-se, ainda, por meio das imagens, fragmentos da presença do corpo do antropólogo-cineasta no campo (MacDougall, 2006).

A pesquisa com vídeo permitiu, também, acesso aos sentidos da prática futebolística que podem ser encontrados nos movimentos, expressões corporais, gestos. A mesma também permite captar elementos, registrados em vídeo, que não foram apreendidos pelo pesquisador no momento da observação. Uma forma de revisitar o campo, então com outros olhos. Momento de análise fundamental nos últimos meses de pesquisa, quando pude, de forma concomitante à redação da dissertação, fazer o processo de decupagem – descrição em detalhes do conteúdo das fitas – do material filmado, a fim de editar alguns vídeos solicitados pelos jovens.

Após entregar os DVDs aos garotos que pediram as imagens, tive alguns retornos do material, todos eles críticos. Eles queriam imagens do jogo, a partida inteira. E que-

riam imagens melhores, pois não conseguiam ver nada das imagens gravadas na altura do campo. Queriam, como eles mesmo diziam, “ver o jogo igual ao da TV”. Daquele momento em diante, passei a perguntar o que eles gostariam que eu gravasse e como o faria. Após os treinos e jogos, alguns ficavam mais uma hora comigo, assistindo no pequeno visor da câmera de vídeo o que acabara de ser gravado. A partir dos comentários, gravava alguns DVDs para eles assistirem, mostrarem aos amigos e colocarem no YouTube. Num momento posterior da pesquisa, a pedido, fiz pequenas montagens de jogadas de cada garoto, pois eles queriam fazer vídeos para mandar a clubes e empresários. Mas foram poucos casos.

Através desses instrumentos, portanto, pude investir numa produção de conhecimento compartilhada, senão totalmente – visto a força da autoridade etnográfica do antropólogo –, ao menos parcialmente, atendendo às demandas dos atores, gravando os treinos e partidas, assistindo com eles posteriormente, repassando as imagens em DVDs ou, ainda, auxiliando na produção de vídeos individuais a serem utilizados para divulgação entre olheiros, empresários, clubes e demais interessados. Isso, para Silva (2000, 59), faz parte do trabalho etnográfico, visto que “a decisão sobre o que ver e ouvir e como registrar, não depende somente do antropólogo, mas da representação que os grupos observados fazem sobre essas técnicas e que determinam as restrições impostas ou os consentimentos dados”. Desse modo, as crianças, jovens e adultos sugeriram o que poderia ser filmado, se deveria passar por uma montagem, o que deveria ser editado e gravado para o DVD.

B.2) CONVERSA COM EDUARDO (PARTE 2)

Voltemos agora à conversa com Eduardo (95). Poucos minutos após seu comentário sobre seus colegas da escolinha, Eduardo voltou a indagar: “E por que você está aqui? É para ajudar o professor Silva?”. Seguiram-se mais de vinte minutos de conversa, na qual procurava explicar o que era a pesquisa, o que era antropologia, para que servia etc. Eduardo não deixava a conversa encerrar, propondo perguntas contínuas sobre a minha presença ali, mas principalmente sobre a utilidade de observar crianças jogando futebol, se nem professor, técnico, olheiro ou empresário eu era. Não conseguia satisfazer a curiosidade e a desconfiança de Eduardo, muito pelo fato de recorrer, reconheço que de forma equivocada, à utilização de termos como *teoria*, *classificação*, *conceito* e *categoria* para atender às indagações.

Tal como numa competição filosófica, vi-me preso numa armadilha sofista (Huizinga, 2005),³⁸ prestes a ser derrotado após minha última cartada: “por isso usamos categorias, para poder analisar o que foi observado”. Novamente, mais um minuto de silêncio. Quando a conversa parecia encerrada, Eduardo balbucia: “acho que entendi”. E

³⁸ “Em resumo, a profissão de sofista estava ao mesmo nível do esporte [...] Era um verdadeiro jogo apanhar o adversário numa rede de argumentos ou aplicar-lhe um golpe devastador. Era ponto de honra ser capaz de apresentar apenas perguntas em forma de dilema, às quais só era possível dar respostas erradas” (Huizinga, 2005, 164).

continua: “Não tem nada de mais. É que nem futebol”. Surpreso, pergunto o porquê da comparação com o futebol. A resposta: “Tem que ter categoria”.

Derrotado no duelo sofista, agora era a minha vez de ficar um minuto sem me pronunciar. Momento chave no trabalho de campo realizado, a conversa com Eduardo fez com que outros garotos viessem conversar e perguntar: “então, você não é olheiro?” Pude, assim, encetar os primeiros diálogos com as crianças e jovens, embora só ocorressem de forma individual, ou seja, nunca quando estavam com seus pares.

A aproximação que Eduardo fez entre antropologia e futebol mostrou-se bem intrigante. “Tem que ter categoria” aproxima dois conhecimentos aparentemente distintos, bem como interesses díspares. Mas como enfrentar este encontro de interesses e conhecimentos distintos? Por meio da etnografia, pois é no trabalho de campo que “a alteridade, premissa do conhecimento antropológico, se realiza” (Silva, 2000, 25).

Para Marilyn Strathern (1987), as possibilidades em torno de uma antropologia *at home* – ou, como prefere, *auto-antropologia* – nos estudos de antropólogos sobre suas próprias sociedades, devem ser repensadas a partir da questão do conhecimento, já que os fundamentos da alteridade estão em constante mudança e seria, assim, impossível medir graus de familiaridade. Por isso, um nativo ao estudar outros nativos ou o próprio contexto nativo não estaria necessariamente, segundo a autora, fazendo uma *auto-antropologia*.

Whether anthropologists are at home *qua* anthropologists, is not to be decided by whether they call themselves Malay, belong to the Travellers or have been born in Essex; it is decided by the relationship between their techniques of organizing knowledge and how people organize knowledge about themselves (1987, 31).³⁹

O ponto-chave da *auto-antropologia* (ou antropologia *at home*) stratherniana estaria no fato de haver uma continuidade entre o conhecimento que é produzido na pesquisa e as representações engendradas pelas pessoas da sociedade estudada sobre elas mesmas, como propôs a autora, e não nas condições e lugares de origem dos antropólogos, como é possível perceber em vários trabalhos.⁴⁰ Só é possível falar de *auto-antropologia*, nos moldes strathernianos, se essa retribuição for feita não na forma pela qual os concei-

³⁹ “A idéia dos antropólogos estarem em casa enquanto antropólogos não deve ser definida pelo fato de eles se considerarem Malay, pertencerem aos Travellers ou se nasceram em Essex; isto é decidido pela conexão entre suas técnicas de organizar o conhecimento e como os povos organizam o conhecimento sobre si mesmos” (tradução minha).

⁴⁰ Notadamente, DaMatta (1978) e Peirano (2006). Roberto DaMatta (1978) analisou, no contexto do estudo da população Apinayé, a questão do método antropológico e a objetividade científica, em particular a trajetória antropológica de transformar o “exótico em familiar e o familiar em exótico”. A dificuldade de uma desfamiliarização consiste na exigência, segundo o autor, de um deslocamento narrativo, pois interpretar aquilo que é familiar tem implicações que não existem na abordagem daquilo que é colocado enquanto exótico e exterior. Para o autor, ao etnografar o familiar, busca-se uma resposta a quem somos nós próprios, ou seja, faz-se um ato de auto-conhecimento. Seguindo a linha desse debate, Mariza Peirano (2006) propõe pensar algumas questões antropológicas com base no caso de uma antropologia realizada no Brasil, aonde, segundo a autora, a questão da alteridade é problematizada tendo em vista sua multiplicidade de recortes. De forma resumida, Peirano reúne quatro tipos ideais (alteridade radical, contato com a alteridade, alteridade próxima e alteridade mínima), de influência weberiana, ao pensar aspectos de distanciamento nas relações entre pesquisadores e pesquisados na antropologia brasileira e concluiu que os antropólogos brasileiros fariam, na maioria das vezes, antropologia em casa.

tos estariam dados, mas sim quando processados antropologicamente de um modo que pertençam também à sociedade e cultura estudadas.

Portanto, ser um “nativo” não define a *auto-antropologia*; em outras palavras, isso não determina que haja continuidade entre o conhecimento produzido pelo antropólogo e as concepções locais. Neste ponto encontra-se explícita a diferença na elaboração de Strathern, pois embora haja uma proximidade entre o antropólogo e os “nativos” quando um “indígena” estuda “indígenas”, haverá sempre uma interrupção gerada pelo fazer etnográfico, um método não-nativo (e descontínuo) de arranjo e definição da realidade. Assim, uma auto-antropologia stratherniana seria possível caso a maneira de auto-interpretação nativa fosse a mesma da antropologia.⁴¹

Embora seja um tema de domínio de muitos brasileiros (e uma fração menor de brasileiras), meu conhecimento e relação com os objetos eram diversos daquele dos praticantes e demais atores, que lidam cotidianamente com as questões futebolísticas. O que não caracteriza, em termos strathernianos, uma antropologia em casa. A alteridade, nessa proposta, se define para além da posição e origem do pesquisador.

Assim sendo, não pretendi buscar uma *auto-antropologia* nesta pesquisa, mas sim trabalhar os diferentes conhecimentos e interesses em jogo, tanto os do antropólogo quanto os dos atores pesquisados. Se, por um lado, a produção antropológica resulta, em parte, da inserção do antropólogo no campo e do seu encontro com os interlocutores, por outro, o pesquisador também é observado. Tal como coloca Strathern (1987), é a partir da relação entre duas técnicas de teorizar – os pontos de vista do antropólogo e do nativo – que emerge relacionalmente o conhecimento antropológico.

Nesse sentido, o desafio proposto foi o de trabalhar com recursos conceituais e analíticos que permitissem o exercício de uma disciplina que adote a relação entre pesquisador e observados como aparelho principal na produção do conhecimento, reforçando, assim, o envolvimento de parceria e interlocução entre etnógrafo e nativos. Procurei, portanto, pensar a antropologia enquanto um *diálogo com* e não um *discurso sobre* outros modos de pensamento (Clastres, 1968). Sabendo, porém, como lembra Silva (2000), que a proposta dialógica não resolve sozinha as questões em torno da representação etnográfica quando se propõe a somente reproduzir os diálogos travados em campo, sem se preocupar em entrelaçar e confrontar as diversas vozes.

Como afirmei anteriormente, optei por fazer uso de equipamentos visuais no processo de observação, com um enfoque inicial nas crianças. Deste modo, aproximei-me de uma *antropologia compartilhada*⁴² – inspirada por Jean Rouch. Contudo, o objetivo

⁴¹ Strathern considera que o trabalho antropológico é endereçado ao próprio Ocidente. Deste modo, conjecturar que antropólogos “nativos” dispõem-se em relação ao seu contexto social e cultural de maneira análoga aos antropólogos não-nativos em relação aos seus contextos significaria, segundo ela, projetar um modelo ocidentalizado que concebe as sociedades como entidades equivalentes. Para a autora, haveria auto-antropologia somente num recorte no qual os sujeitos pesquisados se pensassem nos mesmos termos que a antropologia os pensaria, inclusive por meio de conceitos hegemônicos como sociedade e cultura.

⁴² Emprego esta expressão – antropologia compartilhada – para aludir à metodologia formulada pelo cineasta-antropólogo Jean Rouch (1995; 1997), autor que pensava o encontro etnográfico – o exercício antropológico e o processo de construção da filmagem – enquanto um meio de comunicação, um diálogo com; um espaço para observação, mas também para a elaboração compartilhada de conhecimento.

não foi o de realizar uma pesquisa ou filme rouchiano,⁴³ mas sim pensar sua prática cinematográfico-antropológica, reconhecida por não dissociar teoria e prática cinematográfica.

Na proposta rouchiana, a realização do filme etnográfico não implica somente uma descrição de uma dada realidade social; por meio do filme, e não de modelos abstratos de análise, é que será feita a reflexão e a interpretação de uma realidade multifacetada. E, mais do que isso, o filme permite a construção dialógica, reflexiva, na interação com a sociedade filmada. Segundo Rouch, a criação desse diálogo nasce, incondicionalmente, na práxis cinematográfica, qualidade indispensável para a produção de um conhecimento compartilhado com o grupo, um conhecimento sobre si.

Para Rouch, os sujeitos conquistam espaço e vozes nos filmes etnográficos; em suas pesquisas, a própria antropologia foi descolonizada. Constatamos, portanto, o valor conferido por Rouch à possibilidade de criação de um diálogo com as sociedades estudadas por meio do filme. Esse, portanto, é o principal predicado da *antropologia compartilhada*: envolvimento e participação dos nativos no processo de concepção, filmagem, edição e exibição. Se o cinema, para Rouch, é o único “canal que torna a mensagem antropológica mais acessível aos observados, revelando assim uma antropologia pensada primordialmente como meio de comunicação, algo passível de ser compartilhado”, o filme é, por conseguinte, “um produto reflexivo e comunicativo resultante da interface entre antropólogo e nativos” (Sztutman, 2004, 50).⁴⁴

Como resultado do diálogo construído, tem-se um processo de produção compartilhada de conhecimento por meio do vídeo, mas que poderia ter sido realizado por meio do texto etnográfico, que também resulta do processo de observação e da aproximação entre pesquisador e grupo. Mais do que isso, tal qual a produção audiovisual, “o texto etnográfico, em vez de ser apenas uma narrativa sobre o ‘diálogo’ que o antropólogo realiza em campo, dirigido sobretudo para a academia, poderia tornar-se também um diálogo com o grupo pesquisado” (Silva, 2000, 143). Trata-se de um retorno da pesquisa produzida aos grupos estudados que pode ocorrer de diferentes maneiras, “seja na forma de livros, artigos, relatórios, fotos, filmes [...], ou indiretamente, quando são usadas como parâmetro de análises para políticas públicas [...]” (idem, 183).

Porém, ao apostar na utilização de instrumentos audiovisuais, surge a dúvida: como posso me aproximar de uma *antropologia compartilhada* sem a realização de um filme? Para Rouch, é imprescindível a existência do filme, enquanto retorno – *feedback* – da análise para os próprios pesquisados. Portanto, por não constar entre os meus objetivos a produção de um vídeo etnográfico para um público geral, questiono: como com-

⁴³ Apesar de tomar emprestado, provisoriamente, a proposta de uma antropologia compartilhada, formulada por Jean Rouch, assinalarei, gradativamente, os distanciamentos necessários em relação à metodologia rouchiana.

⁴⁴ Rouch percebia no cinema e no filme a possibilidade do trabalho do antropólogo retornar ao grupo estudado, principalmente em pesquisas com grupos que não lêem, situação de uma parte dos grupos africanos filmados. Porém, não se trata de um simples retorno dos resultados da pesquisa, pois tal feedback consistia numa chance de formar um novo tipo de relação com os sujeitos pesquisados (Rouch, 1997, 14). Nesse feedback, constrói-se mais uma relação de troca, com a participação do grupo na preparação de um novo filme, reeditado a partir dos comentários, críticas e sugestões. Trata-se de um espaço privilegiado de acesso a representações e identidades.

partilhar *conhecimentos* no momento do trabalho de campo, somente quando acontece a filmagem e o encontro etnográfico?

Diante da recusa de Rouch em considerar também o *vídeo* um instrumento de comunicação,⁴⁵ questiono o potencial dialógico do encontro etnográfico com o uso das atuais câmeras digitais com visor, para a reprodução das imagens recém-realizadas. Apesar de não trazerem a mesma experiência oferecida pelo cinema, o vídeo e as novas tecnologias têm ocupado espaços antes reservados às películas, “devido sobretudo à facilidade pela qual se pode assistir às imagens em movimento, bem como a praticidade em relação ao manusear e ao deslocamento do equipamento” (Sztutman, 2004, 59).

Por que não problematizar os vídeos editados como elementos intrínsecos ao processo de negociação do trabalho etnográfico? Fazem parte da pesquisa, portanto, os vídeos que editei, em diferentes momentos e para diferentes usos: exibição a públicos acadêmicos, divulgação entre boleiros (empresários, olheiros, agentes, dirigentes etc.), registro dos treinos e partidas para as crianças e jovens praticantes de futebol e registro de viagens para professores e pais. Em outras palavras, coloco em debate a possibilidade de uma *antropologia compartilhada* por meio do uso da câmera de vídeo na etnografia, sabendo, porém, que não realizo uma antropologia compartilhada pura nos termos rouchianos. Ao postular a possibilidade de um *retorno*, mesmo sem a produção de um filme etnográfico, compartilhando *conhecimentos* com os pesquisados – crianças, jovens e adultos praticantes de futebol de um bairro da periferia paulistana – a partir do uso do audiovisual no momento da etnografia, compreendo que me afasto parcialmente de um projeto rouchiano.

A proposta, portanto, não é procurar tecer uma continuidade entre o labor antropológico e as representações nativas sobre eles mesmos, como lembra Strathern ao pensar as possibilidades de uma *auto-antropologia*. Trata-se de testar diferentes modos de se pensar essa continuidade cultural, tendo em vista que a autoridade etnográfica do antropólogo existe.⁴⁶ Ou seja, até que ponto e de que maneira antropólogo e nativos podem compartilhar a produção de *conhecimentos*? Para concluir essa jogada, como disse Eduardo (95), “tem que ter categoria”.

C) ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Por fim, a dissertação apresenta a seguinte configuração. Até este momento da Introdução, coloquei em debate alguns aspectos do modo como foi realizada a etnografia,

⁴⁵ Nas palavras do antropólogo-cineasta francês: “Bem, eu rejeitei todas essas experiências [...] o cinema é o único meio de fazer com que as pessoas, reunidas em uma sala, compartilhem uma emoção. Com o vídeo, não se coloca a questão de haver ou não projeções” (Rouch, 1997, 21).

⁴⁶ Penso que existem muitos limites para a concretização de uma partilha da autoridade etnográfica e para a auto-representação. Ao trabalhar com a idéia da construção de uma autoridade etnográfica em relação com as vozes das pessoas estudadas, é preciso ressaltar que um trabalho etnográfico dialógico e polifônico, proposto em torno de um labor postulado e compartilhado, exige uma reflexão sobre até que ponto é permitido aos atores falarem, o modo como esses diálogos serão reproduzidos, a reconstrução narrativa na apresentação dos resultados e uma reflexão sobre que tipos de autores eles seriam.

com base no confronto e entrecruzamento de experiências observacionais interconectadas, bem como a partir de alguns eixos de reflexão, tradicionais e contemporâneos, sobre o método etnográfico. Em seguida, aponte algumas das principais discussões sobre esporte na antropologia, por meio de reflexões sobre o conjunto de conceitos a serem utilizados e problematizados.

Ainda na primeira parte, apresento uma discussão pautada pela possibilidade de uma *antropologia compartilhada*, marcada por uma produção dialógica de conhecimento. Teço alguns comentários sobre o uso de câmeras fotográficas e filmadoras ao longo da pesquisa, visto que foram instrumentos fundamentais durante todo o processo etnográfico. A articulação destes temas traz uma problematização central para esta pesquisa, visto que evidenciará não só as razões para muitas das opções metodológicas adotadas até aqui, como também os caminhos para perseguir o que conhecemos por “tem que ter categoria”.

Diferente da Introdução, os capítulos não apresentam uma seção teórica separada das experiências em campo, preferindo, assim, fazer apropriações das contribuições de diferentes autores em momentos específicos do texto. No primeiro capítulo, traço, inicialmente, um panorama mais institucional, procurando contextualizar as observações realizadas no CDM Cidade Líder com as propostas das políticas públicas de esporte, para, em seguida, analisar os depoimentos e as entrevistas. Busco evidenciar a heterogeneidade de atores e sentidos atrelados ao universo varzeano, decisiva para a formação das crianças e jovens da escolinha do CDM e do bairro.

A proposta do segundo capítulo é de analisar o processo de ensino e aprendizagem do futebol a partir das observações das aulas, treinos e jogos ministrados na escolinha do CDM Cidade Líder. Será possível observar que o ensino e aprendizado compreendem diferentes aspectos, mas que aparecem articulados: trabalho, corpo, dom, futebol-arte, peneiras, masculinidade, modelos pedagógicos, profissionalização etc.

No terceiro e último capítulo, traço uma rede futebolística, entre outras tantas possíveis, que se inicia no bairro de Guaianases, na Zona Leste paulistana. Se nos dois primeiros capítulos enfoquei o ensino e o aprendizado, neste terceiro o objetivo é investigar o processo de formação de jogadores, que é trabalhado de forma concomitante ao ensino e deste não pode ser dissociado. Deste modo, proponho acompanhar, de forma mais detida, a diversidade de situações, atores e questões conectadas à formação dos jovens jogadores de futebol. Temas como peneiras, empresários, clientelismo, política municipal e futebol de várzea aparecem entrelaçados em tal etnografia e mostram-se decisivos no processo de formação dos jogadores.

Para facilitar a leitura, esclareço que as palavras entre aspas, presentes ao longo do texto, referem-se às falas e expressões nativas, bem como citações de outras obras. Os conceitos em itálico aludem aos trabalhos e conceitos de diversos autores aqui mencionados, bem como às palavras em outras línguas. Além disso, utilizo os nomes reais das crianças e jovens e, quando necessário, os seus apelidos entre aspas.

CAPÍTULO 1

SOBRE “QUEM PARTICIPA DO RATEIO”: A ESCOLINHA DE FUTEBOL DO CDM CIDADE LÍDER

Iniciei o trabalho de campo em março de 2007. Apresentado por um amigo ao coordenador do CDM (Clube Desportivo Municipal) Cidade Líder, Jaílson Andrade, comecei a realizar as primeiras observações dos treinos da escolinha do CDM. O uso do termo treino foi, aliás, o ponto mais enfatizado por Jaílson na nossa primeira conversa. Reiteradamente, eu utilizava o termo aula ao me referir às atividades da escolinha – “pretendo observar as aulas”, “acompanhar pelo menos duas aulas por semana naquele semestre” –; da mesma forma, Jaílson respondia às minhas colocações trocando aula por *treino*. Termo esse também empregado pelos demais atores pesquisados, com exceção de alguns dos pais e mães das crianças e jovens. Além disso, as palavras “treino”, “treinamento”, “coletivo” e “rachão” ganhavam novos significados nos dias que antecediam às partidas agendadas com a escolinha do CDM Cidade Líder: “Em semana de jogo não tem rachão, é coletivo...”, dizia o Professor Silva. “Um professor diferente” lembrou certa vez Marcelo, ao afirmar por que gostava de freqüentar a escolinha: “ele dá treino, não é aula, que nem na escola”. Contudo, se o termo *aula* era evitado, percebia-se o emprego recorrente do vocábulo *aluno*.

Daquele encontro com Jaílson em diante, as conversas tornaram-se diárias, eu perguntando e ele respondendo. Demonstrava gostar dessas conversas. Dizia sempre que ele era o articulador de todos os grupos do CDM. Tal como um mediador¹, que harmoniza e concilia (Santos; Vogel, 1979). Num determinado dia, em setembro de 2007, após cinco meses, a situação inverteu. Jaílson perguntou, numa manhã de sexta-feira, quando eu iria deixar de conversa e jogar futebol com ele e os demais sócios do CDM. Apesar de ter evitado, na medida do possível, realizar uma *participação observante*,² procurei não recusar convites para jogar, visto que uma primeira rejeição, numa sexta-feira de manhã, não fora bem aceita. Penso que se trata de um outro tipo de conhecimento, que era compartilhado no momento da partida.³ Eu não era um deles. De vários modos.

¹ Para mediar, é preciso saber reconhecer as diversas formas e critérios de aferição de um desempenho em múltiplos contextos, combinando conhecimento e habilidade. Precisa ter tempo no bairro, reconhecido através da história pessoal e conhecer a trajetória do bairro (Santos; Vogel, 1979).

² Por participação observante entendo, tal como concebe Wacquant (2002), um deslocamento metodológico que não implica uma inversão em relação à clássica “observação participante”, tal como uma análise das expressões pode pressupor, mas sim uma maior interferência do pesquisador no contexto, bem como uma maior experimentação com o objeto pesquisado, e, se possível, uma vivência corporal.

³ Assim, aproximo estes momentos da experiência vivida por Agier (1999) num bairro de Salvador, quando o pesquisador francês participou de uma partida com os sujeitos. Distancio-me, por outro lado, da proposta etnográfica de Wacquant (2002), que, para investigar a questão da segregação socioespacial, realizou uma etnografia numa

Segundo as crianças e o próprio Jaílson, eu era “boyzinho”, categoria de alteridade ampla (Hikiji, 2006, 176), identificada através de inúmeras justificativas: universitário, branco, morador do centro, dono de carro e que não escuta rap ou funk. Se, por um lado, poucas vezes tive a impressão de se tratar de uma designação de revolta a esta imagem refletida, por outro, a amplitude da caracterização nos leva a questionar tal construção. O fato de aproveitar momentos anteriores aos treinos da escolinha para jogar basquete na quadra poliesportiva do CDM, me fez ouvir o seguinte de Cauê (95): “viu, tio, você até joga basquete... coisa de boy”. Em outro dia, quando optei por utilizar boné e óculos escuros para jogar, ao passar na sala da coordenadoria logo pela manhã, às 8h, fui abordado por Jaílson, sentado em frente à mesa, em sua rotina diária de leitura de jornal: “ei, está boyzão hoje!”. Ao perguntar o porquê e receber como resposta a diferença no visual, argumentei que o próprio Jaílson usava freqüentemente óculos escuros, assim ele justificou: “e daí, a diferença é que você é boy... eu não”. Por fim, o uso dos aparelhos de audiovisual reforçou as diferenciações acionadas: “o boy filmou seu gol”, “é caro até para boy”, “foi o boy que me deu o cd” etc.

Para Denis (85), o uso do termo *boy* é muito relativo, “dependendo da onde você está falando, com quem você está falando, você pode ser periferia ou não periferia, por isso que eu acho que tem vários elementos que podem configurar uma pessoa”. Com seus próprios termos, ele dá como primeiro exemplo o fato de os bairros periféricos utilizarem concepções relacionais de periferização, visto que, segundo Denis, “entre os bairros, mesmo da periferia, tem essa rivalidade de se achar mais periferia do que o outro”. Isso eu mesmo pude verificar ao ampliar a pesquisa para Guaianases e Ferraz de Vasconcelos: de acordo com os jovens pesquisados do primeiro, quem mora em Itaquera é boy; para os jovens de Ferraz, quem é de Guaianases é boy. Em seguida, Denis discorre sobre outros dois exemplos:

[...] na Cidade Líder, tem a Nossa Senhora do Carmo, uma região onde tem casas, não vou dizer de alto padrão, mas de situação financeira bem melhor que o resto da região e eles não são vistos como periferia. São vistos como boys...

Ah, a gente era visto como boy. Porque a gente tinha uma condição financeira um pouco melhor do que o pessoal, os amigos, os colegas que são mais pobres. Então, por mais que eu tenha nascido na periferia e vivido a vida inteira na periferia, eu não sou visto como exatamente um igual. Eu sou visto como uma pessoa diferente, assim, até porque também não estudei nas escolas do bairro. Frequentei o bairro, mas não frequentei tanto como outras pessoas que o mundo delas se resume realmente ao bairro, só saem daqui quando vão trabalhar. E aí quando voltam no final de semana, voltam para o bairro. Mas, por exemplo, quando eu ia para as escolas distantes, mesmo na faculdade, aí eu era visto como cara da periferia (risos), porque era a questão geográfica, mas também porque perto das pessoas lá da faculdade, eu não tinha a mesma origem, a mesma situação financeira, não tinha estudado nos colégios que eles tinham estudado. Para o pessoal daqui da periferia eu estudei em colégios bons, mas para o pessoal de lá, não era tão bom.

academia de boxe num gueto afro-americano de baixa renda de Chicago, tendo como estratégia metodológica algo próximo de uma participação observante, tornando-se o próprio sociólogo um boxeador.

Assim, ser boy, no caso de Denis, estava relacionado à sua trajetória no bairro e sua formação educacional: estudou em colégios particulares na COHAB 2 e na Vila Matilde e, posteriormente, já no Ensino Médio, estudou numa escola estadual no Tatuapé.

Então, nunca estudei nos colégios aqui do bairro. Meu pai sempre teve essa preocupação de expandir um pouco nossos horizontes. Mas sempre outros lugares, pessoal com outro tipo de renda, outra formação, outro nível, para não ficar preso só aqui, porque tem essas questões – periferia, ficar só fechado nesse mundo. Tem aí inúmeras histórias de colegas, amigos que cresceram juntos [...] então meu pai teve essa preocupação por conhecer bem aqui, de levar a gente para outros horizontes.

Tal “ampliação de horizontes”, Denis considera fundamental no prosseguimento de seus estudos, inclusive para o seu ingresso numa universidade pública. Chance que ninguém da sua família havia tido antes, por diversos fatores.

Foi no colégio que eu ouvi falar que existia uma USP. Eu ouvia falar muito de vez em quando, mas eu fui realmente ter contato com isso no colegial. Fui procurar saber como era. Vi que eu tinha que me preparar, fazer um cursinho para enfrentar um vestibular. O ensino médio eu tive que fazer no ensino público depois que meus pais foram demitidos, aí eu vi que caiu muito a qualidade. Eu estava acostumado com colégio particular. Fiquei sabendo do cursinho da Poli, que era um cursinho voltado para pessoas carentes e tal, e aí eu fui atrás. Eu e minha prima na época, que também estava procurando. Consegui passar nos exames. Foi aí que eu me inteirei ainda mais e vi que meu objetivo era entrar na USP, uma faculdade pública, até pelas dificuldades de fazer uma particular. As particulares naquela época não eram assim tão fortes e tão presentes como são hoje. Tem muito mais opção, tanto que eu acho que, e aí é uma visão minha, hoje talvez as universidades públicas não estejam tão próximas assim do desejo e objetivo das pessoas das regiões mais carentes porque as faculdades particulares acabaram se aproximando mais, sendo uma possibilidade mais imediata.

No depoimento de Denis é possível apreender um sentido de abertura do mundo também percebido em certas falas sobre a escolinha de futebol organizada pelo Programa Mais Esporte no Segundo Tempo em parceria com o CDM (Clube Desportivo da Comunidade) Cidade Líder, que trataremos daqui em diante.

Neste capítulo, conheceremos os diversos atores que participam desta ampliação de horizontes proporcionada pelo ensino da prática futebolística. Um universo relacional marcado pelo encontro de gerações, por diferentes trajetórias de vida, gostos musicais e disputas políticas. Mas que no caso da escolinha do CDM Cidade Líder, pode ser compreendido principalmente na relação entre os dois principais agentes de promoção do saber futebolístico. Uma relação construída no mundo amplo do futebol e definida pela dúvida de saber, afinal, “quem participa do rateio?”.

1. 1) CLUBE DESPORTIVO MUNICIPAL CIDADE LÍDER

O CDM Cidade Líder é um dos Clubes Desportivos Municipais (CDMs) da cidade, unidades descentralizadas do Município de São Paulo, de administração indireta, geridas por duas ou mais entidades civis sem fins lucrativos, regularmente constituídas, com o objetivo primordial de desenvolver atividade desportiva em imóvel público,

especialmente cedido a título precário para esse fim. A administração é exercida por uma sociedade civil, regularmente constituída e registrada, integrada por membros das entidades administradoras, que compõem a Diretoria Gestora, o Conselho Fiscal e o Conselho Gestor, cujos membros são eleitos pelos sócios dessas entidades participantes e da população do entorno das instalações físicas dos CDMs. A manutenção dos Clubes Desportivos Municipais é de responsabilidade dessa diretoria eleita.

Criado em 1979, o CDM Cidade Líder é um importante equipamento esportivo e de lazer devido à carência de espaços na cidade de São Paulo para o exercício de tais práticas. Frente à expansão urbana e estruturação de serviços públicos, as áreas para a prática esportiva, parte delas não regulamentada para o seu uso, teriam sido os principais alvos de desapropriação e ocupação. “E de que adianta ter um monte de coisa, e não ter espaço de lazer?”, reclamou Adriano “Magrão”, sócio do CDM Cidade Líder.

Área pública gerenciada por um conselho local, o CDM Cidade Líder foi criado para oferecer atividades, equipamentos e estrutura esportiva; uma resposta, assim, à crescente diminuição de áreas públicas destinadas ao esporte e lazer. É permitida a entrada da população e o livre acesso às áreas comuns, sendo que o espaço não é cedido diretamente para uma liga ou um clube, mas sim para um conjunto de entidades que formam uma diretoria eleita de forma bienal.⁴ Em várias regiões da cidade, tal como ocorre na Cidade Líder, parte dos jogos e torneios de futebol de várzea, disputados majoritariamente aos finais de semana, ocorre nos campos de futebol (gramados ou de terra) dos CDMs.

Esta utilização foi a principal questão que permeou as sessões da CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) dos CDMs realizada em 2005:⁵ conceder às entidades esportivas locais, tidas pelo poder público como comunitárias, o poder de gerenciar e administrar financeiramente essas áreas públicas é a melhor forma de orientar essas políticas públicas de esporte? Ou a Prefeitura deveria requisitar as áreas de volta, o que pode ocorrer, legalmente, a qualquer momento? Trata-se, portanto, de questionar o potencial e os resultados de trabalhar em conjunto com a comunidade, ou, num outro plano, de saber se a Prefeitura teria recursos e estrutura para administrar mais de duzentas áreas esportivas.⁶

O que pode ser observado, no caso da Cidade Líder, é que essa participação das entidades locais carrega uma historicidade vinculada ao CDM, construída, em certos casos, há pelo menos duas gerações. Segundo afirmou a ex-secretária Nádia Campeão, em depoimento à CPI, esta é a principal característica dos CDMs e deve ser valorizada:

⁴ A última regulamentação é o Projeto de Lei nº 229/2006 de abril de 2006, que estabelece políticas públicas e critérios de administração para os Clubes Desportivos Municipais e dá outras providências.

⁵ Vereadores membros da CPI (e seus respectivos partidos na época) que apurou eventuais irregularidades nos CDMs: Aurélio Miguel (PL) – Presidente; Adilson Amadeu (PTB) - Vice-presidente; Adolfo Quintas (PSDB); Antonio Donato (PT); Antonio Goulart (PMDB); Attila Russomanno (PP); Bispa Lenice (PFL); Chico Macena (PT); Myryam Athiê (PPS). A CPI reuniu, ainda, presidentes, diretores e representantes de Clubes Desportivos Municipais a fim de ouvir suas sugestões, críticas e reclamações. Foram ouvidos, também, representantes de entidades ligadas aos esportes, como universidades, federações, clubes e profissionais do esporte.

⁶ A CPI dos CDMs levantou alguns fatores para os resultados da suposta má administração destes equipamentos esportivos: ausência do poder público, falta de capacitação e documentação, problemas de ocupação e segurança, suspeitas de limitações no acesso ao espaço, financiamento e parcerias pouco claros, critérios para a locação do espaço, invasões, abandono, uso exclusivo e indevido.

A gente olha de fora e não percebe, mas lá no bairro todo mundo sabe qual é a história, como foi feito e tem CDM que foi construído todo pelo pessoal de lá, do tijolo à trave, tudo e tudo e com esforço e de muita gente que não tem nada, que praticamente é um pessoal que tira do que não tem e super utiliza aquela área no sábado e domingo, todos os horários ocupados. Então nós partimos de um pressuposto que tem que valorizar o esforço que a população já fez, que a comunidade já fez. Portanto, nós temos que de fato aperfeiçoar, na minha opinião, essa co-responsabilidade entre comunidade e setor público, com regras claras (*retirado das notas taquigráficas da CPI dos CDMs*).

Para aperfeiçoar essa co-responsabilidade, faltaria não somente um maior envolvimento comunitário, assim como um apoio maior do poder público à manutenção dos CDMs, visto que a grande maioria dos mesmos está em áreas mais periféricas, o que dificulta um investimento somente unilateral local. Uma solução adotada foi recorrer à idéia das Subprefeituras coordenarem suas atividades, descentralizando a administração destes espaços esportivos, e aproximando os equipamentos esportivos de seus órgãos gerenciadores. Assim, desde a última gestão, as subprefeituras são as responsáveis pela manutenção dos CDMs, bem como dos Clubes da Cidade.⁷ Embora os números variem, muito pelo fato de vários CDMs terem sido reavaliados durante a CPI de 2005, é certeza que existem mais de duzentos na cidade de São Paulo. Portanto, enquanto existem quarenta e dois clubes em São Paulo, reunidos no centro expandido e que receberam grande parte dos investimentos municipais voltados ao esporte,⁸ há uma rede de CDMs, mais ampla e de maior capilarização.⁹

Os CDMs não recebem, entretanto, somente elogios, mas também críticas a muitas de suas ações: uso de placas de publicidade num espaço público, restrição ao acesso de freqüentadores e utilização do espaço para a oferta de diferentes serviços comerciais: estacionamento, depósitos, aterros e outros serviços. O desenvolvimento de algumas atividades comerciais tem como objetivo custear os gastos com o funcionamento do clube. É principalmente por meio das diversas formas de locação do espaço que se busca verba para a manutenção do local.¹⁰

Embora não tenha visto especificamente no CDM Cidade Líder, pude observar em outros CDMs o uso de placas de publicidade, em sua maioria de pequenos comerciantes locais – restaurantes, bares, serralherias, marcenarias, dentistas, postos de gaso-

⁷ Há, ainda, os Clubes da Cidade, denominados assim justamente para aproximar os clubes da população, que a qualquer cidadão comum participar do clube. São quarenta e dois Clubes da Cidade administrados diretamente pela Prefeitura do Município de São Paulo. Estes clubes estão concentrados, em sua maioria, em bairros localizados em áreas mais centrais, dentro do centro expandido.

⁸ Informação dada por Nádia Campeão, secretária da SEME na gestão Marta Suplicy (PT, 2001-2004), durante uma das sessões da CPI dos CDMs, em 2005.

⁹ Há, também, os espaços esportivos dos CEUS, localizados em áreas periféricas.

¹⁰ As entidades, diante da necessidade de auferir rendas para a manutenção do CDM, podem, sem prejuízo da programação de atividades físicas, de esporte, de recreação e lazer, alocar os equipamentos esportivos, espaços pertencentes ao CDM para propaganda, cobrar pelo uso do estacionamento interno e estabelecer comércio de produtos alimentícios para consumo local, exclusivamente dos freqüentadores, sócios ou não, mediante aprovação prévia das respectivas Subprefeituras. Os CDMs podem, ainda, instalar e explorar, nas áreas internas e externas de suas dependências, cartazes, painéis, placas luminosas de publicidade comercial. Além disso, é permitido contratar zeladores para residência no local a fim de resguardar o espaço cedido.

lina etc., que ajudam na receita de cada CDM.¹¹ Não há, também, limitação do acesso da população ao CDM Cidade Líder, que fica aberto de domingo a domingo. Cobra-se uma taxa de R\$10,00 dos sócios, embora não seja limitada apenas a estes.

Mas há clamores: algumas mulheres do bairro queixaram-se do pouco acesso que têm ao CDM e de como se trata de um ambiente masculino, reservado apenas à prática futebolística; mencionam que poderiam usar o espaço para fazer alongamento, caminhadas, ginástica e outras atividades. Para Cristina, esposa de um freqüentador do CDM, trata-se de um espaço totalmente masculino: “Não temos um vestiário só para as meninas. Elas têm que chegar já arrumadas”. Houve ainda algumas reclamações em relação ao acesso dos times de várzea ao campo, visto que algumas equipes ocupam horários cativos na agenda do fim de semana, sendo difícil, assim, que todos os times possam ter acesso ao campo.¹²

Num outro sentido, ouvi de diretores e sócios do CDM Cidade Líder queixas em relação à política formulada pela prefeitura: “Às vezes ocorre de concentrar toda a verba em ou dois CDMs da região. Tem muita história sobre isso”, comentou um sócio; “Pode ocorrer de o subprefeito ser de um partido, e o presidente do CDM pode ter relações com outro. E aí o CDM não recebe nada e fica quatro anos na merda”, alertou outro sócio; “Sei lá, falta tanta coisa... mas segurança é um problema aqui no CDM. Precisa de mais apoio da polícia, da Guarda Civil Municipal”, sugeriu o diretor de um dos clubes que jogam no CDM.

Tais disputas políticas estão no dia-a-dia do CDM, misturadas com as discussões futebolísticas. As melhorias nos equipamentos esportivos, por exemplo, só acontecem, segundo um sócio, nos anos de eleição de vereadores. O que foi possível perceber após a leitura das notas taquigráficas, atualizadas entre 17/2/05 até 4/11/2005, da CPI dos CDMs, é que os vereadores membros da comissão da CPI procuravam defender os CDMs específicos de suas zonas eleitorais. Como lembrou Jaílson,

A Prefeitura não arranja nada para a gente. Não tem verba para manutenção, torneios, campeonatos e melhorias. Se não fossem os próprios clubes, isso aqui estaria abandonado. Para você ter uma idéia, a gente é que tem que correr atrás de troféus, medalhas. Quem tem nos ajudado muito é a vereadora Myryam Athie, comprando troféu, bola e outras coisas para os campeonatos.

¹¹ Usos e práticas verificados em outros espaços varzeanos de São Paulo, tal como o Parque do Povo (ver Magnani; Morgado, 1996). Localizado entre as Avenidas Nações Unidas, Cidade Jardim, Juscelino Kubitschek e rua Brigadeiro Haroldo Veloso, o Parque do Povo, reduto de vários times paulistanos de futebol de várzea por mais de 80 anos, foi tombado pelo Condephaat em 1994 como Patrimônio Cultural da Humanidade, num processo que envolveu diferentes agentes (clubes de futebol de várzea, o circo-escola Picadeiro e o Teatro Vento Forte) que faziam uso deste espaço, reunidos em torno da Associação Amigos do Parque do Povo. Após dez anos do tombamento e de disputa pelo direito de usar a área, o parque foi fechado para a prática futebolística em 2005. A Prefeitura de São Paulo justificou a legitimidade da ação devido à constatação de possíveis irregularidades, incluindo crimes ambientais (dezenas de árvores cortadas), ligações clandestinas de eletricidade e água, moradias e comércio irregulares etc.

¹² O problema sobre essa questão do uso se refere ao fato dos CDMs terem sido criados tendo como um de seus objetivos regularizar a situação dos antigos grêmios populares que ocupavam áreas de várzea e outras áreas públicas em São Paulo, bem como criar novos núcleos, organizando o esporte nas comunidades e facilitando o acesso da população a essa atividade. Com isso, o CDM Cidade Líder tem no futebol a sua principal atividade, embora apresente outras modalidades esportivas, praticadas, em sua maioria, na quadra poliesportiva, como o futsal, basquetebol e voleibol.

1.2) PROGRAMA MAIS ESPORTE NO SEGUNDO TEMPO

Criado pela Secretaria Municipal de Esportes de São Paulo e conveniado ao projeto Segundo Tempo do Ministério do Esporte, o Programa Mais Esporte é desenvolvido em áreas mais periféricas da cidade, com a atuação de ex-atletas de diferentes modalidades como difusores. O objetivo do programa é oferecer às crianças e jovens, na faixa etária de 7 a 17 anos, matriculados na rede de ensino da cidade de São Paulo, um conjunto de atividades esportivas e recreativas em horário complementar ao de suas aulas normais, por meio das escolinhas de futebol organizadas nos CDMs, Clubes da Cidade, parques municipais e outros equipamentos esportivos, localizados principalmente em bairros periféricos de São Paulo.

De modo geral, nas diferentes formas de divulgação do programa, as atividades esportivas são concebidas pelos formuladores do projeto como práticas “direcionadas para o fortalecimento dos valores sociais da criança: convivência, auto-estima, liderança, disciplina e solidariedade e pela paz, contra a violência, pelo respeito e a tolerância e contra as drogas”, conforme é assinalado na revista de divulgação.¹³ Há, assim, uma preocupação em atender crianças e adolescentes das periferias paulistanas, locais tidos como espaços com poucas opções de lazer e esporte.¹⁴

Um dos pontos-chaves do programa, segundo seus formuladores, é a parceria com ex-atletas de renome, que funcionam como seus *difusores*, cuja função seria “lidar com crianças carentes”. Além da imagem destes atletas, aposta-se nos contatos e vínculos destes atletas com clubes, equipes, empresários e outros agentes. Composta por mais de 65 ex-atletas de diversas modalidades, a equipe futebolística conta com ex-jogadores de futebol famosos – entre eles Coutinho, Badeco, Geraldão, Dorval, Mengálvio, Basílio, Felix, Leivinha, Ataliba e Edu Bala e Felix –, vários com passagem pela Seleção Brasileira e alguns com presença em Copas do Mundo de Futebol; há também outros pouco famosos, principalmente para as gerações mais novas.¹⁵ Faz-se uso, portanto, de agentes vinculados à história do esporte e do futebol como referências positivas para as crianças e jovens.

Estas lideranças esportivas são usadas para reforçar a opção pelo esporte. Passa-se a idéia de que vários destes ex-jogadores também foram crianças carentes, mas que tiveram oportunidades para seguir caminhos distantes do mundo do crime, da rua e da violência. Silva, por exemplo, ex-jogador de futebol e atualmente professor da escolinha do CDM Cidade Líder, gostava de levar fotos antigas dos tempos de jogador para mostrar aos alunos, que demonstravam curiosidade por sua trajetória. Ele se disse acostumado à

¹³ Ver ANEXO 01.

¹⁴ Faz parte do planejamento do programa a distribuição de merendas após cada treino, compostas de biscoitos e achocolatado, como complemento à alimentação recebida em casa e na escola. Além disso, a Prefeitura fornece os meios de transporte para as partidas dos campeonatos e para os passeios educativos.

¹⁵ Grande parte destes ex-jogadores, incluindo Silva, já atuava na Secretaria Municipal de Esportes por meio de contratos individuais de prestação de serviços. Esses contratos eram, porém, segundo Silva, constantemente interrompidos. Por meio de concorrência pública, a SEME organizou contratos mais longos diretamente com a Cooperativa de Trabalho de Esportistas Prático, da qual os ex-jogadores fazem parte. Isso deu estabilidade ao trabalho desempenhado pelos difusores.

violência do bairro, já que sempre morou em Itaquera. Devido a este antigo vínculo, não teve que conquistar a confiança dos moradores e superar a desconfiança dos pais e mães. Dificuldades vivenciadas por alguns difusores em outros bairros periféricos da cidade.

Portanto, o programa Mais Esporte pauta-se por certos princípios: voltar-se para uma população jovem pobre, carente de espaços de sociabilidade e de lazer, em contato com a violência cidadina, que ocupa seu tempo na rua e está suscetível ao tempo perigoso do ócio. Isso é reafirmado por Silva, quando aponta que seu trabalho de difusor é “uma forma de combater à violência”, isto é, tem como objetivo afastar os menores da rua e da criminalidade. Assim, parte do discurso dos formuladores do Mais Esporte era reforçado nas conversas com Silva: “esporte como caminho para a cidadania”, “esporte como uma ferramenta de inclusão social da molecada”, “trazer o esporte para a periferia”, “esporte para crianças carentes”. Discurso esse também reforçado por Flávio Minuano, difusor e ex-jogador de futebol, ¹⁶ hoje professor da escolinha de futebol do CDM Ermelino Matarazzo: “Minha função é ensinar crianças carentes”, comentou num dia de disputa do Campeonato Mais Esporte 2007. ¹⁷ Opinião compartilhada por um pai, que acompanhava a conversa: “O Mais Esporte é mais uma chance para a molecada. Não só para tentar seguir carreira. Serve também para ocupar o tempo desses jovens. E de uma forma construtiva”.

Partindo desta preocupação com a inclusão social das crianças e jovens de diferentes bairros de São Paulo, aponta-se, nos mesmos meios de divulgação, que a preocupação principal não é formar atletas e jogadores nas diferentes modalidades, mas sim estimular a prática esportiva. Prioriza-se, assim, o desenvolvimento das habilidades motoras e sócio-educacionais dos alunos por meio de uma postura pedagógica de aplicação do esporte educacional, que evita supervalorizar a competitividade. O programa pode até levar à formação de futuros atletas e jogadores, embora não seja o objetivo principal.

Ao trabalhar o esporte como uma ferramenta de educação integrada, sem a finalidade de transformar as crianças em futuros atletas, permite-se que ocorra a formação de uma rede de agenciamentos paralela à execução das atividades do programa, o que pode ser verificado nas observações no CDM Cidade Líder. Assim, a possibilidade de direcionamento para categorias de base de clubes ocorre, em grande parte, à margem da atuação do Mais Esporte no Segundo Tempo. Deste modo, a aposta na possibilidade do ex-atleta *difusor* funcionar como um agenciador dos garotos na busca pelo ingresso nas categorias de base de algum clube termina por ser a principal política de direcionamento das crianças e jovens com potencial para prosseguirem na carreira de jogadores.

¹⁶ Jogou em diversos clubes, sendo mais reconhecido por suas passagens por Corinthians e Fluminense nas décadas de 1960 e 70. Como ele mesmo frisou, é lembrado por quase participar de duas Copas do Mundo de Futebol: a da Inglaterra, de 1966, e a do México, de 1970. Na primeira ocasião, sofreu uma contusão antes da convocação. Na segunda, apesar de participar de partidas pelas eliminatórias para a Copa, Flávio Minuano ficou de fora, pois segundo ele: “o presidente Médici gostava de ver do Dario, o Dadá Maravilha, e o Zagallo convocou-o como atacante reserva”.

¹⁷ Tive a oportunidade de conhecer Flávio pessoalmente, pois o CDM Ermelino disputava com o CDM Cidade Líder as vagas do mesmo grupo para a segunda etapa.

Pensando especificamente nos aspectos de competição e formação de atletas, vale salientar que a SEME desenvolve um trabalho específico no Centro Olímpico de Treinamento e Pesquisa (COTP), diferente assim do trabalho desenvolvido em outras unidades da Prefeitura, tais como Clubes da Cidade e Clubes Desportivos Municipais (CDMs). O COTP é o órgão responsável por promover o desenvolvimento de atletas e equipes competitivas nas categorias de base. Criado em 1976, o COTP oferece, gratuitamente, apoio e suporte técnicos aos atletas selecionados para as equipes de competição: auxílio-transporte, alimentação, assistência médica e odontológica.¹⁸ Embora seja uma forma de planejar as carreiras de jogador e atleta, sempre com a justificativa de ser uma alternativa para as crianças e jovens melhorarem de vida, essa proposta não atende à amplitude de crianças e jovens participantes dos projetos. São poucos os jovens selecionados para esse acompanhamento no Centro Olímpico. Seleção essa que ocorre, principalmente, ao longo do Campeonato Mais Esporte no Segundo Tempo, que reúne as equipes de cada praça esportiva onde é desenvolvido o programa.

Além disso, a presença institucional dos órgãos públicos responsáveis, assim como das entidades formuladoras do projeto Mais Esporte, só era percebida, com raras exceções, na realização de campeonatos municipais e regionais. Há, portanto, uma ênfase na realização de campeonatos e torneios de alcance municipal, que ocorre, porém, de forma desmedida quando comparada ao acompanhamento apenas parcial das atividades cotidianas realizadas no CDM Cidade Líder.

Em setembro de 2007, por exemplo, a Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação (SEME) oferecia várias opções esportivas para os paulistanos, como a fase municipal dos Jogos da Cidade, o V Campeonato Mais Esporte, o **2º Festival Mais Esporte de Capoeira Infanto-Juvenil**, o **Sampa Skate**, entre outros. **Realizei rápidas observações em diversos eventos, e de forma mais detida no V Campeonato Mais Esporte. Direcionado exclusivamente para um público infanto-juvenil e realizado desde o ano de 2003, o campeonato começa com uma etapa regional, disputada simultaneamente em cada uma das subprefeituras da capital, cujo campeão se qualifica para disputar a etapa municipal, que consagra o campeão do torneio. Além das disputas regionais e municipais, também são realizados festivais específicos. Ao longo do ano, outros campeonatos foram realizados e tiveram repercussão em diferentes contextos visitados ao longo da pesquisa, apesar de não contarem com a presença de equipes do CDM Cidade Líder.**¹⁹

¹⁸ O centro de formação de atletas oferece treinamento para crianças entre sete e dezessete anos, de ambos os sexos, em onze modalidades: atletismo, basquete, boxe, futebol, futsal, ginástica artística, handebol, judô, luta olímpica, natação e vôlei. Para isso, o COTP dispõe de quadras poliesportivas, piscina olímpica aquecida, ginásio para ginástica olímpica, área para a prática do judô e da luta olímpica, campos de futebol, pista de atletismo, academia de boxe, sala de musculação, auditório e alojamentos.

¹⁹ O mais famoso deles talvez seja a Taça Cidade de São Paulo, disputada ao longo do ano, e que aponta como objetivos o incentivo à prática correta do futebol entre crianças e jovens do município; promover a saúde através da prática esportiva; utilizar o futebol como fator de inclusão social; propagar o espírito de equipe; formar cidadãos e revelar novos talentos. É voltada para garotos de 12 a 17 anos, divididos três categorias – Mirim (12 e 13 anos), Infantil (14 e 15 anos) e Juvenil (16 e 17 anos) –, praticantes em clubes esportivos, clubes municipais e estaduais da cidade, associações comunitárias, academias e escolas de futebol. Com jogos realizados sempre aos sábados, tal Taça apresenta uma primeira fase regional, da qual saem as vencedoras que disputarão a etapa municipal em

1.3) POLÍTICAS SOCIAIS DE ESPORTE

A questão das políticas públicas vem despertando o interesse crescente de outras Ciências Sociais, visto que não se deve considerá-la um tema somente de uma área específica de conhecimento. Assim, convém explorar as contribuições da antropologia para a sistematização de uma agenda de pesquisa em políticas públicas e avaliação das mesmas. Preterido frente a outros setores no conjunto das ações governamentais, o fenômeno esportivo foi sim alvo de cuidado e intervenção do Estado, o que configurou, durante o século XX, numa parceria entre poder público e sistema esportivo (Stigger, 2002, 86). Tal parceria vem ganhando novos contornos nas últimas duas décadas, mobilizando temas como *direitos sociais e políticas neoliberais* (Melo, 2005).²⁰

Segundo Hikiji (2006), houve a partir da década de 1990 um aumento na oferta de projetos educacionais – públicos, empresariais, ONG's ou iniciativas autogeridas – vinculados às atividades artísticas e esportivas, que declaravam ter como objetivo criar novas possibilidades frente a um mundo de violência e carência (afetiva, financeira, de chances, de lazer) ao qual os jovens estão expostos. Como é possível perceber no trabalho de Deccache-Maia (2003), existe uma tendência, desde a década de 1960, para o uso do esporte enquanto direito social, o que viria a ser institucionalizado a partir da Constituição de 1988. Posteriormente, tanto na Lei Zico, de 1993, quanto na Lei Pelé, de 1998, o esporte como prática educativa estaria presente. Estas leis, porém, foram lidas e criticadas, na maioria das vezes, por regularem estritamente o universo espetacularizado da prática esportiva. Isso poderia explicar, em parte, os poucos avanços na área das políticas sociais.

De toda forma, não é meu objetivo rotular a proposta do Programa Mais Esporte e o trabalho realizado no CDM Cidade Líder, mas sim problematizar alguns dos desígnios²¹ utilizados por formuladores das políticas públicas para justificar sua importância.

confrontos eliminatórios. Embora organizada pela Prefeitura da cidade de São Paulo, ocorre a participação de outras equipes da Grande São Paulo e de outros municípios.

²⁰ Tais projetos são pautados por compreensões funcionais e utilitárias, e por um discurso de inclusão social pelo esporte, e superação da exclusão social. Para este debate, é preciso, antes, compreender os diferentes usos das expressões exclusão e inclusão, visto que a noção de exclusão social tem um uso social e acadêmico variado e muito impreciso. Inúmeras complicações se apresentam conforme as precisões conceituais se fazem necessárias, muito pelo fato de ser uma expressão polissêmica que é aplicada em diferentes situações. Em outra perspectiva, exclusão e inclusão podem ser compreendidas também como categorias nativas, ou seja, como representação de um sujeito. Portanto, para além do conceito de exclusão, é preciso compreender seus usos, apropriações e atribuições de sentidos, pelo fato destes revelarem disputas de significados mais complexos do que as conceituações colocam. O uso a que faço referência aqui diz respeito à tematização dos problemas sociais, das desigualdades e das políticas públicas, quando exclusão social vincula-se ao processo de restrições ou limitações dos direitos sociais que levaria à condição de exclusão de parcelas específicas da população, tais como crianças e jovens moradores de bairros periféricos, como os aqui pesquisados.

²¹ Neste caso, o uso do esporte enquanto prática corporal disciplinadora (Elias; Dunning, 1992; Bourdieu, 1983), que desperta o interesse de crianças e jovens e, por isso, interessante para ocupar o tempo dos mesmos e afastá-los do universo das práticas ilegais e violentas.

Vários dos aspectos vinculados aos objetivos do programa Mais Esporte no Segundo Tempo já foram observados por Zaluar (1994)²² e Hikiji (2006).²³

Na Cidade Líder, foi possível observar que há, nas falas dos atores pesquisados, principalmente dos coordenadores e pais dos sujeitos beneficiados, uma ênfase que envolve freqüentemente os conceitos de “tempo” e “rua” para justificar a prática do esporte, em sentidos positivos e negativos, assim como a função ocupacional do esporte.

Vários atores ao se referirem à escolinha de futebol enfatizavam a dimensão temporal da prática: “é bom para matar o tempo”; “ocupa o tempo deles”. Ao fazer referência a este tempo não-escolar, o pai do Nathan (97) reiterou o dito popular: “*Cabeça parada, oficina do diabo*”. Assim, repete-se entre vários atores o discurso que fundamenta em boa parte as políticas sociais. Este tempo seria ocioso pela não ocupação do período vivido fora da escola. Deste modo, enquanto nos estudos sobre lazer, o tempo ocioso e livre é investigado em oposição ao universo do trabalho, aqui se coloca em oposição ao tempo escolar. Existiria, portanto, um tempo não-escolar perigoso, estimulador de violência e da desordem, o que exigiria como solução a ocupação do mesmo por meio do futebol.

Esse tempo perigoso seria vivido num espaço igualmente perigoso: a rua. Essa é a concepção pela qual os formuladores do programa Mais Esporte justificam o investimento no projeto: tirá-los da rua por meio da prática futebolística. A elaboração do projeto social aqui estudado evidencia uma concepção da prática esportiva como ação ocupacional; uma solução que serve para “matar o tempo” e, também, atribuir sentido à vida das crianças e jovens das áreas mais periféricas da cidade de São Paulo. Tal enfoque é expresso na já citada categoria *situação de risco*,²⁴ utilizada para adjetivar crianças e jovens em projetos sociais que pensam o esporte como meio de intervenção em áreas com concentração de jovens de baixa renda.

Nos recortes aqui pesquisados, todavia, poucos pais e moradores adultos do bairro definiam o público-alvo desses projetos como “crianças carentes”. Apesar de concordarem que o futebol promovia cidadania, socialização e ampliação do universo cultural do

²² Em sua pesquisa sobre projetos de prática esportiva para jovens nos anos 80, Zaluar apontou a tendência de se classificar a prática esportiva num sentido utilitário, quando associada às classes populares, e num sentido ocioso e desinteressado, quando associada às classes abastadas (1994, 59). Assim, ao avaliar os resultados da política social daquela década destinada ao jovem pobre, a autora refletiu sobre as propostas destes projetos de complementar o período escolar e preparar a juventude pobre para o trabalho. Muitos deles amparados nos índices de criminalidade e violência, crescentes na década de 80, assim como nos dados da crise econômica brasileira.

²³ Em busca dos diversos significados do aprendizado e da prática musical entre crianças e jovens de baixa renda em São Paulo e internos da Febem participantes do Projeto Guri, Hikiji (2006) investigou os aspectos pedagógicos, estéticos, políticos e performáticos de algumas propostas de intervenção social por meio da prática musical, para além de estigmas e estereótipos – como violência, criminalidade, pobreza – constantemente vinculados a uma juventude nomeada em situação de risco.

²⁴ Para uma análise da construção dessa categoria, conferir capítulo 2 de Hikiji (2006, 71-99). Muitas destas classificações, sentidos e identidades atribuídas à juventude de baixa renda ou ao fazer musical não correspondiam às imagens que as crianças e jovens participantes do projeto construam, como observa Hikiji. Os significados atribuídos pelos jovens ao fazer musical variavam, “ora um quebra-galho, um passatempo, ora ‘tudo’ na vida de alguém” (2006, 65). Para pais e alunos mais velhos, o aprendizado revelava, numa perspectiva utilitária da prática musical, a possibilidade de formação e inserção profissional, nos moldes de um curso profissionalizante. Ou, num sentido oposto a esse, podia ser ainda uma prática para o lazer e diversão, e para matar o tempo dos jovens em situação de risco; um tempo perigoso, de ócio nas ruas. Portanto, como demonstrou Hikiji, não há apenas uma imagem ou representação em construção, mas inúmeras e diversas que revelam novas formas dos jovens de baixa renda olharem o mundo social, incluindo a auto-imagem construída pelos jovens, foco dos projetos.

público-alvo, eles não aceitavam a proposta de que a escolinha visava “tirar as crianças das ruas”. Seus filhos não eram crianças de rua ou carentes.

Na leitura de DaMatta (1991), a rua seria, de um modo geral, o espaço do que é público, impessoal, desconhecido, perigoso e violento; não conhecemos as regras da rua. Ocuparia, assim, uma posição antagônica à casa, lugar da harmonia, da tranqüilidade, da segurança e onde as regras estão bem definidas e conhecidas. DaMatta, porém, mostra como casa e rua não são espaços de significação rígidos, como também pude observar nas conversas em campo. Se a rua é um espaço pouco valorizado, por outro, ficar em casa, para algumas crianças e jovens da escolinha, não é uma opção agradável. Em casa, apesar do tempo em frente à televisão, o dia é composto também por tarefas domésticas – arrumar a casa, lavar a louça, cuidar dos irmãos – para ajudar a mãe.

Por isso, muitos garotos afirmaram ficar o menor tempo possível em casa, arranjando trabalho de meio período, ou jogando bola o dia inteiro. Isso já fora notado por Santos e Vogel (1979), que observaram, por meio do futebol jogado nas ruas, que na relação *casa e rua* podem existir distintas gradações entre os pólos público e privado, sendo que, em certos momentos, *a rua vira casa*, ou o inverso. O futebol jogado na rua seria, para os autores, um momento de apropriação privada do espaço público (1979, 96-103).²⁵

Entretanto, o tempo fora de casa não é necessariamente o tempo na rua. As terças e quintas-feiras, crianças da CCA (Casa da Criança e do Adolescente) participavam dos treinos comandados por Silva no CDM. A CCA é uma creche católica gratuita organizada por uma das igrejas do bairro, bem próxima ao CDM, que cuida nos horários não-escolares de crianças e adolescentes cujos pais trabalham o dia inteiro. Com poucos funcionários, a CCA recebe também ajuda de voluntários. Dona Cida é funcionária há três anos da CCA. Recebe menos que um salário mínimo, mas diz que está bom, pois cuida das crianças “mais para ajudar”. Aposentada, já não precisaria trabalhar com a criança. “Mas, sabe como é, *cabeça parada, oficina do diabo*; não consigo ficar parada, e com meus filhos já tudo grande, preciso fazer alguma coisa”, observa, ao refletir sobre o seu tempo ocioso após a aposentadoria.

“Não sei como, mas tem que tirar estas crianças da rua. No meu tempo, já não era coisa boa. Hoje então nem se fala: a molecada aprende muita coisa ruim” afirma Rosana, mãe de dois alunos. Mas tendo em vista que o pai das crianças há muito saiu de casa, Rosana ressalta a dificuldade de manter seus filhos em casa o tempo todo, principalmente no período diurno. Se no período vespertino a escola ocupa o tempo dos seus filhos, o período matutino revela-se um problema, como comenta: “Por mim, ficariam em casa. Mas eles brigam muito, é um inferno. O Conselho Tutelar já baixou lá em casa. A opção foi deixar meus filhos na OZEN [*antiga denominação da CCA da Cidade Líder*] de manhã”.

²⁵ Apropriação dos espaços que se dá, também, de forma conflituosa, pois as discordâncias e cizânias sempre podem ocorrer quando há a apropriação de espaços de uso coletivo. A política da rua (Santos; Vogel, 1979) pode ser compreendida, portanto, como uma disputa pelo direito de usar a rua por meio de uma intensa negociação do espaço.

Crianças e jovens relataram que não têm muita opção, pois as mães não as deixam sair de casa ou do prédio da COHAB para brincar. Afirmaram, ainda, que se pudessem escolher, optariam por ficar na rua ou mesmo na escola, pois ambas seriam alternativas melhores que a esfera doméstica, local onde, segundo algumas destas crianças, tinham que ficar ajudando nos serviços domésticos, limpando a casa, preparando as refeições e cuidando dos irmãos mais novos. Assim, a experiência de estar em casa associa-se aos deveres da escola ou às tarefas domésticas. Além disso, nem sempre o espaço da casa é da proteção, como pode ser visto no depoimento de Marcelo (94), que fugiu de casa diversas vezes no Maranhão. Preferia ficar a maior parte do tempo na rua, por causa das brigas em casa com a madrasta. Hoje, morando na Cidade Líder com sua bisavó, Marcelo afirma gostar de ficar em casa: “fico vendo televisão na sala, como lanche...”. Passa, porém, boa parte de seu tempo na rua, jogando bola ou distribuindo folhetos comerciais pelo bairro para ganhar um dinheiro.

A rua, nesse sentido, é um espaço de significação e de sociabilidade juvenil nas áreas periféricas. Foi o que observei na prática do futebol de rua, principalmente aos sábados.²⁶ Revela-se, assim, um perfil multifacetado da experiência da juventude nas periferias paulistas, no que se refere aos seus modos de apropriação do espaço urbano e ampliação das redes de sociabilidade. Alargamento que atravessa os domínios da casa e da rua, em aproximações e distanciamentos entre os dois planos, ambos ao mesmo tempo valorizados e não-valorizados.

A circulação pela cidade ainda não faz parte do cotidiano de muitos jovens. Conhecem os bairros vizinhos (Cidade Tiradentes, Guaianases, São Miguel etc.), porém andaram pouco pelos *centros* de São Paulo.²⁷ Tanto que quando eu ouvia o termo “centro”, era em referência ao centro comercial de Itaquera.²⁸ Diversas vezes reclamaram da repressão policial nas suas andanças por outras partes da cidade, maltratados como se fossem delinquentes e perigosos: “Já vi espancaram um cara com uma toalha molhada”, reclamou um aluno da escolinha. Ao mesmo tempo, alguns jovens que se queixaram da repressão policial, narravam orgulhosos suas circulações transgressoras pela cidade enquanto torcedores filiados a certas Torcidas Organizadas dos clubes de futebol. Ter sido parado ou apreendido por policiais também era considerada uma prova de masculinidade.

Adriano, freqüentador do CDM e jogador de várzea, criticou a ação policial, porém reclamou das atitudes dos próprios jovens: “Se o cara é negro e pobre, ele está lascado. Ainda por cima vêm esses moleques e ficam descolorindo o cabelo... assim chama a atenção dos policiais”. Havia uma visível preocupação dos jovens com a aparência, de usar as roupas certas, camisetas e tênis de marca. Alguns garotos afirmavam que se vestir bem era fundamental quando iam para outros cantos da cidade, principalmente para os bairros da Zona Leste mais próximos da região central, como o Tatuapé e a Mooca.

²⁶ Algo que será melhor observado no segundo capítulo.

²⁷ Sobre as centralidades históricas, culturais e empresariais em São Paulo, ver Frúgoli Jr. (2000).

²⁸ Circulação limitada também para algumas crianças e jovens mais favorecidos economicamente, contidos em condomínios residenciais (Caldeira, 2000), embora estes tenham maior acesso aos equipamentos culturais e de lazer.

“Quando digo que moro em Itaquera, as pessoas já ficam me olhando diferente”, afirmou Jonas (92). “Mas aqui em São Paulo é assim: os ricos moram em um lugar e os pobres em outros lugares. Não se misturam”, completou o jovem. O espaço de controle mais citado foi o dos shopping centers.²⁹ O modo de andar, as roupas, corte de cabelo, gírias, etc., resultavam do entrelaçamento das várias experiências vividas por estes jovens e dos seus múltiplos grupos de pertencimento: da periferia, torcedores, jogadores, funkeiros, trabalhadores etc.

Ainda segundo Adriano, falta aos jovens essa aprendizagem de viver e andar na cidade, bem como enfrentar os desafios que a cidade coloca: no deslocamento pela cidade, as crianças e jovens interagem com outras pessoas. Eram freqüentes as perguntas em relação à USP, quando eu dizia os objetivos da pesquisa: “onde fica a USP”, “quanto tempo demora para chegar” e “tem que pagar alguma coisa para entrar”. Muito circunscritos ao seu local de moradia, a circulação na cidade, para alguns deles, ocorre por meio da escolinha do CDM, quando há jogos contra equipes de outros bairros, ou na realização de testes e peneiras em diferentes partes da cidade.

A trajetória de Rafael (85) – nascido e criado na Cidade Líder – permite compreender algumas dessas ampliações de círculos sociais. Em 1999, ele participou de uma peneira realizada no Centro Olímpico da SEME, organizada para selecionar uma equipe de garotos que representaria os CDMs paulistanos num campeonato disputado no Japão. “Chegou lá, o cara falou: ‘Você joga do quê?’ ‘Eu sou volante’. ‘Vai de zagueiro para mim’. Aí eu passei de zagueiro [...] tinha duzentos moleques, eu fiquei entre os dezesseis”. Foram duas semanas de viagem, com partidas em cinco estádios, inesquecíveis para um garoto prestes a completar 14 anos:

Rafael: É, nossa, maior feliz. O engraçado é que foi assim: tem o Paulo Moura, não sei se você conhece, ele era o dono do Botafogo.

E: *Ah, sei quem é... é o dono da escola.*

R: Da escola, isso. Na época, eu estava conversando com o meu pai, aí meu pai falou: “O Paulo Moura vai assistir o jogo do Palmeiras.” Que era em Tóquio, a final da Libertadores. [no caso, a final do Mundial Interclubes de 1999] “O Palmeiras vai pra lá”. “Caramba hein? Está com o dinheiro, eu queria ir pra lá”. Aí pintou a vaga, eu não sabia que ia ter esse jogo, acabei indo, assisti o jogo do Palmeiras.

E: *Nossa...*

R: Sim, eu estava lá, atrás do gol do Marcos, quando o Marcos tomou o gol. Eu estava no estádio, torcendo para o Palmeiras, por incrível que pareça...[*Rafael é são-paulino*] Estava torcendo pra eles, voltamos no avião com eles, tirei foto com todo mundo...

E: *Com jogadores?*

R: É, da hora, foi muito gostoso. O Evair [*centroavante que jogou no Palmeiras e Vasco*] falou que eu era gato: “Você é gato, cara.” Que eu sempre fui alto. Ele falou assim: “Você é gato, hein moleque? Quantos anos você tem?” Eu falei: “Treze.” Ele: “Ah treze nada, isso é gato”.³⁰

²⁹ Para uma abordagem antropológica sobre uso dos shoppings por grupos juvenis, ver Frúgoli Jr. (1992).

³⁰ O termo “gato” faz referência à prática da adulteração da idade de jogadores jovens no futebol. A redução da idade permite a um jogador parecer mais jovem e assim participar de competições e partidas destinadas a um intervalo etário inferior. Acredita-se que ter jogadores com idade mais avançada do que a permitida contribua para um me-

A viagem para o Japão foi um momento chave na vida de Rafael, surpreso com a repercussão. Após a viagem, Rafael recebeu convites para novos testes e, também, ofertas de vagas em alguns clubes de São Paulo:

Assim que eu voltei do Japão o cara me chamou... chamou eu e o outro zagueiro que jogava lá, falou: “Vocês vão para o Guarani.” Aí a gente foi para o Guarani, ficamos um tempinho lá, ficamos uns dois meses só, no Guarani, aí voltamos, não estava gostando de lá, estava muito ruim lá. Voltei para São Paulo. Ia ter o teste no Juventus. Fui e passei. Fiquei jogando no Juventus. Aí o Corinthians me chamou para fazer parte do grupo do time B deles: “Vem fazer parte do time B”. Aí o Juventus me liberou para jogar para eles, aí eu fui, fiquei no time B. Isso eu estava com catorze anos. Fiquei lá até os quinze anos. Aí no Juventus, o cara chegou, meu técnico falou assim: “Vai ter uma seletiva do São Paulo, e eu quero levar você, você e você, eu e mais três moleques. Um lateral-direito e um volante. Acabou o jogo, o cara olhou para mim e falou: “Quantos anos você tem?”. Eu falei: “Quinze”. Ele falou: “Que ano você é?”. Eu falei: “Oito cinco”. Ele falou assim: “Putz, se você fosse oito meia, você já se trocava e ia para o ônibus, você ia treinar com a gente”. Falei: “Nossa”. E eu sou de dezembro, nossa eu fiquei louco, falei: “Pô rapaz, podia me registrar, esperar vinte dias aí e me registrasse. Aí ele falou: “Meu, se você fosse oito meia, juro pra você, você já estava no ônibus treinando com a gente”.

Vinte dias. Foi o que impediu Rafael de ter uma boa oportunidade. Em outras situações, as razões apresentadas foram diferentes. Quando teve a experiência de um ano nas categorias de base da Associação Atlética Internacional de Limeira, período no qual morou no alojamento³¹ do clube do interior de São Paulo, Rafael viveu uma mudança repentina e drástica na comissão técnica do clube:

Trocou o técnico lá no Inter de Limeira, e o cara trouxe todo o time do XV de Piracicaba para jogar. Então, ele foi cortando todo mundo. Eu pensei: “Acho que não vai dar nada aqui, vou embora”. Eu estava treinando com o grupo, mas falei: “Vou embora”. Aí saí, voltei para cá e fui para o Santo André.

Após um ano de experiência nas categorias de base do Internacional de Limeira, Rafael conseguiu uma oportunidade no Esporte Clube Santo André. Porém, não estava em boa condição física, o que o fez perder algumas chances de mostrar trabalho. Além disso, comenta que um novo zagueiro – ruim, segundo Rafael, mas com empresário – acabara de entrar na equipe de base do E. C. Santo André: “O técnico falou: ‘Rafa, você está treinando bem, você está se esforçando, você joga bem, mas eu vou ficar com o outro moleque’”. Rafael nunca teve empresário, fator, segundo ele, vital no universo do futebol: “Os caras te vêem com outro olho”. Sempre quis ter, chegou a correr atrás, porém não conseguiu. Enquanto isso, seu pai é quem investia na sua carreira:

Sim, ele gostava. Ele achava que eu não gostava muito e que ele poderia estar pressionando para jogar. Eu falei para ele: “Pai, a única coisa que me arrependo na minha vida até hoje é

lhor desempenho da equipe. São diversos agentes envolvidos nesta prática, reconhecida como crime de falsidade ideológica: jogadores, pais, empresários, olheiros, funcionários de cartórios etc.

³¹ Experiência não muito agradável para Rafael, que reclama do frio, sujeira e mofo nos quartos. Reclama, ainda, dos treinos físicos puxados comandados pelo treinador: “ele pedia umas coisas que não precisava, ele pedia para correr em volta do estádio, por fora, na subida. Tudo bem, chegava no jogo eu estava voando, mas cansava, era muito chato”. Elogia, por outro lado, a convivência com os outros garotos e as amizades que fez.

de ter parado de tentar, sabe?” Todo dia, eu digo sempre, eu falo para os moleques: “Putz meu, porque eu não continuei?”.

A experiência no Santo André foi a última tentativa. Nervoso e chateado, desistiu da carreira de jogador de futebol e passou a projetar novos planos: “Parei. Fiquei nervoso... me desiludiu, sabe? Falei: ‘Putz mentira isso aqui! Você pode se esforçar ao máximo que só vai ganhar quem tiver algo ali, sabe?’ Mais ou menos isso. Aí fui fazer a faculdade...” A desistência do sonho não impediu de Rafael permanecer próximo ao universo esportivo. No caso, foi por duas formas: ingresso na Faculdade de Educação Física da Universidade São Judas, localizada no bairro da Mooca, em São Paulo; e aceite do convite para jogar pelo Botafogo da Cidade Líder, time de várzea no qual o pai também jogava.

Se durante a semana boa parte do seu tempo fica ocupado com as aulas de Educação Física, aos finais de semana divide sua atenção entre os estudos de pós-graduação e as partidas de futebol de várzea pelo Botafogo da Cidade Líder, principal time do bairro, segundo freqüentadores do CDM, embora outras equipes sejam também muito conhecidas: Sucatão, União, Negritude da COHAB etc. Em outros tempos, a principal equipe fora o Santa Teresinha, que hoje não existe mais, mas que teve um papel decisivo na configuração futebolística atual no bairro:

O Santa Teresinha, vamos dizer assim, deu origem ao pessoal do Sangue Bom. Eles eram o time dos malandros do campo, tinha muita malandragem no time. Tanto que muita gente que jogava no Santa Teresinha foi jogar no Sangue Bom, time de futebol de salão atual bastante conhecido por aqui. Mas na várzea tem muito time, por mais que hoje em dia não tenha tanto campo como antigamente. Onde você vai tem, principalmente na periferia; tem barzinhos que são as sedes dos times, tem lá os troféus. Geralmente o bar tem o nome do time (Chico, jogador de várzea, categoria Máster).

Porém, não só a já tão criticada especulação imobiliária pode ser apontada como principal causa. Muitas equipes foram formadas em décadas anteriores, por uma outra geração. O Botafogo da Cidade Líder, por exemplo, começou como um time de veteranos. Hoje, combina jogadores mais jovens com outros veteranos, porém divididos em quadros diferentes. A geração atual de jogadores, torcedores e colaboradores não possuem o comprometimento com a equipe que a geração original mantinha. Antes, não eram tão comuns a falta de pagamento e “deserções” dos praticantes. Não há mais, segundo Jaílson, o compromisso e a fidelidade dos jogadores com a equipe, o que pode comprometer o futuro da equipe, tal como por ser visto no depoimento de Denis (82):

E: você tem essa idéia de continuar no Botafogo? De manter o time?

Denis: É difícil dizer. Depois que essa turma que fundou o time foi casando, tendo filhos e tal que aí que começou a ter o Esporte. Que aí que sobrinho foi jogar, filho e tal. Então, assim, são poucos os filhos que estão ligados ali com o time. Porque tem essa coisa, vai e volta. Tem época em que está todo mundo ali, [...] depois se afasta, essa coisas... Você vai estudar, trabalhar, não sei o quê. Então, não sei, não é uma coisa que hoje faz parte dos meus planos, assim, pelo menos a curto prazo, a médio prazo. Porque meus planos são de mudar daqui. Ir para um lugar mais perto do trabalho, porque é uma região afastada. Você perde muito tempo para se locomover. Então, se eu mudar, é provável que perca o vínculo, perca os laços.

E: Há um problema então de passar para uma geração mais nova? E não só com o Botafogo, mas também com outros times? Com a mudança de gerações, a tendência é ir diminuindo cada vez mais?

D: Eu não sei se chega a diminuir, porque por mais que você fale que a várzea mudou, você não para de ver molecada aí com chuteira debaixo do braço, indo jogar bola. Acho que isso talvez não seja num número tão grande como no passado, mas acho que acabar, não vai acabar não. Como eu falei, você perde a questão do romantismo que tinha lá trás. Mas futebol ainda tem essa coisa. Mas hoje é muito com a molecada, essa coisa do prazer de jogar e tal, depois quando começa a vir essa questão do profissionalismo, de ver aquilo de uma maneira mais séria, de investir na profissão é... acho que o romantismo meio que acaba. Você cria, principalmente o pessoal da periferia, uma oportunidade de ter uma ascensão social, de conseguir ter um sucesso profissional. Às vezes é a única maneira que a pessoa vê de conseguir ganhar dinheiro para ter uma vida melhor, sair dali onde está.

Atualmente, Rafael é titular do “esporte” do Botafogo, equipe treinada por Jaílson. O time hoje é formado, em sua grande parte, por rapazes que treinavam junto com Rafael na escolinha do CDM.

E: E o pessoal da sua época? Joga pelo “esporte” do Botafogo?

Rafael: Quase todos, então, têm uns... que corriam junto comigo atrás da bola. O Testa chegou a se profissionalizar. Ah, têm uns aí que correm ainda, mais a maioria ficou.

E: Tem muita gente que chegou a ir para clube?

R: Eu, o Testa... ah, tinha... nosso time era bom, que nem agora, o time era bom de bola. Tinha bastante gente, que jogou em Minas, em outros lugares, não lembro de todo mundo, mas tinha quem jogou no Santos, mas todo mundo acabou voltando para cá, tinha um amigo meu, tinha o Guto, ele jogava demais assim, e ele era um ano mais novo que eu e acho que ele estava no Santos, não sei onde ele está, falaram que ele se profissionalizou e está jogando bola em algum lugar por aí.

O desempenho nas partidas do Botafogo realimenta a esperança que alguns têm em vê-lo se profissionalizando no futebol, mesmo com 22 anos. O que é logo recusado por Rafael, não pela idade, mas sim pelo novo esforço de procurar estabelecer contatos com pessoas influentes na área. Aqueles que, segundo ele, atuam como “intermediários” nas relações com os clubes. No Guarani, um conselheiro do clube o levou para lá; para entrar no Juventus, não teve intermediários, fez um teste e passou; chegou ao Corinthians após ser chamado por um dos técnicos da categoria de base, que o vira num jogo contra o próprio Corinthians; a ida para o São Paulo também foi por meio de um técnico das categorias de base, mas neste caso, um do próprio Juventus, após ser contratado pelo São Paulo; por fim, a experiência na Inter de Limeira foi intermediada por um de seus tios, que conhecia o técnico da equipe: “acabou conhecendo por um acaso. Aí falou assim: ‘Tem o meu sobrinho, zagueiro, joga bem, um e noventa de altura’. ‘Beleza, traz aqui’”.

Percebe-se, assim, como a prática futebolística “amplia o horizonte” do CDM Cidade Líder para o bairro e deste para outros planos. Os deslocamentos para as partidas permitem o contato com diferentes espaços e públicos, além do encontro entre jovens praticantes de futebol e demais atores; pessoas com experiências de vida distintas, evidenciando aos jovens referências, trilhas, alternativas e possibilidades.

“Ampliação de horizontes” que pode ser entendida, segundo Agier (1999), por meio do conceito de *sociabilidades alargadas*,³² que abarca não somente o plano da sociabilidade masculina,³³ mas também as relações femininas.³⁴ Assim, o CDM proporciona um espaço para práticas sistemáticas e cotidianas de convívio, onde são desenvolvidas uma pluralidade de usos coletivos para além das partidas de futebol: festas, reuniões de associações, recepção de políticos que visitam o bairro, bailes *funk* aos sábados etc. Contudo, não há dúvida de que o futebol é o principal meio pelo qual se dá o fortalecimento dos laços de solidariedade entre os seus frequentadores. É o que defendem os sócios, que utilizam o campo nas manhãs de sexta-feira e de domingo para as disputas de partidas de futebol entre eles e, eventualmente, contra outras equipes.

Assis – sócio do CDM, pai de um ex-aluno da escolinha e hoje jogador do Botafogo da Cidade Líder – acredita que a escolinha do CDM fornece aos jovens oportunidades que eles não teriam sem a prática futebolística. Afirma ainda tentar ser um dos responsáveis por essas chances, fazendo a mediação entre os garotos e agentes vinculados ao universo espetacularizado. Porteiro, Assis trabalha num prédio residencial do bairro Anália Franco,³⁵ na zona leste paulistana. Neste edifício, alguns jogadores, agentes e empresários ligados ao Corinthians têm apartamentos. Por meio de contatos com estes agentes e empresários, Assis tem configurado um tipo de parceria: acompanha, nos horários de folga, treinos e partidas nos campos de várzea da zona leste de São Paulo, observa o rendimento de garotos de diferentes idades e faz a mediação necessária com a família e o jovem para levá-lo ao clube em nome dos empresários. Caso o garoto seja negociado posteriormente com algum outro clube ou agente, Assis ganha uma pequena porcentagem do valor da negociação.³⁶

Há, assim, uma ênfase nas redes de relações que permitem a ampliação das atividades do CDM para além do futebol, discurso que é reforçado quando o assunto é a escolinha, pois o saber futebolístico pode ser compreendido enquanto um fenômeno que liga as pessoas em redes de solidariedade e reciprocidade, que podem ultrapassar os

³² Domínio, segundo Agier (1999), das redes de relações formadas a partir das situações de interação no nível microsocial e que podem se ampliar e alargar em redes que alcançam as macroestruturas sociais.

³³ O torneio de futebol seria um espaço privilegiado para a observação de redes; uma situação interacional onde as distinções entre as equipes, mais do que por categorias, seriam relacionais, com cada equipe reunindo por volta de vinte participantes, a partir de um núcleo inicial de três ou quatro pessoas. Equipes formadas por amigos que foram colegas de escola, outras a partir de núcleos familiares ampliados na vizinhança imediata e aquelas por solidariedades especializadas por categorias profissionais ou função.

³⁴ Para Agier, as mulheres atuam como protetoras e organizadoras do ambiente doméstico, o que não significaria uma atuação menos urbana; ao contrário, a vida doméstica seria marcada pela individualização dos projetos, no máximo com articulações em duplas ou trios que atuam em espaços esparsos (na rua, entre amigas, comadres), formando uma rede de lugares dentro e fora do bairro. Portanto, a sociabilidade das mulheres não seria menos circulante que a dos homens (1999, 111-13).

³⁵ Localizado na Zona Leste de São Paulo, o bairro Anália Franco ocupa a área mais valorizada da região, destoando dos demais bairros da Zona Leste. Sem grandes pontos comerciais, exceto pelo shopping que atende pelo nome do bairro, a região se destaca pela infra-estrutura e por seus empreendimentos imobiliários residenciais, verticalização destinada principalmente às classes médias e altas.

³⁶ Na semana em que conversamos, após um rachão dos sócios numa manhã de sexta-feira, Assis revelou a Silva sua indignação com um grande empresário, “desses que está toda hora na televisão”, comentou. Um dos garotos que encaminhara foi vendido para um clube de Portugal e ele iria ganhar R\$5.000,00 com a negociação. Valor não repassado pelo empresário: “Ele não aparece no prédio há umas três semanas”.

vínculos fechados à esfera doméstica, e assim, de forma mais flexível, incorporar e envolver estranhos. A criação destes amplos circuitos para além das fronteiras locais ocorre por meio da participação em competições, amistosos, visitas educacionais, contato com a mídia etc. Assim, a construção das redes de relações centradas no esporte possibilita a ampliação dessas para o bairro e a cidade.

1.4) CDM, violência, crime e tráfico³⁷

Dialogando com a temática tratada no item anterior, quando se coloca em pauta a questão do crime e da violência, inverte-se a percepção do espaço. Alguns pais compartilham a opinião de que o CDM é o avesso das ruas, do crime e do tráfico: “O CDM oferece todas as chances para não seguir o mau caminho. Só não aproveita quem não quer”, afirmou o pai de Pablo (93), o que não é, todavia, verificado nas conversas com os jovens, que fazem questão de demonstrar a proximidade frente ao mundo do crime. Assim, sabem que o perigo não deixa de estar longe deles só porque estão dentro do CDM, participando do treino da escolinha.

Longe de ser um “antídoto da rua”, o CDM é um espaço no qual o jovem pobre convive com a presença do crime e da violência, mas não na mesma intensidade vivenciada nas ruas do bairro. Posição que é adotada pela maioria dos alunos, visto que tal espaço não está livre das drogas, com a presença de alguns usuários ao longo do dia, utilizando o espaço para uso ou apenas como passagem a outro ponto do bairro. Um interlocutor importante conta:

Os traficantes não atrapalham aqui, no trabalho que fazemos no CDM... cada um fica na sua. Ninguém mexe com ninguém. Já tivemos alguns problemas, mas era coisa de moleque fumando. Até procuro dar uns toques, tento avisar quando a viatura passa aí. Se cada um ficar na sua, não tem problema. E quem deda tem que se foder mesmo; cagüeta é filho da puta.

Além disso, se para alguns jovens o crime e o tráfico não são os únicos destinos do jovem pobre, para outros não interessam outros caminhos alternativos. Preferem pautar-se por outras experiências vividas por amigos ou familiares. Ao mesmo tempo em que a entrada no mundo do crime pode afastar os amigos de infância, o ingresso em equipes dos diferentes *futebóis* (Damo, 2007) pode atrair o universo criminal e violento para o mundo destes jovens. Assim, se o distanciamento daqueles que fazem parte do mundo do crime parece ser a forma usual de defesa, uma aproximação das redes futebolísticas do bairro pode significar uma imersão involuntária na agenda do tráfico e do crime.

Portanto, a concepção de que as atividades esportivas afastam os menores do universo do crime tem de ser relativizada. Segundo Juan (92), uma partida de futsal contra

³⁷ Temas como o tráfico de drogas colocavam questões importantes na pesquisa, permeando muitas das relações observadas. Por ser um tema de difícil trato, principalmente numa pesquisa cujos principais interlocutores são as crianças, abordei este tema de forma tangencial. Presenciei em campo algumas situações relacionadas ao tráfico e obtive alguns depoimentos por meio de rápidos relatos de moradores. Alguns moradores relatavam como funcionava o tráfico de drogas no bairro, sem que eu perguntasse. Ao perceber que não precisava nem mesmo tocar no assunto ou comentar sobre ele para que chegasse até mim, notei como se tratava de um tema a ser mencionado e analisado.

a equipe de outra área do bairro pode estar marcada pelas relações estabelecidas por diferentes facções do crime. Um jovem pode ser identificado pela área ou bairro onde reside, pela equipe que joga ou que torce etc. Assim, se é possível a ampliação da rede de relações por meio dos elementos futebolísticos, ocorre também deles criarem restrições à circulação dos jovens pelo bairro e pela cidade. Portanto, pode acontecer de um jovem não poder jogar futebol ou freqüentar festas se estes eventos ocorrerem em áreas de grupos rivais.

Quando o assunto é crime e tráfico, grande parte dos garotos mais velhos tinha alguma história para contar sobre parentes, amigos e vizinhos envolvidos com o uso ou comercialização de drogas, assim como histórias sobre batidas policiais, prisões, tiroteios, prisões etc. Percebe-se, mais do que medo, um certo respeito às trajetórias dos traficantes locais: “Não é todo mundo que consegue sobreviver ali e chegar aonde chegou”, comentou certa vez Alan (93), “é preciso procedimento, LHP, mano”.³⁸ Um “proceder” que também seria o diferencial de quem mora na periferia, segundo Denis (82): “eu vejo mais periferia na questão de comportamento [...] mesmo a pessoa que, vamos dizer assim, é diferente da periferia, que é o cara da classe média, ou o cara rico, se ele tem um comportamento que a gente fala na periferia... a procedência dele conforme as regras”. Mas a questão é complexa:

[...] periferia tem vários elementos que caracterizam esse espaço, esse povo que freqüenta, pode ser o negro, o pobre, o nordestino, o rap, o samba, o futebol, o boteco, a questão do bairro [...] Essa coisa do vínculo entre os vizinhos, de brincar na rua. Para criança, você vê vários amigos brincando, apesar de que hoje cada vez diminui mais, por exemplo, pião, bolinha de gude, são coisas que você tipicamente vê na periferia [...] não que na periferia você não tem o perigo da violência, mas é aquela coisa, onde você está entre os iguais, você se sente seguro (Denis (82), ex-aluno da escolinha e morador do bairro).³⁹

³⁸ LHP é o lema Lealdade, Humildade e Procedimento, que estabelece, de modo geral, como devem ser as relações entre membros de uma coletividade. “Procedimento” é o “proceder”, categoria não tem uma definição precisa, mas é óbvio para quem tem procedimento: um modo de ser, uma atitude, ou seja, um conjunto de regras de conduta para sobreviver na adversidade compartilhado em torcidas organizadas, presídios, pichadores e futebol varzeano. A linha que define o que é certo e o que é errado nas relações da várzea é conhecida e respeitada por todos. Não só na várzea, mas também entre perueiros, traficantes, ladrões, presidiários e outros. Atores que transitam nos espaços entre o legal e o ilegal, entre o formal e o informal, e que tangenciam a atuação do Estado: equipamentos públicos e serviços, fiscalização e polícia. Isso foi verificado na pesquisa de Hirata (2005) sobre diferentes práticas relacionadas ao futebol de várzea praticado na periferia paulistana, que ao comparar a história de duas equipes e de seus respectivos diretores, constatou que o diretor de um dos clubes não soube ativar as mediações necessárias dentro da rede de sociabilidade local e cidadina (o que resultou, por este e outros fatores, no encerramento das atividades da equipe); para o diretor de outro clube, por outro lado, era mais fácil acionar esse conjunto de relações, pois sua trajetória pessoal e profissional como organizador de partidas na várzea e feirante facilitava a circulação entre diferentes “mundos” da cidade.

³⁹ Não é meu intuito recuperar, mesmo que de forma panorâmica, alguns dos principais debates sobre periferias – enquanto conceito, objeto de estudo e problema social – nas pesquisas de antropologia e sociologia urbana. Enfatiza-se, contudo, a influência de linhas de trabalho mais recentes que têm adicionado novos elementos ao debate e problematizado transformações ocorridas nas duas últimas décadas, além de questionarem tradicionais abordagens dicotômicas da cidade utilizadas nos estudos sobre produção e apropriação do espaço urbano no Brasil (em oposição a uma visão da periferia a partir de uma referência dualista, como um outro mundo social ou como se fosse outra cidade). Noções como centro/periferia ou incluídos/excluídos são comuns nos debates sobre periferia, que a caracterizam como outros mundos sociais à parte da cidade, particulares, marcados somente pela carência, desorganização, violência e pobreza. Deste modo, as periferias possuem, enquanto espaços de habitação e sociabilidade, uma história secular, e uma atualidade desafiadora: “pode-se dizer que o tema da periferia – não apenas como espacialidade específica de segregação social, mas também como processo, inscrito num campo

Embora muitos convivam desde pequenos com o tráfico e com a violência vinculada ao mesmo, não são todos os que tomam a violência como dada, naturalizando-a. Mas a grande maioria aprende a conviver com a situação:

Olha, eu nunca fui roubado no bairro. Meu primo já foi roubado [...] já roubaram tênis lá de casa, essas coisas assim... mas roubo à mão armada, não. Minha tia foi assaltada há umas quatro semanas, ela estava voltando da faculdade sozinha, o cara tinha uma faca, aí ela passou, o cara roubou acho que... um real, que é o que ela tinha na bolsa, pegou um real e foi jogando as coisas pelo meio do caminho, a gente foi achando depois, a gente foi atrás assim e foi pegando as coisas... mas roubo, roubo não... assim, não é super tranquilo aqui. Mas em qualquer lugar é assim, então não é só aqui. Em todo lugar que você for [...] e eu sou filho do meu pai também. Meu pai conhece todo mundo. E eu cresci aqui no CDM, então conheço todo mundo (Rafael (85), ex-aluno da escolinha e morador do bairro).

João Carlos, pai de Marcos (01), afirma acompanhar o filho à escolinha não por receio do filho ter que atravessar sozinho as ruas do bairro, ou mesmo por temer as amizades feitas no CDM: “eu venho mais como apoio mesmo, acho que o pai tem que estar em tudo ali”. Chega a afirmar que “o bairro é até ‘sossegadão’”:⁴⁰

Eu penso assim: lugar bom existe, todo lugar depende de você, sua conduta: aonde você vai, até que horário você tem que ficar, onde está o bom está o ruim também [...] acho que depende de cada um. Eu estou no bairro vou fazer já mais de vinte e cinco anos, graças a Deus conheço os cara que falam: “Oba” e falo: “Oba.” E tem aqueles amigos que posso até tomar uma cerveja, fica junto e tudo, tem aqueles que só no oba, oba, você entendeu, ele está lá e eu estou aqui e se eu puder, e se eu ver antes que ele está lá também eu nem vou lá, vou para outro lugar, e esse eu tiver que chegar eu vou, oba, oba, acabou e tudo bem, para mim... Cumprimenta normal, acho que eu vou por aí, então meu filho, eu falo para eles: “Vai conhecer os tranqueira, vai conhecer”. Tranqueira que falo aquele que gosta de uns negócios diferentes [...] “não tem problema nenhum, eu só não quero que você se envolva, você não se envolvendo para mim está beleza.” Que papai conhece maconheiro, conhece cheirador, ladrão, conhece tudo, só que nunca me envolvi, então tem que conhecer, conhecer tem que conhecer.” Então aí é onde você tem o seu caminho aberto, você está vindo aí na calada da noite, o cara: “Olha, não, aquele é o Vinicius, deixa ele passar, a gente conversa com ele, ele troca idéia com a gente, sem problema.” Só que não... o negócio é não se envolver.

Violência, crime e tráfico não são, para Denis (82), elementos definidores do bairro, “porque hoje em qualquer bairro que você vai, tem a criminalidade, né? [...] O problema está na questão do tráfico, que já teve períodos de maior violência e período de menor violência”. Segundo ele, as pessoas que moram no bairro sabem quem são, onde

diversificado de representações nativas – continua a constituir um significativo desafio contemporâneo para abordagens antropológicas, sobretudo no caso paulistano, além de sínteses diversas que possa adquirir em contextos distintos, sem descartar evidentemente outros temas ou espacialidades relevantes” (Frúgoli Jr., 2005, 143). Não abordarei com profundidade o desenvolvimento das periferias na cidade de São Paulo, por julgar que tal tarefa já foi bem realizada por outros autores vinculados à antropologia e sociologia urbanas. Para um mapeamento crítico, conferir Frúgoli Jr. (2005).

⁴⁰ Os nomes do pai e filho foram alterados para manter sigilo. Artifício muito utilizado na construção do texto etnográfico, a “impessoalidade da escrita etnográfica” (Silva, 2000, 140) pode ser entendida de diferentes formas. Muitas vezes resultante de algo negociado com os interlocutores durante o campo, que solicitam a manutenção do anonimato, a impessoalidade é evocada, nesta pesquisa, por decisão do próprio pesquisador, mesmo sem a interferência dos sujeitos pesquisados. Optei por preservar, em certos casos, a privacidade dos interlocutores, recorrendo à troca de nomes para evitar que eles sejam identificados. Tal alteração será sempre indicada quando utilizada.

ficam, com que se relacionam, embora prefiram conhecer só o suficiente, aquilo que para eles é importante saber:

Hoje, eu digo que pelo menos aqui no entorno da minha casa, aqui na rua, está mais tranqüilo. Teve período que foi pior. Teve um amigo aqui da rua que virou traficante e tal, então ficou bem pesado. O bar daqui da frente era ponto de droga. Para variar, aquelas estórias loucas de que vai preso, é morto entre eles, é morto pela polícia; aos poucos foram saindo, sumindo. Hoje está mais tranqüilo, digamos que os pontos não são assim tão próximos, são um pouco mais distante, mas estão no bairro. Mas não é tão perto assim. [...] Sempre tem: tem em favela que sei que é ponto, a rua, uma rua aqui em cima que tem um pessoal. Mas eu nunca fui inteirado dessas coisas.

Recebi de alguns garotos dicas importantes sobre o bairro, inclusive sobre locais onde poderia circular, botecos que eu não poderia freqüentar; ou seja, espaços que, segundo os garotos, deveriam ser evitados, pois seriam marcados pelo tráfico de drogas. Isso era reforçado por outros atores, que advertiam para o perigo de freqüentar um mesmo local em momentos diferentes: os pontos de tráfico mudavam com freqüência. Situação que, segundo Celso, antigo dono do bar do CDM, intensificou-se a partir da década de 1980, com a expansão do tráfico de drogas e o aumento da violência no bairro e favelas locais.⁴¹

Assim, não é possível afirmar que exista uma convivência pacífica do CDM e da escolinha com o tráfico de drogas e o crime do bairro. Mesmo a não-interferência se revela uma interferência, tendo em vista que não é coerente pensar em mundos totalmente separados ao abordar o CDM e as ruas do bairro. Considero, assim, que o caso aqui estudado se diferencia do pesquisado por Wacquant (2002). Baseado em sua etnografia, que posteriormente abordou outros aspectos da vida local, o autor compõe uma concepção institucionalista do gueto, marcado pela existência de uma racionalidade local e regular, onde a academia de boxe, para além de um espaço de prática esportiva, atuaria como um lugar assinalado por uma *sociabilidade protegida* (2002, 44), ou seja, um espaço que simbolizaria uma alternativa de *valor moral*⁴² em relação à violência das ruas, à carência de oportunidades e ao uso de drogas. A academia de boxe, segundo Wacquant, seria um *antídoto da rua*.⁴³

Deste modo, tem-se um espaço que congrega propostas sociais, atividades educativas, práticas ilegais e violentas, atividade política etc. Para compreender os muitos sentidos conferidos à escolinha e ao CDM, é essencial conhecer as trajetórias de Silva

⁴¹ O que comprometeu o trabalho do comerciante: embora informasse num cartaz “FIADO SÓ PARA MAIORES DE 90 ANOS, ACOMPANHADOS DOS PAIS”, Celso via-se obrigado a vender fiado inclusive para alguns que nem conhecia, com medo de retaliação, o que só teria lhe trazido problemas. Sobre a rotina comercial de Celso no bar, ver ANEXO 02.

⁴² Vale destacar uma possível contradição no estudo de Wacquant, pois o autor opõe-se, nessa e em outras obras (Wacquant, 1996), à idéia de desorganização social dos guetos, atribuindo a estes espaços certa ordem local. Porém, quando aborda o clube de boxe ao mesmo tempo como “ordem”, o autor de certo modo estigmatiza o espaço do gueto exterior ao salão, como um espaço de “desordem”.

⁴³ Wacquant refere-se à oposição do clube às ruas do gueto de diversas formas: “papel de escudo contra a insegurança” (p. 32), “santuário” (p. 32), “uma ilha de ordem e virtude” (p. 35), “escudo protetor contra as tentações e riscos da rua” (pp. 55-56). Essa alternativa seria construída cotidianamente pela prática do boxe e da formação do boxeador no ginásio, com a remodelação do corpo através das práticas pautadas num espírito de disciplina (2002, 32).

e Jaílson, bem como de outros sujeitos que ali circulam, pois elas evidenciam a heterogeneidade de atores que cruzam a rede e que desfazem as inúmeras categorias utilizadas para descrever os universos aqui pesquisados: amador e profissional, jogo e esporte, centro e periferia, jogador-empresário-clubes, dentre outras.

1.5) Silva e Jaílson: duas trajetórias futebolísticas

Antonio Sebastião da Silva Filho nasceu em Itaquera, em 1954, bairro onde sempre morou, exceto na época de jogador, quando rodou o Brasil atuando por diversos clubes. Silva teve uma infância humilde. Começou a jogar nos campinhos em peladas e posteriormente na várzea: “Porque *antes de iniciar no esporte* sempre gostei de jogar bola, já ficava assim no campinho meio gramadinho, jogava, ia para casa, depois basicamente que iniciei na várzea”. Assim, Silva jogava bola, em diferentes lugares, porém isso fora *antes de iniciar no esporte*, o que viria acontecer com sua entrada nos clubes de futebol.

Na sua época não havia escolinhas. Silva afirma: “a primeira vez que calcei uma chuteira foi num teste no Corinthians, não fui aprovado, mas reconheço que não sabia nem andar, sabia jogar na pelada assim descalço [...] mas depois fui pegando a manha de como usar chuteira, de como jogar, e assim começou”. Realizou o primeiro teste aos quinze anos. Numa época em que havia, segundo Silva, somente as divisões juvenil (até dezoito anos) e profissional (acima de 18 anos), era possível tentar carreira até os vinte e poucos anos. Na época, também não era comum ter empresário, tal como hoje:

[...] quem me ajudava era primeiramente Deus e eu mesmo, porque meu pai assim, não queria que eu jogasse, minha mãe também era neutra, eu que me virava, tinha que correr atrás. Inclusive, na época, eu não tinha nem dinheiro para a condução [...] eu saía daqui de Itaquera pra ir treinar em São Miguel Paulista e muitas vezes eu fui a pé porque não tinha dinheiro, fui a pé e voltei a pé, mas eu queria. Corria atrás...

Participou de alguns testes no Corinthians, na Portuguesa e em outros clubes. Não foi aprovado: “não fui aprovado porque eu não tinha bagagem [...] aquele tempero para jogar futebol”. Após algumas reprovações, teve a chance de disputar o Campeonato Paulista Juvenil pela equipe *Microquímica*. Com o término do campeonato, que jogara pela equipe de São Miguel, Silva foi convidado para jogar no juvenil do Palmeiras. Nem deu tempo para digerir o interesse: surgiu, em seguida, um convite para jogar no Santos: “na época me interessei, porque eu gostava do Santos”. Para concretizar essa ida, Silva teve antes que fazer um novo teste, então no estádio do Nacional A. C.. Aprovado, encaminhou-se para a cidade litorânea de Santos.⁴⁴

Jogar no juvenil do Santos F. C, naqueles primeiros anos da década de 1970, era mágico, segundo Silva. Para começar, tinha o Pelé, que como lembra Silva, só parou de jogar no Brasil em 1974: “Naquele time lá tinha o... Edu, o Jonas, tinha o Clodoaldo, só fera. O Bezerra, Toledo... se for falar dos onze aqui, os onze eram feras [...] E na época, a gente era mais garoto [...] e ficava convivendo ali junto deles...”. Convivência que, num certo momento, exigiu uma difícil escolha: “de continuar no Santos e a chance de jogar

⁴⁴ Na Rua Comendador Sousa, Zona Oeste da cidade de São Paulo.

em outro time [...] eu nunca tinha condições de jogar no time de cima, *[pois havia]* vários zagueiros de alta qualidade”.

A oportunidade surgiu em 1974, porém em outro clube. Jogou na Associação Atlética Francana, emprestado pelo Santos por seis meses. Ainda como juvenil – “um capacho”, segundo Silva –, participou da que seria a última partida do Pelé no interior de São Paulo, num empate sem gols entre Santos e Francana.⁴⁵ Com o fim do empréstimo, retornou ao Santos, com esperanças de permanecer no clube. Porém, naquela mesma partida que marcou a despedida de Pelé dos gramados do interior paulista, Silva chamou a atenção de um diretor do Bangu Atlético Clube (RJ), que estava no estádio para acompanhar o desempenho de alguns jogadores que o Bangu emprestara à Francana.

[...] aí me viu jogando, falou assim: “Pô, você não quer ir pro Bangu?” Falei: “Quero.” Claro, naquela época queria jogar. Eu ia ganhar mais do que eu ganhava na Francana. Aí eu acertei com eles e fui pro Bangu. Só que no Bangu eu não joguei muitas partidas porque eu era novo, era molecão. Joguei duas partidas só. Uma contra o América do Rio no estádio pequeno deles. É eu lembro que o jogo contra o Botafogo foi em General Severiano, lá no campo do Botafogo.

Encerrado o prazo do empréstimo, retornou para o Santos, clube ao qual seu passe estava preso. Novamente sem oportunidades, conseguiu que lhe cedessem o mesmo. Em 1975, emprestou seu passe ao Maringá (PR). Retornou para a Francana em 1976, mas dessa vez vendendo seu passe ao time: “Aí já fiquei com o meu passe preso na Francana. Ali eu disputei 76, 77 e 78. Em 77 fui campeão da divisão intermediária, em 78 disputei o campeonato paulista de profissionais [...] nesse ínterim, o Palmeiras comprou meu passe”.

Contratado pela Sociedade Esportiva Palmeiras, Silva começou o Campeonato Paulista de 1979 no banco de reservas. Quando um dos zagueiros titulares se machucou numa partida contra a Ferroviária de Araraquara (SP), “entrei, dali não saí mais. Entrei, joguei bem. O Telê Santana era o treinador, me deu oportunidade de continuar. Aí eu fiz oito jogos pelo Palmeiras e fui convocado para a Seleção Brasileira e *[participei da]* Copa América”.

A revista Placar – que Silva guarda com muito zelo – trazia uma reportagem de capa com o então jogador do Palmeiras, recém convocado para a seleção. Intitulada *O becão que cumpre palavra*, nela destacava-se a vocação de artilheiro do zagueiro, sua qualidade no jogo aéreo, seus desarmes na defesa e sua seriedade. “O Silva ainda não atingiu o máximo de rendimento que seu potencial lhe permite. Faltam-lhe 30%”, comentava à época seu treinador, Telê Santana. (Revista Placar, agosto de 1979).⁴⁶

Embora zagueiro titular do Palmeiras e convocado para a Seleção Brasileira, a boa fase não durou muito tempo: “no ano de 1980, o estímo estava numa fase ruim. Eu joguei algumas partidas, mas não me firmava porque o time não entrosava. Aí, quando chegou no final de 80, eu saí”. Fez parte de uma negociação de troca envolvendo Palmeiras e Santa Cruz Futebol Clube em 1981. Enquanto o meia-direita Sena veio para o Pal-

⁴⁵ Referências a este jogo podem ser vistas no ANEXO 03.

⁴⁶ Sobre a revista, ver ANEXO 04.

meiras, Silva encaminhava-se para jogar pela equipe de pernambucana. Insatisfeito com a troca? Silva afirma que não, pois além do salário no Santa Cruz ser maior ao que recebia no Palmeiras, ganhara, ainda, uma boa quantia no próprio momento da negociação. “Foi quinhentos mil de luvas lá, quinhentos mil cruzeiros. Quinhentos mil cruzeiros na época era bastante, pô! E ganhava noventa mil cruzeiros por mês. Aqui, eu ganhava setenta mil, no Palmeiras”. No Santa Cruz, o rendimento não foi o mesmo: “chegou lá no Recife, eu não me adaptei muito bem com o negócio de comida e também não deu muito certo lá”. Após apenas um semestre, Silva se transferiu para o Londrina Esporte Clube, do Paraná: “não joguei muitas partidas também, mas fui campeão paranaense em 1981 pelo Londrina”.

Peguei quinhentos na mão e recebia salário de duzentos... Depois, no outro ano, eu renovei por duzentos e cinqüenta mil [...] do Londrina eu fui para um time lá do Mato Grosso. Fiz um contrato de três meses para jogar um mês, já que você não pode fazer contrato de um mês, o mínimo é três meses. Aí eles me deram o dinheiro. Ganhava mais que no Londrina, acho que duzentos e cinqüenta mil. Foram setecentos e cinqüenta mil para jogar lá um mês [...] Aí eu fiquei lá um mês... e me deram um “boné”, um cheque eu não recebi.

Segundo Jaílson, este foi um entre tantos outros “bonés” que Silva tomou. O clube em questão é o Operário de Várzea Grande. Vice-campeão do Mato Grosso, Silva transferiu-se para o Esporte Clube Santo André, numa rápida passagem, pois em seguida seria contratado pelo Esporte Clube Juventude de Caxias do Sul (RS):

Silva: O treinador do Juventude trabalhou comigo na Francana [] sabia do meu potencial, aí pediu minha contratação [...] foi bom para mim na época: o salário que eu queria, deram umas luva boas [...] isso foi em oitenta e dois. Aí fiquei disputando o campeonato gaúcho [...] fizemos um bom campeonato, surgiu a excursão lá para Ásia [...] nós jogamos lá na Coréia do Sul, jogamos lá na Arábia Saudita. Na Coréia nós ganhamos duas vezes da seleção coreana, jogamos na cidade de Busan, que seria a 400 km da capital Seul [...] depois no outro domingo em Seul, ganhamos de dois a zero. [...] Aí nós fomos para Arábia Saudita, jogamos quatro jogos lá, ganhamos os quatro e eu tive a felicidade de ser considerado o melhor jogador da excursão. Quem era o técnico? Nosso técnico era o Felipão, o Felipe Scolari.

E: Foi um dos primeiros trabalhos dele como treinador?

S: É, foi um dos primeiros. O Felipão era do juvenil do Juventude. O Daltro Menezes ficou doente, operação do coração, então não pôde ir. Aí botaram o Felipão para ir com a gente. Para ser o treinador. Ele já começou ali: seis partidas sem perder. Inclusive parece que nessa ele já foi contratado por um time da Arábia, para dirigir um juvenil. Então a gente também deu força para a continuidade...”⁴⁷

⁴⁷ Por sugestão de Mauro, sócio do CDM, consultei o livro de Ruy Ostermann (2002), com uma pequena biografia do Felipão, no qual relata a breve viagem à Ásia. “Uma vez vi um livro sobre o Felipão para vender na banca, logo depois do Brasil ganhar a Copa...tinha a ver com o penta. Mas acho que falava sobre a vida do Felipão. Dá uma olhada”, aconselhou Mauro: “Naquele início de carreira, não habituado à instabilidade da profissão, Luiz Felipe chegou a duvidar da própria capacidade como técnico, como questiona em carta à irmã Cleuza: “Será que um dia darei certo como treinador?”, escreveu. Os temores de um fracasso foram apagados logo adiante, quando retornou ao Sul para treinar a equipe de juvenis do Juventude, em Caxias do Sul. Em outubro de 1982, teve a primeira grande chance na nova atividade: na véspera de uma excursão de 36 dias à Ásia e ao Oriente Médio, o treinador do time profissional do Juventude, Daltro Menezes, que já tinha três pontes de safena, sofreu um infarto do coração. Da cama do hospital, Daltro mandou um recado aos dirigentes do clube caxiense, que não sabiam quem colocar em seu lugar: “Tem um homem aí do lado que é experiente e pode resolver o problema. Chamem o Luiz Felipe”. No total, a excursão teve seis partidas - duas na Coréia do Sul e quatro na Arábia Saudita. O time de Felipão saiu

De volta da excursão, já no decorrer do ano, Silva sofreu uma torção no joelho esquerdo. Não tendo apoio do Juventude, Silva tenta obter novamente seu passe para voltar a São Paulo: “Agora pego meu passe e vendo aí, só que eu peguei o meu passe e fiquei com ele, estou com ele até hoje. Na gaveta, aqui... aí só peguei time pequeno, aí não dava mais pra vender, negociar, então joguei no Uberaba Esporte Clube em 1984”. Após rápida passagem pelo Uberaba, Silva rodou o Brasil. Em 1986 ficou parado, pois achou que as propostas eram muito baixas e que não valeria a pena jogar. “Só vinha proposta baixa, fiquei um ano sem jogar, fiquei o ano todinho parado, aí só saindo. Dinheiro, só saindo”. Atuou, ainda, por outras equipes, todas de pouca expressão na época: Independente de Limeira (SP), Guaçuano de Mogi Guaçu (SP), Itaquaquecetuba (SP), Guaratingüeta (SP) e Jacareí Atlético Clube (SP), clube no qual encerrou a carreira. “Ah, larguei o jogo. O dinheiro, era tipo assim... era igual um operário. Só dava pra você comer. Aí eu falei: ‘Agora eu parei, não vou jogar mais não.’” Silva encerrou a carreira – “largou o jogo” – aos trinta e cinco anos, no ano de 1989, cansado das condições precárias oferecidas pelos times pequenos e pelo salário pouco atrativo:

Encerrei com trinta e cinco anos, só aparecia time de segunda, não queria parar, mas... você vai assim... jogar em time pequeno... é ruim, aí eu parei. O joelho também tava incomodando já na época. Já teve água, já teve torção. Agora... eu parei, jogo mais na várzea, jogo mais em seleções de veterano, de máster. De vez em quando eu jogo no máster do Palmeiras, quando tem convite, eu vou...

Daqui por diante, Silva quer investir na carreira de empresário de jogador: “Quem sabe nos próximos anos, aí já agenciando algumas carreiras. É, é possível. Para frente aí, a gente... se der tudo certo como a gente almeja, partir para esse lado aí. Vai dando certo com um, com dois, aí vai pegando o fio da meada e partir para isso”. Afirma já ter o principal, os contatos: “preciso aprender mais os cacoetes de como se mexe com papada. Mas os contatos sempre tem... com o pessoal da bola”. Descarta trabalhar como técnico, “a não ser que apareça um negócio de fora, que seja bom para mim. A gente está no futebol, pode ser que apareça um convite do Kuwait”.

Jaílson Silva Andrade nasceu no estado de Sergipe e quando tinha quatro anos, mudou-se com a mãe para Salvador (BA). Criado na capital baiana, morou alguns poucos anos em Ilhéus, entre os onze e quatorze anos. Com essa idade, veio com a mãe e a irmã para São Paulo. Chegou direto na Cidade Líder, bairro onde reside há mais de quarenta anos. “Sempre aqui, nunca saí daqui e acho que daqui é pra última morada” comenta Jaílson.

vencedor em todas. Inclusive um 1 a 0 diante do AI Ahli, equipe treinada na época pelo brasileiro Telê Santana. No retorno a Caxias do Sul, Luiz Felipe foi confirmado como técnico da equipe profissional do Juventude” (Ostermann, 2002, 161-162).

A vida de operário, como gosta de definir Jaílson, começara aos quatorze anos em Ilhéus, onde trabalhou em oficina mecânica, aprendendo a fazer funilaria. Foi neste trabalho com funilaria em Ilhéus que sofreu um pequeno acidente na visão, com um leve deslocamento de um dos olhos. Em São Paulo, deu continuidade ao trabalho com automóveis – uma de suas paixões, junto com forró e futebol –, porém então com outra função na oficina: trabalhava com guincho. Foram vinte e cinco anos puxando carro com guincho na Auto Socorro Jair, na época com sede no Brás.

Segundo Jaílson, cada um tem uma história no futebol. E a sua não deixa de ser curiosa. Sempre jogou bola, desde quando era garoto na Bahia. Em São Paulo, teve contato com o futebol de várzea, vínculo que dura mais de 40 anos, como jogador, organizador, técnico, árbitro, mesário, professor de escolinha de futebol e diretor de CDM. Conhecido como “cabeça” quando jovem – que remetia à origem nordestina –, Jaílson prefere outro apelido: “canhão da vila”. Se o Santos tinha, na década de 1960, o ponta-esquerda Pepe, canhão da Vila Belmiro, Jaílson ganhou o apelido por ter um chute muito forte: “Porque eu chutava demais, chutava muito forte... pessoas que me conheciam não ficavam em barreira quando eu batia falta, [se] pegava na barreira o cara ia a nocaute, o cara não ficava em pé de jeito nenhum”. Esse atributo lhe proporcionaria uma oportunidade de seguir carreira, desejada por muitos: conheceu Roberto Rivellino, na época, principal jogador do Corinthians.

Em 1965, Jaílson jogava futebol de várzea na Cidade Líder. Já noivo, morava com sua mãe, o padrasto e a irmã numa casa alugada. Sua noiva trabalhava como empregada doméstica no bairro de Santo Amaro, zona sul paulistana, cuja patroa, inclusive, viria a ser a madrinha de casamento deles:

[...] a patroa dela era vizinha da família dele [*Rivellino*] ali em Santo Amaro [...] ela tinha muita intimidade com a família do Rivellino e falou: “Olha Rivellino, tem um afilhado meu que é noivo da minha funcionária, da minha menina [...] É namorado dela, eles estão noivos, eu vou ser madrinha de casamento deles. Ele chuta mais do que você, hein?” Eu chutava, eu chutava mesmo. “Chuta mais que você, hein, chuta barbaridade” [...] Aí ele falou: “Faz o seguinte.” Marcou um dia para eu ir lá conversar. “Segunda feira você vai lá.” Eu falei: “Está bom.” Aí eu fui na segunda-feira de tarde, fui na casa dele, sentei na sala dele, conversei, ele falou: “Você joga de quê?”. Eu falei: “Jogo de zagueiro.” Eu jogava bola, de zagueiro, de central, lateral direita, esquerda, ele falou: “É?” Eu falei: “É, mas meu forte mesmo é bater com a direita.” Ele falou: “Então vamos fazer o seguinte: eu vou fazer uma excursão para África com a seleção, são trinta dias na África. Quando eu voltar, aí você vai vir aqui em casa, e eu vou te levar lá no Corinthians.” O treinador na época era o finado Lula, que tinha treinado o Santos. “Vou levar você para o Lula, está bom?”

Contente com a oportunidade, Jaílson retornou para casa. Avisou à mãe da oportunidade que surgiu, mas não teve, contudo, o retorno esperado. A família acabara de comprar um terreno próximo ao Parque do Carmo, estava pagando aos poucos o terreno, investindo o que podia na compra do material de construção etc. Assim, segundo Jaílson, não bastava que a mãe e o padrasto trabalhassem; ele precisava ajudá-los, trazendo dinheiro para casa. Essa era a opinião de sua mãe, conforme assinala Jaílson: “Agora que nós compramos o terreno, você vai jogar bola, aí o velho vai achar ruim com você, pois naquela época quem jogava bola era vagabundo, ‘eu também não vou gostar... olha, filho, é melhor a gente construir a nossa casinha, vamos trabalhar’”.

Foi a única oportunidade que surgiu na vida de Jaílson. Poucos meses depois, um amigo o convidou para jogar como lateral numa partida do time da empresa Kopenhagen, que jogava na Rua Joaquim Floriano, bairro do Itaim-Bibi, zona sul da cidade: “aí eu fui lá no sábado, joguei, matei a paulada, porque naquela época os patrões iam assistir o jogo [...] aí o patrão perguntou: ‘Quem é o garoto aí?’. [...] ‘Manda ele ir lá segunda feira na firma’”.

Jaílson trabalhou cinco anos na firma, obtendo alguns títulos pela equipe. Comenta, inclusive, que o time ficou cento e vinte e quatro partidas invicto. Quando alcançaram a marca de cinquenta e de setenta e cinco, os jogadores ganharam, do patrão, um jantar num restaurante paulistano. Quando atingiram os cem jogos invictos, receberam um jantar no interior de São Paulo. A 125ª partida invicta viria a ser comemorada com um jantar fora do estado de São Paulo, com a viagem toda paga. “Ele sabia incentivar a gente... dava um tratamento legal”. Contudo, perderam a partida para a Malhas Formosa, da Vila Formosa (zona leste), por dois a um.

Depois, foi convidado para jogar numa equipe de várzea do Morumbi, bairro da zona sul. Com suas atuações, Jaílson passou a ganhar uma pequena ajuda monetária para o deslocamento aos jogos, assim como para compras no Morumbi ou nos bairros dos adversários. Quantia que utilizou, em diversos momentos, para comprar presentes à namorada, que dividia, com o futebol, a atenção de Jaílson nos fins de semana:

[...] era muito para mim, porque eu saía daqui de manhã e chegava aqui de noite. Minha esposa, que na época eu namorava, ficava beicuda porque eu chegava para namorar era dez horas, onze horas da noite. Uma vez, ela perguntou: “Você gosta mais da bola do que de mim?”. Eu falei: “Eu gosto de você, mas eu também gosto da bola.” Eu sei que ela não queria que eu voltasse a jogar bola, eu falei: “Eu não sou de beber, não sou de fumar.” Aí eu... sabe como é mulher. Ela quer estar com o camarada do lado, mas minha profissão é jogar bola [...] Trabalhei em firma isso tudo, mas estou envolvido com bola.

Porém, quando perguntado sobre qual é a sua profissão hoje, Jaílson não responde “jogar bola” ou “coordenador do CDM”. Com orgulho, afirma ser locutor de rádio comunitária: “Bobagem esse negócio de locutor profissional... é locutor, só isso. Que nem jogar bola... joguei tanta bola quanto outros por aí [...] Você vê esses moleques hoje ganhando para caralho... uma puta grana e não jogam porra nenhuma”.

Comanda, junto com o genro Reginaldo, o programa Bate-Bola Musical na Novidade FM (99,1), que mistura futebol – notícias sobre futebol de várzea, futebol profissional, partidas dos finais de semana no CDM e, eventualmente, partidas disputadas pelos garotos da escolinha – com músicas de forró e agendas de shows do grupo musical liderado por Reginaldo, seu genro, casado com sua filha mais velha.

Reginaldo sempre cantou nas noites paulistanas, principalmente nos bares da Zona Leste. Foi líder de uma banda de pagode, porém estava parado desde que banda acabou:

Eu estava aqui no CDM e tinha um cara que tinha saído. O Reginaldo veio falar comigo: “Pô Jaílson, dá uma palhinha aí, não sei quê”. Eu falei: “O trabalho aqui é pesado”. E ele: “Ah, já trabalhei no pesado”. Trouxe ele para cá [...] ele veio trabalhar aqui. Escutando rádio aqui, eu escutei assim: “Ah, você quer ser locutor” [...] Aí ele chegou, eu falei: “Vamos fazer o curso?”. Ele falou: “Vamos lá”. Peguei o endereço e nós fomos lá na rádio fazer o curso [...]

eu falava: “É para você o curso de locutor, eu vou só ficar por ali...”. Ele fez o curso. Com duas horas de som que ele fez, o cara queria que ele fosse para o ar. (Jaílson, coordenador do CDM Cidade Líder)

Começaram com um programa aos domingos, das onze às treze horas, com programação dedicada à música, futebol e ao bairro: “eu falei: ‘vamos falar um pouco de futebol’, já que eu trabalhava aqui no CDM. Foi o bate bola musical: falar de futebol, tocar música e de algumas coisas que tinha que falar aí, alguma notícia”. Reginaldo é o locutor e Jaílson produz e atende telefonemas:

[...] aí o pessoal gostou da gente. Falei para ele: “Reginaldo, vamos fazer o seguinte: vamos fazer uma bandinha de forró, porque aí você canta. Você canta pagode, então pode puxar para o forró: “Mas eu nunca cantei forró, sempre pagode, esse negócio”. “Tudo tem uma primeira vez, pô”, falei, “Você nunca cantou samba quando começou a cantar, canta até hoje”. Ele falou: “Está bom, vamos lá”.

Formado por Reginaldo e Solange nos vocais e Ricardo no teclado, o *Swing com Mel* faz shows e apresentações em quase todos os dias da semana. Há no currículo, inclusive, algumas participações em programas de televisão. Quando perguntei a Jaílson qual tipo de forró era, a resposta era seca e direta: “é forró, tanto faz”. Rejeita-se, assim, classificações valorativas de diferentes tipos de forró. “Isso é besteira, coisa desses boyzinhos... que tem grana”, comentou Nelson, caseiro do CDM Cidade Líder.⁴⁸

Ramiro, freqüentador do bar do CDM, relatou a conversa que tivera com um jovem morador do bairro Vila Mariana, em um boteco da Avenida Paulista há um tempo:

O cara me disse que o que eu escuto não é forró... que não tem sanfona. Aí ficou falando de umas bandas aí... tipo Falamansa. Falou que tinha um som mais nordestino. Olha o que o cara veio me falar... então eu, que vim do Ceará, não entendo de forró? E não tinha Cristo que o fizesse mudar de idéia. Para o cara, não é forró. Se você estivesse lá, Jaílson, ia ficar uma arara!

Assim, tocando forró, o *Swing com Mel* procura ampliar sua atuação, neste momento, para todos os bairros da zona leste paulistana.⁴⁹ Com este fim, um dos seus principais meios de divulgação, segundo Jaílson, é o próprio programa Bate-Bola Musical, que já dura mais de cinco anos, sobrevivendo às inúmeras mudanças de rádio e freqüência. Passou pelas rádios Vida, Leste, Esquema, Explosão FM e, por fim, Novidade FM.

Jaílson: nós estamos na Novidade agora. Para você ver, é a vida. É uma caminhada.

E: Algumas fecharam por quê?

J: Porque a rádio comunitária se chama rádio pirata [...] o que acontece? Tem hora que ela às vezes atrapalha fiação, atrapalha rádio da polícia essas coisas [...] então tem vez que atra-

⁴⁸ Ao mencionar essa oposição entre o forró de raiz e o forró eletrônico, Jaílson afirmou: “é tudo forró”. “Não, forró é tudo a mesma música, o eletrônico você faz o baile eletrônico, vamos supor, é na musica, no cd, entendeu? Eletrônico você faz uma festa no cd, entendeu? Mas forró é banda que toca, sabe esse pessoal que canta, que faz show por aí, esse pessoal aí, entendeu? Então a gente está aí, o Reginaldo está com a banda Swing com Mel [...] Ele, a Solange e o Ricardo, que é o tecladista. Então, são os três e o seu Pedro que é o empresário, que é o coordenador da banda. Então é desse jeito.” Conferir Alfonsi (2007), que analisou alguns aspectos dessa classificação.

⁴⁹ Acompanhei uma apresentação do grupo no Baile da Melhor Idade, organizado pela Subprefeitura Cidade Tiradentes e realizado no dia 7/6/2008, 16hs, no CEL (Centro de Esportes e Lazer) Juscelino Kubitschek.

palha, só que essa rádio que a gente está, ela não atrapalha nada [...] Não é porque a gente não atrapalha que a gente está legal, então quebra o galho. É, mas nós podemos legalizar ela, mas é uma grana, sabe? Você pra legalizar é dinheiro, precisa ter dinheiro, então nós começamos a fazer uns bingos, fazer umas festas, fazer uns negócios para arrecadar dinheiro, para ver se legaliza, para ficar sossegado, não ter problema de nêgo correr atrás da gente, querendo pegar, fechar [...] aqui nós estamos roubando o quê? Nós não estamos roubando nada. Realmente não está legalizada, está errado, mas porra, o pessoal está trabalhando, não está roubando ou prejudicando alguém.

Locutor e comentarista de esportes no rádio, Jaílson pretende seguir a rotina atual por mais um tempo: “Agora eu estou esperando o contador terminar de fazer o serviço para eu mandar lá para o outro rapaz para dar entrada. É, falta pouco, logo chega aí e a gente está se aposentando, aposentando no documento, mas parar de trabalhar jamais”. Aposentado no documento, não pensa em alterar sua rotina: “a vida da gente é isso, é correria, é trabalho, sabe?”

Você vê, eu sou administrador do CDM, eu tenho a família para cuidar, eu tenho a rádio também para fazer, quer dizer, é correria. Tem o campeonato aqui do CDM que quem cuida sou eu e nós vamos fazer a copa do sub catorze ou sub quinze, tenho que ficar ligando para os times, chama um chama outro, vou para reunião, é complicado. É complicado, não é fácil não; é correria, é trabalho e têm pessoas que falam que a gente não faz nada.

Para completar, Jaílson é o atual técnico do “Esporte” do Botafogo da Cidade Líder, que vinha então obtendo uma seqüência boa de resultados desde 2007. Segundo Jaílson, “esporte” é uma denominação comum no futebol varzeano dada ao quadro de jogadores de até trinta anos (em média, podendo variar). Jaílson afirma não ter certeza o porquê de se chamar “esporte”, mas relaciona ao fato de terem os jogos mais corridos, disputados e competitivos: “lembra mais o esporte de verdade mesmo”. Com jogadores entre trinta e quarenta anos, os times são classificados como “veteranos”. “Veteranismo” quando estão na faixa dos quarenta a cinquenta anos. Com jogadores acima de cinquenta anos, são formados os times de “masters”.⁵⁰

A função de treinador do “esporte” foi uma das funções desempenhadas por Jaílson nos dezoito anos de trabalho no CDM e que ele afirma desempenhar com prazer, pois a maioria dos jogadores treinava na escolinha do CDM Cidade Líder quando ele era o professor. E é no CDM que as trajetórias de Jaílson e Silva se cruzam.

1.6) Sobre amadores e profissionais: o ensino de futebol

No começo da década de 1990, Jaílson e Silva se encontraram no CDM. O primeiro exercia diversas atividades ligadas ao funcionamento do clube, com a responsabilidade de gerenciar principalmente os usos diários do local, muitas vezes utilizado como depósito de lixo, ponto de venda de drogas, banheiro público etc.

⁵⁰ Classificação que pode variar de acordo com o recorte. No Negritude F. C., clube do Conjunto Habitacional Padre José de Anchieta (COHAB 1), do bairro Artur Alvin, e que joga no campo do CDM Alvorada, as equipes são divididas em “esporte A” (time que disputa as competições), “esporte B” (até 18 anos), “veteranos” (acima de 30 anos) e “paradões” (acima de 40 anos).

[...] naquela época os caras arrebentavam, faziam de motel aí dentro, tinha que lavar, era cocô, xixi, aquele negócio todo, você tinha que meter a mão no nariz, por uma luva, para você lavar para poder entrar para se trocar, comecei com isso aqui, comecei a cortar mato, aí veio a escolinha, eu comecei a tomar conta da escolinha...

Não foi o primeiro, porém, a tomar conta da escolinha. Silva, que acabara de encerrar a carreira, ficou responsável por comandá-la nos seus anos iniciais. Antes, tentou criar sua própria escolinha. Recebia ajuda e conselhos de Ivair, o “Príncipe”;⁵¹ patenteou o nome “Pequeno Craque”; porém, não teve o rendimento esperado e desistiu do empreendimento. Contratado pelo Governo do Estado de São Paulo em 1992, participou dos primeiros passos de formação da escolinha do CDM Cidade Líder. Em 1995, Silva saiu da escolinha e passou a trabalhar para a Prefeitura de São Paulo.

Com a saída de Silva, Jaílson assumiu então o comando da escolinha. Entre idas e vindas, foram, até o momento, três passagens de Silva no CDM; mudanças decorrentes, sobretudo, das incertezas nas renovações dos contratos dos ex-atletas, que vigoravam por um ano e com pouca garantia de renovação para a seqüência do trabalho: “No CDM é a terceira vez que eu trabalho. A primeira vez foi em 1992, até parar em 1996. Depois, voltei em 2000, dei mais uns dois anos aqui, e saí. Voltei agora em 2006”.

Em boa parte destes períodos de ausência do Silva, Jaílson foi quem comandou os treinos e atividades da escolinha: “eu segurei a escolinha muitos anos aqui. Na época, disciplinei os moleques, estava terrível aqui, brigavam entre eles. Tive que disciplinar toda essa molecada...” Se, por um lado, as intercalações no comando da escolinha em seus dezesseis anos de existência revelam a diversidade pedagógica – importante para a formação futebolística das crianças e jovens –, por outro, implicou, hoje em dia, uma partilha decisória que atrapalha a configuração do quadro didático. Jaílson e Silva promovem metodologias específicas e que valorizam, cada um a seu modo, determinados aspectos da prática futebolística. São concepções de ensino e treinamento distintas e, principalmente, desarticuladas de aprendizado futebolístico.

Como será abordado de forma mais detida no segundo capítulo, Jaílson e Silva enfatizam aspectos diferentes do treinamento. Enquanto Jaílson prioriza os treinos físicos e de alongamento, e ainda a correção repetitiva dos fundamentos durante os coletivos, Silva prefere focar os coletivos e treinos de circuito:

É. Futebol hoje em dia, Enrico, é tudo, hoje em dia é força, sabe? Se você não tiver uma resistência no pulmão, ar no pulmão e tiver resistência na perna para correr, para chegar, não adianta, você vai levar dez minutos, vai andando e o futebol hoje não dá para andar em campo. Futebol hoje é correria, futebol é chegar primeiro.

⁵¹ Ivair Ferreira nasceu em 27/01/1945 na cidade de Bauru (SP). Revelado nas categorias de base da Portuguesa de Desportos, jogou posteriormente no Corinthians, Fluminense, Toronto Metros/Canadá, Cleveland/EUA, Kansas City Star/EUA e Boston Athletic/EUA. A imagem de Ivair permanece bem vinculada à Portuguesa de Desportos, onde recebeu o apelido de “Príncipe” em referência ao “reinado” de Pelé. Vice-campeão paulista e tricampeão carioca, Ivair foi um dos 47 convocados por Vicente Feola para a preparação da Seleção Brasileira para a Copa do Mundo de 1966 na Inglaterra, mas não foi selecionado para a equipe que disputaria o mundial. Atualmente, Ivair mantém duas escolinhas de futebol: uma em Mairiporã, outra no Círculo Macabi/SP.

Da posição de ex-jogador, Silva procura sempre se distanciar dos demais educadores do CDM. Na relação com Jaílson, explicitava o fato de ter alcançado a condição de jogador profissional de futebol – com acesso ao que ele chamou de “conhecimento oficial” –, ao contrário de Jaílson, que teria permanecido somente no universo do futebol de várzea. Em relação a Rafael (85), professor de Educação Física no CDM, Silva reitera constantemente a sua experiência de “mais de trinta e cinco anos no mundo do futebol profissional e amador”, bem como um conhecimento, para ele, muito melhor que o teórico: o que adquiriu na prática, como jogador de futebol. Para Silva, o conhecimento teórico apreendido por Rafael na Faculdade de Educação Física é importante, porém secundário no futebol: “quem manda num time é o técnico e não o preparador físico”.

Este último ponto faz parte de um debate antigo na Educação Física, no qual a questão gira em torno da regularização da profissão e da atuação dos *leigos*, forma pela qual Rafael denominou aqueles que trabalham com o ensino da prática física e esportiva, mesmo sem terem formação de ensino superior na área. Trata-se, à primeira vista, de um discurso baseado no preconceito e na perseguição contra os denominados *leigos*, pois se acredita que estes profissionais de outras áreas do conhecimento – tais como pedagogos, recreacionistas, fisioterapeutas, ex-atletas – deveriam ser eliminados do exercício profissional.

Porém, para além dessa concepção estigmatizante, é possível perceber como as diferentes posições e conhecimentos são rearranjados conforme a situação. Assim, do lado dos profissionais de Educação Física, tal como Rafael, há uma inferiorização daqueles que não tiveram acesso ao conhecimento científico. Do lado dos ex-jogadores, entre eles Silva, o aprendizado teórico não pode ser justificado se não houver o domínio prático, conhecimento que somente eles dispõem e que poderiam transmitir. Para Silva, “quem vai transformar o moleque num jogador: um ex-jogador que conhece os caminhos ou os que apenas estudaram esporte?” Num outro momento, quando de confrontação com Rafael – num dia em que tiveram que compartilhar o campo de futebol, pois a quadra esta toda molhada por causa da chuva na noite anterior –, Silva comentou, irritado: “os caras ficam estudando a gente na escola, aquilo que a gente fez no campo, e depois acham que podem dizer o que devemos fazer?”. Perguntado se gostava de atuar como professor de escolinha, Silva parecia não dissociar esta atividade daquela que exercera anteriormente por tantos anos: “Eu gosto porque é um complemento do futebol. É um complemento porque parece que você está jogando ainda, parece que você não parou, sabe? Então faço o que eu gosto, estou contente. Eu gosto disso daqui, eu não sei ficar preso num escritório”.

Deste modo, as fronteiras previamente delimitadas entre jogo e esporte ou entre amadorismo e profissionalismo podem ser repensadas frente aos dados empíricos, tal como na continuidade jogador-professor expressa por Silva. Continuidade essa desfeita pelo próprio, ao diferenciar seu trabalho daquele realizado por Jaílson. Novamente, a sua posição de ex-jogador profissional é acionada para se contrapor à experiência amadora de Jaílson: “Eu fiz parte do esporte, o Jaílson só jogou por aí”.

Jaílson, por seu lado, questionava a todo momento o quão profissional era o comportamento de Silva, ou mesmo sua posição no universo futebolístico. Primeiro, no que

se referia à sua atuação na escolinha do CDM, seus métodos de treinamento, relacionamento com alunos:

[...] o Silva é meu amigo e gosto muito dele, mas todo mundo aí reclama do trabalho dele, os moleques mesmo reclamam, você mesmo tem acompanhado aí, o quê acontece? Vai perder de cinco, perder de cinco, seis, pô, cara, time que eu montei aqui perdia de quatro a um, quatro a dois, quatro a três, assim tudo bem, está entendendo? Mas cinco a zero, seis a zero?

Segundo, numa crítica à Cooperativa pela falta de investimento na formação dos jovens para a carreira futebolística, Jaílson entende que isso permite a atuação paralela de diferentes atores que nem sempre visam ajudar os garotos: “tem moleque aqui que o cara vem aqui, buscar, e leva o moleque embora de graça. A gente que trabalha com o moleque, que faz alguma coisa pro moleque, não tem retorno nenhum”.

Terceiro, pela própria trajetória de Silva. Embora tenha ganho, como bem afirma, uma quantia considerável nos tempos de jogador, suficiente para não ter que trabalhar, Silva diz que não tem nada hoje em dia. Mora – com a esposa e o filho de seis anos – na casa da irmã em Itaquera, utiliza parte do salário de R\$1.500,00 para pagar as dívidas no banco, não tem carro. Além disso, embora não seja confirmado por Silva, diversos relatos de pessoas ligadas ao CDM atestam os problemas do ex-jogador com o alcoolismo, superado apenas recentemente. Jaílson questiona, no trecho abaixo, se esse é o perfil do profissional:

O Silva ganhou dinheiro como profissional, mas não sabia administrar o dinheiro dele [...] ele perdeu casa, ele mesmo falou para mim. Perdeu casa, ele perdeu um apartamento, ele perdeu uma série de coisas que ele comprava e largava na mão dos outros. E você vê como ele é sossegado, ele é: “Ah, deixa para lá, não sei o quê.” Desse jeito, quer dizer, o Silva podia estar bem, podia não estar dependendo disso aqui, podia estar treinando até um time [...] eu falei para ele: “Silva, seu ciclo de profissional acabou, cai na real, você tem que sair para luta, tem que... aí eu falei que ele era operário, ele quase me bate aqui. É, operário, ele fala: “Que operário?”. Não vem trabalhar todo dia aqui? É operário, pô, como todo mundo, entendeu?”

No pouco que fala destes aspectos da sua carreira, Silva revela um arrependimento, embora parcial, de algumas de suas atitudes e comportamentos de quando era jogador: “de umas coisas que deixei passar quando era mais jovem, tipo investimento, que eu não fiz porque não tinha muito conhecimento. Por exemplo, alguns imóveis que eu não comprei [...] disso me arrependo, mas outras coisas não”. Prefere destacar os momentos que a carreira proporcionou, *[como]* festas, viagens, histórias; os amigos que fez, os carros nos quais andou, as pessoas que conheceu etc.

Assim, Jaílson utiliza-se constantemente de eventos e fatos relacionados à trajetória de Silva para questionar a posição de ex-profissional emanada pelo ex-jogador. A comparação das trajetórias dos filhos de cada um deles é um exemplo usual levantado por Jaílson, nos diálogos travados pelos dois na sala da coordenadoria do CDM. Jaílson faz questão de enfatizar o fato de seu filho ter se tornado jogador de futebol, enquanto que o de Silva não alcançou o objetivo: “Nem fazer o filho dele profissional ele conseguiu fazer. Meu filho pelo menos seguiu carreira”. Silva, por outro lado, reconhece que o filho

poderia ter se tornado jogador, mas afirma que ele não teve as chances. “Não foi jogador mesmo [...] mas até parece que o Lambão jogou muita bola”.

Carlos César, filho do Jaílson e conhecido no CDM como “Lambão”, tentou seguir carreira como jogador de futebol. Em casa, teve total apoio do pai, que sempre procurou investir e ajudar, inclusive durante sua jornada de trabalho no carro de guincho: “Como eu falei para você, levava ele lá. Eu levei ele para a Portuguesa, no Corinthians, levei em vários [...] aí pegaram ele no Corinthians levaram para o Cearense, do Cearense levaram ele para o Setúbal, lá oficializou, aí começou a correr para lá e para cá”. Segundo Jaílson, ele e a esposa fizeram diversos sacrifícios para o sucesso do filho. Guardavam parte da renda familiar, que quase não cobria os gastos mensais, para as despesas com transporte, alimentação e compra de material esportivo. “Como o Carlos não trabalhava e ainda não tinha salário como jogador, o dinheiro era sempre bem contadinho”. Investimentos que revelam um *projeto familiar* (Rial, 2008) para transformar o filho em jogador de futebol.

Após ter passado por inúmeros clubes, Lambão teve seu grande momento jogando no Esporte Clube Flamengo do Piauí. Nos primeiros dois meses, teve ótimas atuações. Participava bem dos treinos e mantinha uma rotina comportada por não conhecer a cidade. Nesse período, teve a maior alegria de sua breve carreira: marcou o gol eleito como *Gol do Fantástico*⁵² da semana. “Comentei com a minha esposa: ‘Olha, seu filho agora acho que vai’. Gol do Fantástico, todo mundo falando.” Contudo, o bom desempenho lhe deu notoriedade em Teresina:

Aí ele começou a namorar. O que estragava ele era mulher. Porque mulher é bom, mas mulher na hora certa. Na hora de trabalho é trabalho, na hora de você fazer o seu trabalho é seu trabalho, na hora de namorar é namorar. Mas não, ele deixava de treinar, ia desfilando na praia, ia para piscina, ia para o centro da cidade desfilando, quer dizer, e o trabalho?

A boa fase no Flamengo do Piauí não durou. Com atuações apagadas dentro de campo, Lambão perdeu a confiança do treinador. Mas outro fato decretou sua saída da equipe, pois teve um caso com a esposa de um colega de elenco, o que gerou confusão no clube: “É, pois é, por causa de mulher mesmo, deve ter mexido com a mulher do cara, sei lá eu o que aconteceu e teve que sair corrido”. Saiu corrido e voltou sem nada, segundo Jaílson e o próprio Carlos César. Acabara a paciência de Jaílson. “Eu ia investir nele porquê? Eu via que ele também gostava e tinha futuro, mas a cabeça. Não adianta você gostar [...] ele queria ser [...] tinha a chance, mas jogava para cima”. Dali em diante, Lambão teria que procurar sozinho os caminhos para seguir na carreira, o que não aconteceu. Sem novas oportunidades, Lambão encerrou a carreira aos 26 anos, “com a mesma idade do Tostão”, comentou Gílson, freqüentador do CDM.⁵³

Sem demonstrar o mesmo preparo físico e técnico de quando jogava no Piauí, elogiado pelo pai e demais colegas de rachão, Lambão passou pelas divisões menores

⁵² Programa de televisão dominical exibido pela Rede Globo.

⁵³ O que é confirmado por Tostão, que teve que parar por razões médicas: “Com 26 anos, encerrei a carreira, triste, mas com o consolo de que era jovem e podia iniciar nova profissão. Renasceram os sonhos adolescentes de ter uma profissão liberal, estudar e me informar mais sobre o mundo e a vida. Tinha a sensação de que o futebol tinha sido uma passagem, um lazer remunerado, gostoso e de muitas glórias” (Tostão, 1997, 97, grifo meu).

dos campeonatos de São Paulo, recebendo dois salários mínimos em equipes de Itaquaquecetuba e de Suzano. Disputou partidas por equipes amadoras, de futebol de várzea, na capital e interior de São Paulo e em algumas cidades de outros estados. Já não era mais considerado um profissional, porém ganhava uma “caixinha” para jogar por essas equipes. Lambão afirma ser muito conhecido e respeitado na região e no universo futebolístico da Zona Leste como um todo.

Silva justifica que ser jogador reconhecido na várzea é uma forma de estabelecer as mais diversas relações no bairro e fora dele, assim como pertencer a um coletivo, marcado pela solidariedade e reconhecimento local. Novamente, categorias como *amadorismo* e *profissionalismo* aparecem embaralhadas quando observamos certos recortes, denunciando esgotamento dos seus usos (Damo, 2002).

Lambão: Valia pena, jogar em time assim de São Paulo. No interior vale a pena você jogar, porque queira ou não são duzentos paus por jogo, cento e cinqüenta, depende do que você combina com o prefeito. Não é o técnico, mas isso depende do time que vai jogar...

E: *E é amador?*

L: É amador, mas ganha...

E: *Tipo Copa Kaiser?*

L: Não, Copa Kaiser era só capital e alguns times do ABC. Nessas cidades, tipo Atibaia, você vai de manhã, almoça, joga e vem embora, entendeu? Ou vão te buscar ou pagam condução para você ir. Você ganhar duzentos contos num dia, não está bom? Em Pouso Alegre, Nazaré, Socorro, Ourinhos...

E: *Nesses times de várzea que você falou, o prefeito paga por partida. Levou muito calote?*

L: Não. Uma que tem mais em época de eleição. O cara não quer perder, então quer fazer o quê? Quer montar um time bom. Aí começa a aparecer, negócio de futebol, área de saúde, aparece tudo. É diferente.

Pela carreira de Lambão, é possível perceber que o ingresso num clube não é uma garantia de prosseguimento na carreira de jogador, assim como um início de carreira promissor e de destaque não assegura o sucesso na carreira. Na revista Placar de 1979, arquivada por Silva, há uma reportagem sobre um jovem goleiro chamado Wilson, de 19 anos, que vinha chamando a atenção de inúmeros clubes devido à suas atuações pelo Colorado Esporte Clube.⁵⁴ Destaco essa reportagem, pelo fato dela prever um futuro brilhante para o jovem goleiro, inclusive com apostas de que seria o goleiro titular da Seleção Brasileira nos anos seguintes. Wilson Ricardo Coimbra – conhecido como Wilson Macarrão – não teve a carreira de sucesso que se previa. Jogou ainda por diversos clubes – Esporte Clube Pinheiros (PR),⁵⁵ Grêmio Esportivo Novorizontino (SP), Esporte Clube Bahia (BA), CSA (AL) e Paysandu Sport Club (PA). Permaneceu mais tempo, porém, no Guarani (SP), onde jogou por sete anos, e no Sport Club Corinthians Paulista (SP) entre 1990 e 1996, sempre como suplente do titular Ronaldo. Encerrou a carreira aos trinta e seis anos.

⁵⁴ Clube já extinto. Ver nota seguinte.

⁵⁵ Clube já extinto. Juntou-se ao também curitibano Colorado Esporte Clube

Ser goleiro reserva durante boa parte da carreira, principalmente num clube grande, é uma posição alcançada por poucos. Como não são muitos os que tiveram oportunidade de fazer “o gol do Fantástico”, tal como Lambão. Ser convocado para a Seleção Brasileira, como o Silva teve a oportunidade de ser, é um sonho de muitos alcançado por poucos. Trata-se dessa posição de ex-jogador vinculado ao universo esportivo espetacularizado que Silva tenta tirar proveito ao recorrer à sua carreira de jogador profissional. Deste modo, coloca em xeque constantemente: “você acha que a molecada prefere aprender com um ex-jogador de futebol, que atuou no Palmeiras, ou com um cara que só jogou na várzea?”. O que pode ser entendido, também, na explicação de Silva em relação ao futebol varzeano:

Estava no campo do Negritude, lá na COHAB, acabou o jogo e o cara que tinha me convidado para jogar passou pedindo dinheiro...fazendo o rateio para a compra da cerva e do rango. Fiquei irado. “Como assim, rapa? Rateio porra nenhuma. Eu nunca paguei... sempre pagaram pra mim”. É brincadeira... rateio quem faz são os outros caras da várzea, tipo o Jaílson. Ele faz rateio.⁵⁶

Até aqui, o objetivo de analisar os processos de ensino e aprendizado da prática futebolística, bem como a formação de jovens jogadores de futebol, só foi realizado pela metade. Ao evidenciar as distintas trajetórias e concepções de vida de Silva e Jaílson, assim como a disputa para apontar *quem participa do rateio*, procuro ressaltar a importância destas informações para a compreensão do ensino realizado nos recortes aqui pesquisados.

Comandados pelos dois boleiros, as crianças e jovens têm acesso a propostas e percepções de ensino e formação diferenciadas, porém nem sempre discordantes. Assim, ensino-aprendizado-formação devem ser analisados como processos imersos num quadro amplo de atores – Jaílson, Silva, pais, professores, amigos, outros praticantes etc. – e compreensíveis somente de forma relacional – compreender os que participam ou não do rateio, por exemplo. Sem esquecer, entretanto, a projeção alimentada pelo universo espetacularizado e pela “história de vida de muitos jogadores profissionais bem sucedidos, difundida amplamente pelos meios de comunicação de massa” (Guedes, 1998, 64).

Como procurarei demonstrar, as discussões e desentendimentos entre Jaílson e Silva evidenciavam não só diferenças no ensino – que já foram um pouco aludidas aqui –, assim como sólidas semelhanças. Para finalizar, convém trabalhar, como farei adiante, com o aspecto do aprendizado de futebol, pois o ensino da prática futebolística não se efetivaria caso não houvesse uma dedicação e envolvimento dos alunos com o aprendizado. Saber futebolístico que é construído de muitas formas, por diferentes atores e em distintos planos: “Não tenho tempo para muita coisa. Tenho escola de manhã, vou ao

⁵⁶ Nem todos os times tem patrocínio ou qualquer outra ajuda externa, o que obriga um “rateio” entre os jogadores para adquirir materiais e equipamentos, e para pagar os serviços utilizados. Os jogadores têm uma série de compromissos, como dar continuidade nas participações e auxiliar financeiramente a equipe com o pagamento de mensalidades. As disputas exigem gastos econômicos significativos para cada jogador: pagar o uso do campo, a lavagem e secagem dos uniformes, gastos com a arbitragem, transporte aos jogos, equipamentos e outras despesas menores. Mas sempre há os que pagam e os que não pagam.

*Chute Inicial*⁵⁷ nas tardes de segunda à sexta-feira e ajudo meu pai na feira no sábado. Mas o bom é que aprendi a me organizar. Meu avô fala que cada segundo é precioso” afirmou Régis (91). O tempo já não é ocioso, mas sim precioso.

Assim, tornar-se jogador é uma etapa a ser conquistada; porém, seguindo carreira no universo futebolístico ou não, o que está em pauta é a própria formação do indivíduo.

David: Minha mãe falou: “Você vai conseguir.” Eu falei: “Mãe, não vai dar certo.” Mas daí acabou dando certo; a gente vai pensando negativo, mas acaba dando certo. Eu saía da escola meio dia e vinte, e tinha que entrar no trabalho uma hora. Olha a situação, chegava em casa, tomava banho, nem almoçava direito, comia qualquer coisa e já ia trabalhar. Aí eu falo para as pessoas e essas pessoas falam: “Isso aí é mentira, você não conseguiu fazer isso.” Eu falo pra você, a minha situação era ruim, mas há muitas outras pessoas que passaram por situações piores do que essa, que nem chegar em casa para tomar banho podiam, entendeu?

E: Você tem vontade de estudar?

D: Eu pretendo, mas não importa aonde que eu chegue... Se eu conseguir chegar no que eu quero chegar, no emprego que eu tiver, não importa se eu estiver trabalhando de repositor no mercado, entendeu? Eu vou fazer com muito amor, igual o gerente falou para mim: “Atende aquela cliente daquele jeito, porque ela me tratou mal.” Entendeu? Mas aí eu falei para ele: “Olha, eu não posso fazer isso com ela porque eu estaria acabando com meu sentimental, com a minha ética, porque eu tenho que tratar ela do mesmo jeito que ela me trataria se ela tivesse trabalhando aqui.” Porque aí vem aquela frase lá, que é bastante importante, que eu tenho na minha mente que faz muito sentido para muitas coisas, que é “cada um constrói a sua história”. Não importa em que lugar você esteja, se está na África ou se está em outro lugar, se você é o empacotador, se você é o dono do mercado, mas o mais importante é construir a sua história.

O depoimento de David (90), que já está numa idade considerada avançada para adentrar em algum clube, traz seu orgulho pelo que desempenhava no último emprego de empacotador em um mercado na Cidade Líder. Quase encerrado o sonho de ser jogador – lembrando que há sempre a esperança de uma nova oportunidade -, para David agora o “importante é construir a sua história”,⁵⁸ que muitos garotos querem construir por meio do esporte e que começam nos treinos e partidas dentro do campo de futebol, bem como em outros espaços – como poderá ser visto no próximo capítulo.

⁵⁷ O Chute Inicial é a escola de futebol do Sport Club Corinthians Paulista, que tem como objetivo desenvolver atividades futebolísticas e recreativas para alunos de cinco a dezessete anos. Um dos atrativos destas escolas é a possibilidade do aluno ser avaliado nas categorias de base do time.

⁵⁸ Sobre a trajetória de David, ver ANEXO 05.

ICONOGRAFIA – CAPÍTULO 1

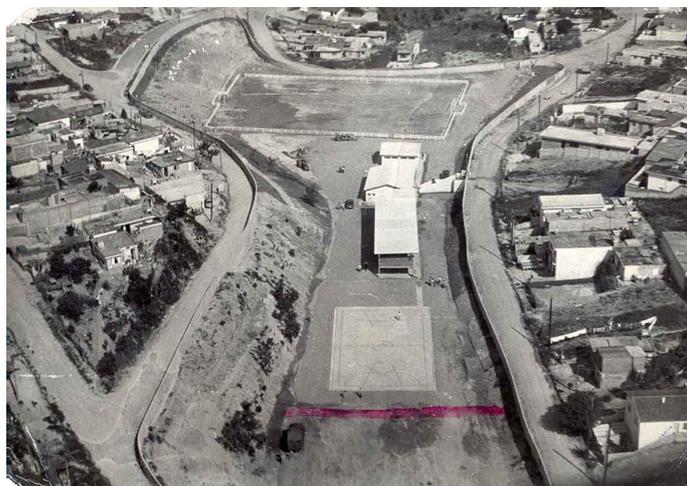


Imagem aérea do CDM Cidade Líder no começo da década de 1980. O traço rosa foi feito por Jaílson para marcar a área hoje ocupada por um escola estadual (foto: autor não identificado)

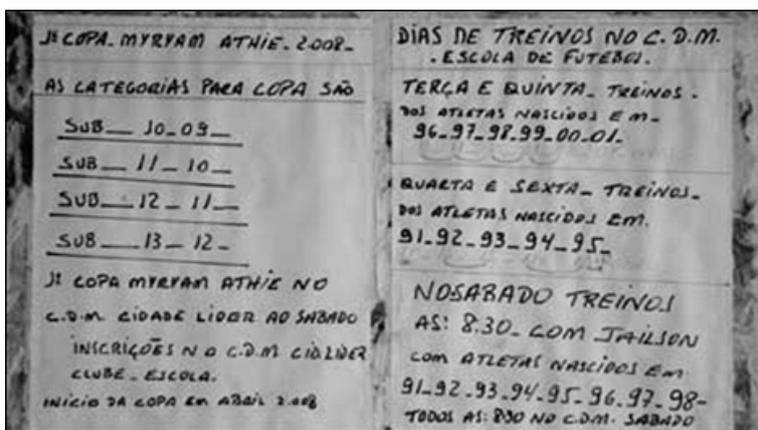


O coordenador Jaílson em dois momentos: à esquerda, com dois alunos da escolinha do CDM na década de 1990; à direita, duas imagens do jovem jogador Jaílson nos anos 60 (foto: E. Spaggiari).

Jovens treinando chutes a gol após uma manhã de treino (foto: E. Spaggiari).



Jovens treinando chutes a gol após uma manhã de treino
(foto: E. Spaggiari).



Quadro de avisos com horários de treinos e divulgação do torneio
em homenagem à vereadora Myryam Athie (PPS)
(foto: E. Spaggiari).



Sala administrativa do coordenador Jaílson
(foto: E. Spaggiari).



Sala do coordenador Jaílson, repleta de fotos de futebol varzeano.
(foto de E. Spaggiari)



Troféus que Felix, goleiro da Seleção Brasileira de 1970, deixou no CDM.
(foto de E. Spaggiari)



Garoto observa as fotografias 3 x 4 de grande parte dos alunos que já passaram pela escolinha do CDM, reunidas e coladas nos vidros por Jaílson
(foto: E. Spaggiari).



Camisa da equipe "veteranos" do Botafogo da Cidade Líder
(foto: E. Spaggiari).



Pais, amigos e usuários do CDM durante uma tarde de treinos da escolinha
(foto: E. Spaggiari).



Jogo entre sócios do CDM (composto por veteranos da várzea) e alunos da escolinha em uma manhã de sexta-feira.
Ao lado direito, o professor Silva
(foto: E. Spaggiari).

CAPÍTULO 2

“MEU PROFESSOR É A BOLA”: ENSINO E APRENDIZADO DE FUTEBOL

O objetivo deste capítulo é analisar distintas propostas e caminhos para o ensino de futebol, tendo em vista, porém, que se trata na verdade de um processo de ensino-aprendizagem futebolístico, pois existiriam diferenças entre o modo de aprender e o modo de ensinar. Pelo fato deste capítulo colocar em perspectiva o ensino e a aprendizagem, faz-se necessário enfocar novamente a relação entre adultos e crianças, mais precisamente, as relações entre os alunos e os responsáveis pela prática na escolinha, no caso, Silva e Jailson. Procuro, porém, evitar tipificações “adultos” e “crianças” e “jovens”, buscando entender as mesmas como categorias intrinsecamente heterogêneas.

Pude observar, nas imediações da escolinha e em todo o bairro, um recorte etnográfico repleto de ambientes dos mais diversos para a aprendizagem do futebol.¹ Além do campo de várzea e da quadra poliesportiva do CDM, havia uma escola pública ao lado, ruas usadas para brincadeiras e jogos, terrenos baldios, lanhouses; ou seja, procurei observar os diferentes espaços que faziam parte do dia-a-dia dos jovens e de suas redes de sociabilidade, onde o saber futebolístico era construído.

A aprendizagem, portanto, não pode ser dissociada das experiências cotidianas das crianças e jovens da Cidade Líder. Por isso, amplio a análise para outros espaços do bairro, lugares de encontro e sociabilidade, bem como de vizinhança e pertencimento, além de acompanhar as relações percebidas entre a prática futebolística e a inserção precoce no universo do trabalho. Deste modo, procuro mostrar como a aprendizagem do futebol envolve mais do que técnicas, táticas e regras.

De forma complementar, incorporei à análise algumas publicações editoriais voltadas ao ensino e aprendizado das práticas futebolísticas². Trabalharei com *Pedagogia do Futebol*, de João Batista Freire, e com um manual de um ex-jogador de futebol e duas

¹ O impacto do fenômeno futebolístico no bairro podia ser visualizado nas vestimentas usadas no dia-a-dia pelos homens, principalmente jovens: camisas dos clubes de futebol (em sua maioria, os paulistas, como Corinthians, São Paulo, Santos e Palmeiras) e agasalhos de torcidas organizadas paulistanas. Destacavam-se, também, embora sem a mesma regularidade das camisas dos clubes citados, o uso de vestimentas de equipes de futebol de várzea do bairro, presentes em diferentes momentos e espaços observados. Por fim, era comum avistar adolescentes e jovens vestindo camisas de equipes de futebol de salão, modalidade muito praticada na Cidade Líder e em outros bairros da Zona Leste.

² Embora sejam publicações restritas e de pouco alcance, Toledo (2000, 20) lembra que “os manuais técnicos e, em última análise, as regras e os ‘segredos’ do jogo nunca deixaram de ser publicados, a despeito do pouco interesse mercadológico que despertam entre os torcedores, permanecendo como mananciais de uma linguagem esportiva compartilhada por todos, dos profissionais aos boleiros e peladeiros de finais de semana por todo o país”. Vale observar que a constante atualização destes manuais faz-se necessária devido às inúmeras modificações na prática do futebol, bem como no modo de assisti-lo e de vivenciá-lo (Toledo, 2002).

jornalistas esportivas, *Para ser jogador de futebol*, centrado no ex-jogador Raí.³ Portanto, ao analisar regras, fundamentos, metodologias de ensino e treinamento da prática futebolística veiculados por estas obras, pretendo compreender alguns significados que permeiam o universo futebolístico.

Na combinação das diferentes abordagens acima explicitadas, tentarei evidenciar como o ensino de um saber futebolístico pode ser compreendido a partir da complementaridade entre as diferentes práticas na escolinha, na rua, em *lanhouses* e em outros espaços. Trata-se, enfim, de uma discussão crítica das propostas de processo de ensino-aprendizagem a crianças e jovens. Mas não só isso, visto que vários temas e categorias – como trabalho, violência, família, periferia, masculinidade, dom – que apareceram durante a etnografia e que permeiam o universo simbólico futebolístico, são fundamentais para compreendermos as práticas e representações dos atores observados. Afinal, como observou Guedes (1998, 124):

[...] o processo de transmissão que está em jogo é mais amplo e implica na exposição dos socializados a significados naturalizados e objetivados em comportamentos, relações sociais e obras culturais. Inclui, portanto, uma série de atos não planejados e não conscientes, que se transmitem e são internalizados através da interação cotidiana, do estar lá e partilhar o mesmo espaço cultural [...] Trata-se, portanto, de apreender significados “praticados”, conforme já observei, que se realizam em situações sociais concretas na qual emergem relações e recortes sociais variados...

Para compreender esse processo, é preciso investigar os diversos significados que o futebol ocupa nas periferias paulistanas – lazer, exercício corporal, interação entre homens e carreira profissional (Guedes, 1982) –, pois é possível perceber a existência, neste recorte específico, de formas de sociabilidade que ultrapassam as propostas de prática futebolística voltada à profissionalização.

2.1) SOBRE A ROTINA DA ESCOLINHA: SABER PRÁTICO VERSUS SABER TEÓRICO

Nas manhãs e começos de tarde era comum andar pelas ruas do bairro e encontrar garotos calçando chinelos, vestindo calções e camisas de times, segurando bolsas esportivas ou chuteiras nas mãos, caminhando em direção ao CDM. Alguns vinham em grupos, com os quais também voltavam para casa. Nessa volta, os calções e camisas, na maioria das vezes, estavam sujos, principalmente nos dias de chuva, quando o campo do CDM virava lama. O campo varzeano é todo de terra batida, sem pontos dispersos de grama. No almoxarifado da administração, ao lado da sala de Jaílson, eram guardadas as bolas, já muito desgastadas, e demais equipamentos, como cones, cordas e coletes.⁴

³ A escolha destas obras não foi arbitrária. Privilegiei, nesta seleção, obras e autores sugeridos por alguns dos sujeitos pesquisados: Rafael, ex-aluno da escolinha do CDM Cidade Líder e atualmente professor de educação física, comentou ter como referencial teórico as propostas de Freire, obra que conheceu com o professor Alcides Scaglia nas aulas de pós-graduação da Universidade Gama Filho; João Carlos, pai de um aluno do CDM Cidade Líder, comentou que comprara o livro do Raí para o filho, pois “se é para aprender, já aprende com um são-paulino”, afirmou.

⁴ Para completar a infra-estrutura, eram três vestiários e uma bica com torneira, entre os banheiros masculino e feminino.

Para se inscrever na escolinha, os pais ou responsáveis deveriam preencher um formulário com as principais informações sobre a criança. No momento da inscrição, pagava-se R\$10,00 para o gasto com equipamentos e materiais. Era o único valor cobrado, visto que não havia mensalidades. Diferente, portanto, de inúmeras escolinhas de futebol por toda a cidade de São Paulo que cobram mensalidades, de variados valores, sendo que muitas chegam a cobrar mais de R\$50,00.⁵

Além disso, para participar das atividades da escolinha do CDM, a criança devia estar matriculada em alguma escola, o que revela, novamente, a preocupação social do projeto. Embora este ponto fosse reforçado pela fala de Jaílson, não observei medidas de controle e acompanhamento, por parte da escolinha, do desempenho escolar dos alunos. Em alguns momentos, pais vieram a proibir a presença de seus filhos na escolinha devido às notas baixas. Mas não havia liames visíveis entre o trabalho educacional da escolinha e o das escolas de ensino fundamental e médio do bairro.

Os treinamentos ocorriam de terça-feira à sexta-feira, em dois períodos: das 9h às 11h e das 15h às 17h. Se um garoto participava dos dois dias de treinamento a que tinha direito, em um dos períodos possíveis, totalizava quatro horas semanais de escolinha. Ocasionalmente, ocorriam treinos aos sábados de manhã. A escolinha era destinada a crianças e jovens de 7 a 17 anos.⁶

A principal razão para essa divisão era a preocupação de igualar os praticantes de acordo com suas proporções físicas, para evitar que garotos em diferentes fases de desenvolvimento entrassem numa disputa corporal, o que poderia prejudicar os de menor idade. Em alguns momentos, Jaílson alterou horários, passando os garotos de treze anos para as turmas de terça e quinta-feira, pois as turmas nesses dias estavam esvaziadas, enquanto que nas quartas e sextas havia muito mais jovens. Tais mudanças interferiam significativamente na dinâmica das atividades. Contudo, não observei qualquer exceção em virtude do porte físico ou da qualidade técnica dos jovens: mesmo se fosse muito maior que os garotos de sua idade, o aluno em questão não era deslocado para uma categoria de idade superior à sua.

Diversos materiais eram utilizados durante os treinos: cordas, aros, cones, bastões, além das bolas. Pouco presenciei o uso de materiais didáticos diferentes, como manuais e vídeos. Certo dia, Jaílson mostrou um livro antigo, já sem capa, que trazia as regras do esporte e os principais elementos pertencentes ao jogo: fundamentos, táticas, preparação física e estatísticas já desatualizadas. Nessa ocasião, mostrou uma “folha tática”, como ele denominou; nela, um desenho do campo de futebol, com as onze posições assinaladas, cada uma com flechas indicando as direções para representar as funções desempenhadas pelo jogador responsável por sua posição.⁷

⁵ Esta era a média de preço, segundo os pais de alguns alunos matriculados na escolinha de futebol Elite, de Itaquera, que utilizava o campo do CDM nas noites de segunda e quarta-feira.

⁶ Ao longo da pesquisa, ocorreram algumas mudanças, mas as terças e quintas eram destinadas para as crianças entre 7 e 12 anos, enquanto que as quartas e sextas eram para os jovens entre 13 e 17 anos.

⁷ Ver ANEXO 06.

Jaílson afirmou que antes utilizava estes materiais para responder às dúvidas dos jovens, bem como para ilustrar alguns ensinamentos nos quais as crianças apresentavam dificuldades de compreensão. “Tem hora que aqueles gestos e frases típicos do campo não dão certo”, ele comentou, embora defendesse um aprendizado pautado principalmente no que é vivido durante os jogos, no entendimento das regras, no contato com a bola etc.

Questionei algumas crianças sobre a importância do uso de livros e outros materiais impressos nas aulas. Recebi somente críticas: “Livro é na escola, sai fora!”, gritou Cauê (95). As crianças refutavam, assim, que o ensino de futebol fosse realizado do mesmo modo que as disciplinas tradicionais que tinham na escola. Em seguida, Guilherme (94) sentenciou: “Até parece que dá para aprender futebol num livro. Não tem essa não!” Isso vai de encontro à fala de José Caio (95), quando respondeu como tinha aprendido alguns truques hábeis: “Fico no quintal de casa, batendo bola na parede, treinando... só eu e a bola. Demorei um tanto para aprender a dar essa carretilha”.

Deste modo, embora seja interessante a adição de outras linguagens didáticas aos recursos atuais de ensino utilizados na escolinha, no que diz respeito à internalização dos aspectos teóricos, pode-se afirmar que não havia mediações escritas entre o ensino e a aprendizagem corporal: tudo era feito ali no campo, na prática, distante das teorias.⁸

E: Como você elabora os treinos? Você já vem pensando nisso de manhã, preparado para dar esse tipo de aula, ou planeja na hora?

Silva: A gente improvisa. Tem hora que é na hora, tem hora que penso mais ou menos no final de semana um tipo de treino. Então, sempre dá uma variada, algumas coisas, às vezes a gente improvisa, às vezes já vêm pensado.

A aprendizagem teórica foi, em diversos momentos, desqualificada por Silva, principalmente quando comparavam seus métodos de ensino aos de Rafael (85), ex-aluno da escolinha e hoje professor de Educação Física em colégios da região. Para Silva, o professor Rafael possuía somente a teoria, o que seria insuficiente para a transmissão do saber futebolístico, pois os elementos principais seriam transmitidos pelo conhecimento prático. Faltaria a ele aquilo que Silva mais valorizava: a experiência de um dia ter sido jogador de futebol profissional. Quando Jaílson certa vez postulou uma possível parceria dos dois professores na escolinha, Silva foi enfático: “O professor sou eu e ponto final. O que ele pode fazer é ser meu auxiliar, cuidar mais da parte de treinamento físico, enquanto eu cuido dos treinos com bola”. Rafael, por seu lado, preferia nem entrar na discussão. Acreditava que tal parceria não daria certo, pois os conhecimentos e métodos de ambos eram bem diferentes.

Deste modo, o profissional de Educação Física e o ex-jogador procuravam se distanciar em alguns pontos da aplicação dos treinos, opondo, em certos momentos, um

⁸ O que também foi verificado por Wacquant (2002, 121) em seu aprendizado com Dee Dee, treinador da academia de boxe que rejeitava o uso de manuais no ensino desse esporte: “Não é lendo livros que você aprende a boxear. Eu conheço bem esses livros, lá dentro tem fotos e desenhos que mostram como colocar os pés e os braços, o ângulo que o teu braço direito faz e tudo isso, mas é tudo de araque! Você não tem o menor sentido de movimento. O boxe é movimento, é o movimento que conta”.

saber acadêmico aprendido nas salas de faculdade, valorizado pelos poucos pais com quem tive contato, e um saber prático oriundo da experiência de jogador profissional, também valorizado pelos pais. Assim, tal dissociação entre saber teórico e prático não era compartilhada pelos pais, que preferiam enfatizar a importância das duas formas de ensino para a continuidade do trabalho.

Se Silva buscava reafirmar sua experiência de jogador, ou seja, seu conhecimento prático, Rafael procurava aplicar, em suas aulas, métodos de ensino que aprendeu durante os anos de estudo na faculdade. Embora tenha tido uma trajetória bem diversificada ao longo de seus estudos,⁹ confirmou que sua especialização foi em Métodos de Ensino de Esporte, temática que já vem experimentando na forma aplicada. Isso podia ser verificado nas manhãs e tardes de segunda a sexta-feira, na quadra poliesportiva do CDM, onde Rafael ministrava aulas de diferentes esportes – futsal, voleibol, basquete, handebol –, para meninos e meninas de algumas escolas do bairro. Porém, como o próprio Rafael reconheceu, só na prática é que se tem contato com as outras inúmeras variáveis, dificuldades e obstáculos na construção do ensino. Variáveis que não eram abordadas nos cursos acadêmicos, e possíveis de perceber na transmissão do saber futebolístico por meio do conhecimento prático:

E: Como é ensinar criança hoje, já que você sempre fez aula aqui?

Rafael: É legal (risos). Criança é uma peste, não para de falar. Porque é da idade, normal, todo mundo faz isso. Têm uns que são mais educadinhos, têm outros que não são, e principalmente essas crianças são carentes, sabe? O pai e a mãe não dão um pingão de atenção para eles. Se você chega aqui com um pouco de atenção eles vão gostar de você, só que ao mesmo tempo é do feitio deles ser meio folgados. Mesmo porque, se eles forem ser laranjão lá onde eles moram, eles vão ser zoados até não querer mais. Então você tem que ser ligeiro. Palavrão eu tento evitar sempre na aula, mas uma hora os moleques vão falar porque eles ficam lá comigo duas horas, duas horas sem falar palavrão, mas ficam mais dezoito horas, sei lá mais quantas horas, só falando palavrão. Tipo, escutando da mãe, do pai, na escola. Pô, parece que não, mas é difícil aqui. Tenho um amigo que trabalha com a mesma coisa que eu, só que ele trabalha no.... ah, não lembro o nome do clube, mas o clube é tipo o Sírio Libanês. Só gente de grana, muita grana. O moleque chega lá, fica quieto, faz a atividade e vai embora. Só que, meu, esses moleques não vêm para um baile funk de sábado, com treze anos de idade, fumar maconha. [...] O menino de treze anos diz: “Ah, fumei mesmo, não sei o quê”. O outro fala: “Esse aqui ficou doidão de lança e esse aqui tem que colocar uma platina no nariz dele”. Juro para você.

E: Eles zoam com você?

R: Eu falo para eles, dou umas dicas, mas sou eu contra quarenta, sabe? Tem um moleque aí que o irmão dele é do PCC, ele tem treze anos. O próprio irmão dá um baseado para o moleque, dá uma latinha de lança para o moleque, se ele quiser beber, ele bebe. [...] É

⁹ Rafael reconhece que entrou na faculdade de Educação Física para virar técnico de futebol, “só que eu me desvirtuei lá dentro, queria conhecer o mundo fitness. Pensei: ‘nossa, isso aqui é mais legal, mais fácil, dá dinheiro’. Aí fiquei dois anos fazendo academia, ginástica e recreação. Depois, no quarto ano, voltei para o futebol”. Assim, após um período observando o “universo do fitness”, que abrange toda parte de ginástica e academia, Rafael retornou ao esporte que conhece bem, porém então com o objetivo de ser professor de futebol em colégios e universidades. Com este fim, deu prosseguimento à formação na área esportiva, ingressando no curso de pós-graduação em esporte na Universidade Gama Filho.

outro mundo, não dá para você comparar um Sírio Libanês, igual ao que o meu colega dá aula. Com certeza, a aula dele vai render muito mais, mas ao mesmo tempo, a minha também é boa. Duvido muito que ele vai chegar lá e vai ter que secar a quadra, como ontem. Se chover, eu tenho que secar a quadra para eles usarem. Até secar, eles já perdem tempo de aula. Chega na hora de fazer aula, têm trinta moleques e cinco bolas, aí você vai fazer atividade e nem todo mundo participa. Então, é assim. E outra: se você virar o inimigo deles, ferrou, ferrou. A única coisa que tem que fazer é virar amigo. Eu falo com eles na gíria deles: “Como é que você está, beleza? Eu falo bom dia, boa tarde e boa noite. Mas eles são gente boa, são todos inocentes, mas vão sendo criados num mundo assim. Têm uns aí que tem tudo para dar certo no mundo. Uns outros, está na cara que os moleques serão ladrõesinhos; sei lá, o moleque já tem jeito, já tem estilo.

Percebe-se, portanto, que o conhecimento prático tem um papel essencial no processo de ensino de futebol, não só devido aos aspectos internos ao próprio esporte, como também pelas características socioculturais vinculadas à modalidade. Mas é em outro domínio que esta forma de transmissão se revela mais proeminente.

Tomado como principal instrumento da prática esportiva, é no corpo que as técnicas e mecanismos são inscritos, formando um dispositivo essencial para o jovem jogador. Contudo, a corporalidade futebolística dos jovens não pode se entendida somente por meio das questões de motricidade humana, visto que um conjunto plural de elementos está envolvido na aprendizagem, que ocorre em várias frentes.¹⁰

Para Mauss (2003a), uma análise das técnicas corporais não se restringe a fatores biológicos, psicológicos ou mesmo sociais, mas abrange a relação destes três planos. As técnicas corporais também são construídas socialmente por serem culturalmente transmitidas de geração a geração, variando conforme o contexto cultural, e tornam-se tradicionais por serem relevantes e atenderem aos interesses da sociedade em que se desenvolvem.¹¹ Esses interesses não podem ser apenas entendidos pela chave funcional-utilitária, mas também pela presença de elementos de eficácia simbólica – em gestos e atos rotineiros, como comer, nadar, dançar, caminhar etc. Deste modo, o homem, a partir das relações que constrói, faz de seu corpo um produto de suas técnicas e de suas representações.

Portanto, trata-se de um processo de educação corporal construído em diferentes planos e que não ocorre de forma passiva, mas sim de uma forma marcada pela tensão entre quem ensina e os que são ensinados. Tensão que é carregada inclusive no corpo castigado. Tal como nas técnicas corporais do boxe observadas por Wacquant (2002), os jovens aspirantes a jogador passam por um processo de disciplina e adestramento corporal, social e moral, por meio do qual devem apresentar resistência à dor, representação importante no contexto futebolístico masculino. Universo no qual as cicatrizes e marcas

¹⁰ Embora seja uma entre outras questões focadas aqui, pretendo problematizar as noções de corporalidade enquanto apropriações metodológicas (Toledo, 2007, 256-257), evitando, assim, reificá-las tal qual “um descritor de pesquisa pronto, passível de ser recoberto pelos dados etnográficos”, ou ainda “como formas ilustrativas”. Como bem frisou Toledo, trata-se de pensar o corpo como “uma via metodológica para se alcançar um acesso novo ao objeto, pois é potencialmente conteúdo e forma, objeto e método da observação” (2007, 258-259).

¹¹ Numa definição sintética, as técnicas corporais são “as maneiras pelas quais os homens de sociedade em sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seus corpos” (Mauss, 2003a, 401). Na perspectiva maussiana, portanto, são técnicas ensinadas e transmitidas socialmente aos indivíduos por todo o coletivo, mas que podem ser interpretadas de diferentes formas, bem como se apresentarem de distintas maneiras em uma mesma atividade.

no corpo surgem como resquícios e provas da participação e dos enfrentamentos característicos de quem pratica futebol.

Nesse caso, o corpo é amoldado como instrumento durante uma longa, cadenciada e dolorosa rotina de treinamento e dedicação. Um complexo processo de aquisição das técnicas corporais que não especifica, inicialmente, a duração temporal do investimento. Só nas categorias de base dos clubes de futebol, por exemplo, são gastas mais de 5.000 horas, como bem observou Damo (2007, 23).

Com a continuidade do processo de aprendizagem, as técnicas corporais vão se tornando complexas. Por exemplo: segundo Silva, a compreensão tática da partida, o que ele chamava de “visão de jogo” ou ainda “leitura do jogo”, seria mais um dos atributos corporais que são ensinados e aprimorados na escolinha. Aprender a *ver* o jogo, portanto, era algo a ser treinado, para que os jovens conseguissem *ver* aquilo que era fundamental e valorizado dentro da partida. Assim como, segundo Silva, aprender a *ouvir* dentro de campo as orientações, reclamações, gritos e avisos (por exemplo, “ladrão”): “Alguém tem que gritar e xingar num time, para acordar os outros”.¹²

Tais técnicas são também adquiridas fora do espaço da escolinha, embora haja uma desvalorização do que é aprendido nestes outros espaços, como veremos de forma mais detida no último tópico deste capítulo. Por enquanto, vale salientar que a corporalidade é também construída em outros espaços futebolísticos, como em seus desempenhos enquanto torcedores, ao gritarem, pularem, correrem etc.¹³

Corporalidade construída, também, no contato das crianças e jovens com o futebol varzeano, ou mesmo na sexta-feira de manhã quando ocorre a partida de veteranos dos sócios do CDM, espaços nos quais atributos de masculinidade¹⁴ – como coragem, força, virilidade, respeito, malandragem, atrevimento etc. – são valorizados, sempre na dose certa e, na maioria das vezes, de forma bem humorada.¹⁵

Na vivência com o futebol varzeano, portanto, tinha-se contato com exemplos de masculinidade para os jovens, “a partir do princípio fundamental de que só se aprende a ser homem com homens” (Guedes, 1998, 133), inclusive por imitação. Uma apren-

¹² Como lembra Cohn (2002, 148), “olhos e igualmente ouvidos são essenciais, e devem ser fortalecidos nas crianças para que sejam cada vez mais capazes de aprender, de, mais do que testemunhar, compreender e apreender o que lhes é oferecido pela experiência”.

¹³ Nas conversas durante os treinos, percebi que diversos jovens eram membros de torcidas organizadas, sendo a mais recorrente a Gaviões da Fiel, torcida do S. C. Corinthians Paulista. Apesar de se tratar de um tema muito presente na pesquisa, optei por não acompanhar mais detidamente a atuação deles como membros de torcidas organizadas, embora saiba que se trata de uma dimensão fundamental num trabalho que se propõe a investigar a construção do saber futebolístico.

¹⁴ Masculinidades construídas de forma multifacetada, visto que não há apenas uma forma de ser homem. “Es importante tratar de captar esa diversidad de indicios y formas de conducta, entendiendo que la masculinidad no puede tratarse como algo estable y universal”, como lembra Archetti (2003, 157); para quem o futebol, em especial, é “una poderosa expresión masculina de las capacidades y potencialidades nacionales” (2003, 38). Trata-se, assim, de uma noção heterogênea de masculinidade que deve ser investigada em diferentes planos, já que “el estudio ‘total’ [...] debe incluir el trabajo, la familia, el parentesco, la religión y la política, siempre y cuando formulemos las preguntas apropiadas” (Archetti, 2003, 160). Diversidade analítica que procurei enfrentar ainda no Capítulo 1, mas que será trabalhada de forma mais detida nos próximos tópicos desta segunda seção.

¹⁵ Momentos nos quais a sociabilidade entre homens é marcada por formas bastante agressivas e jocosas de interação, que podem ser compreendidas na relação concomitante de amizade e hostilidade, brincadeira e seriedade, próximas do que Radcliffe-Brown (1973) definiu como relações jocosas.

dizagem “gestual, visual e mimética” (Wacquant, 2002, 120) que ocorria em diferentes planos, mas que era articulada na dimensão do conhecimento prático. No processo de aprendizagem da prática futebolística, a mimese é decisiva para que o aluno encontre e desenvolva sua própria maneira de jogar. Assim, observar, repetir e recriar¹⁶ são saberes imperativos para a formação dos futuros jogadores de futebol, conclusão próxima da análise de Guedes (1997, 197-223) sobre a aprendizagem das técnicas corporais entre trabalhadores urbanos no Rio de Janeiro, identificada no *saber fazer*.

Por um lado, há um mimetismo pautado pelo universo espetacularizado, com a recriação dos dribles, gestos, comemorações e ações dos jogadores, pois, como lembra Bracht (2003, 16), “a manifestação do esporte que ainda fornece o modelo para o esporte escolar é o de alto rendimento”.¹⁷ Por outro, a convivência com adultos do universo varzeano, ou mesmo com outras crianças, também é mimética, como pude observar num jogo de futebol disputado numa das ruas que circunda no CDM. Felipe (95), o mais velho ali naquele momento, procurava dar dicas para Gabriel (98) sobre como chutar a bola e de qual posição, pedindo para o mais novo repetir seus movimentos. Disposição que repetiu quando Gabriel e outros meninos lhe pediram para ensinar alguns dribles. O garoto mais velho tentava realizar dribles difíceis e caçoava dos mais novos quando conseguia. Já os mais novos, que apresentavam menos habilidades, não conseguiam driblar Felipe, mas observavam e reproduziam, exaustivamente, os movimentos do garoto mais velho.

Trata-se, portanto, de um processo de aprendizagem traduzido corporalmente, assim como foi observado, com as devidas diferenças, no aprendizado indígena, no qual a corporalidade é também proposta como “um dos mecanismos centrais dos processos de aprendizagem e transmissão de conhecimentos, habilidades, técnicas e concepções próprias à educação das crianças índias” (Lopes da Silva, 2002, 40). Situações tais como as pesquisadas por Lopes da Silva (2002) entre os Xavante e Xerente de Mato Grosso trazem interessantes questões sobre o aprender e o ensinar: “Quem ensina, com quem se aprende, onde e quando? Qual a atmosfera que impregna situações de aprendizagem? Como são as relações entre gerações e entre gêneros nesses processos?” (idem, 51). Questões que procurei investigar já no primeiro capítulo e que serão abordadas de forma mais detida nos próximos tópicos.

¹⁶ A faculdade mimética, segundo Taussig (1993), refere-se à capacidade de observar, imitar e copiar, criar outra natureza.

¹⁷ Nas diferentes práticas futebolísticas não-espetacularizadas, é possível encontrar tanto formas diretamente cooptadas do chamado esporte de alto rendimento, assim como práticas que pouco ou não se assemelham na forma e sentido (Bracht, 2003, 17). Desse modo, concordo com a tese de que o esporte espetacularizado seja, de modo geral, o modelo de atividade para grande parte das práticas esportivas. Porém, esta influência é mútua, por fatores como recrutamento dos praticantes, consumo do esporte, uso comum das instalações esportivas etc. Ao buscar evidenciar as diferenças entre as manifestações esportivas, esquece-se de atentar para as semelhanças entre as práticas e as realimentações recíprocas.

2.2) OS TREINAMENTOS

A primeira atividade em todos os treinos era sempre o aquecimento, que consistia em corridas em volta do campo, em ritmos diferentes, ao longo de 10 minutos. Organizados em duas filas, como se os jovens corressem em duplas separadas por um metro, o aquecimento começava com um ritmo mais lento, priorizando o “trote”; ao som do apito de Silva, os alunos aceleravam a corrida por alguns minutos; nas últimas voltas, o ritmo diminuía até que Silva orientava todos a pararem de correr e terminarem a última volta caminhando. Embora seja uma das partes do treino que menos seduz os alunos, era o momento e maior descontração, com brincadeiras entre eles.

Nos treinos de terça-feira e quarta-feira, as atividades seguiam a seguinte ordem: corrida de 10 minutos em torno do campo, exercícios físicos com os equipamentos à disposição (cones, bolas, arcos, cordas etc.) e, por fim, atividades diretamente com bolas (condução, cruzamentos, finalizações a gol, cabeceio e troca de passes). Após o aquecimento, portanto, começavam os treinamentos sem bola, como dar pequenos piques de um cone a outro, saltar bolas e cones, driblar cones e fazer zigue-zague em arcos de borracha (semelhantes aos bambolês). Estas atividades duravam em média uns 10 minutos. Em seguida, vinham os treinamentos com bola, utilizados para aprimorar o domínio de certos fundamentos: controle e domínio de bola (driblar cones e correr com a bola), chutes a gol, cabeceios, cruzamentos etc. Estas atividades visavam simular algumas situações de jogo, repetindo-as diversas vezes. Para as turmas de terça-feira, composta pelos alunos com idade entre 7 e 12 anos, Silva organizava, ocasionalmente, um pequeno “rachão”, utilizando somente metade do campo.

Na quinta-feira e sexta-feira, Silva iniciava as atividades com 10 minutos de corrida em volta do campo. Após a corrida de aquecimento, Silva reunia os alunos em uma extremidade do campo para iniciar a formação das duas equipes que disputariam o coletivo. Sentados em volta do professor, os jovens esperavam a distribuição dos coletes. Em seguida, Silva iniciava a distribuição de coletes para formar os times. Este era o único momento que se aproximava de uma preleção, com todos os alunos sentados em volta do professor, embora Silva pouco falasse com os alunos: o objetivo principal era a distribuição dos coletes, assim, formando os times.¹⁸

Como funcionava a escolha da posição? Silva sabia a posição da maioria dos alunos, sendo os próprios que indicavam onde queriam jogar. Quando ficava em dúvida, Silva perguntava, por exemplo: “quem é zagueiro?” Após alguns levantarem as mãos, ele escolhia e entregava o colete. Raul (91), por exemplo, quando perguntei o porquê de jogar como ponta-esquerda, respondeu: “Porque no meio eu corro mais. E eu não sou jogador muito de marcar”. Raul afirmou que demorou a descobrir a sua posição, o que aconteceu no ano anterior à sua chegada no CDM:

¹⁸ Foram raros os momentos em que pude observar rodas de conversa entre professor antes ou depois das aulas, como é proposto por Freire (2006, 11). Portanto, os momentos comunicativos mais coletivos ocorriam somente na distribuição dos coletes antes dos rachões e coletivos.

Já jogava desde os sete anos. Comecei lá em Suzano. Do Suzano eu fui para o interior, passei um mês lá jogando. De lá eu vim para o São Mateus. Em São Mateus joguei em outro CDM. Lá em São Mateus eu passei três anos, morando com a minha mãe. Depois, eu vim para cá em 2006. Entrei aqui no Santinhos, escola muito conhecida aqui em Itaquera. No Santinhos, ficava muito na reserva e tinha uns moleques muito malas, que queriam ser mais que os outros. Aí eu vim para cá em 2008.

Certa vez, quando um garoto novo chegou ao CDM, Silva perguntou em que posição ele jogava. O garoto afirmou que não sabia. Acabou por jogar de zagueiro. Conversando com Silva após o coletivo, ele confidenciou que a escolha foi fácil: “o moleque é alto, forte... meio gordo, até. E pelo jeito que ele falou, e no modo como correu, percebi já que não era habilidoso, bom de bola mesmo”. Nos treinos seguintes, na distribuição de coletes, o garoto incorporara a posição e levantava a mão quando Silva perguntava: “tem algum zagueiro?”. Isso era pouco comum, pois a maioria jogava de meio-campo ou atacante. Goleiros, por outro lado, embora poucos, eram de fácil identificação. Já vinham aos treinos vestidos com calças longas, camisas de manga comprida e de luvas.

Parte dos alunos não iniciava o coletivo jogando, mas sim sentada no banco de reservas. Ao longo do treino, Silva fazia as substituições, para que todas as crianças e jovens pudessem jogar. Na escolha das equipes, Silva dizia que procurava formar equipes equilibradas para que o jogo fosse mais disputado. Era, porém, era muito criticado pelos alunos. Segundo estes, o professor formava panelinhas, utilizando sempre os mesmos desde o começo e outros no banco de reservas no início dos coletivos. Ao longo dos treinos, estes entravam paulatinamente. “Ele sempre pega primeiro aqueles moleques, como se fosse o time titular dele, aquele que ele gosta de ver jogando junto” sugeriu Anderson (91), ex-aluno da escolinha, que assistia alguns treinos comigo. Apesar das reclamações e questionamentos ocasionais, a maioria dos jovens procurava não criar problema, para não ser afastada dos treinamentos.

No coletivo, Silva conduzia a partida como se fosse técnico dos dois times, cobrando dedicação e precisão nas jogadas. Assumia, também, o papel de árbitro, munido do seu apito, assinalando faltas, laterais e escanteios.

E: Em relação a alguns treinos, como o treino coletivo, é para trabalhar o quê no garoto?

Silva: Para treinar, por exemplo, domínio e toque rápido. Seria para não perder a bola. Domínio e toque. Coletivo já é treino de preparação para o jogo, aí que você vai demonstrar sua habilidade, seu modo de jogar, só driblar todo mundo. A gente já vai tirando os defeitos daí.

E: Qual a maior dificuldade para eles? Qual a maior dificuldade de jogar futebol?

S: Muitos têm tudo. A gente vai tirando os defeitos. Até os dez anos muitos deles não tirou ainda. É treinar para aprimorar. Os mais velhos, com quinze e dezessete anos, já sabem um pouco. Já vêm com mais bagagem, mais tempo de treinamento. Ele já está com mais aprendizado. Já está ficando pronto para tomar rumo na sua vida, jogar ou não jogar.

Além disso, durante o coletivo, Silva gerenciava a circulação e ações que ocorriam no banco de reservas, onde as crianças e jovens alternavam momentos de atenção no jogo com outros de brincadeira e paquera. Os jovens conversavam, “tiravam sarro” de quem estava jogando, narravam e comentavam o jogo, combinavam jogadas para quando en-

trassem etc. Se alguma menina parava perto ao banco para conversar, logo começavam a investir numa conversa. Durante os treinos, inúmeros temas pautavam as conversas entre as crianças e jovens: as partidas de futebol do fim de semana ou do dia anterior, as festas do final de semana, os shows de hip-hop,¹⁹ o baile funk de sábado no salão de festas do CDM, o cotidiano nas escolas, oportunidades de emprego, testes e peneiras agendadas etc.

As conversas antes e depois dos treinos se restringiam aos alunos. Silva e Jaílson não interagem com as crianças e jovens, interferindo pouco no cotidiano deles fora da escolinha. Embora soubesse quase tudo sobre cada aluno – com quem namora, quem tem filhos, os que já tiveram problemas com a polícia, quem pratica roubos, quem gosta de bebedeira etc. –, Jaílson preferia não intervir: “Tento orientar e ajudar, mas não sou pai deles”. Em certos momentos, dava sermão em alguns jovens, como no caso de Bruno (92), que aos dezesseis anos já era pai de um garoto. Deste modo, Jaílson procurava, em certas ocasiões, aproximar-se dos alunos, embora não pretendesse fazer da escolinha do CDM um espaço de proteção em relação à rua.²⁰

Por fim, após o coletivo, todos se dirigiam à bica de água, que fica entre os dois banheiros, masculino e feminino. Na fila para se refrescar, as brincadeiras retornavam, com comentários jocosos sobre o que acontecera na partida, os principais lances, os gols, as piores jogadas etc. Enquanto alguns se trocavam nos vestiários, outros esperavam a distribuição das merendas e a devolução do RG ou da carteirinha da escola.

Este modelo de treinamento aplicado por Silva era, continuamente, criticado por Jaílson. As críticas se dirigiam a diferentes aspectos, mas principalmente a dois: primeiro, a ausência do alongamento, essencial, segundo Jaílson, para o aquecimento muscular e para amaciar as articulações corporais; segundo, a pouca ênfase nos diversos fundamentos da prática, que levava Jaílson a vociferar reiteradamente “Essa sua molecada, Silva, não sabe nem bater um lateral”.

Pude acompanhar, em alguns sábados, a tentativa de Jaílson de montar equipes com garotos da Cidade Líder com idade entre 12 e 17 anos. Nos poucos dias em que houve treino, já que em certos dias o número de alunos não passava de dez garotos, Jaílson apresentou outra rotina de treinamento, que começava 8h30 e terminava 11h: iniciava com 25 minutos de corrida em volta do campo, depois organizava uma sessão de alongamento que durava 10 minutos, para em seguida repassar os exercícios físicos durante 25 minutos, depois comandava 30 minutos de atividades com bola para o ensino de fundamentos e, por fim, arbitrava um coletivo de 1h, sendo os primeiros 30 minutos de “dois toques”.

¹⁹ Embora não seja a única referência musical dos jovens das periferias paulistanas – visto o gosto por outros estilos musicais, como samba, forró, pagode e rock –, o hip hop tem um espaço cativo junto a este amplo público, por ser um universo de produção cultural que atua como um forte agenciador de sociabilidades (Guasco, 2001).

²⁰ Como afirmado no primeiro capítulo, o CDM não poderia ser entendido enquanto um espaço moralizante e agregador, em oposição às ruas do bairro, tal como pensado por Wacquant (2002) num bairro negro de Chicago. A socialização vivida no CDM perpassa por questões ilegais, violentas e desagregadoras, o que problematiza o enfoque dado pelo poder público aos projetos sociais que utilizam o esporte como instrumento educativo e socializador para ocupação do tempo livre.

A ênfase nos exercícios físicos nas atividades com crianças e jovens não era questionada pelos pais, embora os jovens sempre reclamassem. Mas não todos: “O principal no CDM é pegar o ritmo, pegar um físico, fôlego a mais. É bom fazer um físico”, afirmou Leandro (91). Ênfase que é motivo de preocupação para diversos profissionais, como lembra o ex-jogador Raí em seu manual: “Não adianta forçar a barra desde cedo. No começo, o importante é brincar e se divertir (2005, 17).²¹

Para Jaílson, porém, os exercícios eram indispensáveis, principalmente porque, segundo o coordenador, as crianças não praticavam outros esportes, somente futebol:²²

Se você não faz um alongamento, um exercício físico, um trabalho de educação física, não tem como você ter fôlego para correr em cima da bola, correr e parar a bola, não é verdade? Você fala para o cara correr, ele está aha...aha (*fazendo som de estar sem fôlego*) cansado. Como ele vai chegar na bola? [...] Hoje o futebol é preparo físico, é força, entendeu?

Além disso, e diferente de Silva, Jaílson preferia parar os treinos ou o coletivo sempre que um aluno errava, pedindo ao jovem para corrigir o fundamento ou mesmo para impor um castigo (normalmente, a realização de um exercício físico ou uma corrida em volta do campo). Os castigos eram comuns na aula do Jaílson, que interrompia o coletivo sempre que alguém errava um fundamento ou o posicionamento em campo, para corrigir o que fora feito errado:

Eu chamo a atenção deles. Errou, eu pego no pé, converso com eles, brinco com eles, troco idéia com eles, na moral. Mas se errar, eu vou chamar a atenção, e eles me respeitam, ficam quietos. Estou chamando atenção porque está errado. Já com nosso amigo aí [*Silva*] não é assim, entendeu?

A ênfase dada por Jaílson às repetições exaustivas dos fundamentos e jogadas demonstrava, novamente, a orientação pautada pelo conhecimento prático. Os erros nos chutes a gol eram os mais corrigidos e criticados por Jaílson, tanto quando o jovem acertava ou errava o alvo. Se acertava a meta, Jaílson reclamava da pouca força do disparo, para ele, reflexo da falta de empenho nos treinos. Era freqüente Jaílson, antes apelidado de “canhão da vila”, colocar-se como exemplo:

Eu comecei a chutar forte assim porque eu joguei muita bola na praia, futebol de praia, e a turma pegava aquela câmara de ar, enchia ela e enrolava com barbante para poder você jogar. Aquilo quando molha, fica muito pesado. E a bola naquela época era também de couro e quando ela molhava, se ela pesava quinhentos gramas, a bola ficava com um quilo, um quilo e meio, entendeu? O cara, pô, pega para chutar, ele machucava até o pé. Precisava saber bater na bola. Quanto mais você abaixa o corpo, mais você tomba a perna para trás e

²¹ A partir de depoimentos de ex-jogadores e especialistas da área de medicina esportiva, o manual de Raí (2005, 17) chega a uma proposta de iniciar as atividades físicas mais intensivas somente por volta dos 13 ou 14 anos e realizar investimentos pesados em treinamento físico e muscular a partir dos 17 ou 18 anos, privilegiando o desenvolvimento da habilidade, da técnica e dos fundamentos nas etapas anteriores.

²² Poucos jovens confirmaram já terem se dedicado a outros esportes, sendo que somente uma vez apontaram um esporte que não faz parte do currículo escolar. Gabriel (91) afirmou ter freqüentado uma academia de boxe de Ferraz de Vasconcelos, quando morava na cidade com a avó materna. “Para quem já lutou boxe, os treinos da escolinha são moleza”. Tal esforço durou pouco tempo, devido à falta de perspectiva de uma profissionalização no esporte, assim como a grande improvisação no uso dos aparelhos e equipamentos de boxeador. “Futebol é mais fácil”, resumiu Gabriel.

solta. Aí você bate certo na bola, entendeu? Com a idade que eu estou, pego para brincar, ainda dá. Ontem, no meu treino aí, eu fiz um golaço de falta. Mas eu quando eu jogava bola, qualquer time que eu jogava o batedor era eu, porque eu tinha visão para gol limpo, de escanteio, eu fazia gol de oitenta, setenta jardas. O meu potencial era esse. Eu colocava bola onde eu queria, no seu peito, na sua cabeça, para cabecear e fazer o gol, entendeu?

Após um coletivo, Jaílson ensaiou algumas tentativas de rápidas “palestras” sobre diversas questões: espírito de equipe, disciplina, companheirismo, pontualidade, honestidade, respeito ao adversário etc. Para esta parte final do treino, Jaílson dispunha de uma folha de papel timbrada, com o nome do CDM e seu endereço, por meio da qual explicava quais os princípios que jogadores de futebol deveriam respeitar e seguir.²³ Tais diretrizes se aproximavam das propostas da maioria dos projetos sociais, que compreende a socialização esportiva enquanto um espaço para liberação de pulsões juvenis e adesão às convenções sociais; o espírito de equipe na prática esportiva, por exemplo, seria um atributo importante para a vida em sociedade.

Mas alguns desses valores, quando inseridos na lógica futebolística, geravam transtornos. No intervalo de um jogo do CDM Cidade Líder, válido pelo Campeonato Mais Esporte, em novembro de 2007, Clauber (94) questionou Silva sobre o porquê das reclamações quanto ao fato de ter assumido que tocara a mão na bola numa jogada próxima à lateral do campo. Na ocasião, o árbitro não tinha percebido o toque e dera continuidade à jogada, o que fez Clauber avisar que havia tocado na bola com a mão. Silva reclamou da atitude do jovem, que retrucou: “Mas eu toquei a mão na bola. Ele perguntou e eu respondi. Era para mentir?”. Silva não respondeu.

Ao mesmo tempo em que prega o jogo limpo (o famigerado *fair play*), Silva muitas vezes usou a expressão “falta de malandragem” para justificar os maus resultados das equipes do CDM em amistosos. A malandragem, nesse sentido, era valorizada. Usar o corpo para cavar faltas, deslocar o adversário, fazer cera, levar a uma expulsão do adversário é uma qualidade importante, segundo Silva: “O moleque tem que ter pelo menos um pouco de malandragem, senão não sobrevive no mundo do futebol”, atributo este que faltava à sua equipe naquele momento. Portanto, ao mesmo tempo em que prega o *fair play* e o respeito ao adversário, incentiva as medidas necessárias e que não escapam às regras, necessárias para a formação do jogador. Tudo realizado dentro dos valores aceitos socialmente, influenciados diretamente pela educação escolar.

Silva e Jaílson, portanto, procuravam recriar, na escolinha, o espaço hierárquico característico das escolas, marcado pela autoridade e disciplina. Porém, a concentração e o respeito mantido na escolinha deviam-se mais ao interesse das crianças no conteúdo e métodos de ensino do que ao espaço disciplinar criado. Se a escola não oferecia atrativos para as crianças e jovens, a prática futebolística, em contraposição, despertava o interesse dos alunos e a vontade deles de permanecer na escolinha, levando a um melhor comportamento dos jovens naquele espaço.

²³ Ver ANEXO 07.

Portanto, tratava-se de um modo de disciplina diferente das tentativas reguladoras das escolas de ensino fundamental e médio. Na escolinha, a disciplina estava pautada, principalmente, pelo respeito ao saber futebolístico de Silva, valorizado e almejado por grande parte dos alunos. Valorização e interesse explorados pelas políticas sociais no desenvolvimento de projetos esportivos para crianças e jovens (Deccache-Maia, 2003).

2.3) ALGUNS SENTIDOS DA PRÁTICA FUTEBOLÍSTICA

É necessário compreender, nas pesquisas sobre os projetos sociais esportivos, como a escolinha tem múltiplos sentidos para os diferentes atores e agentes que ali estão. Brincadeira, divertimento e lazer eram apontadas como razões para a prática, que não necessariamente se esvaziavam de seriedade e competição, como comentou Denis (82), ex-aluno da escolinha e morador da Cidade Líder:

Ah, gostoso, porque a amizade que você faz, o ciclo de amigos que você tem, o pessoal ali do bairro que cresceu com você, que você vai lá e é um momento de você estar reencontrando e conversando. Vendo como é que está a vida de cada um, e jogar futebol é gostoso, prazeroso e mesmo a competição é legal, aquele compromisso, aquela coisa de: “Pô, o jogo hoje é decisivo.” Aquela coisa do clássico da várzea, aqueles times que têm uma rivalidade, então essas coisas são fatores que tornam esse jogo da várzea amador gostoso. Momento de entretenimento, de ver os amigos.

Mas eram poucos os que não citavam a possibilidade de enriquecimento com a carreira de jogador: “Se tivesse dinheiro que nem eles, gastaria em carros, roupas de marca, comeria mina de TV”, comenta Sandro (94). Segundo eles, essa é umas das belezas do futebol, pois dá a chance de alguém mudar de vida, virar estrela, herói, ídolo, de ser conhecido e aparecer na televisão.

Para estes e os mais diversos assuntos, Anderson (91) era um ótimo interlocutor. Devo tê-lo encontrado oito vezes, se muito, mas todas as conversas trouxeram dados interessantes. Além disso, foi o que se mostrou mais empolgado em aprender a utilizar a filmadora e a câmera fotográfica. Era um dos poucos a pedir diretamente para filmar. Gostava de conversar sobre questões técnicas do uso – a questão da luz, o uso do tripé, a duração das baterias, o alcance do zoom etc. Tinha o costume, ainda, de dirigir a performance das demais crianças e jovens: pedia embaixadinhas, piques na corrida, esforço nos treinos, mais força nos chutes, entre outras coisas. Gostava de filmar os treinos e coletivos, sempre falando alto, “tirando sarro” dos demais jovens.

Era respeitado, muito conhecido no CDM, e poucos revidavam as gozações. Dizia que era o que estava há mais tempo na escolinha. Além disso, dava-se bem com Jaílson, antigo conhecido, amigo de seu pai, jogador de futebol de várzea e praticante assíduo dos rachões nas manhãs de domingo. Perguntado sobre a parte que mais gostava dos treinos no CDM Cidade Líder, não pensou duas vezes ao responder: a merenda oferecida pelo Programa Mais Esporte. Momento aguardado, a distribuição do lanche gerava situações lúdicas e, ao mesmo tempo, competitivas:

Anderson: Nós apostávamos toddynho todo dia.

E: Por quê?

A: Não tem um toddynho que a gente ganha?

E: Sim.

A: Então, a gente apostava: quem fizesse mais gol, ganhava do outro.

E: Sério?

A: É. Eu ganhava direto, golaço.

E: Todo mundo cumpria?

A: Sim, aí ficava só com as bolachas, ficava com a boca seca (risos).

Para Silva, aliás, alguns alunos participavam dos treinos apenas para poder pegar a merenda oferecida após as atividades. Para ele, o grupo de meninas de sete e oito anos da CCA, que freqüentava a escolinha nas tardes de terça e quinta-feira, era um exemplo desse interesse no lanche. Não era possível, portanto, atrelar um único sentido, qual seja, à prática futebolística no CDM: alternativa de ascensão social, ou para “matar o tempo”, por lazer, para não ficar na rua, para paquerar ou mesmo para poder comer a merenda. A participação nas atividades tinha muitas justificativas: “Jogava só para não ficar em casa, nem gostava muito de assistir futebol na TV. Pensava: para que ir lá, se eu posso jogar futebol na rua e na escola? Mas até que eu estou gostando. Além disso, as meninas sempre vêm espiar”, comentou Lucas (92).

Havia, portanto, um conjunto heterogêneo de sentidos conferidos à prática futebolística na escolinha. De um lado, um interesse das crianças e jovens em participar das aulas e treinos em busca de divertimento, lazer e outras formas de interação e sociabilidade, bem como de visibilidade no bairro diante às garotas. Por outro, parte dos alunos mostrava-se interessada em ter acesso aos aspectos técnicos do saber futebolístico, tendo como fim a inserção no universo espetacularizado. Esta segunda forma de apropriação que as crianças e jovens faziam desta proposta, pautada por um mote utilitarista e profissionalizante de virar jogador de futebol profissional, era a principal razão mencionada para a presença na escolinha.

Porém, não foram os únicos sentidos citados. David (90) preferia enfatizar o trabalho social realizado no projeto, já que o bairro não oferecia outra estrutura, e não havia como contar com uma ajuda familiar, por isso elogiava o programa de esporte da prefeitura: “ajuda bastante a gente que não tem condições, entendeu?”. Ao comentar sobre sua influência nas escolhas do enteado de seu irmão, David reiterava o elogio:

E: Você começou a trabalhar com...

David: Dezesseis.

E: O Jonatas hoje tem...

David: Catorze.

E: E se ele falar “vou trabalhar”?

D: Aí eu vou falar para ele: “Aqui você joga bola, treina. É melhor do que estar na rua... aproveita meu, aproveita cada minuto que você ainda é jovem, criança. Para poder se divertir e correr atrás do que você quer, entendeu? Eu comecei a trabalhar com dezesseis.

Dividido entre estudos, trabalho e as tentativas de seguir carreira futebolística, David não abandonava nenhuma dos três planos, porém focalizava, naquele momento, os dois últimos: a procura por trabalho, assim como a realização de testes e peneiras. Enquanto não conseguia vaga em algum clube, continuava trabalhando para ajudar a mãe:

Quando eu tinha dezesseis eu estava treinando, mas com dificuldades. Não tinha dinheiro. No São Caetano, gostaram de mim. Só que eu me mudei para cá na mesma semana. Aí acabou atrapalhando o teste que eu já tinha passado. Aí eu comecei a treinar aqui no final de 2006, e até hoje eu estou treinando aqui. Não estou fazendo nenhum teste, pois não tive tempo, trabalhando e estudando, sem tempo para poder treinar.

2.4) JOVENS JOGADORES, JOVENS TRABALHADORES

Para Jaílson, o aprendizado de futebol não pode ser pensado separado da rotina casa-trabalho-escola vivida principalmente pelos jovens: “São poucas crianças que trabalham, mas quase todos os mais velhos trabalham”.²⁴ A dimensão do trabalho não pode ser, portanto, dissociada do universo dessa juventude. Todas as crianças e jovens alunos da escolinha tinham idade escolar. Contudo, os jovens eram vistos como capazes de trabalhar, no papel de complementar a renda familiar. Qualquer quantia que ganhassem trabalhando fazia diferença na hora de abater o total dos gastos da família.

Para alguns sócios do CDM, as crianças pequenas não deveriam trabalhar, principalmente nas tarefas que ocupavam: como flanelinha de carros nas feiras da região; distribuindo folhetos de lojas comerciais e pizzarias pelas ruas do bairro; fui, algumas vezes, interpelado por três crianças da escolinha que vendiam balas e chicletes no semáforo do cruzamento da Av. Itaquera com a Av. Aricanduva.

Entretanto, a opinião mudava quando se colocava em pauta o jovem adolescente, entre 13 e 17 anos. Mas quando envolvia trabalho pesado para estes adolescentes, a discussão novamente se dividia. Para alguns sócios, era difícil avaliar, pois são muitos os motivos que levam um adolescente a trabalhar para auxiliar na renda doméstica. Assumiam, assim, responsabilidades de trabalho dentro de suas próprias casas ou nas ruas, onde buscavam complementar a renda familiar. As garotas, por exemplo, auxiliam mais no serviço doméstico em casa, ou mesmo ganhando dinheiro realizando tarefas domésticas na casa de terceiros.

Muitos deles precisavam conciliar trabalho e estudos, no período noturno. Contudo, alguns comentaram terem abandonado os estudos ao começarem a trabalhar, pois não tiveram condições de conciliá-los. Uma parte dos garotos, principalmente os que estavam na faixa etária dos 13-18 anos, apresentavam defasagem entre série e idade. Sintoma, para Jaílson, da jornada dupla (escola e treinos) ou tripla (trabalho, treinos e escola), mas também do descaso dos próprios jovens.

Portanto, foi possível perceber, nos depoimentos, que a procura por um emprego era um momento decisivo na formação de um jovem, pois era quando se afastavam ou abandonavam a escola em busca de algum tipo de renda para ajudar em casa ou mesmo

²⁴ Como foi possível perceber no depoimento de David, no parágrafo anterior.

para poder sair de casa, ter independência financeira ou compor uma família. A dimensão do trabalho surgia, assim, atrelada à formação do jogador de futebol, decisiva da constituição de um papel masculino.

Embora bronqueasse com os garotos quando descobria uma ausência prolongada na escola, Jaílson atestava que a vida dos garotos era difícil, assim como fora a sua trajetória. Para ele, é notório que o desemprego atinge aos jovens das famílias de renda mais baixa, pois para além das dificuldades de encontrar ocupação, a maioria dos trabalhos não apresenta salários e condições apropriadas. Porém, as raras oportunidades e muitos obstáculos creditados ao meio social em que vivem não são, segundo Jaílson, as únicas explicações para os problemas enfrentados por essa juventude: “A molecada hoje não quer saber de nada, só pensa em bobeira. Este garoto aqui, por exemplo,” mostrando o RG de Bruno (92), “já tem filho de um ano, e semana passada, você viu, estava em cima de uma menina aí. Durante o horário do treino, ainda”. Para Jaílson, na maioria das vezes, eram os próprios jovens que criavam problemas com os policiais: “Ficam aí vadiando, de bobeira. Se estivessem trabalhando, não teriam problemas...”.

Porém, ser um garoto com emprego fixo tampouco era motivo para a não desconfiança policial. Num fim de tarde, em junho de 2008, no trecho final da Av. Líder, já próximo à Av. Itaquera, observei uma pequena blitz policial, parada no trecho central da avenida. Num certo momento, logo após liberar um Escort vermelho, um dos policiais, armado, com a mão apoiada no revólver preso na cintura, parou um rapaz alto, que vinha de bicicleta, ainda vestindo o uniforme do supermercado no qual trabalhava na Av. Aricanduva. Só quando parei no semáforo percebi tratar-se de Gustavo (92), aluno da escolinha de futebol do CDM Cidade Líder e morador vizinho ao campo. Parei o automóvel próximo a uma banca de jornal alguns metros à frente, no canto direito da avenida. Um senhor de idade, que vendia bilhetes de loteria de casa em casa, parou ao meu lado e comentou: “tem que ficar de olho nestes tranqueiras mesmo, está certinho...”. Argumentei que conhecia o garoto, e que ele trabalhava, o que poderia ser percebido em sua vestimenta. Este mesmo senhor retrucou: “Nem todo bandido é vagabundo. Tem traficante aí que trabalha normalmente...”.

Conclusão semelhante à de Jaílson, nada surpreso com o que eu narrara para ele na manhã seguinte. Para o coordenador do CDM, a figura do trabalhador ainda é reconhecida, em grande parte, em oposição à ilegalidade e vadiagem; contudo, está cada vez mais difícil diferenciá-las. Não se trata, assim, de uma oposição incondicional e integral, como bem já observara Zaluar (2002), ao relativizar uma possível segregação nitidamente demarcada entre trabalhadores e bandidos.

Deste modo, visto que o desemprego, a violência e a baixa escolaridade são problemas que permeiam as vidas dos diferentes jovens observados nesta pesquisa, a possibilidade de ser jogador de futebol surge como uma solução possível e aparentemente próxima, que dependeria da sorte, do talento e de uma oportunidade de profissionalização oferecida por um clube, empresário ou olheiro ao vê-los jogar. Havia a esperança de que a qualquer momento estivessem sendo observados no futebol de várzea por um “olheiro”, porém sabiam das dificuldades de seguir carreira.

2.5) AS REDES DE RELAÇÕES FUTEBOLÍSTICAS

Como vimos, embora cite rapidamente em suas diretrizes uma preocupação com o direcionamento profissional do atleta, a profissionalização do jogador não era o objetivo principal do projeto. Se fosse para preparar profissionais, segundo Silva, teria que ter treino todo dia, com dedicação de pelo menos quatro horas diárias, e ainda não seria o ideal, segundo o ex-jogador: “A quantidade de horas de treino, esforço e suadeira é absurda. O moleque tem que se matar”, reforça Jaílson.

Instigados pelos valores e pelo reconhecimento social, pais procuram investir na carreira de jogador dos filhos desde pequenos (Damo, 2007; Rial, 2008). Contudo, durante os meses de observação desta pesquisa, somente dois pais eram presenças constantes. Para Jaílson, sempre foi assim, pois a maioria dos pais e mães trabalham nos períodos matutino e vespertino. Um pai fazia questão de acompanhar as atividades durante o treino, fazendo comentários, dando sugestões, incentivando o filho. Era impossível não notar a presença de João Carlos, técnico em administração, prestes a se aposentar, e torcedor são-paulino.

Nascido no bairro do Limão e morador da Freguesia do Ó, João Carlos mudou aos 10 anos para a Cidade Líder, onde mora até hoje. Trabalhou desde a adolescência, antes mesmo de servir o exército durante um ano e oito meses. Quase aposentado, trabalhava atualmente como técnico da área de eletrônica em São Bernardo. Adotou os dois filhos, entre eles Marcos (01), aluno da escolinha do CDM:

Gostava, sempre gostei, na minha infância sempre eu brinquei, mas nunca tive assim a oportunidade que o Marcos está tendo hoje com a escolinha. Eu sempre ia naquelas peladinhos. Bater uma bola com os colegas só para fazer uma apresentação junto com os colegas, fazer um lazer. Já o Marcos, ele já foi engatilhado numa escola, já está tendo outra visão. Mas sempre gostei de esporte. Inclusive me chamam de maratonista da empresa. Nessas corridas aí da São Silvestre eu vou, na Meia Maratona de São Paulo sempre vou, e sempre ganhei meu trofeuzinho, minhas medalhinhas. Eu nunca cheguei em primeiro lugar, mas sempre entre os duzentos, trezentos... eu estou chegando. Eu faço também para manter a minha saúde, porque esporte é em primeiro lugar para saúde. Isso eu acho que já foi consagrado, eu já tenho isso comigo. Às vezes estou com cabeça meio esquisita, meio alterado, é só chegar no Parque do Carmo e começar a fazer o esporte que abre a mente da gente. Então, o esporte ele é bom para a saúde mesmo.

Apaixonado por corrida, João Carlos procurava manter as corridas diárias no Parque do Carmo, na Zona Leste, aproveitando os momentos em que o parque estava vazio:

Ah dia de semana, segunda a sábado é uma delícia, assim até para fazer um churrasquinho, você prepara tudo em casa e você leva tudo preparadinho, lá tem churrasqueira, não sei se você viu lá, a churrasqueira tudo do lado esquerdo, sábado é bom, domingo também não é bom, sábado fica você e você só, é bom, de vez em quando eu faço, tempera bem e vamos levar lá no parque, a gente fica lá brinca, conversa: “Agora eu vou dar uma corridinha ali, depois eu volto aí.” Vou lá faço uma manobrazinha e volto ali de novo.

Tal modo de vida saudável não o impedia de uma ida ao boteco após a corrida: “Vou tomar um cervejinha antes de jantar, vou lá primeiro tomar minha ‘cerva’, depois eu janto. Às vezes ia à tarde, é gostoso à tarde também, só que hoje não dá, hoje tem que

ser de manhã, de manhã é gostoso também”, comentou. Apesar da paixão pela prática esportiva, João Carlos nunca pensou em fazer do esporte um modo de ganhar dinheiro, diferente, assim, do que preparava para o filho:

Esporte só para me ajudar no meu trabalho mesmo. Nunca pensei assim. Quando eu comecei abrir a cabeça para isso eu já estava com idade já avançada, então não adianta. Viver de ilusão não adianta, tem que ter o tamanho que tem meu filho hoje, sete anos. Se ele tiver que ser alguma coisa aos dez anos tem que estar engatilhado aos dez, onze anos.

Apoio ao filho que afirma não ter tido quando jovem, assim como outros colegas de geração, como já fora indicado por Jaílson:

Hoje a pessoa é mais apoiada dessa forma aí. Na nossa época não tinha apoio não, tinha que trabalhar. O pessoal falava: “Que nada, jogar bola era coisa de vagabundo”. Mais ou menos por aí, então faltou isso também. Ninguém sabia também como é que ia ser, ninguém sonhava que jogador ia ter salário, ia ter o que tem hoje. Hoje em dia o jogador está ganhando setenta milhões de reais, é um dinheiro fora de série.

Se era incomum a presença de pais e mães nos treinos da escolinha do CDM, a situação era inversa quando Rafael (85) era aluno. Mário, pai de Rafael, era, no momento da pesquisa, presidente do CDM Cidade Líder. Joga há vinte anos pela equipe de veteranos do Botafogo da Cidade Líder, disputando competições, torneios ou mesmo amistosos: “Ele não gosta de jogar no rachão. Ele gosta de jogar contra. Jogar por jogar assim, ele não gosta. Quando é brincadeira ele não gosta muito, não. Só quando está entre amigos num sítio, essas coisas. Que nem eu, eu também não gosto”. Filho do presidente do CDM, Rafael sofria com as brincadeiras das demais crianças. Além disso, carregava a responsabilidade de seguir ao passos do pai, jogador admirado no bairro:

No começo quando eu entrei falavam assim: “Ah, esse é o filho do presidente, só joga porque é filho do presidente.” Eu ficava chateado, eu era moleque e falava: “Caramba, meu, só joga porque sou filho do presidente, toda hora...” Então assim, os caras achavam que eu tinha muita mordomia, sabe? Eu era titular porque eu era filho do presidente, eu não precisava chegar na hora do treino porque eu era filho do presidente... [...] E o ruim é que é assim, meu pai jogava bem para caramba., sensacional meia esquerda ou meio campo, joga bem demais. Agora está velhão, já está mais cansado, mas mesmo assim você vê ele jogando...

Se na escolinha do CDM não há participação e práticas de intervenção dos pais nos horários dos treinos, nos treinos do período noturno das escolinhas Fujii e Elite,²⁵ ambas do bairro de Itaquera, a presença dos pais era assídua. Nos horários dos treinos noturnos, grande parte da área do CDM ficava ocupada pelos carros estacionados e o bar repleto de pais e mães conversando e trocando informações sobre peneiras, testes, os movimentos e lances do treino que acontecia naquele momento, assim como sobre os jogos do Campeonato Brasileiro de Futebol da noite ou do final de semana anterior.

Davi, professor da escolinha Fujii, afirmou que a participação exagerada dos pais e mães interferiam negativamente no trabalho do professor, porém lembrou

²⁵ Escolinhas de futebol que alugavam o campo do CDM Cidade Líder duas noites por semana.

que a presença deles era essencial para o desenvolvimento de uma educação infantil positiva: “Não há o que fazer, só nos resta aceitar e aprender como trabalhar em parceria com os pais, sabendo que eles estão ali fora do campo”, postula Davi. “Temos que administrar essa participação deles”, e completa: “Sem dúvida, a maioria hoje quer que o filho seja jogador de futebol profissional. Eles cobram treinos com métodos e técnicas diferentes, cheio de táticas complicadas, como se estivéssemos nos centros de treinamento dos times de futebol mesmo”.

Pede-se, assim, a reprodução dos treinos e métodos utilizados nas equipes profissionais nas atividades das escolinhas. O que pode trazer, segundo Adir – professor da escolinha de futebol do São Paulo, no Jabaquara²⁶ –, conseqüências positivas e negativas. “Não tenho dúvidas que, se tomados os devidos cuidados e precauções, as disputas e competições podem contribuir para a formação da criança”, assegurou Arnaldo, professor e dono da escolinha do São Paulo no Jabaquara. “Só porque é amador, não quer dizer que não possa ser profissional. Pode ser os dois ao mesmo tempo, ora. É só saber trabalhar”, completou.

Segundo Adir, tem de tudo: pai frustrado que projeta o antigo sonho de ser jogador no filho; pai que não conseguiu ser jogador, mas a experiência ajuda na preparação do filho. Segundo o professor, ao contrário do que se imagina, os pais que conhecem e já jogaram futebol quando jovens são os mais compreensíveis, fazem menos cobranças, pois sabem como funciona, passaram por essa experiência. “Mas tem crianças que sentem a responsabilidade, até medo de decepcionar o pai. Isso é perigoso, eles podem até abandonar o futebol com tanta pressão”.

A participação é bem mais visível nos treinos das crianças menores. “O problema é que essa participação é sempre de forma individual: querem que seus filhos sejam titulares. Poucos participam com contribuições para o time, como um todo” justifica Adir. Isso pode ser visto no momento de escalação do time titular nos jogos e no momento das substituições durante uma partida. “Tem mãe que ameaça tirar o filho da escolhinha se ele não for titular do time”, comenta Davi, de Itaquera, e complementa: “isso só aumenta a pressão sobre a criança e pode até criar discórdia entre pais e entre alunos”. Ainda segundo o professor Davi, não há unanimidade em relação ao fato das crianças gostarem da presença dos pais nos treinamentos. “Uns apreciam, outros se sentem incomodados. Se bobear, na adrenalina do treino ou do jogo, elas nem conseguem ver seus pais na torcida”, aponta Adir. “Eles têm é que aprender a se controlar, estabelecer certos limites na sua participação”.

Se, por um lado, Jaílson também considerava importante a presença dos pais e mães, e lamentava que poucos pudessem comparecer ao CDM durante a semana; por outro, Silva considerava essa idéia de participação dos pais no ensino da escolinha uma besteira: “Não tem trabalho em conjunto, é cada um na sua. A maioria nunca chutou uma bola”. As discussões e desentendimentos entre Jaílson e Silva evidenciavam diferenças no ensino que já foram um pouco aludidas aqui, porém não suficientemente.

²⁶ Realizei esta observação na escolinha do São Paulo F. C. durante uma semana, no início do mestrado.

Em certos momentos, a fala de Jaílson, de alguns pais e freqüentadores enalteciam a quantidade de crianças presentes em outras épocas da escolinha, quando comparada ao momento atual sob comando do Silva. Celso, dono do bar do CDM, reforçou:

Quando o Jaílson era professor da escolinha, isso aqui era lotado. Quando tinha jogo da molecada de sábado aqui, sete horas da manhã isso aqui já estava cheio [...] Para você ter uma idéia, quando a molecada ia jogar fora, se não tinha ônibus, iam dez, doze carros.

Não presenciei, mas Jaílson narrou, em diversos momentos, partidas contra equipes de categorias de base dos clubes profissionais. O jogo mais especial, segundo o coordenador do CDM, foi quando juvenis do Corinthians vieram jogar no CDM contra a equipe de Jaílson, que comentava orgulhoso: “Ganharam, mas ganharam suado... tiveram que correr muito nesse terrão”.

Quando eu saía com meus moleques, todo mundo elogiava a gente, entendeu? Você sair para ver o moleque que não sabe dar um arremesso, dominar uma bola, não saber tocar [...] A pessoa não faz um trabalho decente e o garoto vai pela cabeça dele. Pela cabeça dele é correr atrás da bola, chutar, driblar até perder a bola, por a mão na cintura, entendeu?

Embora relutasse em agendar os jogos, com receio de uma avalanche de derrotas dos meninos do CDM comandados por Silva, Jaílson inúmeras vezes apontou a importância destes momentos de maior competição, pois “as crianças cansam também de só ficar treinando, e de tempos em tempos um joguinho dá uma animada neles”. Os exercícios e saberes repetidos exaustivamente nos treinos eram testados nas partidas agendadas, entrelaçando, assim, as dimensões ritual e cotidiana: “Tem que jogar umas partidas. Se não jogar, por que está treinando então? Treino existe como preparação para o jogo. Um depende do outro”, afirmava Silva para justificar seus pedidos de agendamento de partidas contra equipes de outros bairros.

Se nos treinamentos durante a semana percebia-se a influência de aspectos do universo espetacularizado, nos momentos rituais (partidas amistosas ou de campeonatos) outros elementos espetacularizados emergiam: rezas e o sinal cruz ao entrar em campo, beijar as traves, uso de esparadrapos para enfaixar os brincos e piercings nas orelhas, comemorações de gols, simulações de contusão, beijos e acenos para a torcida etc. Nas partidas, segundo Cebola (94), “só de usar uniforme e chuteira, o jogo já fica mais com cara de coisa profissional”.

Em certos momentos, afirma Jaílson, alguns garotos pediam para marcar partidas contra equipes da Cidade Líder ou de outros bairros. Estes jogos eram importantes para dar visibilidade aos meninos diante dos olheiros que atuam na Zona Leste e dos próprios técnicos das categorias de base dos clubes, gerando convites para períodos de testes nos clubes: “Nesses jogos eles percebem como os treinamentos estão dando certo, e como eles melhoraram. No caso do Silva, e você está vendo, eles só pioram”, reclamava, questionando a relação do Silva com os jovens.

Para Jaílson, Silva não sabe se relacionar com as crianças. “Ele não sabe o nome delas... vive dando apelidos. Basta ser mais escurinho para ser chamado de Pelé”. Embora

os apelidos futebolísticos não sejam gratuitos (Agier, 1999, 102-103)²⁷, cinco garotos tinham esse apelido no CDM Cidade Líder, o que levou Jaílson a não mais distribuir os lanches conforme a devolução do documento de identidade, tendo passado a tarefa para Silva, para que decorasse o nome da maioria dos garotos.

A forma de ensino utilizada por Silva já causara, em sua primeira passagem pelo CDM no começo da década de 1990, seu afastamento da escolinha:

É a segunda vez que ele volta para cá. Na primeira vez, o Mário [*presidente do CDM*] mandou embora. Ele era boca suja com a molecada. Mandava o moleque: ‘Vai tomar no seu cu, vai se foder’. Aí os pais começaram a se afastar, tirar a molecada do treino. Aí saiu o Silva e veio o Félix [*goleiro titular da Seleção Brasileira da Copa do Mundo de 1970*] para cá (Celso, dono do bar do CDM Cidade Líder).

Silva retornou para o CDM Cidade Líder anos depois, porém com novo modo de se relacionar com as crianças e jovens, mas que ainda era considerada virulenta e desrespeitosa por parte dos alunos e frequentadores do CDM:

Para fazer as coisas, você tem que ter jogo de cintura, tem coisa que você não pode ser duro, tem que chegar na manha. Tudo que você vai fazer hoje em dia, se não tiver jogo de cintura, você não consegue nada. Se for na ignorância você não consegue, entendeu? Você não consegue nada. Então, você tem que fazer o quê? Tem que ir de boa. Ir de boa com os caras, conversar, trocar idéia: “O que aconteceu com você, por que você fez isso ou você não está jogando o que você sabe jogar? Você sabe jogar bola, porque você não vai lá e joga”, você está entendendo? Tem que conversar com os caras (Jaílson – coordenador do CDM Cidade Líder).

Tais críticas Jaílson também recebia de alguns garotos, entres eles Leandro (91), que reclamava do jeito grosso do coordenador com as crianças e jovens. “O Silva é bacana. Agora o Jaílson é um pouquinho chato, não sabe conversar. O Jaílson é de pouca conversa. [...] O Silva chega, conversa numa boa. Do Jaílson não sou muito fã. Podia ter um jeitinho a mais, em vez de chegar meio grosso”. Celso, responsável, como vimos, pelo bar do CDM, confirmou que a frequência de alunos era maior quando Jaílson comandava as atividades, porém responsabilizou o próprio Jaílson pela diminuição de alunos: “Para falar a verdade, o responsável pela diminuição é o Jaílson. Ele não sabe conversar com uma pessoa, não sabe... o jeito dele falar... fala gritando”.

Para criticar o atual trabalho de Silva na escolinha, Jaílson fazia questão de enumerar os diversos garotos do CDM que ajudou na busca pela carreira de jogador de futebol: Dimas (92), no Sport do Recife; Jonatas (90), no Santo André; e outros que tiveram oportunidades de seguir carreira, mas que por diferentes motivos, trilharam outros caminhos. Denis (82) foi um deles. Filho de um dos fundadores do Botafogo da Cidade Líder, ele sempre teve contato com o CDM por causa do pai:

²⁷ Agier realizou uma observação participante, chegando a disputar uma partida de futebol com os demais atores locais; foi o suficiente para que perdesse o apelido Michel Platini que recebera antes do jogo. Como o próprio autor ressalta, os apelidos estigmatizam um fato, uma atitude ou uma mania da pessoa, portanto, não são gratuitos (entre os participantes, temos King por causa do Pelé, Manteiga por ser sentimental e ligado à família, Maluco por causa da adolescência fogosa) (1999, 102-03).

[Meu pai] Fundou o time do Botafogo lá atrás, em 1982. Ele foi fundado no ano que eu nasci. Juntou com os amigos de bairro dele e meus tios. Aí ele sempre me levava quando o time ia jogar fora, era uma atração. Um lazer de final de semana. Depois do jogo era o churrasco [...] a gente ficava brincando lá em torno do campo enquanto o meu pai, tios e amigos ficavam jogando. Depois iam beber no bar em frente ao campo.

Ele começou a jogar na escolinha tendo Jaílson como professor e técnico. Em sua fala, reforçava a preocupação desse com a preparação física das crianças e jovens:

O Jaílson era um cara que sempre prezou muito pela questão física. Então ele pegava muito forte nessa parte de exercício para adquirir condicionamento físico e tal. Hoje eu não sei muito bem, mas na época ele não tinha conhecimentos aprimorados sobre a parte tática, de fazer aquela parte de treinar zaga, treinar a tática, tocar na bola e tal, era mais mesmo essa parte física, boa parte do treino era correr, fazer flexão, fazer abdominal, pé de chinelo, aí depois vinha o “rachão”.

Mas antes de começar a jogar no CDM por volta do dez anos, Denis já praticava futebol na sua rua, mesmo quando ainda não era asfaltada, e também em casa: “Olha, dentro de casa tinha marcas em todo lugar de bola, na parede...” Organizava, junto com seu irmão, campeonatos de rua: “Fazia contra de uma rua contra a outra, tinha uniforme, [...] não uma coisa, vamos dizer assim, bem estruturada, como você jogar na escolinha ou no clube, mas tinha uma organização”.

Assim, para Denis, o “futebol sempre esteve presente. Jogar bola na rua, aquele sonho ainda meio embrionário de ser um jogador. Depois que eu fui ter esse contato com a escolinha, por volta dos dez anos mais ou menos”. Somente a partir dos treinos na escolinha do CDM Cidade Líder é que Denis começou a realizar testes e participar de peneiras: “E acho que mais influenciado pelo meu irmão André, que sempre foi mais apaixonado pelo futebol. Não que eu não gostasse, mas ele tinha mais essa paixão e essa coisa mais de ser jogador, então ia muito influenciado por ele”. Participou de peneiras no Centro de Treinamento do Corinthians em Itaquera, bem como de alguns outros testes realizados em diferentes regiões da zona leste paulistana. Não teve sucesso em nenhum: “é aquela estória de que na peneira você tem que ter um padrinho [...] Tem muito garoto para fazer o teste e às vezes você tem cinco, quinze minutos de oportunidade para mostrar o seu futebol. Às vezes não consegue nem tocar na bola”.

Quando tinha entre dezesseis e dezessete anos, Denis participou de treinos especiais na escolinha, realizados por alguns empresários em conjunto com a escolinha do CDM: “tinha uns empresários que vinham olhar a molecada e levavam para fazer testes em clubes. Um cara levou eu e meu irmão para o União São João de Araras”. Denis gostou da experiência de ficar no alojamento do clube, por diferentes motivos:

Primeiro, daquela coisa de liberdade, você está na adolescência, sair de casa sozinho, ficar lá. Outra porque eu conheci garotos do Brasil inteiro. Compartilhava aquele sonho de ser um jogador, tinha gente do Norte, Nordeste, Sul, Centro Oeste, Sudeste e todos com aquela mesma estória e o mesmo sonho [...] alguns ali já tinham tido uma experiência em clube. Tinham até empresário... então foi bacana. Conhecer mais esse lado profissional mesmo, de clube de porte médio, com estádio e estrutura.

Denis e seu irmão ficaram três dias hospedados no alojamento, pois a estória contada pelo empresário que os levou não batia com a proposta do clube. A equipe estava montada e fechada, inclusive já disputando um campeonato:

A chance de entrar no time era muito pequena [...] chegando lá por mais que tivesse essa preparação da escolinha, a gente não tinha o preparo físico dos garotos que estavam lá. Eram garotos que tinham um porte físico muito maior e para a gente correr naquele campo lá que tinha dimensões bem maiores que o campo aqui da várzea era super complicado e eu que fui como zagueiro para correr atrás dos atacantes, então. Lá era assim: dois treinos por dia. A gente aqui no CDM era três vezes por semana e uma vez no dia só. Lá era todo dia e duas vezes no dia. [...] ficou só três dias, a gente não conseguiu adquirir a preparação física então era complicado, você tinha que além de ter um bom preparo para entrar no time, tinha que ter uma condição técnica muito boa pra poder despertar o interesse do cara, para ele poder abrir uma exceção e colocar mais um jogador ali no elenco que já estava fechado. Então era bem complicado, mas foi legal.

Essa foi a última tentativa de Denis de seguir carreira como jogador de futebol. Parou para estudar, entrou na faculdade, começou a trabalhar e parou de jogar até na várzea. “Eu parei na escolinha com dezessete anos, eu acho [...] A escolinha foi voltada sempre mais para a molecada, e também meio que desfez aquele sonho de ser jogador. Estava com uma idade meio complicada para conseguir uma carreira”. Jaílson aponta outro motivo para a desistência:

Foi para o União de Araras, ficou lá, ficou com muita saudade daqui do bairro, da família, chorava lá, queria vir embora e vieram embora. Quer dizer, o futebol é o seguinte, você tem que esquecer pai, mãe, irmão, amigo, namorada, esquecer tudo, se você quer ser um profissional, esquecer tudo e procurar fazer o seu trabalho.

Outra razão apontada por Jaílson e Silva para o não aproveitamento dos garotos do CDM nos clubes é a falta de dedicação e humildade de alguns garotos. Segundo Jaílson, estes jovens “querem chegar no time e querem se escalar. Já querem ganhar o salário de profissional e não é por aí. Você tem que começar por baixo, ganhando ajuda de custo, trabalhando muito para mostrar para o treinador o que você sabe”. Iniciar já num grande clube, afirma Silva, é até mais difícil: “A molecada e os pais só querem saber hoje do filho jogar em um clube grande. Para eles, só assim para conseguir sucesso no futebol”.

Silva levantou, ainda, uma razão técnica para o insucesso dos garotos do CDM: os garotos não escolhem a melhor posição para jogar, na qual se encaixam melhor; ao contrário, “a grande maioria quer ser meia ou atacante... quer fazer gol, acham que assim aparecem mais”.

Leandro (91): Desde os treze anos que eu faço teste, até agora não deu certo não.

E: Em qual posição você joga?

L: Lateral-direito, faço uma zaga também, só isso.

E: Esse ano você faz dezessete?

L: Dezessete. É, cada vez está mais apertado, só que eu vou atrás, se eu quero, eu tenho que correr atrás.

Escolher a posição é essencial para o sucesso na prática futebolística, segundo Silva, na contramão do ex-jogador Raí: “O jogador que souber se posicionar em variados esquemas táticos, que souber ser versátil, levará vantagem” (2005, 34). Por isso, mudanças de posição são comuns ao longo do processo, sobretudo nos passos iniciais:

Foi na escolinha que eu comecei a ter esse conhecimento mais das posições. Eu comecei como meia-direita, mais ali armador, mas nunca foi meu forte, porque eu nunca fui muito habilidoso. As posições nas quais eu me dei melhor mesmo foram sempre do meio para trás: volante e zagueiro. Nos últimos tempos que eu joguei bola foi na zaga que eu acabei ficando. Mas joguei de lateral, mas eram as posições ali do meio para trás (Denis, 82, ex-aluno da escolinha).

E as justificativas para a escolha de uma posição são as mais variadas: por causa do ídolo, devido ao porte físico²⁸, domínio especial de algum fundamento específico, sugestão de uma voz mais experiente, ou simplesmente o acaso:

Sabe por quê de zagueiro? Porque foi assim. Eu estava jogando aqui, aí: “vai ter teste no Corinthians, vamos?”. “Vamos”. Chegava lá: “E aí, você joga do quê?”. “Ah, jogo de volante”. “Ah, vai de zagueiro para mim.” “Não, mas eu não jogo”. “Não, vai lá, vai lá”. Aí eu ia de zagueiro, e ia bem. Os cara falaram: “meu, você joga bem, não sei o quê, vai ficar”. Aí eu ficava de zagueiro, aí eu comecei... aí eu saí... cara, vou fazer outro teste, vou fazer no São Paulo. Mas era do quê? Falei assim: “Eu jogo de volante”. “Ah, vai de zagueiro para mim”. Quando eu fui para o Japão, a mesma coisa, ia fazer o teste, ia o Tel e o Guto, aí falaram assim: “Não, vai você também, Rafa”. Aí eu fui. Eu era um ano mais velho que eles. Chegou lá, o cara falou: “Você joga do quê?”. “Eu sou volante”. “Vai de zagueiro para mim”. Aí eu passei de zagueiro, e ele falou: “Você joga do quê mesmo?”. “De volante”. “Beleza, gostei”. Aí cheguei lá, ele falou: “Você joga bem nas duas, então você vai ficar”. Aí joguei de volante, mas como eu estava correndo só de zagueiro, corri mais de volante e cansei, aí tive uma contusão saí fora, estava doendo: “É, você é migué, hein?”. Mas eu saí. Mas aí fez a preleção lá, tinha duzentos moleques, eu fiquei entre os dezesseis (Rafael, 85, ex-aluno da escolinha e, atualmente, professor de Educação Física).

Como já foi mencionado no primeiro capítulo, o projeto Mais Esporte não visa à profissionalização dos jovens como jogadores. É possível apontar, tal como Deccache-Maia (2003), que a corporalidade almejada pelos projetos esportivos, como o Mais Esporte, é o *corpo sociável*, marcado pela capacidade de interação com outros corpos, ou seja, construído individualmente, mas voltado para o bem coletivo. Portanto, o profissionalismo, a competição e o individualismo na escolinha são preteridos, na formulação da política esportiva, em privilégio da formação do *corpo sociável* (marcado pelo espírito de grupo, pela amizade e tolerância), por meio de exercícios lúdicos.

Contudo, na aplicação prática destes pressupostos, não se exclui a possibilidade de algum garoto conseguir ingressar num clube. No CDM Cidade Líder, as propostas utilitárias da prática esportiva aconteciam às margens do projeto social, encampadas por alguns atores vinculados, de alguma forma, ao CDM. Se o programa enfatizava seu papel socializador, as crianças e jovens, por outro lado, tinham como objetivo aprimorar o desempenho técnico e tático por meio da educação das técnicas corporais (Mauss, 2003a) acionadas na escolinha.

²⁸ Ver ANEXO 08, com as principais características físicas por posição, elencadas pelo ex-jogador Raí.

Para a maioria dos alunos adolescentes (nascidos entre 1991 e 1996) com quem pude conversar, havia uma expectativa de ingresso nas categorias de base de algum clube e uma posterior profissionalização. Com este objetivo, procuravam aperfeiçoar suas habilidades e conhecimentos na escolinha, o que não significa que o tempo vivenciado na escolinha tenha somente este significado. As crianças menores, nascidas após 1996, estavam ali principalmente para se divertir, brincar, encontrar amigos e ter lazer, o que reforça o papel da escolinha como um local de sociabilidade no bairro para as crianças e jovens. Mesmo brincando, mais distante de uma preocupação instrumental, a maioria destas crianças pequenas procurava levar a sério os treinamentos.

Silva enfatizou, em diversos momentos, que poucos alunos tinham potencial para serem profissionais. Como no caso de Jésus (91), um dos jovens preferidos de Silva em campo, que poderia ter entrado em algum clube quando era mais novo; “chances não faltaram”, dizia Silva, “mas ele sempre desiste na última hora. Ele desencana sempre quando pedem a certidão de nascimento... acho que ele não tem”. Isso preocupava Jaílson, pois “sem certidão, ele não consegue se alistar no exército ano que vem. E sem reservista, ele não consegue emprego com carteira assinada. E aí, como faz? Vai vender chiclete na rua e nos ônibus...”.

Porém, mesmo os alunos que apresentavam menos potencial, também afirmavam estar ali em preparo para as peneiras e testes. Se Silva não alimentava as esperanças destes garotos, Jaílson, por seu lado, acreditava que alguns deles poderiam, com muita dedicação e esforço, tentar carreira, pois outros fatores também são decisivos na seleção de garotos: oportunidade, sorte e “pistolão”. Este último, também conhecido popularmente como “Q.I. (Quem Indica)”, é o principal, segundo Jaílson. Neste sentido, a ajuda de Silva e Jaílson era fundamental.

Apesar de não ser um dos objetivos do projeto, Silva e Jaílson procuravam encaminhar os garotos mais habilidosos, “aqueles que têm o dom”, segundo Silva, para testes e avaliações em clubes. As ações de Silva e Jaílson eram fundamentais nesse processo, articulando em certos momentos suas redes de relações, não sem dificuldades e cada um à sua maneira, para conseguir direcionar os garotos para algum clube.

O próprio Jaílson desacreditava o potencial da escolinha em direcionar os garotos para os clubes. Para ele, o mais importante é ter contatos: “se conhecer a pessoa certa, tem mais chances”. Além disso, comentou outra dificuldade: “os clubes estão pegando bem cedo, ainda novos, então os moleques com mais idade não têm a mesma formação dos que estão nos clubes desde sempre”. Uma predominância dos centros de formação dos clubes que já fora observada por Toledo (2002) e Damo (2007). Portanto, não há uma fórmula correta para conseguir alcançar o universo espetacularizado, pois existem diferentes obstáculos no caminho dos jovens:

[...] os jogadores dependem da sorte (de o treinador gostar do estilo de jogo do iniciante, de ter um empresário de prestígio, de ter apadrinhamento no clube, como exemplos), de azar (estar num momento infeliz, sofrer lesões de natureza grave que inviabilizem a carreira, entre outros), de subordinação (bom menino, boa imagem, humilde, obediência, etc.) e de perseverança (não se pode desistir nas primeiras negativas de teste para iniciação), como elementos mínimos ao sucesso (Pimenta, 2001, 150).

Muitos fatores fazem diferença no mundo do esporte, sendo que a distância do local de moradia e os custos de locomoção foram citadas inúmeras vezes, inclusive por Lambão, ex-jogador, filho de Jaílson, ao comentar sobre os testes e peneiras que fizera:

Aí começa: “Volta amanhã, volta tal dia...”, entendeu? Até o cara gostar da sua cara, a gente vai... é complicado [...] é dez pra condução, dez pra comer, sempre um negócio para comprar. Não tem jeito. Pode botar cinquenta contos na mão de uma criança para fazer um teste, por aí. É complicado. Você vai cinco vezes: “Volta amanhã.” Vai pedir para um, não dá, vai pedir para outro não dá... [...] te mandam embora, você fica frustrado...

Além disso, para Silva, “rola muito ‘verde’ por fora”, assunto também abordado por Jaílson, ao fazer um relato da participação de alguns garotos da escolinha do CDM numa peneira organizada pelo Corinthians em seu CT de Itaquera:

[...] o diretor nem olhar olhava, virava as costas para o jogo [...] quer dizer, o cara está preocupado com isso aí? O dinheiro está entrando do clube e entra dos pais dos garotos. Por que ele vai se preocupar com o garoto que não vai render nada para ele? [...] Aí o camarada pegou ele e falou: “Faz o seguinte, você me arruma aí dois pau e meio que eu vou procurar para você.” O moleque mora na favela, pô, como é que vai arrumar dois pau e meio? [...] o futebol está desse jeito cara, está uma vergonha, agora entra empresário, entra um monte de coisa aí, sabe? É dono do jogador: o cara não joga e o salário é até maior que o do próprio jogador...

2.6) DOM: O ALGO A SER MULTIPLICADO

Apesar de todas as já mencionadas dificuldades de acesso, a principal condição para a profissionalização emergia nas falas e observações de todos os atores aqui observados: o dom. Para Silva, é preciso ter o dom para jogar futebol e isso era impossível de ensinar. O papel dele ali na escolinha era ajudar as crianças a aprimorarem suas capacidades e não ensinar algo do zero. O dom, nesse caso, já é um elemento que define, a priori, quem segue ou quem é eliminado durante as etapas iniciais da carreira. E Silva chegava a afirmar que o dom pode, em certos casos, ser reconhecido no “trote” do garoto: “No modo como ele trota, já dá para perceber se é boleiro ou não”. Deste modo, percebe-se como a crença no dom é compartilhada por aqueles que ensinam a prática futebolística, como já fora observado por Scaglia (1999).

Isso também era defendido por Jaílson, que não cansava de espiar os treinos de manhã e de tarde, sempre preparado para criticar os modos de jogar dos garotos: desde o “trote” até a forma de chutar ao gol: “A criançada de hoje não sabe nem correr, corre que nem lagartixa. Não precisa sair correndo que nem um desmiolado... é só ir no trote” (*Jaílson repete o movimento que seria o correto, estufando o peito, inclinando o corpo para frente, posicionando os braços próximos ao corpo e flexionando os joelhos*).²⁹

Para algumas crianças, porém, a escolinha era um meio de aprendizado: “Eu estou aqui, não?”, respondeu Vitor (94), quando perguntei, após Silva afirmar que o dom era

²⁹ Mas o próprio Jaílson enunciou algumas exceções: “Sabe esse Carlos Alberto... que está no São Paulo... aquele mesmo que jogou no seu timinho de merda (no caso, o Corinthians), então, esse sabe enganar... corre que nem boleiro, mas só tem pose. Pode até driblar um, mas depois perde a bola.... só faz merda”.

indispensável para seguir carreira, se ele achava que era possível aprender a jogar futebol na escolinha. Vinicius “Cebola” (94) tinha outra opinião: “Acho que dá ensinar sim, o cara pode aprender e virar jogador. Mas craque não. Se o cara não tiver o dom, ele não será craque... tipo o Ronaldinho Gaúcho”.³⁰

Assim, para as próprias crianças, nem tudo podia ser ensinado. Ainda assim, os treinamentos são decisivos na formação do jogador: “trabalho duro”, “dedicação”, “determinação”, “humildade”, eram alguns dos termos empregados pelos jovens para justificar a presença deles ali na escolinha. Contudo, valorizavam também a existência do dom, pois “sem ele, tudo fica mais difícil”, confessou Leandro (91).

Se ter o dom não é suficiente, por outro lado, ele é o motivo para a dedicação nos treinamentos: “é preciso ter o dom, mesmo que o básico, pois nos treinos você vai trabalhar em cima do quê, então?”, continuou Leandro. “Tipo aquele negócio de matemática: cinco vezes zero é igual a zero. Precisa ter algo ali, mesmo que seja um. Cinco vezes um, já dá cinco. É outra história”, explicava Leandro, que em entrevista gravada em vídeo, comentou planejar cursar Química ou Física na faculdade.

A aposta no dom faz com que o investimento seja cada vez mais precoce. A idade mínima para entrar na escolinha do CDM é sete anos, idade atual de Marcos (01), que ingressou na escolinha no ano de 2008, algo planejado por seu pai, João Carlos.³¹

E: Como foi a idéia de trazer ele para a escolinha?

JC: Foi idéia minha mesmo e conversando com o Jaílson, ele [disse]: “Ah, tudo bem, quando ele fizer os sete anos dele, ou se não tiver completado, se tiver dentro do ano que ele vai fazer os sete aninhos, pode trazer que a gente faz a matrícula dele”. Eu falei: “Tudo bem, então”. E sempre conversava com ele nos botequinhos: “Vou levar meu filho lá!”. Ele: “Leva lá!”. Deu certo...

E: E o objetivo, qual o objetivo principal?

JC: O meu objetivo é realmente investir nele. Se ele tiver o dom, eu quero investir nele, para ele ser jogador mesmo. Sair daqui para ser profissional.

Como avaliar o dom? Quando se pode dizer que uma criança tem potencial ou não para seguir a carreira de jogador? João Carlos concorda que ainda é cedo para afirmar, porém acredita que já nos próximos anos de treino, terá um pouco mais de noção sobre o futuro do filho. Aconselhado por Jaílson, manterá o filho treinando no CDM até completar dez anos, momento no qual avaliarão o rendimento e o potencial de Marcos.

E: Então, você acha que só daqui uns dois ou três anos poderá saber?

JC: Isso, eu acredito, como o Jaílson já passou para mim, que com dez anos ele tem que estar já com uma boa... alguma coisa engatilhada. Isso eu vou fazer. Eu já tenho uns conhecimentos políticos. Eu quero acompanhar direitinho, vou atrás, se for fazer um teste, pagar, eu vou fazer. Eu quero que realmente ele seja... se ele tiver de ser, vai ser.

E: Conhecimentos políticos?

³⁰ Em outra definição, no manual organizado pelo ex-jogador Raí, o “craque é aquele que faz várias coisas acima da média” (2005, 23), ou seja, aquele que reúne múltiplos talentos advindos dos treinos.

³¹ Os nomes do pai e filho foram alterados para manter sigilo.

JC: É. Ele tem um padrinho dele de batismo que é diretor da parte administrativa lá do São Paulo. Foi eleito lá por quatro anos e esses quatro anos vão dar certinho na idade que ele tem que estar preparado para fazer esse teste e ele falou que vai ajudar. Se depender dele, ele vai ajudar com um empurrãozinho, então eu estou contando com ele.

E: E ele sabe que o Marcos está aqui no CDM?

JC: Sabe, já mandei umas fotos dele via computador. Ele viu a fotografia do campo, viu direitinho. Ele falou: “Está bom, deixa ele lá, até os dez anos dele eu vou estar aqui dentro ainda, eu vou por ele lá para fazer o teste, se ele passar...”

Para passar, segundo João Carlos, é preciso se dedicar desde cedo. Por isso, não pensou duas vezes em matricular seu filho na escolinha. Porém, ao assistir os treinos, percebia-se que Marcos pouco tocava na bola nos coletivos, pouco corria nas voltas iniciais em torno do campo, não demonstrava interesse pelos treinos de fundamentos e preferia ficar brincando com Levi (01), apelidado de “alemãozinho” do mesmo tamanho, também mais preocupado em brincar com a areia do campo. Ainda assim, para João Carlos, essa convivência com as demais crianças nos treinos é fundamental, o que foi confirmado por Jaílson: “é importante mesmo que tenha sete anos de idade, mesmo que não toque muito na bola, por exemplo, que só fique lá no meio da criançada, só dele conhecer a regras, saber como bate um lateral, só dele estar no ali meio, o que é falta e o que não é falta”. Um exemplo interessante era observado logo no primeiro movimento do coletivo, quando Silva corrigia inúmeras vezes a saída de bola do meio-campo, pois na saída de bola no início do primeiro ou do segundo tempo, bem como após cada gol assinalado, o primeiro toque é, segundo a regra da FIFA, para frente.

Amparado pelas falas dos dois responsáveis pelo ensino na escolinha, João Carlos comentava animado o desempenho do filho nas aulas:

JC: Não, é importante, é muito importante que ele está envolvido. Ele está ali, aprendendo. Ele está vendo ali, está sendo incentivado. Eu acho que quando ele entra em ação com eles, ele já tem tipo uma escola: hora de brincar, brincar; hora de estudar, estudar. Então vai bater um pênalti: “você vai bater agora”. O professor mandou bater um pênalti, bate e é gol. Então acho que é bom estar assim envolvido ali no meio de quem sabe, e ele vai chegar junto também. Um dia ele vai saber tudo, ele está ligado, ele fala para mim tudo o que acontece.

E: O quê ele fala das aulas?

JC: Ele fala das aulas, que nem na hora do cone. Ele fala, ele gosta de dar olé no cone... Então você vê que ele está ligado. E na hora de bater falta, ele gosta. Na hora do jogo ele fica meio assim: “Pai, eu só fico meio esquisito quando os colegas não passam a bola para mim.” Então você vê que ele está entendendo do negócio e reclama que os grandões não passam a bola para ele.

E: Por causa da idade dele?

JC: É, então os grandões ficam tirando: “eles tiram porque sabem que a gente é moleque pequeno”.³²

Satisfeito com o interesse do filho pelo esporte, João Carlos afirmou não alimentar falsas esperanças. Comentou que não forçará algo que vá contra o interesse de Marcos,

³² “Tirar” no sentido de caçar dos mais novos.

se o desejo dele não for ser jogador de futebol. Afirmou, ainda, que saberá compreender que jogar futebol não é um dos atributos do garoto:

E: E caso ele não tenha o dom?

JC: Daí já fica ruim.

E: Mas vai continuar tentando até alguma idade, tipo quinze anos?

JC: Não, aí eu vou deixar a critério dele. Se quiser continuar brincando, quer continuar só esporte, continua. Só que já tiro da cabeça se ele falar: “não pai, eu não quero ser profissional”. Mas se ele quiser ser, ele vai ser, se Deus quiser. Eu pretendo investir nele. Mas ele hoje ainda não dá para conversar legal. Mas com oito, nove, dez, ele já vai estar inteirado. Ele vai saber o que quer. Se quiser, então vamos lá.

São muitas as explicações sobre o dom, para o que é aparentemente inexplicável: é divino, genético ou natural. Debate esse que inclusive gerava brincadeiras entre os garotos. Bruno (92) comentou, certa vez: “um cara sabe jogar bola, pois herdou de alguém, está no sangue mesmo”. Isso provocou a brincadeira de Lucas (92): “Que nada, bobagem. Se é assim, porque o Fábio e o Felipe jogam de maneiras diferentes (*os garotos citados são gêmeos*): o Fábio é um merda... mas o Felipe é pior ainda”.³³

“Enfim, dom é, fundamentalmente, um termo que preenche um espaço que deveria ser ocupado por outro termo que não está disponível [...] Só o contexto dirá, efetivamente, o que está em jogo quando o termo dom é usado” (Damo, 2007, 199). Para além de uma ampla discussão sobre o dom, a questão que permanece é compreender o ensino e aprendizado da prática futebolística, visto que dom e treinamento são categorias entrelaçadas nos discursos nativos e articuladas de forma constante. Articulação que se explica pela multiplicidade de explicações, como foi pesquisado por Arlei Damo (2007), que verificou dois significados complementares: dom como sinônimo de talento e como sinônimo de dádiva.

Assim, o investimento no aprendizado do futebol por meio dos treinamentos não excluía a crença no valor do dom para a formação do futuro jogador, como é possível perceber em algumas passagens:

João Carlos: Todos nós nascemos com um dom para ser alguma coisa. Eu sempre tive o dom da iniciativa, em outra área não sei trabalhar [...] Sempre fui assim tipo de administrar, administrar é comigo, eu gosto de administrar.

E: Cada um então tem seu dom.

JC: Tem que ter dom e tem que gostar, tem que gostar também. [...] Tem que treinar, tipo assim o futebol, ele exige treinamento.

E: Mas alguém que não nasce com dom, por exemplo, mas se treinar muito, se esforçar, você acha que ele pode virar jogador? Consegue?

JC: Bom, depende do apoio que tiver por trás, se não tiver o apoio, fica só naquilo mesmo. [...] Eu já vi moleque por aí que joga bem, mas ele não tem apoio e a gente vê que ele joga bem, só que o cara: “Ah, eu jogo assim, mas não tenho apoio, então não tenho que viver a ilusão. Agora, se eu tiver um apoio, o cara chegar e me olhar e me mandar para algum lugar

³³ Exemplo semelhante ao levantado por Damo (2007): se fosse genético, o que explicaria irmãos gêmeos apresentarem desempenhos diferentes, questiona Damo, ao apresentar a trajetória de dois dos seus informantes, Diego e Diogo, jogadores das categorias de base do Internacional?

fazer um teste e passar, aí eu acho que eu dou conta do recado.” Já vi muito molecão aí que brinca bem lá no Parque do Carmo, mas nunca teve aquele apoio de uma pessoa chegar e: “Vamos lá.”

E: Depende muito de sorte também, então?

JC: Oportunidade, é mais oportunidade. Ele já nasce com sorte. Depende da oportunidade, alguém tem que dar.

E: Você acredita no dom? Você tinha?

Rafael (85): O único dom que eu tinha era que eu não tremia, sabe? Eu gostava de jogar jogo que era pegado, jogo de decisão. [...] Sempre em jogo de decisão, eu me saía bem. [...] Eu jogava com mais vontade, era mais legal [...] que nem festival. Vai jogar algum festival assim, até pelo Botafogo mesmo, aí começa: “Meu, o cara são bons, os caras já ganharam isso, já ganharam aquilo.” É a tal coisa, meu: eles têm dois braços, duas pernas, sabem chutar a bola. “Todo mundo sabe fazer a mesma coisa que eles fazem, qual é a diferença, do que você estão com medo?” Daí a gente vai, daí dá mais vontade...

Ter o dom, portanto, é fundamental, tal como era visto na relação entre Silva e Dodô (91). Silva demonstrava mais paciência com Dodô, embora este fosse um dos mais falantes e provocadores no treino. Muito talentoso, Dodô era tratado de forma diferente pelo professor, pois Silva garantia que o jovem tinha o dom. Sua presença na escolinha confirmava algo que eu percebera desde que começara a freqüentar a escola: saber jogar e demonstrar habilidade confere ao jovem certa liderança e admiração na relação entre os alunos. Em cinco ocasiões, Silva chegou a conversar separadamente com Dodô para convencê-lo a participar de algumas peneiras e testes, inclusive no CT de Itaquera do Corinthians. Porém, Dodô nunca demonstrou muito interesse. Mais tarde eu pude averiguar tratar-se de descontentamento com testes anteriores que realizara sem sucesso e com os desdobramentos de outros testes, que exigiam exames médicos e outros documentos, os quais ele não podia pagar.

Quando perguntei qual era o diferencial do Dodô, Silva enumerou algumas características: driblador, chute forte e visão de jogo. Porém, a principal característica apontada foi o fato de ser canhoto:

Canhoto é foda, principalmente na posição que ele joga mesmo, ali de ponta-esquerda ou meia-esquerda. Nunca se sabe o que um canhoto fará, eles são mais imprevisíveis. Você pode ver, os melhores dribladores do mundo foram canhotos: Maradona, Rivellino, Edu, Denílson e Canhoteiro. Pelé era destro, mas usava bem a perna esquerda. Os dribles deles são diferentes e complicam a vida dos marcadores, pois a maioria dos jogadores joga com o pé direito. Zagueiro canhoto é que é difícil encontrar.

Nas falas de outras pessoas, principalmente nas observações que realizei nos outros recortes, que apresentarei no próximo capítulo, os canhotos também eram muito valorizados. Assim, no futebol, a oposição entre destros e canhotos de certo modo inverte a polaridade analisada por Hertz (1980) entre a mão direita e a mão esquerda – esta última, segundo o autor, ligada ao plano do profano e do impuro.³⁴

³⁴ Valorização e inversão essas observadas somente na análise de canhotos que jogam como meias e atacantes, pois defensores canhotos são alvos de desconfiança, como bem observou Santos (2007).

2.7) A RECIPROCIDADE DO DOM

Para avançar na questão do dom, é preciso desvelar mais alguns aspectos da relação de Silva e Jaílson. Segundo alguns freqüentadores do CDM, Silva era um péssimo exemplo para as crianças, corroborando, assim, as afirmações de Jaílson. Admiravam o atleta que um dia Silva fora, porém condenavam a forma como ele direcionou sua vida após encerrar a carreira, o que Silva reconhecia sem maiores problemas: perdeu tudo com bebidas, mulheres e péssimos investimentos. “Arrependo-me de umas coisas que deixei passar quando era mais jovem, tipo investimento, que eu não fiz porque não tinha muito conhecimento. Por exemplo, alguns imóveis que eu não comprei porque eu não quis ir atrás. Disso você se arrepende, mas outras coisas não”.

Além disso, apresentava alguns problemas físicos, reflexos da carreira de jogador: “água no joelho”, dor nas costas, inchaços etc. “O joelho já incomodou. Já teve água, já teve torção, entendeu? Agora eu parei, jogo mais na várzea, em seleções de veterano, de máster. De vez em quando eu jogo no máster do Palmeiras também, quando tem convite. Eu vou levando a vida”.

Jaílson tinha o costume de realçar uma suposta incapacidade do Silva. “Jogar futebol era a única coisa que ele sabia fazer. Ele vivia numa mamata, faziam tudo para ele. Hoje não consegue nem trocar uma lâmpada. Imagina então arranjar trabalho por aí, não sabe fazer nada. Além disso, ele está quebrado, o corpo detonado”.³⁵ Embora Jaílson exagere na crítica, é importante ter em conta que a aposentadoria da prática esportiva dita profissional ou de alto rendimento é sim alvo de preocupação de especialistas das áreas de fisiologia, medicina esportiva, psicologia e educação física.

A carreira futebolística exige anos de preparação. A parada abrupta dos treinamentos exige uma rápida readaptação a uma rotina nova, diferente da vivida durante a carreira esportiva: “A volta das férias já era difícil, pois era mais de um mês sem ficar treinando”, afirmou Silva, que lembra ter ficado parado um bom tempo por causa de uma lesão e teve dificuldade no retorno aos gramados. Se um mês parado já exige um trabalho intenso de recondicionamento, como avaliar o término definitivo da carreira? Como afirmou Silva: “Ah, sempre dá saudade, porque a gente pensa que nunca vai parar de jogar. [...] Tem vez que eu falo: ‘Pô, o quê eu fazia? Quando eu jogava, eu fazia isso’. Mas agora não faço mais”.

Ao deixarem de realizar os treinamentos a que estavam acostumados, bem como participar de eventos esportivos, ex-atletas e ex-jogadores se deparam com uma nova realidade corporal. O corpo que fora preparado, por meio das atividades físicas, para a

³⁵ Silva estaria, segundo a classificação anonimato, fama e ostracismo proposta por Souto (2000), no ostracismo, quando, após o encerramento da carreira esportiva, muitos jogadores enfrentam diversas dificuldades. São inúmeros os casos, alguns levantados pelo autor, de jogadores que tiveram rumos tristes após o encerrarem as carreiras, como o goleiro Jaguaré, que atuou nas décadas de 20 e 30, e Garrincha, jogador do Botafogo e Seleção Brasileira nas décadas de 50 e 60. Tal como Silva, diversos ex-jogadores não têm condições de exercer qualquer outra profissão quando encerram as carreiras. Afastados do futebol após certa idade, por não disporem mais das qualidades físicas necessárias para acompanharem os jovens jogadores, muitos procuram permanecer próximos ao universo futebolístico. Tornam-se treinadores, membros de comissão técnica, empresários e agentes, dirigentes de clube e federações ou comentaristas esportivos de diferentes mídias.

carreira esportiva, exige agora uma rotina diferente da vivida pelos atletas, mas diferente também da rotina dos não atletas. Trata-se de um corpo a ser reeducado, paulatinamente, para uma vida cotidiana que continuará atlética, porém não voltado ao esporte de alto rendimento. Desse modo, tudo o que o esportista ou jogador procurou ganhar desde muito jovem ao se dedicar aos exercícios esportivos, o programa de *destreinamento*³⁶ visa fazer com ele perca por meio de reduções no volume de treinamento da antiga rotina.

No caso dos jogadores de futebol, especificamente, parar de jogar pode trazer malefícios ao corpo: é comum o aumento de peso, perda de massa muscular e intensificação de problemas físicos e psicológicos. O aumento de peso decorre da diminuição do gasto calórico, ao mesmo tempo em que não há a mesma diminuição do consumo calórico. O peso maior inflige um maior impacto nas articulações, que ocasiona problemas físicos, por exemplo, nos joelhos, como é o caso de Silva. Para estes casos, propõe-se a realização de um *destreinamento*, um programa de transição gradual da carreira esportiva. “Não tem nem como comparar o Silva-jogador e o Silva-professor da escolinha. Dá até pena do que ele virou”, afirmou Gilvan, sócio do CDM.

Contudo, enquanto Jailson, freqüentadores do CDM e pais de alunos mostravam-se preocupados com os problemas enfrentados por Silva após o encerramento da sua carreira como jogador, muitos garotos, na contramão, enalteciam a experiência de Silva, comparando à vivência de Jailson na várzea: “O Jailson só jogou na várzea, igual a tantos outros. O Silva jogou no Palmeiras, pô. O cara tem que ter o dom para chegar aonde chegou”, afirmou Leandro (91). Era esse dom que os formuladores do Mais Esporte – um exemplo de projeto social construído sobre a experiência futebolística de ex-jogadores profissionais, empregando-os como difusores esportivos – procuravam enfatizar ao destacarem a presença de ex-jogadores como difusores esportivos do projeto. A ênfase nos difusores presumia que a trajetória de sucesso como jogador de futebol e prestígio dos ex-jogadores seriam um diferencial no trabalho com os jovens. Tem-se, assim, uma nova etapa da curta carreira do jogador.

Trata-se de uma aposta numa possível *retribuição do dom* (Guedes, 2007) por meio dos difusores. Após se aposentar dos gramados, antes mesmo dos 40 anos, a trajetória futebolística é prolongada, atuando a partir de então no plano pedagógico, uma forma de *retribuição do dom*: o que esse ex-jogador recebeu e que lhe permitiu vivenciar o universo espetacularizado teria de ser retribuído à sociedade, numa lógica próxima ao princípio da reciprocidade maussiano (Mauss, 2003b).

³⁶ Destreinamento é um termo conhecido nas Ciências do Esporte, relacionado à perda de condicionamento nos atletas de inúmeros esportes. Pouco usual no Brasil, o programa de destreinamento é comum em outros países, como Estados Unidos e Cuba. Acompanhei, durante os dias 18 e 19 de fevereiro, o Seminário Internacional de Destreinamento e Transição de Carreira Esportiva, realizado na Faculdade de Medicina da USP, no qual diversos palestrantes (ex-atletas e especialistas brasileiros, americanos e cubanos) abordaram as diversas etapas da carreira dos atletas, desde a iniciação esportiva até a prática voltada ao alto rendimento. Em diversas falas, foi enfatizado que a política de transição e destreinamento deveria ser iniciada ainda na preparação da criança e do adolescente para o esporte, principalmente no trabalho nas categorias de bases dos pequenos e grandes clubes, e não somente ao término da carreira, período no qual as conseqüências insurgem. O destreinamento seria o ponto final do processo de transição, que começaria nos primeiros passos do atleta no esporte.

E: Você gosta de dar aula?

Silva: Eu gosto porque é um complemento do futebol. É um complemento porque parece que você está jogando ainda, parece que você não parou, sabe? Então faço o que eu gosto, estou contente. Eu gosto disso daqui. Eu não sei ficar preso num escritório. Se eu arrumasse um emprego de escritório, eu não agüentava [...] A molecada às vezes dá umas canseiras na gente, mas a gente está aí. Graças a Deus, recebi este dom. Já estou a dezoito anos nessa profissão e vamos levando, tentando ajudar a garotada, ensinando um pouco do que eu sei.

A reciprocidade do dom, porém, não seria completa, segundo Silva: “eu tinha o dom, porém era algo meu. Não tem como passar isso, ensinar uma criança a ser jogador de futebol do nada. Ela já tem que ter alguma coisa, um dom dela”. Assim, a reciprocidade estaria nas formas de troca possíveis: do que tem o dom orientando, de sua posição privilegiada, aqueles que não têm, mas que podem aprender até certo ponto, e aqueles que têm o dom, mas que devem tirar proveito do mesmo: “Vi muito cara que tinha o dom, porém não queria saber de nada, tinha preguiça de treinar e correr. O que deu? Não deu em nada”, afirmou Silva.³⁷

Embora este *contradom* seja, segundo Silva, sua principal motivação no trabalho com as crianças, o ex-jogador enfatiza que antes de tudo aquele é o seu “ganha pão” e depende dele para se manter. Contudo, existem diversas formas de prolongar este vínculo futebolístico: tornar-se treinador, comentarista midiático, político, professor de escolinha de futebol etc. Esta última não é, porém, a forma de prolongamento almejada por Silva, que pretende iniciar uma carreira de empresário de jogador. Nas palavras de Silva, percebe-se que *a retribuição do dom* por meio do ensino acarreta em novos vínculos e outras formas de reciprocidade:

Mais para a frente, pretendo empresariar. Se tiver uma oportunidade, conversando com os meninos aí, principalmente para ajudar eles que têm vontade de ser jogador; se a gente puder dar um empurrão, a gente dá. Mas também não adianta fazer isso para levar lá e depois os outros pegarem e você ficar a ver navio...

2.8) ○ APRENDIZADO FORA DA ESCOLINHA

A questão da reciprocidade do dom fundamenta a existência de inúmeras escolinhas de futebol no Brasil, entidades hoje basilares dentro do campo esportivo. O aparecimento dessas, principalmente a partir da década de 1980, trouxe novas formas de se pensar o futebol brasileiro, com a valorização das demandas do universo espetacularizado, alicerçadas na nova ordem de formação de jogadores. Este advento faz parte de um grande processo de modernização que teria se iniciado na década de 1960, com o surgimento de novos elementos (métodos de treinamento, tecnologias, marketing etc.) e atores sociais (preparadores físicos, fisiologistas, nutricionistas etc.) no quadro organizacional futebolístico (Florenzano, 1998).³⁸ Nesse sentido, a racionalização dos métodos e

³⁷ Neste caso, o dom serve como elemento disjuntor entre os grupos de jogadores comuns e os craques. O craque seria aquele que tem o dom, mas que não teria dispensado a dedicação nos treinamentos ao longo de sua formação.

³⁸ A influência do estilo de jogo europeu na década de 1960, período no qual houve, segundo o autor (Florenzano, 1998), uma maior incorporação dos elementos táticos e disciplinares, voltados ao aspecto coletivo, bem como

técnicas de treinamento das escolinhas de futebol, decorrente de um possível cientificismo inspirado no universo esportivo espetacularizado, acabaria por preferir os modelos espontâneos de formação.

Contudo, é possível observar uma pluralidade de sistemas de ensino, pautados por preocupações e objetivos dos mais diversos (ver Guedes, 1998; Pimenta, 2001; Santos, 2007). No caso do CDM Cidade Líder, o conhecimento científico e racionalização dos métodos eram temas muito mais presentes no discurso dos coordenadores e formuladores do projeto do que propriamente nas atividades diárias da escolinha. Desse modo, mostra-se mais interessante averiguar os processos de ensino e aprendizagem – sabendo que os modos de se ensinar e de se aprender variam de acordo com o recorte social e temporal –, do que investigar em que medida a escolinhas de futebol podem ser pensadas, numa retomada histórica, como instituições de ensino substitutas da rua, terrenos baldios e campinhos, que incorporam uma postura pedagógica na sua práxis.

Um aspecto, porém, veio a ganhar destaque ao longo da etnografia e suscitava opiniões destoantes dos diversos atores: a transmissão do saber futebolístico em outros espaços para além da escolinha. Nas minhas observações, três espaços rivalizavam, cada um a seu modo, com o campo de futebol da escolinha: a quadra poliesportiva,³⁹ a pequena área do bar do CDM e as ruas do bairro. Alguns defendiam que jogar futebol na rua e nas quadras era essencial para a formação futebolística dos jovens; outros destacavam a importância dos treinos e atividades aplicados na escolinha para contemplar o sistema de formação de jogadores exigido, atualmente, pelo universo espetacularizado. Portanto, embora fossem espaços valorizados, havia uma tentativa dos coordenadores das atividades de assear os resquícios oriundos das práticas externas.

Existia, portanto, um diálogo tenso entre as práticas mais espontâneas e as práticas institucionais oferecidas nas escolinhas de futebol. Jailson não permitia que as crianças usassem o campo para outros fins que não a prática do futebol ou a realização de exercícios físicos. Ao lado do campo, era comum outras crianças, não matriculadas na escolinha, utilizarem o espaço do bar do CDM para jogar bola, o que também não era tolerado por Silva, mas que não podia fazer nada, visto que não eram alunos da escolinha. Num certo dia argumentei com Silva que seria interessante a presença das crianças jogando naquele espaço, pois em certos momentos eles paravam o jogo para acompanhar alguma atividade comandada por Silva dentro do campo. Silva desconsiderou a idéia, pois eles estariam “atrapalhando mais que ajudando”.

Deste modo, era possível perceber como Silva procurava separar as atividades que ministrava na escolinha de outras práticas ditas espontâneas, chegando, em certos mo-

uma valorização da preparação física. Vocação essa inspirada no fracasso da Seleção Brasileira na Copa de 1966 e no ótimo desempenho das equipes européias, e que teve seu auge no sucesso da seleção na Copa do Mundo de 1970, com a utilização dos elementos acima citados.

³⁹ Na quadra poliesportiva, cheguei a jogar “três contra três” com algumas crianças, sempre como goleiro-linha, ou seja, com a função de também de ajudar na organização dos ataques, inclusive com a possibilidade de fazer gols. Por estar diversas vezes fora da área do gol que defendia, tomei alguns gols. Na comemoração, alguns garotos imitavam os jogadores profissionais. Em outros lances, chegavam a narrar jogadas como se fossem o Galvão Bueno (conhecido locutor de TV brasileiro).

mentos, a negar outros espaços como locais de aprendizagem. Num sentido contrário, o ex-jogador Raí enfatiza diversas vezes, ao longo de seu manual, que o principal fator para se tornar um jogador de futebol é a prática, independente de onde for e com que for jogar. “A melhor tática é jogar, seja lá onde for” (2005, 47).⁴⁰

Se este livro tivesse de escolher apenas uma dica para dar a você, ela seria essa: o importante é entrar em campo, seja onde for. Mesmo que você já esteja apenas treinando em uma escolinha, é fundamental continuar competindo – na várzea, no society, no futsal... Qualquer lugar que você possa “ralar” pra valer (2005, 54).

O futsal disputado na quadra poliesportiva era o espaço que mais disputava a atenção das crianças e jovens com o campo de várzea. Silva, em diversos momentos, teve que proibir a entrada de garotos no treino por chegaram atrasados após partidas e jogos de futsal na quadra do CDM. Dodô (91), um dos preferidos de Silva, chegou a ser barrado do treinamento por mais de duas semanas, o que enfurecia Silva, que não apreciava os jogos de futsal, e afirmou não ter prazer nenhum em jogar na quadra. Para Silva, eram dois espaços distintos: “São diferentes em algumas coisas. No futsal, a bola é conduzida próxima aos pés, colada ao corpo. No campo, a bola pode ficar mais afastada do corpo, tem mais espaço para conduzir”. Opinião essa compartilhada por Jailson: “Ah, rapaz, eu não gosto de futebol de salão. Já me chamaram para o futebol de salão, eu pensei bem, mas eu não vou, porque eu não gosto. Já dei treino de futebol de salão, já fui assistir, mas eu não gosto, meu negócio é futebol de campo”.

Porém, trata-se hoje, talvez, da principal modalidade disputada pelos jovens da Cidade Líder e de outros bairros da Zona Leste, dividindo a preferência dos praticantes com o futebol varzeano:

E: Você chegou a jogar futebol de salão em algum time daqui?

Denis (82): Futsal nunca foi uma coisa que eu gostei, foi uma coisa muito rara. Foi uma vez ou outra que eu cheguei a jogar. Tinha um time da rua aqui que era o Império. Cheguei a jogar uma vez e futsal mesmo era na escola. No bairro, nunca fui chegado. Sempre gostei de campo, gosto de jogar campo que tem dimensões maiores, tem mais espaço para correr. No futsal, fui mais assim como torcedor e para acompanhar meu irmão, meus primos e tal.

E: E qual você mais gosta de jogar? Futebol de campo, society, de salão...

David (90): Eu gosto de jogar quadra. Campo eu só vim jogar quando mudei para cá, para a zona leste, aí comecei a jogar campo. Agora, estou melhorando, porque eu estava acostumado a jogar quadra. E a chuteira tem bastante diferença...

E: Quadra cansa mais ou campo cansa mais?

D: O espaço é menor [...] mas você vai usar uma força mais bruta para poder parar, e fazer a jogada em velocidade, na mesma hora...

E: E o que é melhor jogar, campo ou salão?

Anderson (91): Campo. Salão é pior, eu acho. Mas eu gosto de salão, cara, porque você tem que ser rápido, mano, tem que pensar rápido.

⁴⁰ Este aprendizado multifacetado é o ponto principal que aparece no livro liderado por Raí, que percorre a formação da criança até o profissional, elencando dicas para lidar com as pressões, com os agentes e assinatura de contratos, o papel dos pais, assédio sexual etc.

E: Você joga em algum time de salão?

A: Eu jogo no time da favela: Sangue Bom.

[...]

E: Você lembra os nomes dos times de futebol de salão do bairro?

A: Firula, Agora é Nóis, Sangue Bom, 100% Favela, Irmãos Metralha, Veneno. [...] Têm uns que eu nem conheço. De cada área do bairro. Só joga quem é conhecido mesmo do bagulho. Só joga quem é conhecido mesmo da favela.

Optei por não acompanhar a prática desta modalidade na Cidade Líder ao perceber a amplitude e alcance da prática no bairro, impossível de etnografar durante o mes-trado. Mas se trata um objeto a ser estudado de forma mais detida em pesquisas futuras sobre a formação de jovens jogadores de futebol. Portanto, o futsal faz parte da rotina de muitos dos jovens aspirantes a jogador, tal como Leandro (91), aluno do CDM Cidade Líder e freqüentador das quadras de salão:

E: Mas tem treino também ou é só jogo no salão?

Leandro (91): Não, tem treino também. Eu treino de segunda e terça no salão.

E: Mas no horário da manhã ou horário da tarde?

L: Manhã, treino das nove às onze. [...] Tem jogo quase todo domingo, e de sábado tam-bém, pela Copa Prisma.

E: Então, segunda de manhã e terça de manhã no futebol de salão; quarta de manhã e sexta de manhã aqui no CDM.

L: Só quinta que eu fico de boa em casa.

E: Dia de acordar mais tarde?

L: É, ainda faço curso também à tarde. Terça e quinta-feira eu faço curso de tarde.

E: Escola à noite?

L: É, aí eu estudo de noite.

E: Já jogou nos times de várzea aqui da região?

L: Não, time de várzea aqui, não.

[...]

E: Você acha que você aprende mais jogando aqui no CDM ou no futsal?

L: Salão você pega mais um ritmo de toque de bola, de passe. Não é de catar a bola e já correr assim para cima, que nem no campo. Lá você olha, você toca, você corre, você volta. Aqui não, aqui você pode catar a bola e sair correndo. [...] No salão são vários piques que você dá, você vai e volta, tem que voltar rápido.

E: Cansa mais no salão?

L: Cansa mais, bem mais, porque no campo você pára também. Na quadra, você não pode parar, porque você vai ter que ir e vai ter que voltar. Aqui você lança a bola, você pode parar, voltar um pouco para trás.

Observei um exemplo interessante em outro espaço do próprio CDM. Durante as atividades, em uma quarta-feira de manhã, Erick (94) participava do treino com bola no campo do CDM e, ao mesmo tempo, acompanhava o jogo disputado no espaço do bar, disputado naquele momento por quatro garotos. Silva repreendeu duas vezes o garoto;

na segunda vez, excluiu-o das atividades: “Se prefere ficar brincando, vai lá jogar com eles, então. Não vem encher o meu saco aqui. Aqui você não joga mais, não te ensino mais nada”, reclamou Silva. E foi o que Erick fez: saiu do campo e foi direto ao bar para jogar com os demais garotos. Mas antes, disparou: “Não preciso que me ensinem, meu professor é a bola”.

Esta suposta autonomia, indicada por Erick ao sugerir que não aprendia a jogar na escolinha, levanta algumas questões. O mesmo garoto, quando perguntei, respondeu que aprendera a jogar futebol em casa: “Fico jogando em casa, chutando bola na parede do quintal... faço também alguns truques, dou umas pedaladas... tento treinar essas coisas”. Em seguida, reforçou o argumento com outro exemplo: segundo Erick, quando era mais novo percebeu sozinho a importância de aprender a chutar de bico para o chute sair mais forte, pois não tinha a mesma força no arremate que os garotos mais velhos. “Eu já treinava na escolinha e ninguém me ensinou isso”, completou.

O fundamento do drible é um exemplo interessante para pensar as questões assinaladas por Erick (94). Tal como Damo (2007), que fez suas observações nos centros de formação e produção de jogadores no Internacional de Porto Alegre e no Olympique de Marseille da França, não observei qualquer atividade direcionada ao aprendizado do fundamento “drible”. Embora o treino de carregar a bola por 15 metros, cruzando cones pela direita e esquerda alternadamente possa aludir aos fundamentos básicos do drible, Silva frisou que o principal objetivo deste traçado era aperfeiçoar o domínio de bola do jogador. Para Silva, o drible e a ginga não são ensinados na escolinha, embora façam parte do conjunto de técnicas a serem incorporadas e instrumentalizadas pelo corpo.

O drible, segundo Silva, vem de forma natural para a criança, “o moleque já nasce com isso”; por natural, Silva se referia ao surgimento deste fundamento na rua, nos campinhos e em outros espaços dos mais variados. “Garrincha ficou bom driblando árvores”, afirmou Seu Geraldo, morador de uma das ruas que circundam o CDM. Para Jaílson, “isso eles aprendem nas ruas, nas peladas. Eu mesmo já tive muita agilidade. Quando moleque, subia muito em árvore, pulando muro, o que me ajudou muito na hora de jogar”. Isso foi reafirmado por Josias (93), aluno da escolinha: “no futsal lá da escola, a gente joga para ganhar. Mas o mais legal é driblar os outros meninos, humilhar mesmo... acho até mais legal que fazer um gol”. Opinião compartilhada por Denis (82), ex-aluno da escolinha:

Acho que isso aí [*o drible*] é uma coisa que você pode aprimorar, mas ensinar não, pois isso você já sabe, é uma coisa que se aprende nas brincadeiras. Tem aquelas coisas de você ver aquele garoto que tem o potencial, já tem um dom para aquilo. Tem uma facilidade. Como eu te falei, na escolinha você vai ter uma parte de saber mais usar, vamos dizer assim, é doutrinar [...] mas essa coisa do drible acho que está presente desde quando nasce e você vai desenvolvendo. [...] O cara que não tem habilidade, ele não vai aprender a driblar, vai aprender a tocar, chutar, cruzar, se posicionar e marcar. Agora, aquele diferencial que a gente reconhece no brasileiro e no argentino, isso você não aprende não.

Deste modo, o drible está presente nos modos de jogar destes garotos, assim como em seus movimentos, enquanto elemento basilar das representações de um “jogar à brasileira” e de um “futebol-arte”, o que contribui significativamente para a definição de

um modo de aprendizado da prática futebolística no Brasil. “O futebol brasileiro é o que é hoje devido ao nosso jeito de jogar brincando, como se estivesse sempre numa pelada”, afirmou Seu Geraldo, numa reprodução discursiva do estilo “à brasileira” e do “futebol-arte”. Uma forma de aprender que, para Guilherme (94), é diferente do estilo europeu de jogar futebol, para ele, conhecido pela força, chutão e cruzamento na área. Porém, não tão diferente para o professor Rafael (85), pois nas mesmas brincadeiras que praticavam dribles, aprendiam a desarmar.

Tal comparação pode ser vista nos extremos *habilidade/força*, *intuitivo/racional*, *futebol-arte/futebol-força* – imprescindíveis para a compreensão dos estilos brasileiro e europeu. São estilos que não se definem por sua unidade opositiva, mas sim pelo fato de apresentarem elementos em comum e sobrepostos. Tais estilos podem ser entendidos enquanto *formas-representações* (Toledo, 2002), construídas na interação dos grupos de atores – torcedores, profissionais e especialistas - que compõem o universo futebolístico dito profissional, e de suas leituras dos padrões de jogo empregados pelas equipes.⁴¹

Portanto, como é possível perceber no caso do drible, a valorização e a negação dos aprendizados nas práticas espontâneas eram freqüentemente articuladas ao mesmo tempo. Em uma só conversa, por exemplo, Jaílson afirmou que a habilidade e criatividade das crianças e jovens decorriam, em parte, das adaptações aos diferentes materiais e equipamentos que utilizavam no futebol jogado na escola, na rua e em outros espaços; mas condenou os “vícios” que os jovens traziam destas práticas realizadas fora da escolinha, o que dificultava o seu trabalho, pois exigia mais dedicação e tempo para reeducar o modo de jogar dos garotos:

Jogar bola ele aprende em qualquer lugar, no meio da rua. Agora, você precisa saber conhecer a posição do lateral direito, do lateral esquerdo, do volante, do meia esquerda, do meia direita, a função do meia de campo, do central, do quarto zagueiro, está entendendo? Do ponta direita, do ponta esquerda, que hoje em dia não se joga mais com ponta direita e com ponta esquerda, entendeu? Primeiro, tinha o ponta esquerda, o ponta direita e o centroavante, o meia direita, o meia esquerda, o volante e meio de campo. Hoje em dia são quatro no meio de campo e dois atacantes. Antes eram três atacantes. [...] Para você ver como é que as coisas mudaram.

Tais afirmações são corroboradas por alguns alunos e ex-alunos:

Denis (82): Porque na rua você joga mais na brincadeira. Lógico, você leva a sério e tudo. A gente queria ganhar, mas é muito amador. Já na escolinha foi mais ter contato com essa coisa da parte física, essa questão da tática, aprender a se posicionar, essas coisas todas que estão mais envolvidas com futebol profissional. [...] Foi na escolinha que eu fui ter mais esse conhecimento, mais técnico mesmo, mas com certeza já tinha noção de bola. Acho que na escolinha foram mais essas coisas de conhecimento mais técnico e tático.

⁴¹ As diferentes interpretações e usos das regras implicaram distintos estilos e formas de jogar, conhecidos como padrões de jogo (Toledo, 2002) e expressos em combinações numéricas das mais diversificadas, que apresentam as posições e funções dos onze jogadores durante as partidas. Portanto, a partir das regras do jogo e destas formas e padrões de jogar, consolidam-se as representações coletivas das maneiras de jogar, expressas em estilos (jogar à brasileira) e escolas (escola carioca ou gaúcha).

E: O que você acha que você aprendeu antes de ir para a escolinha?

D: Antes da escolinha, já na rua, você aprende as noções básicas. Chutar, cabecear, marcar e tal, mas é muito por sensibilidade sua. Não era porque alguém está orientando. É uma coisa mais de você olhar os outros e ir aprendendo. Às vezes um toque de um amigo seu ou outro, mas ali no meio do futebol aquela coisa está envolvendo a emoção: “Pega, marca lá e tal.”

Na escolinha, portanto, havia um processo de ensino concebido como uma geração mais velha ensinando gerações mais novas, próximo do modelo durkheimiano.⁴² Porém, a etnografia permitiu perceber que não se tratava de uma simples incorporação de saberes, pois o envolvimento das crianças e jovens é consciente e com um fim. Aquele que ensina e os que aprendem são sujeitos atuantes no ensino-aprendizagem, pois na transmissão destes saberes, a pedagogia envolve a todos e a criança e o jovem são sujeitos ativos no processo.

Sendo partícipes efetivas da produção social, as crianças não devem ser encaradas como receptores passivos dos ensinamentos transmitidos pelos adultos nos processos de socialização, como bem adiantou uma bibliografia antropológica sobre a criança e o aprendizado (Lopes da Silva; Nunes, 2002; Cohn, 2005). Mesmo o aprendizado mímico, como vimos, não é uma imitação mecânica da experiência adulta, mas sim uma recriação construída de forma dialógica, a partir de suas experiências e de suas relações com o mundo que as rodeiam. Isso leva a uma revisão, aqui esboçada, das abordagens socializadoras unilaterais, que pressupõem apenas as ações dos adultos.

Isso era visível na atuação destes em diferentes locais – como, por exemplo, no domínio da rua –, horas vividas nos espaços públicos e privados decisivas para o desenvolvimento das habilidades. Trata-se de uma característica que permeia o imaginário do futebol brasileiro, presente nas observações do jornalista Mario Filho sobre a formação do jogador de futebol no Brasil:

Os moleques passando o dia inteiro com a bola de meia. Brincando com ela. Apostando quem demorava mais com ela nos pés. Sem deixar que ela caísse no chão. Havia moleque que ficava toda a vida assim. Suspendendo a bola, passando a bola de um pé para outro, cinquenta, cem, duzentas vezes. Amanheciam com a bola de meia, a rua era o campo, formavam times de par ou ímpar, jogavam até não poder mais. A manhã, a tarde, a noite, eram deles. Não iam para o colégio, ficavam na rua. Fazendo inveja aos garotos de boa família... (Rodrigues Filho, 2003, 76-77)

Mas uma concepção que não deixa de ser recriminada, visto a reação de muitos brasileiros à declaração do atacante francês Thierry Henry antes do jogo Brasil e França, pelas quartas de final da Copa do Mundo de Futebol Masculino de 2006: “Quando eu era criança, ia à escola das 7 horas da manhã às 5 da tarde e, quando queria jogar bola, minha mãe não deixava. Dizia que estudar era mais importante. No Brasil, as crianças jogam das 8 às 18 horas. Em algum momento a técnica aparece. [...] [no Brasil as crian-

⁴² Durkheim (1967, 41) parte dessa idéia de inserção social, pois postula que a sociedade não existe sem uma homogeneidade e a educação tem como uma de suas funções reforçá-la, inserindo as crianças no corpo social. A educação consiste, portanto, numa socialização metódica das novas gerações.

ças] nascem com a bola nos pés. Na praia, na rua, na escola. Onde quer que você olhe, eles estão jogando”.⁴³

Trata-se, portanto, de um processo de aprendizagem vinculado a uma diversidade de usos do futebol e de experiências no espaço urbano, que dotam estas dimensões de novos significados, e de um modo que o futebol atravessa a vida dos jovens nos mais diversos sentidos: festa, trabalho, consumo, lazer. A internalização deste conhecimento ocorre, portanto, de diferentes formas: nos treinos ministrados por Silva, na interação com os demais alunos durante os treinos e em outros lugares para além do CDM.

Isso é possível devido ao processo de realimentação mútua entre as diferentes práticas e modalidades: futebol espetacularizado, futebol de praia, futebol de rua, pelada, futebol de várzea etc. Os jogos mais espontâneos influenciam e interferem na dinâmica do futebol association, ao mesmo tempo em que o futebol espetacularizado, por seu lado, é a principal inspiração e o esporte mais popular entre os praticantes destas outras modalidades futebolísticas. Entre o futebol association e as demais práticas bricoladas, a maioria das características se repetem, embora apresentem especificidades, autonomia e irredutibilidade (Scaglia, 2003), e o que é aprimorado em um, pode ser utilizado em outro.⁴⁴

Pude observar o “três dentro três fora”, a “rebatida”, o “gol a gol”, o “cada um por si”, disputas de embaixadinhas e a “roda de bobinho”.⁴⁵ Ao jogar na rua o “Gol a Gol”, por exemplo, repete-se, constantemente, o fundamento de chute ao gol, muito utilizado nos mais variados futebóis, inclusive nos que compõem a dimensão espetacularizada. Portanto, aprender a jogar futebol “pressupõe aprender os jogos/brincadeiras de bola com os pés (pequenos jogos), ao mesmo tempo em que jogar essas brincadeiras, concomitantemente, se estaria jogando futebol” (Scaglia, 2003, 20). Além disso, aprender a chutar diferentes tipos de bola (papel, couro, borracha, meia etc.), bem como por meio de diferentes calçados (descalço, chuteira, tênis, chinelo etc.) prepara os jovens e pode ampliar seu quadro de experiências para diversas situações dentro de um jogo.

O campo de futebol, por exemplo, pode apresentar inúmeras variações, mas dentro de certos limites e medidas mínimas e máximas,⁴⁶ mantendo seu formato retangular, ou seja, com o comprimento sempre superior à largura. Dependendo de suas medidas e condições do piso, as dimensões do campo podem influenciar sensivelmente a dinâmica da prática do esporte em questão, como frisou Silva:

Por exemplo: jogar em campo ruim. Não é legal, mas ajuda a aprender a dominar uma bola, a correr, chutar ao gol. Quantos mais lugares diferentes jogar, melhor. Assim como o

⁴³ O Estado de S. Paulo, 30 de junho de 2006, p. E9.

⁴⁴ O que Scaglia propôs como o conjunto da família dos jogos de bola com os pés, ou seja, a reunião de “todas as unidades complexas que se valem de uma bola que deve ser manejada com os pés à medida que o jogo acontece” (2003, 153).

⁴⁵ Os nomes destes jogos podem variar de uma região do Brasil para outra, embora as regras sejam muito semelhantes. Utilizo aqui os nomes articulados pelas próprias crianças e jovens.

⁴⁶ Segundo a Regra 1, o campo deverá ter entre 90 e 120 metros de comprimento, e 45 à 90 metros de largura. Nos jogos internacionais, as medidas se ampliam: comprimento máximo de 110m e mínimo de 100m; largura máxima de 75m e mínima de 64m (Duarte, 2005).

calçado para jogar: tem que saber jogar dos diferentes modos. De chuteira ou descalço. É bom, eu aprendi assim.

O depoimento de Silva traz uma questão interessante. Como foi possível perceber até agora, o ex-jogador Silva privilegiava, em seu método de treinamento, a aplicação de atividades inspiradas no universo espetacularizado. Reforçou, em diversos momentos, que o espaço da escolinha era o mais apropriado para o ensino da prática futebolística. Contudo, revelou que aprendeu a jogar na rua e campos de várzea.

Scaglia (1999) pesquisou a história de vida de ex-jogadores profissionais, e que hoje atuam como professores de escolinhas, em busca de duas questões que foram depois comparadas: como eles aprenderam a jogar futebol e como eles ensinam hoje as crianças em suas aulas. Para Scaglia, os ex-jogadores, hoje professores, aprenderam a jogar de um modo distinto ao que ensinam. Teriam aprendido na rua e campinhos, e hoje ensinam pautados pelos treinos oferecidos no plano do futebol profissional, onde predominaria o tecnicismo, algo que Silva confirmava em seus treinos:

E: Você tenta fazer treino parecido com o profissional?

S: É mais o treinamento que a gente fazia. Mas tem algum que não dá, porque às vezes a turma que é meio difícil de assimilar, mas o “arroz com feijão”, como se diz, mais alguma coisa, um pouquinho de “filé mignon” também, depende do grupo. Às vezes tem moleque que quer treinar, tem uns que não querem, vou dar minha aula hoje e aquele ali não quer fazer nada, aí a gente acaba não fazendo.

Embora tenha aprendido a jogar na rua e nos campos de várzea, Silva defende que os jovens têm que aprender desde cedo a jogar como os profissionais, por isso, opta por privilegiar os treinos técnicos e táticos que aprendeu e vivenciou durante sua carreira profissional. O que, para Scaglia, se afasta do que seria o ideal no plano pedagógico. A adoção do tecnicismo estaria, na verdade, segundo o autor, alterando a função da escolinha, pois seu papel não seria o de transformar crianças e jovens em jogadores profissionais, mas o de ensinar a jogar futebol em diferentes planos: tanto no da competição, como no educativo, com a transmissão de valores sociais e morais em busca da cidadania do aluno. Assim, segundo Scaglia, precisar-se-ia mais de professores do que de técnicos.⁴⁷

Além deste enfoque no plano educacional, Scaglia defende a inserção de brincadeiras de rua nas atividades das escolinhas, resgatando, assim, uma *pedagogia de rua* (Freire, 2006) que sempre teria formado ótimos jogadores. A *pedagogia da rua*, concebida por Freire, propõe que as escolinhas ensinem futebol por meio de brincadeiras, mas não só reproduzindo o esporte jogado na rua e em campinhos, mas principalmente pedagogizando⁴⁸ o que é praticado na rua, visto que diversos elementos presentes no futebol de rua seriam contraditórios à proposta pedagógica ideal.⁴⁹

⁴⁷ O que remete a uma questão posta no início do primeiro capítulo: já na utilização dos termos para se referir à escolinha do CDM Cidade Líder, predomina o uso do termo treino ao de aula.

⁴⁸ De forma geral, ao propor essa incorporação da pedagogia da rua nas escolinhas, Freire (2006) procura valorizar os aspectos lúdicos da prática no processo de ensino e aprendizagem do futebol. Assim, a pedagogia da rua poderia ser compreendida como um rico processo de aprendizagem.

⁴⁹ Embora saliente o valor da pedagogia da rua para o aprendizado da prática futebolística, Freire (2006, 7) pondera também que “rua e escola são instituições bastante diferentes. Há, na pedagogia da rua, diversas coisas que não

Na contramão das preocupações de Freire e Scaglia, destaco aqui uma concomitância pedagógica dos diversos espaços de aprendizagem. Além de me opor a uma possível incoerência entre o modo como se aprendeu e o modo como se ensina, visto que se trata de um processo de ensino-aprendizagem marcado por uma complexa heterogeneidade, assinalo a importância de analisar de forma contextual os treinos e métodos de ensino adotados hoje em várias escolinhas de futebol.⁵⁰

Penso que o desafio para aqueles que pretendem investigar a construção do saber futebolístico é compreender a relação entre o que é vivenciado no futebol de rua e outros espaços, confrontando com o que é ensinado no espaço das escolinhas. Para isso, são necessários outros trabalhos. No caso desta pesquisa, enfatizo a convivência pedagógica entre as brincadeiras de rua, aulas de escolinha de futebol, partidas de futsal, atividades nas aulas de Educação Física, games virtuais de futebol etc.

Com este fim, analisarei na parte final desse capítulo, para além do campo de futebol e da quadra poliesportiva, certos locais específicos de internalização do saber futebolístico vinculados ao CDM Cidade Líder: espaço do futebol e brincadeiras de rua; espaço (masculino e adulto) do bar do CDM, utilizado para disputas futebolísticas e várias brincadeiras nos horários de não funcionamento; as pontuais observações que fiz em duas lanhouses próximas ao CDM, após notar como certas atitudes e ações adotadas pelas crianças e jovens nos treinamentos comandados por Silva faziam referência ao futebol jogado no videogame. Traça-se aqui, portanto, uma comparação entre diferentes modos de ensino-aprendizagem.

2.8.1) Os futebóis de rua

O objetivo aqui é o de investigar, por meio das práticas futebolísticas ativadas no dia-a-dia, suas relações com a cidade e as apropriações que fazem do espaço urbano, principalmente nos usos que fazem da rua. Era possível notar, constantemente, a presença das crianças nas ruas, sozinhas ou em grupo, brincando ou mesmo trabalhando. A “pista”, termo utilizado por aqueles oito garotos que ali jogavam para se referirem às ruas do bairro e da cidade, estava ocupada numa tarde de terça-feira, inclusive por vários adversários: os oponentes no jogo; os carros, adversários no uso da rua; os vizinhos, contrários ao barulho que vem da rua; as mães, inimigas do tempo gasto nesse espaço. Gabriel (98), sentado na calçada, assistia sério aos movimentos da disputa: quatro contra quatro, com tijolos compondo as traves dos gols, e uma velha bola de futsal. Lamentava não poder brincar na rua, chance que afirmou ser permitida a poucos: “Podia ser pior, eu pelo menos posso sair na rua. Minha irmã não tem nem a chance, pois minha mãe não deixa”, comentou.

Em outra oportunidade, na rua de cima ao CDM, que cruza a Avenida Líder, três garotos esperavam ansiosamente a chegada da bola, que ficara presa no quintal de uma

gostaria de ver repetidas na escola. [...] A pedagogia da rua é muito suscetível tanto às boas como às coisas ruins”.

⁵⁰ Se tais métodos são tecnicistas, deve-se levar em conta a demanda por este tipo de trabalho, bem como o contexto atual de formação e seleção de garotos nos clubes.

casa. Quando a bola chegou, apareceu também o goleiro, que rapidamente se colocou em frente a um portão de garagem. Usavam paredes ou portões de casa como gols para jogar “três dentro e três fora”; alocavam quatro tijolos no asfalto como pequenas traves para jogar “linha”; e distribuía-se no espaço para jogar “bobinho”. Recriava-se, portanto, regras, técnicas e fundamentos, enquanto outros conceitos futebolísticos eram readaptados: escanteio, lateral, tiro de meta, pênalti e infrações.

As regras eram definidas por todo o grupo, o que as tornavam flexíveis de acordo com os participantes, bem como em relação aos ambientes de jogo. Quando uma partida era desigual, parava-se o jogo, as equipes eram escolhidas novamente e iniciava-se uma nova disputa. O resultado do jogo estava sempre em discussão, pois as contagens das equipes destoavam. Adicionavam-se certas normas, sendo que, segundo Gabriel (98), essas eram as principais: o goleiro só podia pegar a bola com a mão dentro da área; só valia gol rasteiro; não contava gol feito em tabela com carro estacionado; goleiro podia jogar na linha; trocava-se de goleiro quantas vezes quisessem e quando desejassem; a bola era do adversário se caísse na casa dos vizinhos ou em cima do telhado; e quem chutasse a bola para longe é quem pegava.

São muitas as diferenças entre as práticas espetacularizadas e a prática de rua, tal como pensou Wacquant (2002), quando diferenciou as práticas do boxe profissional e da briga de rua: o primeiro, segundo o autor, requer um conjunto de dispositivos incorporados através do treinamento; já a luta de rua não exigiria tal comprometimento. Contudo, era possível perceber naquela prática futebolística de rua a competição, seriedade, brincadeira, aspectos lúdicos e às vezes até dinheiro envolvido (quem perdesse, teria que devolver a pipa que pegou perto da Praça Sete, na Avenida Líder).

Para Jaílson e Silva, porém, as diferenças são gritantes. Essa prática de rua, segundo os dois, é igual à “pelada”, identificada por Damo (2007) na matriz *bricolada*. Assim, para eles, pelada e futebol de rua são quase iguais. Para outros, porém, futebol de rua é diferente da pelada. Para explicitar as diferenças, o cronista Luis Fernando Veríssimo enumera quais seriam as regras do futebol de rua:

Pelada é o futebol de campinho, de terreno baldio. Mas existe um tipo de futebol ainda mais rudimentar do que a pelada. É o futebol de rua. Perto do futebol de rua qualquer pelada é luxo e qualquer terreno baldio é o Maracanã em jogo noturno. Se você é homem, brasileiro e criado em cidade, sabe do que estou falando. Futebol de rua é tão humilde que chama pelada de senhora (Veríssimo, 2006, 49).

Tal definição é partilhada por Vitor (87), antigo aluno da escolinha:

Vitor: Futebol de rua, rua é rua. Rua não dá para jogar direito porque é muito apertadinha. É muito estreita a rua. Mas o futebol de pelada é melhor porque tem espaço, aí você já começa a fazer o que você quer fazer com a bola, então é legal futebol de pelada.

E: *Futebol de várzea é diferente de futebol de pelada?*

V: Futebol de várzea já é diferente porque é, tipo, um compromisso. Pelada, você não tem muito compromisso e a várzea você já tem, porque você está ali cheio de futebol competitivo. Para vencer já é mais responsabilidade. Desde pequeno eu jogava futebol e gostava de jogar futebol, eu sempre quis ser jogador de futebol. Eu me lembro que entrei na escola

com sete anos, aí eu chegava em casa e já ia jogar. Minha mãe tinha que me chamar no campinho porque eu não ia fazer lição de casa, ficava até escurecer.

Segundo Jaílson, aprende-se muita coisa jogando futebol na rua. Mas o que se aprende não é o principal: “Os clubes não querem peladeiros. Eles querem jogadores completos, que saibam correr certo, passar a bola, chutar a gol, força nas pernas. Isso o futebol de rua não tem”. Silva endossa: “pelada é pelada, legal de jogar, divertido, mas ninguém vira jogador só na rua. Precisa treinar, como aqui na escolinha”. Silva ia além: “tem hora até que atrapalha, pois o garoto já vem com muitas manias e ‘vícios’. O garoto já está perdido, com um jeito de jogar todo errado”. Ainda assim, a aprendizagem na rua era defendida por inúmeros atores, que acreditavam em um jeito de jogar brasileiro resultante do contato diário com a bola, como no já citado depoimento do atacante francês Thierry Henry sobre os meninos brasileiros.

Conversando com Celso, dono do bar do CDM, fui alertado da importância das outras práticas acionadas na rua: “Meu sobrinho é goleiro do Botafogo da Líder. Mas bem que poderia jogar na linha. Corre para caralho o moleque, de tanto correr aí na rua, jogando taco”. Pude observar a prática de inúmeros jogos e brincadeiras no CDM e na rua: esconde-esconde, bola de gude, pipa, pega- pega.⁵¹ Não era comum, mas vi, em alguns momentos, jogos de taco nas ruas do bairro.⁵² Alguns garotos confirmaram que as constantes corridas no jogo do taco ajudam a jogar futebol. Adriano (96) era um dos que mais jogavam numa rua ali perto ao CDM: “Ajuda principalmente nos piques que tem que dar. Corrida de tiro curto, sabe?”.

Celso afirmou que também já brincara muito naqueles espaços: “Era bem diferente do que era hoje, mas fazíamos nossas ‘trocinhas’, diferentes do ‘folguedo’ de hoje”.⁵³ A rua permanece, portanto, como um espaço tradicional de prática futebolística no cenário urbano paulistano, há muitas décadas, como afirma Seabra (2008, 141):

Havia moleques jogando bola o dia inteiro no meio das ruas, nos terrenos baldios, onde se atirava lixo, nos capinzais. Bastava uma bola de meia, de borracha ou de couro e fazer um

⁵¹ Contudo, o universo da rua não é exclusivamente das brincadeiras das crianças. Em junho de 2007 observei a soltura de balões em uma rua do bairro por um grupo de baloeiros, por volta de sete homens adultos, que me explicaram, um pouco relutantes, o processo de construção dos balões, visto que se trata de uma prática ilegal. Motivo pelo qual privilegiaram destacar as dificuldades atuais da atividade, que levaram à necessidade de formação de agrupamentos de baloeiros.

⁵² Jogado por crianças descalças, divididas em duas duplas, correndo de um extremo a outro, procurando a bolinha de borracha ou de tênis, girando “tacos” de madeira pelo ar, protegendo suas casinhas (garrafas plásticas de refrigerante) dos avanços adversários, com regras pouco rígidas, que permitiam constantes discussões entre os garotos sobre quem estava certo. O conflito não é dado, mas existe de acordo com o adversário, resultante da disputa de “dedos”, para ver quem sinalizava a quantia igual de dedos. Perde-se pontos ou a posse do taco de diferentes formas. Ser atingido pela bolinha adversária quando se está com um dos pés na “cela” – área circular marcada com giz no chão onde repousa a casinha –, ou quando se deixa o taco fora da “cela”; pegar a bolinha rebatida antes dela tocar o chão, rebater três vezes a bola para trás da própria cela, derrubar sua própria casinha, trocas de cela e encontros de tacos por meio de rebatidas longas, etc. Somente quem tem a posse do taco pode marcar pontos, assim, a equipe que está na posse da bola deve fazer tudo para “tomar” o taco. O jogo termina quando se atinge o número de pontos combinados; no último ponto, os tacos devem ser repousados cruzados no trajeto entre as casinhas.

⁵³ Segundo Florestan Fernandes (2004), em sua pesquisa sobre as brincadeiras e relações infantis em bairros operários de São Paulo, “folguedo” se aplica a um grupo de crianças que compartilham ocasionalmente das brincadeiras, enquanto que “trocinha” se refere a um grupo que brinca freqüentemente junto.

gol com duas maletas de escola ou dois pedaços de paus. Em todos os cantos se formavam times e clubes.

2.8.2) O futebol no espaço do bar

Durante as manhãs e tardes dos dias da semana, o pequeno espaço do bar, comandado por Celso, tornava-se uma quadra de futebol, com disputas de dois contra dois, as muretas do bar como limites do campo e bolas dos mais diferentes formatos, modelos, origens, pesos e “prazos de vencimento”. As muretas, inclusive, poderiam ter outras funções, como lembra o ex-jogador Raí, em seu manual:

Quando eu era pequeno, em Ribeirão Preto, a gente jogava muito futebol com mureta, quer dizer, em uma quadra pequena em que valia usar a mureta lateral para fazer tabela. Isso me deu um tipo de reflexo que levei para os campos profissionais mais tarde: me ajudava a pensar rápido, diferente dos outros (2005, 18).

Já nas tardes de treino com a presença das crianças da CCA, o espaço do bar podia ser compreendido como local de pertencimento feminino, com o desenvolvimento de atividades e brincadeiras tidas como de meninas, enquanto que o campo de futebol era tido como espaço reservado masculino.

A partir da fala de algumas crianças percebia-se a importância que concediam à brincadeira dentro de sua rotina diária no tempo não-escolar. Por meio da brincadeira – “uma espécie de denominador comum às crianças de todas as sociedades” que manifesta “sua universalidade por meio de infinitas peculiaridades” (Nunes, 2002, 69) –, as crianças exploram outras experiências de tempo e espaço nas quais vivenciam seu cotidiano. Isso evidencia a importância de considerar “o estudo das brincadeiras como um instrumento de investigação e análise que contém grandes potencialidades” (Nunes, 2002, 70), visto que por meio dos momentos lúdicos as crianças podem esquadrihar outras formas do saber e da experiência.

Além disso, foi possível perceber que se tratava de um elemento de fundamental contribuição para o aprendizado do “saber” futebolístico. Porém, nos comentários das professoras e de alguns pais, ficava claro que se procurava separar o aprender do brincar, convergência vista como improdutiva ou até negativa. Posição que era também adotada por Jaílson e Silva em relação às brincadeiras nos treinos da escolinha.

Rafael (85), ex-aluno da escolinha e hoje professor de Educação Física, comentou sobre a existência, no cenário docente, de duas estratégias de ensino diferentes: a primeira defende uma função lúdica do jogo e do prazer proporcionado pelo divertimento desinteressado, sem visar à produtividade; a segunda propõe uma função educativa do lúdico, como complemento do processo do saber e conhecimento, mas também como um possível elemento motivador do processo educacional. Ele afirmou buscar o equilíbrio entre as funções lúdicas e educativas, por apresentar possibilidades de trabalhar a questão do ensino por meio de diversos aspectos.

No espaço do bar, a relação criança-adulto era testada, visto que não se configurava pura e simplesmente numa relação hierárquica na qual crianças se submetiam a um

rígido controle disciplinar ao qual deviam plena obediência. Essas criavam formas alternativas de quebrar a “ordem”, como no exemplo do jogo do esconde-esconde. Assim, “jogavam” com as regras educacionais, experimentando até onde se pode ganhar e ceder nessa relação. O esconde-esconde permitia uma forma de “jogar” com a hierarquia estabelecida, ao se esconderem das professoras. Ao mesmo tempo, para resolver os casos mais conflituosos que resultavam das diferenças de gênero nos jogos e brincadeiras realizados pelas crianças, meninos e meninas recorriam às professoras e monitoras, que atuavam como uma espécie de “juízas”.

Este mesmo espaço, a poucos metros do campo de futebol, evidenciava ainda certas questões de gênero interessantes. Por meio dos jogos e brincadeiras ativados no espaço do bar, era possível perceber a demarcação de grupos sociais diferenciados nas mais diversas atividades. Na disputa pelo direito de jogar, relações pautadas por questões de gênero nas atividades acionadas no espaço do bar. Dessa forma, meninos e meninas eram testados constantemente para saber de que lado estavam nesse jogo do gênero, e a construção da identidade do grupo inscrevia, nos corpos de cada criança, marcas que os distinguiam de outros grupos.

A partir da observação da relação *bar vs. campo*, verifiquei um processo de delimitação dos espaços e atividades destinados aos homens e mulheres, neste caso, meninos e meninas. As professoras procuravam mediar as brincadeiras instruindo e delimitando o lugar de cada grupo: “É diferente. O futebol está desde bem cedo na vida dos meninos, jogando, torcendo, tanto faz”, afirmou Kelly, professora da CCA. Assim, as atividades desenvolvidas nos diferentes espaços significavam e demarcavam espaços exclusivos designados a meninos e meninas, dificultando momentos de ruptura destes movimentos específicos. Mas essa posição das professoras não impedia o tráfego, mesmo que ocasional, das crianças pelos diferentes ambientes.

Entretanto, apesar da possibilidade de um trânsito entre as atividades, foi possível observar que os meninos e meninas criavam mecanismos para admitir ou barrar a presença dos “outros” na suas brincadeiras, para demonstrar a quem pertencia determinada atividade. Os mecanismos, códigos e valores criados para dificultar o acesso à brincadeira faziam com que meninos desistissem de pular corda e brincar de casinha no espaço do bar, assim como as meninas muitas vezes desistiam da prática futebolística no campo. Assim, através dessas práticas, as próprias crianças se privavam das possibilidades de vivência de cada brincadeira.

Foi possível observar tais aspectos nas tentativas das meninas mais novas de participar dos jogos de futebol. Algumas entravam no jogo, mas cansavam e saíam alguns poucos minutos depois. Em outros momentos, foi possível perceber que essas meninas, quando próximas da bola, eram muito cobradas pelos meninos que estavam jogando. Os garotos afirmavam abertamente que futebol não era jogo de menina e que elas não deveriam estar ali. Se de um lado, os meninos reclamavam da ineficiência feminina no jogo, por outro, as meninas criticavam o modo violento deles jogarem.

Do mesmo modo, os meninos que pretendiam brincar com as meninas tinham que aderir às regras utilizadas por elas, sabendo que não poderiam sugerir ou comentar

alterações nas brincadeiras, mas sim apenas aceitar o que as meninas diziam e pediam. Nas brincadeiras de palmas, por exemplo, os meninos eram repreendidos pelas meninas quando alteravam a ordem dos gestos ou mesmo a letra da música, sendo inclusive delatados à professora mais próxima. Eram então repreendidos novamente, pela professora, que pedia ao garoto para se retirar para outro espaço. Isto podia ser observado, ainda, na brincadeira de casinha, quando as meninas faziam uso destes mecanismos e de outros – alterações no tom de voz, gritos, tapas etc. – para reclamar das atitudes e comportamentos não esperados na brincadeira em questão.

Havia, assim, uma ação reguladora de direcionar as ações e comportamentos. Ao limitar suas possibilidades de vivência das atividades, as próprias crianças se restringiam às mesmas práticas. Isto porque as crianças, na posição de sujeitos, não se apresentavam somente como simples reprodutoras das técnicas e valores do universo adulto. Por meio das brincadeiras, as crianças se colocavam também como agentes ativos que ressignificavam elementos lúdicos, articulando-os em seu cotidiano.

Não se tratavam, porém, de espaços rígidos, visto que certas atividades eram compartilhadas por meninos e meninas em diversos momentos, como nos jogos de queimada na quadra poliesportiva ou em brincadeiras como pega-pega; deve-se também levar em conta que as relações de gênero observadas na escolinha variavam de acordo com a idade das crianças e jovens, o que era visto no caso de Katlin (93), que participava dos treinos matutinos da escolinha: “A Katlin tem muita habilidade, joga melhor que alguns garotos, mas não consegue jogar que nem os melhores meninos daqui, pois eles têm mais força e agilidade”, comentou Cida, professora da CCA.

Ainda que Katlin jogasse melhor que muitos garotos, sua participação foi, em diversos momentos, preterida tanto por Silva quanto pelos demais alunos. Recebia poucos passes, o que a fazia tocar pouco na bola durante os coletivos. Além disso, sua habilidade era utilizada como exemplo para os demais, porém num sentido de inferiorização: “até a Katlin acertou mais que você”, “tomou drible de menina” e algumas outras afirmações pude registrar com a filmadora ou com a câmera de vídeo. Um garoto ser driblado pela Katlin o expunha a gozações; se o próprio invertesse a situação, aplicando o drible na Katlin, teria feito apenas o que já esperado.

Havia, assim, uma rejeição à prática do futebol por mulheres, o que pode ser percebido em diversos momentos. Douglas (84), ex-aluno da escolinha, ponderou que as dificuldades de aprendizagem do futebol apresentadas pelas meninas seriam, na verdade, reflexo da falta de ajuda e auxílio para trabalhar a prática do esporte. Sejam pautados pela crença na fragilidade das meninas ou na inaptidão delas em aprender a jogar, Silva e alunos compartilhavam, em sua maioria, das mesmas opiniões em relação ao futebol feminino: preferiam só a presença de pessoas do sexo masculino no campo. Tal divisão foi, entretanto, contestada por Diana (00): “Eles se acham os donos do campo... são muito chatos”. Porém, quando perguntei se preferia jogar futebol ou brincar de casinha, Diana apontou a última.

Haveria, ainda, segundo Jaílson, preconceito da própria família em relação à prática futebolística para as meninas: “Tem mãe que vem me falar que não gosta, pois as

meninas deveriam ficar em casa, ajudando a arrumar a casa, lavar a louça, cozinhar, essas coisas”. Somente uma vez escutei reclamações de uma mãe, que afirmou não deixar a filha freqüentar a escolinha: “Uma vez ela até falou que queria. Mas imagina: começa a jogar, ganhar músculo, ficar com corpo de homem... muito feio”.⁵⁴ Via-se, assim, um processo de socialização diferenciado, a depender do sexo da criança, o que era possível perceber na definição de Silva: o futebol, para as meninas, seria mais uma brincadeira, enquanto que para os meninos haveria um clima maior de competição.

Pude, numa sexta-feira chuvosa, quando jovens e adultos jogaram juntos durante parte da manhã, verificar e atestar a perspectiva generificada do universo futebolístico. Em dado momento, registrado pela filmadora, Katlin “pedalou” para cima de um garoto, driblando-o, porém em seguida foi derrubada, sofrendo falta. A “pedalada” e o drible levaram alguns homens e garotos, que assistiam o jogo ao lado do campo, a gritarem e provocarem os jogadores do time adversário de Katlin. Entre as gozações, diziam: “tomando rolinho de menina!”. A jogada habilidosa de Katlin foi vista como humilhação dos adversários homens, como se seus desempenhos masculinos tivessem sido superados por uma garota de 15 anos.

Nesse sentido, a prática futebolística pode ser entendida, portanto, como uma reafirmação da masculinidade dos praticantes do CDM ou, nos termos de Archetti (2003, 43), como um esporte marcado por um conjunto de relações “hombr-hombr”. O que, para Arlei Damo, expõe a existência de “um jogo de status ou [...] um operador simbólico em ação” (2007, 251) que define o futebol enquanto um espaço masculino, porém também um espaço relacional generificado, pois talvez seja “imposible pensar en masculinidad sin femineidad., en hombres sin mujeres. Un hombre necesita una mujer para reafirmar su propia masculinidad [...]” (Archetti, 2003, 19-20).

Tal problemática foi efetivamente constatada nas observações, pois percebia que a participação feminina deixava-os expostos e preocupados, já que aqueles que apresentavam menos habilidades eram sempre alvos de gozação, desqualificação e de questionamento da sua virilidade e masculinidade. Apelidos e provocações eram comuns, tais como “viadinho”, “baitola” e “mocinha”.⁵⁵ Portanto, ao mesmo tempo que as meninas eram preteridas, os garotos, a depender de suas habilidades do seu comportamento, também poderiam ser privados da prática futebolística.

2.8.3) O futebol de videogame

Realizei, por fim, observações pontuais em duas casas de jogo em rede e internet – conhecidas como lanhouses –, com o objetivo de aferir as características desses espaços

⁵⁴ Se no caso das garotas há o questionamento da sua feminilidade, pois seu desempenho futebolístico é associado à masculinidade, no caso dos meninos, a homossexualidade é um tema presente e que preocupa os diversos atores. Os contatos mais íntimos entre meninos e garotos do CDM, por exemplo, eram censurados fora de campo. Em outras situações eram aceitos, como abraços e toques nas comemorações de gol. Faz parte do aprendizado futebolístico saber agir nestes momentos freqüentes no futebol, prática na qual ocorrem e são aceitas determinadas demonstrações públicas de afeição masculina.

⁵⁵ Tais denominações evidenciavam a “Importancia de la virilidad masculina, el vínculo homo-social masculino, la ferviente hermandad y, en consecuencia, de la homosexualidad definida como una amenaza” (Archetti, 2003, 158).

de sociabilidade do bairro, principalmente junto às crianças e jovens da escolinha do CDM Cidade Líder. Investiguei, assim, as formas de sociabilidade realizadas por meio das novas tecnologias de comunicação, em redes mediadas por computador, tanto com interações no ciberespaço – que envolvem emails, games, MSN, Orkut –, quanto nos espaços físicos das lanhouses.⁵⁶

Apesar de ter evitado fazer anotações nos momentos de observação, pelos mesmos motivos que me levaram a evitar anotações próximo ao campo de futebol, percebi que era necessário realizá-las para registrar a variedade de termos, títulos de jogos, gírias, nomes de armas e golpes, escalação de equipes virtuais de futebol, etc. Quando perguntava os nomes dos jogos de videogame ou de computador que costumavam praticar, tive dificuldades, ou por só receber como resposta a modalidade do jogo (“Luta”, “Ação”, “Aventura”, “Esporte”, “Memória” etc.), a sua temática central (“Luta”, “Corrida”, “Futebol”, “Que mata as pessoas”, “Formiga” etc.) ou, ainda, o console do jogo (“Playstation”). Outras crianças citavam os jogos pelos nomes.

A citação, porém, exigiu que eu procurasse utilizar, em alguns momentos, papel e caneta para poder compreender qual era o nome do jogo, o que apresentou um novo dado: as múltiplas formas usadas pelos garotos para escreverem esses, muito pelo fato da grande maioria dos jogos terem títulos em outros idiomas, majoritariamente de língua inglesa. Assim, games como *Winning Eleven* e *Counter-Strike* eram expressos de diferentes formas, tipo “*Wing Eleven*” e “*Condestrike*”.

Lanhouses são espaços com computadores conectados à Internet e com games digitais em rede.⁵⁷ Junto aos computadores, estão os fones de ouvido, utilizados para escutar música e os sons dos jogos. Dispostos lado a lado, os computadores são, em sua maioria, novos. Assim, nestes espaços com vários computadores ligados em rede, os jogadores travavam duelos contra os demais frequentadores da lanhouse que estão ao seu lado. A lanhouse oferece, ainda, outros serviços, como xérox, scanner e fax. Porém, não notei uma utilização do espaço com estes fins.

O público nos dias de pesquisa era composto basicamente por garotos, de diferentes idades. Neste espaço predominantemente jovem e masculino, as poucas meninas e mulheres faziam usos distintos dos computadores; preferiam usar o MSN⁵⁸ ou acessar o Orkut.⁵⁹ Embora tenha afirmado que gostava de jogar alguns games, Marta (94) preferia utilizar o tempo para conversar com amigas no MSN, e escrever scraps⁶⁰ nas páginas de seus amigos no Orkut. Era comum, contudo, os garotos utilizarem mais de um pro-

⁵⁶ O objetivo não é traçar um perfil dos usuários de jogos eletrônicos, de suas preferências infantis e seus hábitos de consumo, o que poderia ser feito por meio de uma pesquisa quantitativa com crianças. Trata-se aqui de uma análise qualitativa, realizada com um conjunto reduzido de crianças.

⁵⁷ A tradução de lanhouse seria, portanto, “casa de computadores em rede”, já que lan significa local area network, ou seja, um local onde vários computadores estão interligados.

⁵⁸ MSN Messenger é um programa de envio e recebimento de mensagens instantâneas da Microsoft.

⁵⁹ Orkut é um site de relacionamento, lançado em 2004 e com ampla adesão de brasileiros. Facilita o encontro e reencontro de amigos por meio da construção de um perfil do usuário e de sua filiação a diferentes comunidades temáticas.

⁶⁰ Scraps são recados e mensagens trocados por usuários do Orkut.

grama ao mesmo tempo: mantinham janelas de MSN e páginas de internet abertas ao mesmo tempo em que jogavam Counter Strike, ou outro game.

Poucos confirmaram terem computador em casa. Dos que tinham, poucos possuíam acesso rápido à internet. Esse era um dos motivos para estarem ali. Muitos afirmaram gastar mais de 6 por semana na lanhouse. Outros, afirmam que chegaram a passar 12 horas seguidas jogando: “É difícil, gasta muita grana, venho quando dá”, comentou Marcelo (94). Porém, era comum me contarem histórias de rapazes mais velhos gastando R\$20,00: “Se bobear, os caras gastam todo o salário deles aqui”. Alguns trabalhavam e contaram gastar um pouco menos da metade do salário nas horas para jogar. Para outros, como Marcelo (94), que até então não trabalhava, o difícil era conseguir dinheiro para jogar: “Minha avó não gosta que eu gaste nisso, ela não me dá”.

Na opinião de Cida, professora da CCA da Cidade Líder, existem vários problemas nesse uso excessivo dos videogames, principalmente por que “ocupam crianças e adolescentes por muitas horas”, privando-os de outras atividades. Embora acreditasse que os jogos de videogame trouxessem muito mais coisas negativas do que positivas para as crianças, fazia questão de ressaltar que os professores também eram culpados, pois não mostravam vontade de dominar as linguagens e conhecimentos tecnológicos utilizados pelos alunos. Como preparar o aluno para viver num mundo altamente tecnológico, se o sistema educacional ignora as mudanças no ensino geradas pela introdução de novos modos comunicacionais e tecnológicos?

Tal como Cida, alguns pais fizeram relatos negativos dos videogames. Afirmaram que estes aparelhos estragavam as crianças e faziam-nas esquecer das atividades ao ar livre; recusavam, assim, interpretações de que os games podem ser educativos e catalisadores de habilidades. As crianças e jovens, ao contrário, preferiam ressaltar os pontos positivos da aprendizagem pelos meios eletrônicos: “Minha mãe reclama... mas hoje reclama menos, após perceber que eu estava aprendendo inglês”, conta Thiago (95). “Percebi só quando conheci um gringo lá no Parque do Carmo. Nunca tinha falado antes. Mas consegui conversar, entender o que o cara estava falando”.

Deste modo, esses também podem ser entendidos como momentos educativos, para além da própria escola, mas principalmente foi o que pude observar para o aprendizado da prática futebolística, o que favoreceria aprendizagens que poderiam ser transferidas para certas atividades cotidianas, embora tal forma de aprendizado ainda encontrasse resistência em casa:

Para minha mãe isso é bobagem. Ela fala que se eu estudasse de verdade também aprenderia a falar inglês. Mas a gente aprende sim: lendo as falas, escutando as conversas do jogo. O que acontece é que muitas vezes a gente precisa saber o que significa aquela palavra, para passar de fase ou para catar uma arma melhor.

Este aprendizado era possível devido ao envolvimento das crianças e jovens com os games. Dentro da lanhouse, os olhares estavam voltados para as telas do computador e delas não se desviavam. Ecoavam gritos e xingamentos que se misturavam com risadas dos jovens, presentes em qualquer horário, com fones nos ouvidos e imersos no jogo: “O doido é jogar com muita gente. Sozinho perde a graça”, aponta Guilherme (94). A

maioria dos jovens ali presentes no momento da observação residia próxima à lanhouse, sendo que muitos deles já se conheciam da escola ou da rua, visto que eram moradores das proximidades. Fazem das lanhouses pontos de encontro e de sociabilidade. Portanto, em vez de ficar jogando sozinhos em casa, situação característica dos donos de videogame, os jogadores compartilhavam um espaço de convivência: “O doido é poder zoar o cara que está ao seu lado, matar ele, sem dó”, argumenta Leonardo (94).⁶¹

Junto com os computadores, as duas lanhouses ofereciam consoles de videogame, principalmente o Playstation da Sony. Segundo os funcionários da lanhouse, os videogames eram utilizados quase que exclusivamente para jogar futebol: “Eu mesmo, deve fazer uns dois anos que não jogo bola. Só no videogame mesmo... a diferença é que nele sou bom” comentou Wagner. “Acho que até melhorei no campo com a experiência no videogame”, completou.

Nesse sentido, fazia toda a diferença conhecer os diferentes games de futebol, já que eles podiam influenciar a própria prática futebolística de diferentes maneiras. Segundo os garotos, existia uma discussão sobre qual seria o melhor jogo de futebol para videogame ou computador, cindida em “série FIFA Soccer” e “série Winning Eleven”. O FIFA Soccer é desenvolvido pela EA (Electronic Arts) Sports; o Winning Eleven (ou Pro Evolution Soccer) é feito pela Konami.⁶² Essa disputa pelo mercado de jogos de futebol fazia com que surgisse, a cada versão, simuladores de futebol cada vez melhores. “A diferença básica é que o FIFA é o jogo oficial, com nomes de jogadores e clubes, e o Winning Eleven não”, comentou Fernando (92).

As melhoras do FIFA Soccer nos últimos dois anos agradaram aos praticantes, embora ainda demonstrassem preferência pelos jogos de Winning Eleven: “O Winning Eleven sempre foi mais legal, mas o FIFA tem melhorado muito. E parece que o Winning Eleven não muda, continua igual. Se bobear, até piorou. Mas ainda jogo, já estou acostumado”, garantiu Fernando.

Olha, gosto muito de jogar esses jogos de futebol, o Fifa novo é do caralho. Mas tem uma garotada aí hoje que só quer saber de jogar Winning Eleven. Esses aí não são gamers de verdade, pois não conhecem nada. Muitas vezes não sabem nem mexer direito nesses jogos de futebol... sabem o básico. Nem editar um time novo conseguem. Tem cara que vem aqui só para perguntar se já lançaram uma nova versão, mais atualizada, com times brasileiros e tal.

A fala acima de Lucas (79), funcionário de *lanhouse*, demonstra indignação, evidenciada também por sua diferenciação geracional sobre os games: “Mano, sou da gera-

⁶¹ Por meio destas observações, pude averiguar como os jovens configuram seus pertencimentos e intensificam seus laços sociais através das relações de jocosidade e das interações online no game Winning Eleven. Brinca-se com tudo – aspectos físicos, sexualidade, hábitos, costumes, paqueras, etc. Porém, a “zoeira” não atinge os demais frequentadores adultos, a não ser que de forma velada, somente entre o grupo de amigos. O atendente ou funcionário da lanhouse, por exemplo, era respeitado. Nas duas lanhouses observadas, os atendentes também eram jovens, na faixa dos vinte anos, apaixonados pelos jogos. Ser amigo dele poderia trazer benefícios para os jogadores, como preciosos minutos a mais em frente ao computador ou videogame, ou sugestões de truques valiosos para superar os desafios propostos em cada game, ou ainda dispor do conhecimento tecnológico do atendente para resolver pequenos problemas técnicos.

⁶² Segundo Leonardo, que afirmou ter lido em algum site da internet, o jogo mudará definitivamente de nome, passando a se chamar somente Pro Evolution Soccer. “Acho que é para facilitar a vida dos caras... assim gastam menos grana, eu acho... faz o material com um só nome” comentou Leonardo.

ção que viu esse troço nascer, quando ainda era Goal Storm no Brasil. Não tenho nada contra. Mas a molecada deveria experimentar mais outros jogos...”.

Logo na primeira conversa, percebi que Lucas seria um interlocutor interessante, por sempre fazer longas “historicizações” dos videogames e jogos em suas falas. Aproveitei e perguntei sobre os jogos eletrônicos de futebol:

Putz, os primeiros, primeiros mesmo, eu não lembro. Lembro do International Soccer, do Atari. Nunca joguei... não tinha e não conhecia ninguém que tinha. Era bem caro. O jogo tinha gráficos simples e a jogabilidade era um pouco lenta e não havia diferença entre os times que você escolhesse, todos estavam no mesmo nível. Teve também o Goal, acho que do Nintendo. Fez muito sucesso. Mas só conhecia um moleque que tinha, lembro que eu estava no ginásio. Não era barato ter um Nintendo. Tiveram outros jogos, mas não lembro... apesar de não terem sido muitos. Quando eu já estava para terminar o colégio, em 1999, comecei a ficar viciado no International Super Star Soccer, do SuperNintendo. Esse era foda! Um dos melhores até hoje. Mas comparado com o que a molecada joga hoje, parece bem fraquinho. Mas, na época, era o melhor. Tanto que depois dele veio o Goal Storm, Fifa Soccer, em diante.

Sobre as estórias de supostos campeonatos e torneios nacionais e internacionais, Lucas confirmou que existem, mas não sabia fornecer muitos detalhes: “Ah, sim, tem até liga profissional dos Estados Unidos... com caras federados. Ganham dinheiro fazendo o que gostam... vida mole”.⁶³ Revelou, ainda, que chegou a disputar um torneio, convidado por um amigo:

Joguei uma vez um campeonato, lá perto do Ibirapuera. Mas não fui muito bem não. Isso uns três anos atrás [...] tem cara que joga sempre da mesma maneira, faz gol sempre do mesmo lugar, do mesmo jeito. Prefiro jogar por diversão... tanto que evito jogar contra a molecada aqui. Pode dar confusão.

Para Lucas, as crianças e jovens freqüentadores da lanhouse não sabiam apreciar os movimentos dos jogos, os obstáculos criados, as armadilhas escondidas, os desafios colocados e, principalmente, as condições psicológicas dos adversários: “O importante é irritar seu **adversário, não importa o truque**, tirando a concentração dele. E de diferentes formas: demorando para montar o time, narrando o jogo, comemorando os gols, repetição demorada do replay dos gols, reclamando do juiz”, observou Lucas. E completa: “A molecada de hoje é ruim em todos os aspectos: no campo e no videogame. O Fernando é o pior deles... rei dos pregos (risos)”. Fernando (81) jogava futebol quando criança, mas nunca tentou se tornar jogador. Não fez aula em escolinhas, apesar de morar próximo ao CDM. Era, contudo, freqüentador assíduo da lanhouse. Apesar de possuir um Playstation 2, Fernando gosta de jogar contra alguns garotos do bairro: “Eu bato cartão aqui. Esses moleques são todos viciados. Ganhar deles me faz sentir bem”.

Ao observar as crianças jogando futebol no videogame dentro da *lanhouse*, pude perceber a reprodução, concomitante ao jogo, de movimentos corporais semelhantes aos realizados no campo do CDM. Utilizavam-se do corpo para mostrar como os jo-

⁶³ Em março de 2009, por exemplo, o Museu do Futebol, localizado no Estádio do Pacaembu, em São Paulo, sediou a etapa latino-americana da Copa do Mundo do Futebol Virtual (Fifa Interactive World Cup 2009), na qual o vencedor garantia uma vaga para a etapa final, a ser disputada em Madri, na Espanha.

gadores virtuais deveriam ter cabeceado a bola; como deveriam ter chutado; qual era o drible certo a realizar naquele momento; argumentar as razões para não levar cartão amarelo; demonstrar que fez um movimento em direção à bola. Aprendia-se observando os amigos jogando, seus gestos, as posições corporais que adotam durante as partidas e, principalmente, quais as combinações de botões acionadas em determinados lances do jogo. Olhos, pernas, pés, tronco eram estimulados e respondiam de acordo com o que ocorria na partida virtual.

Era comum, ainda, observar discussões sobre esquemas táticos a serem utilizados, espaços a serem preenchidos, tipos de marcação e de contra-ataque, quando fazer marcação individual ou por zona, etc. Percebia, também, que era um espaço de aprendizado e internalização das regras, principalmente para os garotos menores: “por que ele apitou?”, “ah, não merecia cartão vermelho”, “isso aí é para cartão amarelo”, “não estava impedido”, eram diálogos comuns durante a disputa do jogo. Os jovens aproveitavam, ainda, o espaço da lanhouse para dividir os segredos e dicas dos jogos, que obtiveram por meio de revistas especializadas ou na internet. Tais dicas permitiam a aplicação de dribles, chutes e passes diferentes, outras formas de acirrar a marcação e roubar as bolas etc.

No campo do CDM, por outro lado, as crianças repetiam gestos e movimentos de jogadores virtuais dos games de futebol, conversavam sobre aspectos técnicos e táticos por meio de exemplos virtuais (“eles jogam que nem a Holanda, [com] dois pontas abertos, mas que fecham no meio se perdem a bola”) e utilizavam expressões que faziam referência ao jogo de videogame (“apertou muito forte o quadrado”, para falar que o companheiro de time chutou a bola muito por cima do gol; “deu o triângulo na hora errada”, para criticar o lançamento errado do colega).

Renato (83), empresário e agente FIFA de Guaianases – e que aparecerá de forma mais detida no próximo capítulo –, fez questão de destacar a importância dos jogos eletrônicos de futebol em sua formação futebolística. Ele recordou que nunca foi um jogador muito habilidoso, o que o levou a valorizar a parte defensiva: “Aqui no Brasil e ainda mais aqui onde eu moro, o pessoal não valoriza muito a parte defensiva, o pessoal valoriza quem joga bem e é habilidoso”. Quando jogava nos campos de Guaianases, Renato procurava se esforçar na marcação. Jogou algumas vezes como lateral-direito, porém investiu tempo e dedicação na posição de zagueiro: “Mesmo não jogando todo dia, eu conseguia ficar pensando no jogo; via um jogo de futebol ou jogava no videogame, e tentava perceber como eu poderia anular cada um dos melhores”.

E: Você falou que treinava no videogame?

Renato: O videogame ajudava o meu jogo. Por exemplo: as outras pessoas da minha idade, até em Londrina mesmo, jogando o mesmo jogo, jogavam o jogo de uma outra forma que a minha. Eu procurava pegar um time fraco, ou montar um time fraco. Dependendo do modo do jogo, né? Por exemplo, seleção eu jogava muito com a Noruega, não era um time bom, mas era um time que dava para competir. Eu perdia para os outros meninos, eu pegava um time no máximo razoável, porque, na minha cabeça, eu ia aprender a jogar. Eu não ia ganhar porque eu estou com o Brasil ou com o melhor jogador. Eu ia aprender a jogar com os caras ruins e ia sobressair na tática, então toda vez que eu jogo com alguém, a pessoa sente a dificuldade, entendeu? Porque geralmente o pessoal pega time que tem atualmente o Ronaldinho, o Cristiano Ronaldo, põe ali na ponta e sai correndo.

Para Renato, suas opções de jogo no videogame ajudavam no campo: “Às vezes eu jogava de volante na época, então pegava um volante limitado e fazia o que tinha que fazer com ele. Isso me dava muita noção na hora de jogar”. O que começou como algo para compensar a falta de habilidade, tornou-se uma forma de aprendizado, bem como um atributo futebolístico:

Por exemplo: uma vez eu fiz uma peneira no Juventus da Mooca e passei. Foi uma avaliação super desorganizada, igual a todas. Só tinha atacante e o cara me mandou mudar de posição. Falou: “Vai para a defesa.” Só que não tinha lateral, não tinha volante também, aí ele me passou. Na época eu nem sabia por que ele tinha me passado, porque eu quase não toquei na bola, entendeu? [...] Acho que eu sempre tive noção de posicionamento, sempre tive facilidade pra tomar a bola essas coisas, dar carrinho. Acabei juntando a forma como eu jogava com a forma que eu jogava no videogame.

Portanto, o futebol de videogame é um dos elementos que perpassam a formação de Renato, que abordarei a seguir, no terceiro capítulo.

ICONOGRAFIA – CAPÍTULO 2



Início do treino: “trote” de 10 minutos para aquecimento
(foto: E. Spaggiari).



O professor Silva orienta, “na prática”,
as etapas do “circuito físico”
(alongamento, abdominais, flexões etc.).
Treinamento pouco utilizado por Silva
(foto: E. Spaggiari).





Garoto registrando, com a filmadora, momentos do treino
(foto: E. Spaggiari).



Treino de chutes a gol e
posicionamento dos goleiros
(foto: E. Spaggiari).



Uma parte do treino é direcionada somente aos chutes com perna esquerda (para os destros) e perna direita (para os poucos canhotos). Na segunda imagem, vemos a única garota, acima de 13 anos, que freqüentava a escolinha (foto: E. Spaggiari).



Meninos conversam sobre os modos de filmar (foto: E. Spaggiari).

Treino de cruzamentos, cabeceios e defesas
(foto: E. Spaggiari).



Distribuição de coletes antes do rachão ou do coletivo
(foto: E. Spaggiari).



Fim do treinamento: limpar o suor e tirar as chuteiras
(foto: E. Spaggiari).



Jovens aguardam a distribuição dos RGs e das merendas ao lado do vestiário utilizado pelo Professor Silva
(foto: E. Spaggiari).



Meninos e meninas da CCA (Casa da Criança e do Adolescente) da Cidade Líder iniciam as atividades de aquecimento e alongamento (foto: E. Spaggiari).



Jaílson (com a camisa do Santos F. C., em pé à direita) e as monitoras da CCA observam o treinamento ao lado de algumas crianças (foto: E. Spaggiari).



Menino treina malabarismo
junto com amigos
(foto: E. Spaggiari).



Crianças da CCA brincam de pular
corda ao lado do bar
(foto: E. Spaggiari).



Menino do CDM Cidade Líder cobra lateral durante partida válida pelo Campeonato Mais Esporte para nascidos em 1994 e 1995 (foto: E. Spaggiari).



Jogadores reservas da equipe do CDM brincam e observam a partida (foto: E. Spaggiari).



Professor Silva dá orientações antes da disputa de pênaltis (foto: E. Spaggiari).



Jovem do CDM concentrado antes de um amistoso em Itaquera
(foto: E. Spaggiari).



Antes do jogo, os jovens seguem rituais distintos. Alguns brincam com bola, enquanto que o goleiro enfaixa a mão e ajeita as luvas
(foto: E. Spaggiari).

CAPÍTULO 3

OS UNIVERSOS DO FUTEBOL: O QUE CABE EM UMA REDE

Manhã de sábado. Quadra poliesportiva do CDM Cidade Líder. A pedido de Jaílson, coordenei as partidas na quadra poliesportiva sugeridas por ele para substituir o treino programado para aquele dia, mas que não seria realizado devido ao baixo número de crianças presentes. Para não desestimular os garotos, Jaílson pediu para “dar uma olhada” nos meninos. Após arbitrar três horas de partidas contínuas de futsal, no momento que retornava para casa, recebi uma ligação de um amigo convidando para assistir a uma partida no Estádio Nicolau Alayon, do clube do Nacional A. C., na rua Comendador Souza, na região da Barra Funda. Já no estádio, descobri que se tratava de uma partida válida pelo Campeonato Paulista da Série A-2 de 2008, entre os clubes Nacional A. C. e Oeste Paulista E. C., no dia 8 de março, às 15h.

Por meio deste amigo,¹ neste dia, conheci Renato, que estudara na Faculdade de Esporte da Universidade Estadual de Londrina, e que voltara a morar em São Paulo, junto com sua família em Guaianases, bairro da Zona Leste paulistana.² De volta para São Paulo, Renato decidira investir na carreira de empresário de jogador. Para isso, pensou que era necessário obter a licença de *agente FIFA*, para assim ter trânsito oficial entre os diversos clubes. Licença que embora fácil, não é muito barata de se conseguir, comentou Renato. “Mas vale a pena, porque...”. Assim, a rede teve início.

3.1) ALGUMAS QUESTÕES SOBRE CONEXÕES E REDES

Este capítulo partirá de uma estratégia relacionada aos métodos etnográficos adotados em pesquisas sobre processos sociais que envolvem múltiplos locais e conexões, aproximando-se, assim, de temáticas já conhecidas no debate antropológico. Para dar conta do meu objeto, proponho uma reflexão sobre as possibilidades em torno de uma articulação entre diferentes abordagens, uma vez que, para aproximar-se da experiência urbana contemporânea, é preciso tecer uma multiplicidade de contextos interligados. Porém, não são locais ou unidades estáveis e homogêneas, já que as situações e os espaços estão conectados em uma dinâmica relacional mais dilatada.

¹ A presença de um amigo em comum, que faz a “ponte”, é uma estratégia comum no trabalho de campo (Silva, 2000, 35), pois “não se pode menosprezar os significados das redes que ‘prendem’ o antropólogo aos grupos que observa e aos grupos dos quais ele faz parte” (idem, 36).

² Embora a grafia Guaianases seja a correta, segundo dados da Prefeitura de São Paulo, muitos moradores do bairro utilizavam e escreviam “Guaianazes”, como era possível visualizar também nos letreiros de diversos estabelecimentos comerciais da região. Um dos interlocutores, inclusive, corrigiu-me durante uma das entrevistas ao perceber que eu anotara no caderno de campo a grafia com a letra S.

Tem-se, assim, uma imagem relacional da antropologia, ampliada a um plano contínuo de conexões. Nesse sentido, realizar uma etnografia inspirada pelo delineamento de conexões possibilita uma análise antropológica que pode ser feita por meio de distintas propostas metodológicas, tal como as pautadas pela idéia de redes ou as que pensam a conexão etnográfica em diferentes espaços.³

No caso desta pesquisa, trata-se de uma rede que se expandiu a partir do próprio pesquisador, atuante tal como os demais atores observados, como bem ressaltou Latour (2006), autor que propôs o método Teoria Ator-Rede (*Actor-Network-Theory*), uma “sociologia das associações”, que consiste em traçar – a partir da prática etnográfica e da descrição – associações, caminhos e conexões entre atores, actantes (não-humanos), incoerências e contextos para, com base na configuração dessas associações traçadas, revelar o fenômeno do social.⁴

A construção das redes nos recortes aqui observados pode ser acompanhada empiricamente, tal como propôs Agier (1999), que procurou traçar conexões entre relações locais com identidades mais abrangentes por meio de uma concepção mais espacializada de redes, quando comparada à noção proposta por Latour.⁵ Deste modo, parto de Latour (2006) para justificar o enfoque etnográfico a partir de redes, contudo, em seguida, defino e localizo a rede por meio da proposta teórico-metodológica de Agier (1999), pois esta permitiu problematizar o recorte etnográfico aqui pesquisado.

Em seus trabalhos,⁶ Agier acompanhou a construção de redes dilatadas que partiam de um núcleo inicial específico e territorializado, marcado pelas relações cotidianas e diferentes formas de sociabilidade (reciprocidades, confiança, clientelismo etc.), e constituído pelas esferas da família, vizinhança, trabalho, lazer etc.⁷

Portanto, a partir das situações de interação no nível microssocial – desde as relações mais próximas com parentes, amigos e vizinhos, aos quadros públicos de criação e representação de identidades coletivas –, tais redes de relações podem por vezes atingir um nível de expressão nacional (transformando-se em associações e empresas ou sendo

³ Problematizar o espaço implica repensar a idéia de lugares e de observação em localidades específicas. Questão presente na multi-sited ethnography de Marcus (1995), que tem como referencial empírico não somente um único espaço ou grupo, mas sim a articulação, num sistema amplo, de uma maior variedade de atores e espaços que estão inseridos no campo relacional do qual os recortes estudados fazem parte.

⁴ Ao privilegiar a descrição da rede de associações, o antropólogo evitaria, assim, a busca por modelos teóricos, categorias e teorias apriorísticas que expliquem as realidades estudadas ou que resolvam possíveis contradições observadas durante a etnografia.

⁵ Embora sua definição de redes não seja espacializada, Latour propõe que o pesquisador siga as conexões e análises dos próprios atores-rede, o que pode permitir pensar uma rede espacializada e limitada, desde que esta tenha sido pensada pelos nativos.

⁶ Dentre seus inúmeros recortes analíticos, destaco a busca do autor em apreender, a partir de suas etnografias nas partidas e torneios de futebol do bairro Liberdade em Salvador (BA), as situações de interação e construção de redes num espaço mais local, esportivo, masculino e cidadão (tal como a pelada intitulada “Baba do Negão”) (Agier, 1999, 101).

⁷ Tais relações e sociabilidades, inicialmente vinculadas a um contexto singular, articulam-se e se alargam em redes, ligando os pequenos mundos de cada cidadão (os quais Agier denominou “cidade familiar”) às macroestruturas sociais. Ampliação e alargamento que podem alcançar redes multilocais (Agier, 1999, 123) e, por conseguinte, o universo urbano em sua totalidade, mas que se dão, porém, de forma elusiva, visto que o tamanho da rede é determinado pelo modo como os desígnios locais e as formas de apropriação cidadina de amplas instituições produzem as relações.

incorporadas por instituições), mas permanecendo ligadas às mesmas fidelidades e valores relacionais. Assim, é na dinâmica das redes que se desenham os “invisíveis” elos intermediários - esferas por excelência das *sociabilidades alargadas* (Agier, 1999) – entre os pequenos mundos dos cidadãos e as macroestruturas sociais nas cidades.

Portanto, reconstruirei as conexões e trajetórias por meio do conjunto de atores que circulam pelas redes de relações que perpassam as matrizes futebolísticas (Damo, 2007), sabendo, todavia, que o tráfego se concentrará no plano do futebol não-espetacularizado e nos pontos de encontro e tensão com a dimensão espetacularizada. Por meio do acompanhamento das redes, que tiveram como ponto inicial a peneira organizada pelo agente de futebol Renato, pretendo revelar alguns dos meandros do processo de formação de jogadores de futebol em São Paulo. Nesse sentido, uma análise mais sistemática e abrangente⁸ da relação entre os atores permitirá um maior entendimento da pluralidade de práticas e representações do fenômeno futebolístico.

3.2) “O AGENTE FIFA FILHO DE GUAIANASES” E SEUS PRIMEIROS PASSOS

Graduado em Ciência do Esporte pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Especialista em Fisiologia do Exercício pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Renato (83) nasceu e morou em Guaianases até os dezenove anos. Estudou nas escolas estaduais do bairro, sempre com a “marcação cerrada” da mãe, que limitava os horários para a prática do futebol. Renato jogava na rua da sua casa, nas quadras poliesportivas das escolas e nos campos de várzea do bairro. Porém, sempre dentro do que lhe era permitido e não somente por receio das broncas que receberia de sua mãe:

Sempre teve a questão do risco. Quando era pequeno e jogava na rua, tinha “toque de recolher”, entendeu? A partir de um determinado horário, sei lá, eles resolveriam as questões deles e passavam o aviso. Acho que era lá pelas cinco horas. [...] Não sei se era bandido, traficante, o que era, mas eu sei que os caras iam trocar tiros, resolver alguma coisa com alguém, entendeu? Não sei especificar o que eles eram exatamente, mas era gente dali.

Sem poder brincar muito na rua, Renato permanecia boa parte do seu tempo não-escolar em casa, assistindo televisão, junto com o irmão, dois anos mais velho. Por causa do envolvimento da sua mãe na formação dos filhos, Renato acredita que ele e seu irmão tiveram uma formação diferente de seus amigos do bairro:

Eu tenho amigos que queriam ter estudado e não conseguiram [...] porque aqui era muito comum você passando para o primeiro colegial, mudar para o noturno e ir trabalhar. Então, a visão de muitos pais daqui é que a pessoa do sexo masculino, com quinze anos tem que levar dinheiro para casa.

Entre todos os amigos de infância, Renato lembrou que apenas Rodrigo “Nenê”, um dos seus parceiros nas atuais empreitadas futebolísticas, fez faculdade. Formação gratuita no ensino superior que Renato e seu irmão só descobriram ser possível já mais velhos, por meio de um amigo do irmão: “Eu não sabia que existia faculdade pública”.

⁸ Até onde for possível, visto a complexidade de definir, nas pesquisas em recortes urbanos, “quantas e quais as pessoas com quem estabelecer contato, quais os contextos mais adequados para a observação etc.” (Silva, 2000, 39).

Decidido a entrar em uma universidade, Renato fez o cursinho da Poli, no bairro da Lapa, concomitante ao terceiro ano do colégio estadual em Guaianases e também no ano seguinte, após formado. Sem ter muitas informações sobre os cursos universitários, Renato escolheu Ciências do Esporte por meio de uma revista sobre vestibulares.

Tentou ingressar na USP, mas não passou no vestibular. Aceito na Universidade Estadual de Londrina (UEL), não pensou duas vezes em se mudar para lá, embora tenha ficado triste com a grande distância que o separava de sua mãe. “Foi bom. Quando sai daqui, esperava encontrar pessoas diferentes de mim, esperava uma barreira entre eu e eles. Mas não teve muito. Até me identifiquei mais com o pessoal de lá do que com o pessoal daqui”. Em Londrina, para economizar, dividiu apartamento com diversos colegas, a maioria com condições financeiras melhores. Mas isso não atrapalhava muito, “porque a cidade era barata e fazia um controle do que gastava”.

Durante a graduação, fez estágios em escolas públicas de Londrina e ministrou aulas de futebol de campo no projeto Segundo Tempo, do Ministério dos Esportes: “Dei aula numa escola num lugar chamado Cinco Conjuntos, periferia de Londrina, um lugar super populoso. Adorei ter dado aula lá, me senti em casa, me senti à vontade, parecia que eu estava aqui”. Entre as diversas especialidades oferecidas pela área de Esporte (administração, fisiologia, marketing, pedagogia etc.), Renato optou por transitar entre as mais variadas funções, até escolher a profissão de empresário de futebol:

Eu escolhi esse negocio de empresário por acaso. Se você parar para pensar, todos eles [*seus colegas de faculdade*] tinham uma possibilidade maior do que a minha em relação a investimento. Eu não tinha. Quando fui para Londrina, eu não tinha dinheiro. Lembro que eu passei porque meu irmão estudava em Assis. Minha mãe falou: “Ah, presta lá, é perto do seu irmão.” [...] Quando ela ligou lá na pensão que eu fiquei no vestibular e a mulher falou que era R\$450,00 por mês eu falei: “Nossa, não tem como ficar.” Mas foi por acaso. Eu acho que tive a sorte, entre aspas, de querer o futebol. Fui para lá sabendo que eu ia mexer com futebol. Não com o quê exatamente. [...] O nosso professor de futebol na primeira semana perguntou: “Quem quer futebol?” A maioria levantou. Só que ele desanimou, falou que era difícil, para ir desistindo. A maioria ali já foi largando e eu persisti.

Para Renato, sua experiência anterior no futebol, de ter jogado em alguns times de várzea e passado por algumas avaliações, foi decisiva para a sua escolha. Sua prioridade, a partir de seu ingresso na faculdade, era aprimorar e diversificar seus conhecimentos, estudando os diferentes planos de atuação dentro o futebol:

No curso, fiz estágio sempre voltado para futebol. Fiz estágio no Londrina Junior Teen, categoria de base do Londrina, que é clube-empresa agora. Dois anos no Londrina Junior Teen, em 2005 fiz estágio no Santos e no final de 2005 no Londrina de novo. Fiz curso de legislação esportiva na época, junto com o Paulo Schmitt, que agora é o relator do STJD [*Superior Tribunal de Justiça Desportiva*]. Sempre fiz curso de arbitragem. Estudei tudo o que eu achava necessário para o futebol. Estudava por conta muitas vezes. [...] Procurava aprender sozinho mesmo. Fiz a faculdade pensando que me capacitaria teoricamente com o diploma. Quando eu me formei, eu percebi que não era bem assim, só o diploma não era necessário.

Formado no plano teórico, mas distante do conhecimento prático, pouco ensinado na faculdade, Renato entrou no universo futebolístico “no escuro, da mesma foram

que eu fiz o curso, sem ter dinheiro, tudo mais”. Direcionou seus primeiros passos para a carreira de treinador de futebol. Porém, ficou desanimado logo nos primeiros meses de estágio no projeto Segundo Tempo: “qualquer pessoa dá palpite, porque todo mundo acha que entende de futebol e eu nunca aceitei muito isso, de ter alguém mandando em mim, influenciando no que eu faço”. Para não enfrentar estes problemas, decidiu organizar um projeto próprio, “para captar e desenvolver talentos, porque aí eu seria o treinador, eu colocaria minhas idéias”.

Contudo, não conseguia, por meio de seus esforços individuais, acesso aos clubes brasileiros, principalmente os do Paraná e São Paulo, estados que conhecia bem, e os de Santa Catarina, região que visitava sempre por causa na namorada catarinense. Sem espaço no cenário brasileiro, começou a mandar emails para clubes estrangeiros, que demonstravam interesse no seu projeto. Embora a idéia inicial não fosse voltar para Guaianases, “porque eu sabia que aqui não tinha campo”, Renato percebeu posteriormente o quanto estava enganado:

Voltando para cá, acabei percebendo que aqui tem uma amostra enorme. [...] Não sei precisar quantas pessoas tem aqui na Zona Leste, mas penso que se aproxima de um terço da população da cidade. Então você tem todo tipo de gente. Você tem branco, negro (e aí já tem diferentes tipos de brancos e negros), tem nordestino, tem gente de tudo quanto é lugar. Tem muita gente de diferentes tipos. Então, o esporte que eu mexesse aqui, eu ia achar talentos, se eu soubesse fazer um trabalho bem feito.

Empolgado com boa receptividade, retornou para a casa da mãe em Guaianases e decidiu investir tudo o que tinha na tentativa de se tornar um agente FIFA: “Eu pensei: tiro a licença, aqui tem os produtos, os bons jogadores. Só não sei o canal, vou ter que arrumar o canal”. Enquanto procurava ampliar sua rede de contatos e os canais de diálogo com os clubes, Renato percorreu diversos campos de várzea da Zona Leste para observar partidas envolvendo equipes formadas por garotos de várias idades, com o objetivo de conhecer o nível técnico médio dos garotos de acordo com a posição, a idade e tipo físico. Além disso, visitou algumas categorias de base de clubes de profissionais para compreender qual a rotina de treinamento, os métodos de preparação física, os atributos e qualidades mais valorizados pelos técnicos das equipes de categoria de base dos clubes e, principalmente, como eram feitas as avaliações dos jovens:

No futebol é mais “olhômetro”. Se fosse atletismo, teria que fazer testes e tudo mais. Mas futebol tem a questão de como a pessoa usa as capacidades que ela tem. Então, eu estou no lugar ideal. Até o rapaz do São Paulo F. C. falou que não sabe como não têm tantos jogadores daqui, que aqui é perfeito para sair. Aí eu pensei nisso e reparei que os clubes não utilizavam isso. Falei: “Vou me antecipar aos clubes.” Se eu me antecipar aos clubes como uma pessoa comum, quando eles perceberem, eles vão me atropelar. Sendo “agencista”, eles não me atropelariam.

Para obter a licença de agente FIFA, Renato estudou para a prova escrita, com quinze questões, em espanhol, elaboradas pela FIFA e cinco, em português, pela CBF. A seleção tem apenas uma prova, realizada por aproximadamente duzentas pessoas: “Se você não passar, tem a oportunidade de fazer depois de graça. Se não passar nessa se-

gunda, você fica dois anos sem fazer o exame, sem poder prestar”. Passou com facilidade na primeira tentativa. Porém, o principal entrave neste processo era o dinheiro, “a prova é o de menos”, afirmou. “A inscrição é R\$1.000,00. Depois, se você passar, paga R\$3.000,00, um seguro exigido pela FIFA. Depois, a taxa administrativa da CBF, mais R\$5.000,00, quando você pega a carteirinha. [...] No mínimo R\$9.000,00 ao todo”. Custo total que pode variar:

Aí eu paguei R\$900,00 no material. Na verdade, você baixa da internet o material, mas eu queria a prova e o rapaz vendia a prova, então eu paguei R\$900,00 pela prova anterior, entendeu? Mas eu não me arrependo, porque foi ela que direcionou os meus estudos. Aí eu observei, fiz a porcentagem lá de quanto caía de determinado estatuto e estudei de acordo com isso. Direcionei meus estudos com isso. Sem contar a viagem para o Rio, uma viagem a mais que eu tive que fazer, porque o correio entrou de greve.

Alto investimento que Renato considera essencial, pois existiriam muitas diferenças nos resultados alcançados de acordo com a posição. “Vale a pena, e o retorno é maior, entendeu? E você entra no mundo do futebol diretamente”.

O status acho que é o principal. Eu sou a mesma pessoa no jeito de ser, me visto igual, ando igual, sou a mesma pessoa, tenho as mesmas idéias que eu tinha antes. Só que, por exemplo, alguém formado em Esporte ter uma idéia é uma coisa. Um agente FIFA ter uma idéia é outro peso, entendeu? Um formado em Esporte levar o menino é um peso, um agente FIFA é outro. [...] Você liga para uma empresa, qualquer empresa, você consegue falar com quem você quiser. Eu fui numa empresa que organiza a Copa do Mundo, empresa internacional, falei com o responsável daqui, entendeu? Mandei um email para a Inglaterra, nem sabia que tinha aqui e a menina me passou para o cara direto e essa abertura eu não tinha, aqui antes, se eu tentasse o projeto que eu queria como formado, eu não conseguiria. [...] Então a relação muda. Se eu for viajar para qualquer cidade amanhã, eu ligo para o clube da cidade, falo que gostaria de conhecer e aí as portas estarão abertas.

Com a carteirinha de agente FIFA na mão, Renato iniciou a construir sua rede de contatos, retomando antigos e criando novos. Neste início, o fato de ser nascido e criado em Guaianases facilitou a realização dos primeiros contatos e a criação de relações mais pessoais com os jovens e seus pais, de diferentes modos:

A relação é próxima. Até com o Renan, o primeiro menino que eu fui na casa. Por eu ser daqui ajuda e por ser negro ajuda, entendeu? Tem essa relação também, o pessoal confia mais. [...] É assim aqui. Se fosse um cara de fora, primeiro, o cara teria medo de vir para cá. Aqui eu ando de qualquer jeito, normal, me meto em qualquer buraco sem problema. Eu sou fisicamente igual o pessoal, entendeu? Se fosse algum de fora ia querer vir, de acordo com a mentalidade da maioria dos agentes, com um carro bonito, ia querer vir arrumado. Já ia correr riscos, entendeu? Eu ando normal aqui e ser daqui ajuda bastante.

Contudo, outro fator acelerou, de forma mais direta, o crescimento da sua rede de contatos. Gabriel, pai de Renato, sempre esteve envolvido com o futebol de várzea. Presidente do Princesa F. C., antigo clube do bairro, Buguinho – modo como Gabriel prefere ser chamado – teve um papel essencial na formação futebolística de seus filhos:

Na época em que eu nasci, até 1985, ele jogava. O clube acabou por algum motivo. Mas aí ele continuou jogando futsal, que era o futebol de salão nos campeonatos dos Correios. Mas ele sempre teve uma relação. Às vezes ele tentava montar time de garotos. Aí ele resolveu voltar com o Princesa.

A popularidade de Buguinho no universo varzeano do bairro facilitou o contato com os clubes locais: “Eu fui conversar com o Itamar [*presidente do Botafogo de Guaianases*], pois meu pai conhecia ele, entendeu? Eu chego lá, falo de quem eu sou filho. Sempre alguém vai conhecer o meu pai, vai saber que eu não sou qualquer um”. No Guaianases F. C., a aproximação foi semelhante, também mediada por Buguinho.

3.2.1) “Sempre assim, todo mundo quer ser meia ou atacante”

O primeiro passo de Renato foi o agendamento de peneiras com jovens nascidos em 1990 e 1991. “Meu objetivo era tentar dar um encaminhamento para os meninos mais velhos. [...] Menino de dezoito e dezessete anos, sem passagem em clubes, praticamente morreu para o futebol e já tem que procurar serviço”. Para isso, precisava de um campo. Com a mediação de seu pai, conseguiu a liberação do campo do Guaianases F. C.⁹ para a realização de suas peneiras: “Meu objetivo não era aqui no Guaianases, podia ser no campo do Princesa, pois meu pai abriu espaço ali”. Porém, optou por utilizar o espaço do Guaianases F. C., já que a diretoria do clube fora bem receptiva. Como contrapartida, ajudaria na reestruturação do clube, que reiniciara suas atividades após um período inativo: “Estou trazendo uma base para os garotos daqui”.

No dia marcado para primeira avaliação da peneira, encontrei Renato na Estação Guaianases, da linha de trem da CPTM. Guiado por ele, fomos até a sede do clube, na Rua Pedro Ferraz nº 200. Diferente da maioria dos campos de várzea que observara, o campo do Guaianases tem pequenas arquibancadas que circundam mais da metade do campo: “Cabe fácil umas 3.000 pessoas aqui”, assegurou Coquinho, presidente do clube.¹⁰ Quando chegamos, alguns garotos já esperavam, ao lado do campo, o início da peneira. Alguns jovens que não tinham feito a inscrição na semana anterior vieram conversar com Renato, para saber se poderiam participar da avaliação. Porém, não puderam se inscrever, pois eram nascidos em 1992 e a peneira naquele dia reuniria somente jovens que nasceram entre 1989 e 1991.¹¹

O primeiro dia da peneira foi conturbado. Houve problemas por causa da falta de água potável ao lado do campo, carência de vestiários, campo mal cuidado etc. Vários jovens chegaram atrasados, atrapalhando a formação das equipes. Após meia-hora de espera, um grupo de dez garotos da escolinha Real Madrid de Ferraz de Vasconcelos, comandada pelo professor Oscar, com que pude estabelecer neste dia um primeiro con-

⁹ O Guaianases F. C. foi fundado em 1946, com a junção de duas antigas equipes varzeanas: Atlas Lajeadense F.C., de 1915, e União F.C., de 1934. Por problemas financeiros, o clube encerrou suas atividades por alguns anos, mas retornou ao cenário esportivo da Zona Leste em 2006, com a formação de uma nova equipe de jogadores e a organização de uma escolinha de futebol para crianças e jovens do bairro, com aulas terças e quintas-feiras, na parte da manhã e da tarde.

¹⁰ O campo do Guaianases foi lembrado e destacado por diversos atores, devido às suas grandes dimensões (90 x 66 metros), assim como pela capacidade de abrigar por volta de 3.000 torcedores em suas arquibancadas. Além disso, o campo tem vestiários, banheiros e um bar. Tal estrutura, entretanto, não fora conservada e o campo do Guaianases apresenta hoje várias deficiências, como bem lembrou Buguinho: “Se fosse o meu caso e tivesse um campo como o Guaianases, aquilo ali seria um estádio. Com a visão que eu tenho, seria um estádio, com certeza. [...] Essa visão eles não tiveram. Para você ver a que ponto chegou, o campo está abandonado, virou pasto”.

¹¹ Renato explicou: “Essa primeira rodada de avaliações é para os mais velhos, aqueles que estão tendo as últimas chances. Daqui uns meses farei uma nova rodada para os nascidos em 1992 e 1993”.

tato. Enquanto os jovens de Ferraz se trocavam no vestiário improvisado ao lado do bar, Renato iniciou a distribuição de coletes para os jogadores. Na primeira tentativa, não conseguiu formar um time completo, pois não tinha zagueiros suficientes. Em voz baixa, Renato comentou: “Sempre assim, todo mundo quer ser meia ou atacante”.

Após a segunda tentativa e algumas improvisações, as equipes foram formadas. Antes de iniciar a partida, Renato indicou quais os pontos que seriam avaliados: posicionamento, visão de jogo, rendimento físico, participação defensiva etc.. Pediu, ainda, que evitassem o uso excessivo de força e violência, principalmente nas divididas de bola. A primeira parte da atividade durou quarenta minutos. Após o intervalo, Renato fez algumas trocas de jogadores. Encerrada a segunda metade, que durou trinta minutos, reuniu os jovens no centro do campo. Conversou sobre o desempenho deles, fez algumas orientações individuais e, antes de encerrar, convocou-os para a próxima avaliação que realizaria na semana seguinte. Explicou que a partir destas duas primeiras avaliações, selecionaria aqueles que participariam da terceira e última etapa da peneira.

Na semana seguinte, acompanhei novamente as atividades. Neste dia, conheci Rodrigo “Nenê”, vizinho e amigo de infância de Renato, que também participava das peneiras, ajudando a organizar e selecionar os garotos. “Ele não está tanto na parte de organização, não é a cara dele. Mas ele entende muito de avaliação, por isso está mais na parte de selecionar”. Conhecimento futebolístico que Renato já havia destacado em conversa anterior: “Se você quer saber sobre peneiras, o cara para conversar é o Nenê”.

“Já vi de tudo, coisas bem bizarras. Teve uma vez que um moleque, atacante bem ‘ruinzão’, foi aprovado num teste lá em Osasco. A gente soube depois que o técnico tinha jogado com o pai dele no interior e eram amigos. Isso me desmotivava”, comentou Rodrigo, que tentou até os 18 anos tornar-se jogador de futebol. Participou de inúmeras peneiras e foi aprovado em algumas. “O Nenê vivia jogando bola na rua, tinha uma habilidade incrível e era paparicado por vários clubes do bairro”, afirmou Renato, que jogou junto com ele no clube Princesa durante um longo período. O pai de Renato confirmou os elogios, porém criticou as atitudes e escolhas de Rodrigo:

O Nenê jogou em vários lugares da várzea. Jogou inclusive no Princesa, por um bom tempo. Fui técnico dele. O moleque tinha talento de sobra e podia ter virado um jogador profissional. Porém, não teve cabeça. Não gostava de treinar, era preguiçoso, acordava tarde, faltava nos jogos. Bem diferente do Renato, que era esforçado, inteligente, mas não tão habilidoso.

Para Buguinho, se “uma máquina de fabricar jogador” juntasse a orientação tática do Renato com a habilidade do Nenê, o resultado seria um ótimo jogador. Mas reforçou que não adianta apenas o talento, se não há dedicação. Embora fosse aprovado nas peneiras, Rodrigo não conseguia permanecer nos clubes por muito tempo: “Nenê tinha muito ‘vício de várzea’: queria driblar demais, não sabia a hora de chutar para o gol, a hora que passar, às vezes queria marcar o gol no vale tudo”. Para o pai de Renato, corrigidos os vícios, um jogador de várzea pode ingressar numa equipe profissional, mesmo se estiver com mais de vinte anos, pois “um jogador com vinte e seis anos tem mais dez anos de futebol [...] Vi muitos jogadores bons, fora de série, na várzea, que jogariam em qualquer

time profissional”. É o caso de Rodrigo, que ainda poderia ainda tentar a carreira de jogador, com boas chances, avaliou Buguinho. “O Germano, aquele que foi para o Santos, tem 26 anos. O Liédson tinha 26 anos, estava no mercado e alguém acreditou nele”.

Embora não esteja no melhor de sua forma, Rodrigo ainda recebe inúmeros e freqüentes convites para participar de equipes de futebol de várzea e de futsal da Zona Leste: “Agora ele estava ganhando de um time de futsal da Vila Carrão. Mas nos outros ele joga porque o pessoal chama e ele não sabe falar não. Às vezes ele nem quer. Muitas vezes acontece dele aceitar dois convites, três, quatro e não ir”. Diferente de seu pai, Renato não criticava uma possível falta de compromisso de Rodrigo. Preferia questionar a tradicional estrutura do futebol varzeano e as condições oferecidas aos jogadores:

Meu pai chamava para jogar. Mas e se eu me machucasse? Meu pai é quem cuidava do time, mas se machucasse quem ia se virar era minha mãe. Não era ele. É isso que eu vejo com o Nenê, por exemplo. O pessoal chama e cobra: “Vamos jogar.” Mas se ele se machucar, ele quem vai ficar sem trabalhar. O Coquinho, aí do Guaianases F. C., às vezes tenta ajudar, com a influência que ele tem, arrumando remédio e tal. Mas geralmente é assim: você serve enquanto você está jogando, [*mas*] se você machucou...

Embora afirme ainda gostar de jogador futebol nas equipes de futsal e de várzea, um possível retorno à rotina de testes e avaliações dos clubes espetacularizados, aventado por Buguinho, foi descartado por Rodrigo, que vêm explorando outras experiências profissionais no campo esportivo. Desfeito o sonho de ser jogador, graduou-se em Educação Física na Universidade Cidade de São Paulo (UNICID) e fez Especialização em Treinamento Desportivo pelas Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). Após se formar, começou a trabalhar como educador no CEU Jambuí. Junto com outros colegas, era responsável pelas atividades lúdicas das crianças e jovens fora da sala de aula. Comandava, entre outras coisas, as aulas de futebol, basquete, natação e dança.

Em paralelo às atividades como educador, Rodrigo desenvolveu com seu amigo Renato um projeto de formação de jogadores na Zona Leste, que teve início com a organização da peneira no campo do Guaianases F. C., na qual Rodrigo teria uma participação fundamental: definir os critérios de avaliação e indicar os selecionados.

Após as duas últimas etapas da peneira, Renato e Rodrigo selecionaram sete jovens e programaram encontros diários com os mesmos já na semana seguinte, para iniciar um rápido ciclo de treinamentos, preparando-os para as avaliações nos clubes. Rodrigo, porém, teve que adiar em dois meses o envio de jovens para testes em certos clubes com os quais já fizera contatos: “Eu tive que segurar porque os campeonatos para a idade deles, o Campeonato Paulista, começa em agosto, então o clube só quer avaliação em julho”. Nesse período, decidiu testar o comprometimento e o desempenho dos jovens selecionados, inscrevendo-os em algumas avaliações locais: “O primeiro lugar que eu tentei fazer avaliação foi o Suzano, já para ver a questão da motivação do menino, força de vontade, se ele quer entrar mesmo, se quer só no time que ele acha que é grande. Alguns não levei para não perder, para segurar”. Nos meses seguintes, vários realizaram testes no Paraná, principalmente no Londrina Junior Teen. Outros foram ao Velo Clube, da cidade de Rio Claro, interior paulista.

Apesar de valorizar a qualidade dos sete jovens selecionados, Renato não alimentava muitas expectativas. “Nas peneiras dos clubes a exigência é outra, muito mais difícil e com outros métodos de avaliação”, comentou, e em seguida fez uma rápida descrição do processo de seleção nos clubes. Nesses, as peneiras são realizadas por meio de jogos entre duas equipes, formadas aleatoriamente no momento da avaliação. Devido à falta de entrosamento e aos poucos minutos de avaliação, prevalece, na maioria dos casos, o desempenho individual dos garotos, mais preocupados em demonstrar seu talento e suas habilidades. Num outro formato, muito utilizado, a peneira opõe os garotos em avaliação contra uma equipe que já faz parte das categorias de base do clube. Nesse caso, o jogo antagoniza uma equipe entrosada e uma equipe formada na hora, sendo que a aprovação de um garoto na peneira pode levar à dispensa de outro jovem que estava na equipe consolidada, conhecida também como “baba” (Damo, 2007, 116-117).

A realização de peneiras deixou ser uma das prioridades dos clubes, segundo Renato. “O número diminuiu, isso é certeza. Acho que eles perceberam que não dava tanto resultado, pois poucos garotos eram selecionados ali. Não compensava o trabalho que dava”.¹² Renato levantou vários motivos para o baixo aproveitamento dos jovens das peneiras. Além da falta de entrosamento, visto que as equipes são formadas no momento do teste por jovens que se desconhecem, há ainda, em alguns casos, a dificuldade de enfrentar uma equipe que já treina nas categorias de base do clube há mais tempo: “Há um pacto entre os garotos dos clubes. Se um novo se destaca, ele tem chances de entrar. *[Se]* Um de fora entra, um que já está no time pode sair”.

O que é efetivamente avaliado nas peneiras? A dificuldade de definir essa avaliação pode ser explicada, inicialmente, pelo caráter multifacetado do aprendizado futebolístico que, como vimos no capítulo anterior, perpassa inúmeros planos e não somente uma dimensão exclusiva:

É difícil especificar. Por exemplo. O Nenê aprendeu de tanto jogar, só ficar na rua jogando, de morar em frente à quadra. Eu não aprendi assim. Aprendi mais observando, mais com a cabeça. Usava o meu físico para jogar, mas sem uma técnica apurada. [...] Na medida do possível tinha algum destaque, apesar de não ter a prática que os meninos bons da época tinham. Eu conseguia, por exemplo, marcar eles, mesmo não jogando todo dia. Eu conseguia ficar pensando no jogo, ou ver um jogo de futebol, ou jogar no videogame e perceber como eu poderia anular cada um.¹³

Embora citasse sua própria trajetória para argumentar sobre a não existência de uma fórmula específica, Renato acreditava que a prática exaustiva e o ambiente de aprendizado eram as duas principais explicações:

Por que o Ronaldinho joga mais que o Kaká? Não sei, são da mesma posição, mas o Ronaldinho é um jogador super habilidoso. A habilidade vem da prática, vem do treino. Se a pessoa tiver um cognitivo, ficar tentando fazer um negócio lá o dia todo, ela vai aprender uma hora como fazer da melhor forma possível. O Kaká não faz isso, mas é bom jogador

¹² Permanece, porém, como uma forma de recrutamento de jovens, embora apresente números baixos de aprovação e aproveitamento posterior no clube, como verificaram alguns estudos anteriores em São Paulo e Porto Alegre (Toledo, 2002; Damo, 2007).

¹³ A prática no videogame, como vimos ao final do segundo capítulo, foi muito enfatizada por Renato.

também. [...] Talvez o Adriano tenha aprendido num clube, na rua ou de outra forma. Mas aí também tem muito da abordagem. O Adriano pode ter treinado muito o chute, só fazer gol. Agora o Nenê, porque alguém ou algum ídolo dele fazia jogada bonita, ele ficava treinando jogadas bonitas. Vai muito do foco de cada um. O ídolo do Kaká era o Raí. Ele já teve o foco mais direto. Parece que ele aprendeu a jogar em clube, parece até um jogador europeu: toca a bola bem, se mexe bem, tem um físico privilegiado, tem os fundamentos bem trabalhados. Eu o classificaria como um jogador de escolinha.

A posição a ocupar em campo também fundamenta a definição dos atributos que um jogador de futebol deve apresentar. Para Renato, a qualidade técnica do jovem não pode ser dissociada da posição em que ele joga, pois seu talento pode ser facilmente desperdiçado se estiver jogando na posição errada. Na segunda peneira organizada por Renato, o jovem Fernando (90), muito alto e magro, iniciaria o treino como centroavante, tal como jogara na primeira peneira. Rodrigo “Nenê”, porém, pediu para que ele jogasse, naquele dia, como zagueiro-central. Contrariado, o jovem atendeu ao pedido. Nas duas partidas daquela tarde, foi considerado um dos melhores jogadores em campo, “roubando” várias bolas ao antecipar-se aos atacantes adversários, mas principalmente mostrando talento com as bolas nos pés, nas saídas de jogo, armando o time e arriscando algumas subidas ao ataque. Neste dia, teve um desempenho melhor do que na peneira anterior, quando jogou de centroavante. Por causa destes últimos treinos, foi um dos aprovados na avaliação. Perguntei a Rodrigo como ele percebeu que Fernando poderia jogar de zagueiro: “Ele tem altura, porém não é estabonado, tem velocidade. Mostrou que tinha habilidade como centroavante, mas não tanto quanto outros que vi jogar. Além disso, chutava pouco para gol”.¹⁴

Para além das peneiras realizadas em clubes, ocorrem avaliações em diferentes lugares e momentos, organizadas por empresários e agentes de futebol, como também pelo poder público. Durante a Virada Esportiva¹⁵, por exemplo, alguns clubes, em parceria com a prefeitura do município, agenciaram peneiras para garotos de 12 a 17 anos. Diversos sites da internet também se propõem a organizar peneiras em diversos clubes brasileiros. Leandro (90), que participou da peneira organizada por Renato, comentou que por meio da internet teve contato com a *Júnior Nunes Football Management*, uma empresa de representação e gerenciamento de jovens jogadores, que realizou peneiras no SESI-Osasco, das quais Leandro participou, em busca de garotos para serem negociados com clubes de outros países.

“Para mudarem de vida, os moleques tentam de tudo hoje em dia, vão atrás de qualquer chance. Vêm na TV os jogadores com carros importados, mulheres, roupas caras e pensam: por que não eu?”, afirmou Renato. As diversas histórias de jogadores que alteraram sua condição social por meio do futebol alimentam a dedicação dos jovens, sendo que alguns justificavam estar ali para um dia, por meio do futebol, poder ajudar

¹⁴ Características assinaladas por Damo (2007, 132): estatura, imposição funcional, desarme, capacidade de recuperação e antecipação seriam as principais características específicas esperadas de um zagueiro para virar jogador profissional; estatura, imposição funcional e finalização seriam as dos atacantes.

¹⁵ Inspirada na Virada Cultural, a Virada Esportiva oferece atividades em inúmeros espaços citadinos (praças, ruas, parques e outras áreas públicas) durante todo o dia, inclusive de madrugada.

a família. “É fato. A maioria dos jogadores vem das classes baixas, que têm pouca renda. Por isso é que o futebol é visto como um meio para mudar de vida”, comentou Pãozinho, professor da escolinha do Guaianases F. C.

Jean (89), lateral-direito, afirmou orgulhoso que seu pai estava ali presente no campo do Guaianases no dia peneira, dando apoio, incentivando; diferente, segundo o jovem, dos pais de alguns dos seus amigos que reprovavam o sonho dos filhos. Seu pai, ao contrário, fazia de tudo para que ele tivesse os melhores equipamentos (vestimentas, chuteiras, remédios), ao mesmo tempo que exigia e cobrava empenho e dedicação nos treinos. “Uma vez ele quase brigou com um cara lá num teste no Flamengo de Guarulhos, pois o cara falou que eu era bom, mas muito molenga e preguiçoso... disse que eu só gostava de atacar e não de marcar”.

A presença dos familiares pode, segundo Renato, atrapalhar no início da carreira, porém considerava que na maioria dos casos ajuda, devido à influência deles sobre os filhos, tal como na conversa que observei na peneira no Guaianases F. C., quando o pai tentava o convencer o filho a aceitar a proposta do Renato de viajar para jogar no A. E. Velo Clube, da cidade paulista de Rio Claro: “eu sei que você quer jogar em um clube grande, destes de torcida de massa, porém tem que começar onde aparecer a primeira chance, como o empresário disse, mesmo que seja num clube pequeno”.

Portanto, a possibilidade de ascensão social e ganhos financeiros ajuda a conquistar o apoio da família, decisivo para os primeiros passos na carreira e um futuro sucesso nos campos de futebol. Sucesso almejado por Fábio, pai de um garoto que participou da peneira organizada por Renato: “Eu torço muito para que ele consiga. É a chance de dar uma nova vida para a nossa família. Ele tem cinco irmãos mais novos, que dependem dele”. O filho de Fábio foi um dos selecionados por Renato. Neste, como em outros casos, o investimento na carreira de jogador é, em muitos casos, um *projeto familiar*¹⁶ (Rial, 2008, 33-39), principalmente na trajetória dos jovens das classes populares.

Embora tenha gostado dos resultados da primeira peneira que organizou, Renato decidiu postergar uma segunda peneira que estava programada para junho de 2008 e investir em outras linhas de trabalho que vinha planejando desde que concluiu a graduação na faculdade. Conhecedor da dinâmica imprevisível do universo espetacularizado, Renato procurou diversificar sua atuação, deixando as peneiras em segundo plano: “Precisava ter alguns garotos ‘na manga’ para iniciar as primeiras negociações. Mas preciso agora é de contatos fortes”, afirmou.

3.2.2) O modelo exógeno do Grupo Pão de Açúcar

Poucos meses após retornar de Londrina, Renato procurou um colega da faculdade, seu veterano no curso, que trabalhava como assistente do José Carlos Brunoro,¹⁷

¹⁶ No caso específico de Fábio, o projeto familiar está centrado atualmente no primogênito, que se dedica somente aos processos de seleção e avaliação. Diferente, portanto, do padrão caçulismo observado por outros autores (Damo, 2007; Rial, 2008) e em certos momentos desta pesquisa.

¹⁷ Conhecido por sua atuação no voleibol – como jogador, preparador físico e técnico –, Brunoro ingressou no universo futebolístico na década de 1990, como diretor de esportes da filial sul-americana da empresa italiana Par-

diretor de futebol do Grupo Pão de Açúcar. A partir deste contato, ficou decidido que Renato observaria algumas partidas dos jovens do Pão de Açúcar e de seus adversários, faria avaliações das performances e indicaria os melhores. Esse era o principal interesse do Grupo, que iniciou suas atividades apostando num modelo de formação de jogadores, porém não para uso do próprio clube, mas para a venda de jogadores formados ainda jovens. Foco principal de um projeto que, segundo Brunoro,¹⁸ também tem uma preocupação social (Spaggiari; Mizumoto, 2006).¹⁹

O padrão inicial de formação de jogadores adotado pelo Pão de Açúcar se encaixa, dentre os três modelos de produção de jogadores formulados por Damo (2007),²⁰ no formato *exógeno*, direcionado para a venda dos jogadores formados. Trata-se, porém, segundo Renato, de uma estrutura diferente de muitos clubes do interior que atualmente são gerenciados por agentes de futebol, que passam a ser responsáveis pela contratação de jogadores e pagamento de salários. Nestes casos, os agentes montam equipes formadas com jogadores a eles vinculados, para que estes jogadores disputem os campeonatos e apareçam para a grande mídia: “Quem se destaca, é vendido. Até mesmo aqueles mais fracos conseguem ser negociados hoje em dia. Assim, todo mundo vai embora e o clube tem que montar um novo time a cada ano”, afirmou Renato.

O agente de Guaianases acompanhou várias partidas da equipe Pão de Açúcar e dos adversários, fez anotações e escreveu alguns relatórios que foram encaminhados à diretoria de futebol. Ao longo de todo o período, não teve retorno financeiro. Assim, optou por diminuir sua frequência nos jogos das equipes do Grupo, para se dedicar a um projeto que vinha ganhando força no seu próprio bairro.

3.2.3) “Uma parceria bem com a cara do Corinthians”

Enquanto realizava as peneiras, Renato e alguns dos diretores do clube Guaianases F. C. formularam um projeto para a criação de um Centro de Formação de Jogadores, cuja matriz seria o próprio Guaianases, mas que depois se ampliaria para outros luga-

malat. Em 1992, coordenou o primeiro sistema de co-gestão no patrocínio esportivo no Brasil, quando articulou e consolidou o consórcio da multinacional com a S. E. Palmeiras.

¹⁸ Este depoimento faz parte do documentário *Por quê o Juventus* (Spaggiari; Mizumoto, 2006) sobre o C. A. Juventus, tradicional equipe paulistana, que abordou também a parceria firmada em 2005 entre o clube e o Grupo Pão de Açúcar. A parceria envolvia, inicialmente, apenas a categoria de juniores do Juventus, com um trabalho que visava dar continuidade aos trabalhos anteriores do Grupo com as categorias de base. Em 2006, a parceria se estendeu à profissional. Porém, após menos de um ano, o Grupo Pão de Açúcar voltou a concentrar seus investimentos na formação de jovens jogadores.

¹⁹ Segundo Brunoro, o “projeto do Pão de Açúcar não envolve ter uma super equipe. O projeto tem um cunho social. Tem uma parte dos meninos de uma grande seleção que vai para uma escola de varejo do Grupo. A outra parte que vem para cá para ser um atleta de futebol, a gente também está encaminhando ele para uma profissão de atleta de futebol. Mas deixando bem claro, como eu sempre fiz. Não adianta se iludir que aqui vamos um criar um novo Palmeiras, um novo Corinthians ou um São Paulo. Não é essa a nossa missão, nem a missão do Grupo Pão de Açúcar” (Spaggiari; Mizumoto, 2006).

²⁰ Os clubes de futebol, segundo Damo (2007, 124-144), podem ser divididos em três modos de produção: endógeno, exógeno e híbrido. No primeiro, os jogadores são formados para atender às demandas por atletas internas ao próprio clube, como, por exemplo, ocorre no Atlético de Bilbao, da Espanha. No segundo, a formação tem o intuito único de obter lucro por meio da venda de jogadores, como era o caso do Pão de Açúcar. O terceiro modelo é o mais comum, identificável na maioria dos clubes brasileiros e estrangeiros, onde a produção de jogadores ocorre tanto para a venda quanto para suprir a necessidade de jogadores para compor os elencos do próprio clube.

res. Além de Rodrigo “Nenê”, que ajudou na elaboração do projeto, Renato pretendia convidar seu pai para participar do planejamento e das atividades diárias. Convite que Buginho aceitaria prontamente:

Se pintasse mesmo, com certeza ia trabalhar com ele. Principalmente com moleque para a gente investir. [...] Teria que se preocupar mais com médico, com massagista. [...] E trabalhar nos dois períodos, porque os horários escolares variam. Seria um trabalho muito interessante. Eu tenho certeza que num espaço [*de tempo*] bem curto, a gente conseguiria bons valores lá.

Experiência que Buginho teve ao selecionar, nos campos de futebol espalhados pela Zona Leste da cidade, jovens jogadores para os quadros juvenis do Princesa, quando era dirigente do clube na década de 1980: “Naquela época não tinha escolinha. O que acontecia? Eu ia aos campos de futebol, via o moleque jogando bem, falava: ‘Você leva jeito, hein, meu? Você não quer jogar no Princesa?’”.

O projeto foi enviado ao S. C. Corinthians Paulista, que possui um Centro de Treinamento (CT) no bairro vizinho de Itaquera, por meio de Coquinho, presidente do Guaianases e sócio do Corinthians, e Pedrão, que fora segurança da equipe principal do Corinthians por muitos anos e é um dos diretores mais antigos do Guaianases.²¹ Contatos esses que, segundo Renato, foram decisivos para garantir uma primeira rodada de negociações com a diretoria corintiana:

Renato: A idéia acabou surgindo sem querer. É bem coisa de futebol, coisa de Corinthians. Foi quando surgiu minha relação com o Coquinho [*presidente do Guaianases F. C.*]. Eu precisava de alguém para levar o projeto para lá e ele ajudou na campanha do Andrés Sánchez [*atual presidente do Corinthians*].

E: O Coquinho ajudou na campanha do Andrés Sanchez?

R: Isso.

E: Como ele ajudou?

R: O Coquinho sempre foi da Gaviões.²² Ele sempre teve uma liderança aqui, com a torcida e tudo mais. [...] Não sei se você tem perguntado do Corinthians, mas tem muita gente da Gaviões lá. O Coquinho era sócio também. E aí ele aproveitava para andar lá. Não só na parte do futebol: ia na bocha, fez amizade com todo mundo e o Andrés precisava de voto. Os votos dos menores, mas que faziam diferença. E o Coquinho conseguiu esses votos. Aí ficou prometido esse projeto. Assim que surgiu.

²¹ Conheci Pedrão no CDM Cidade Líder, antes desta entrevista. Após realizar observações durante a manhã e a tarde, retornei ao CDM após o jantar para observar as atividades da escolinha de futebol Elite, de Itaquera. Sozinho, ao lado de seu carro, Pedrão estava esperando a chegada dos professores da escolinha para pedir algumas informações sobre o trabalho realizado por eles. Hoje dono de uma Auto-Escola em Itaquaquecetuba, cidade próxima à Zona Leste paulistana, Pedrão fora convidado pelo secretário de esportes do município para montar uma escolinha de futebol. Conversamos por uma hora sobre sua trajetória no futebol, sua relação com amigos boleiros (entre eles Casagrande, Neto, Sócrates, Viola etc.) e as madrugadas de festa com os jogadores nas concentrações, regadas a cerveja e whisky. Comentou também que jogara futebol no Guaianases F. C. e que é amigo de Coquinho, presidente da equipe. Naquele momento, pouco explorei este tema, pois não havia iniciado o campo em Guaianases.

²² O Grêmio Gaviões da Fiel Torcida é a maior torcida organizada do S. C. Corinthians Paulista. Fundada em 1969, a torcida é também um escola de samba do carnaval paulistano.

A proposta era de promover, em conjunto com o Corinthians, o ensino da prática futebolística para um público com idade entre 7 a 17 anos, com um total inicial de 210 alunos, divididos em três categorias: 1992-1993, 1994-1995 e 1996-1997. Com atividades da escolinha programadas para terça-feira e quinta-feira, o projeto separava a sexta-feira para treinamento das equipes de competição e o sábado para amistosos e campeonatos destas equipes. A parceria envolveria ainda o direcionamento de jovens do Guaianases F. C. para testes e avaliações nas categorias de base do Corinthians.

Destes 210 alunos, um pequeno percentual teria isenção de mensalidade, principalmente as crianças carentes que moram em Guaianases, o que reforçava a preocupação social como principal tema apresentado no projeto de parceria, cujos principais objetivos, apontados pelos diretores do Guaianases, eram: educar e socializar as crianças e adolescentes, promover a integração e inserção social, reduzir a evasão escolar, afastar os jovens da violência e das drogas, ensinar valores éticos e morais da cidadania, criar oportunidades de lazer, diminuir a permanência das crianças e jovens nas ruas e, por fim, difundir e incentivar a prática de futebol.²³

A preocupação social foi, portanto, um ponto destacado por diretores do Guaianases F. C., que compararam seu projeto ao da parceria firmada entre o Botafogo de Guaianases, clube rival, e o São Paulo F. C. no final de 2007.²⁴ Para eles, diferente da parceria entre o São Paulo e o Botafogo, que visava somente investir em crianças de até 13 anos, a proposta de trabalho em conjunto com o Corinthians pretendia abarcar garotos de todas as idades, até no máximo dezoito anos: “Senão, não é projeto social”, justificou Renato, para quem o interesse do Corinthians devia-se também ao receio de perder espaço para um clube rival numa das regiões mais populosas da cidade e que é, costumeiramente, associada à equipe alvinegra:

Inicialmente, seria uma resposta ao projeto Botafogo de Guaianases-São Paulo. O coordenador falou: “Não, [*a Zona Leste*] é nossa área”. Só que foi crescendo a idéia, crescendo e crescendo. O pessoal do Corinthians sabia que eu era agente também. [...] A idéia agora é levar o Corinthians a diversos lugares, não é nem só nas regiões periféricas leste, oeste, norte e sul. Fazer um projeto social mesmo, envolver verbas do governo e tudo mais. O negócio vai ser grande. No mês que vem vai sair.

Contudo, o projeto elaborado no primeiro semestre de 2008 não seguiu adiante. Programada para julho de 2008, a assinatura do contrato não foi firmada. O projeto foi cancelado pelo Corinthians, que considerou alto²⁵ o valor a ser investido: “Talvez pelos gastos, que nem são altos assim, mas em se tratando de dinheiro, tudo fica mais difícil”, postulou Renato. “Uma parceria bem com a cara do Corinthians: está parada”.

²³ Com base nos elementos que compunham o texto de abertura do projeto.

²⁴ Projeto que abordarei no próximo tópico.

²⁵ Entre os gastos previstos, parte do dinheiro seria para a compra de equipamentos, tais como: 30 cones, 320 coletes, 40 bolas, 40 colchonetes, 2 jogos de uniforme, 50 pares de caneleira infantil, 6 pares de luvas de goleiro, 6 agasalhos, 8 redes, 4 cronômetros, 1 bolsa de massagem, 2 pranchetas, 2 fitas métricas, uma balança etc. Outra parte da verba iria para o pagamento dos três professores e do coordenador do projeto. Por fim, o orçamento previa que mais de 60% dos gastos seriam com despesas de viagens para campeonatos regionais, nacionais e internacionais – que abarcariam a viagem, estadia e alimentação de 18 jogadores e dois membros da comissão técnica –, assim como na organização e treinamento de equipes infantis e juvenis para a disputa dos torneios.

3.2.4) “Daqui três anos eu vou ser uma marca”

Quando iniciou seu trabalho com o Guaianases F. C., Renato teve a preocupação de não estabelecer vínculos de exclusividade com este ou com outros clubes do bairro. Enquanto esperava os desdobramentos das negociações da parceria com o Corinthians, Renato retomou alguns antigos contatos no Botafogo de Guaianases, intermediados por Rodrigo “Nenê”. Assim, procurava não ser reconhecido como um agente ligado a um clube, principalmente quando envolvia dois tradicionais clubes do bairro, Guaianases F. C. e Grêmio Botafogo de Guaianases, que alimentam uma forte e tradicional rivalidade:

Eu busco não ter vínculo com os clubes daqui. O pessoal tem muito isso: ou Botafogo ou Guaianases. Mas isso para mim, não. Agora tem o Botafogo e o Guaianases, mas daqui três anos eu vou ser uma marca, provavelmente mais forte que eles. Então não penso em ter vínculo. Se quiser ceder o espaço, vai ser bom para o clube, mas não vou fechar com um para ser exclusivo. Se vou lá no Guaianases para ser exclusivo, é para não mais falar com o Botafogo.

No clube botafoguense, o objetivo de Renato era articular uma ampla avaliação para a seleção de jovens talentos por meio de um torneio de categorias de base. A estrutura atual do time, principalmente de sua Escolinha Comunitária, permitiria a reunião de diversas agremiações e escolinhas no campeonato, por conseguinte, garantiria a participação de centenas de jovens na disputa. Além disso, Renato vislumbrava uma possível inserção no trabalho realizado na escolinha de futebol do Botafogo, pois segundo o agente, as escolinhas também podem funcionar como mediações entre os jovens e os clubes: “Uma pequena parte vem das escolinhas franqueadas. Pouquíssimos hoje saem de peneiras. A maioria dos clubes hoje pega jogadores de equipes amadoras da capital e do interior para as categorias de base, indicados por olheiros espalhados pelo Brasil”, comentou Renato, que citou o trabalho realizado por São Paulo F. C. e Cruzeiro E. C., clubes que têm uma grande rede de olheiros e funcionários em todas as regiões brasileiras.

Contudo, os planos iniciais de Renato tiveram que ser alterados após as primeiras conversas com os diretores botafoguenses Severo Ramos e Luiz Moura, seus principais contatos no clube. Nas negociações, as duas partes acertaram que montariam times com jovens jogadores da escolinha do clube, que viajariam para enfrentar as equipes das categorias de base de diversos times brasileiros: “Na primeira vez que eu vim no Botafogo, minha idéia inicial não era nem formar um time. Era organizar um campeonato de base. A partir daí, achei mais fácil a idéia do time”, afirmou Renato. Neste trabalho em conjunto, o contato com os clubes ficaria sob responsabilidade dele, a quem Severo chamava de “o agente FIFA filho de Guaianases”, e os custos e despesas de viagem seriam bancados por Luiz Moura. Deste modo, sua função seria a de encaminhar garotos da escolinha para clubes interessados.

Entretanto, não estava claro para o agente quem era afinal o seu parceiro no projeto: se era Luiz Moura, dirigente do Botafogo e presidente da empresa que patrocina o clube, ou a própria agremiação. Embora o objetivo de formar jogadores de futebol estivesse claro, assim como a proposta de gerenciamento das carreiras dos jovens, Renato

não sabia, naquele momento, qual retorno o Botafogo obteria, pois não conseguia compreender a organização administrativa do clube:

O Adonias [*diretor do Botafogo*] me perguntou: ‘Como que é lá no clube, tal, quanto que eles dão?’ ‘Dão 20% para quem leva o jogador’. Mas o problema é: 20% para quem? Para o Itamar [*presidente do Botafogo*]? Para o Botafogo? Para o CNPJ, se o clube tiver? Para o Adonias?

Posteriormente, Renato descobriria que esta nova linha de trabalho vinha sendo construída à margem das atividades do Botafogo e que o retorno financeiro pelo encaminhamento de jovens jogadores era para Luiz Moura: “Com o Botafogo eu não tenho nada, é com o Luis. Se o Luis sair daqui, eu saio também. Eu não tenho vínculo com o Botafogo”, concluiu Renato. A partir daquele momento, ficou claro para o agente não só com quem estava trabalhando e negociando, como também que havia encontrado uma complexa configuração futebolística, marcada por disputas internas, busca por visibilidade midiática, conflitos com pais e mães dos alunos da escolinha, relações políticas locais e municipais etc.²⁶

3.2.5) “Vou ter um empresário, agente, procurador, assessor...”

Embora tenha diversificado seu trabalho em Guaianases, criando várias frentes de atuação, Renato ainda não tivera retorno financeiro em suas empreitadas futebolísticas desde que retornara para o bairro em 2007. Para poder se sustentar e continuar investindo em seus projetos, o agente participava dos negócios e contratos imobiliários que seu sogro e sua namorada gerenciavam em Florianópolis.²⁷

O primeiro retorno financeiro vinculado ao universo futebolístico viria de uma forma inesperada. Desde que se tornara agente FIFA, Renato enviava, semanalmente, emails para clubes e empresas européias, principalmente da Inglaterra. Ocasionalmente, recebia alguns retornos por email ou em suas páginas no *MySpace* e *Facebook*.²⁸ Num período de férias em Florianópolis, ainda em 2007, leu uma notícia sobre um grupo de empresários nigerianos que atuavam no futebol inglês e em diversos setores de entretenimento na Inglaterra. Entrou em contato e mandou currículo: “Como eles eram de origem africana, fiz contato também pelo *Facebook*, que tem fotos. Achei que com a minha foto poderia facilitar, por ser negro”. Após um longo período, já em 2008, Renato recebeu um email da empresa gerenciada por estes empresários nigerianos, que solicitavam algumas informações de jogadores brasileiros talentosos que poderiam se destacar num futuro próximo. “Enviei coisas sobre o Keirrisson do Coritiba, Hernanes do São Paulo, Douglas Costa do Grêmio e outros”.

²⁶ Questões que trabalharei no próximo tópico, centrado nas atividades do Botafogo de Guaianases e de sua escolinha de futebol. Antes, porém, cabe traçar mais alguns apontamentos sobre outras linhas de atuação de Renato.

²⁷ A namorada e o pai dela firmaram alguns contratos com uma empresa do exterior que queria investir no setor de imóveis em São Paulo. Quando precisavam, Renato reunia os documentos necessários e entregava a papelada nos escritórios e cartórios de São Paulo por eles indicados. Assim, recebia algumas comissões quando os contratos eram formalizados.

²⁸ Sites de rede social para a comunicação online entre internautas.

Na segunda troca de emails, o grupo de investidores pediu para Renato informar seus telefones de contatos. Pouco tempo depois, um dos diretores ligou para a casa dele. Nesta primeira conversa, o empresário comentou sobre uma oferta que eles receberam para negociar um contrato publicitário com os agentes do Robinho. Após novas conversas por telefone, o mesmo diretor acertou com Renato os termos de sua participação neste negócio: “Era uma proposta publicitária de uma empresa de telefonia da Malásia. Precisavam do Robinho por três horas, que receberia 100 mil libras”. Renato ficaria responsável pela mediação entre a empresa dos investidores nigerianos e os agentes do atacante, pondo-os em contato. “Minha função era deixar tudo ‘mastigadinho’, já quase acertado”. Por este trabalho, Renato receberia 5% do valor total pago pela agência de publicidade ao jogador.

Renato atribui tal acesso ao fato de ser credenciado pela FIFA, posição que concede status: “Ser credenciado é outra história. Não é um agente de porta de vestiário, como vários por aí”. Pediram, posteriormente, para fazer novas intermediações com os empresários de outros jogadores, que ele espera repetir quantas vezes for necessário, pois não exige um grande esforço e o retorno é muito alto: “O trabalho maior é achar os agentes. Pesquisei e em 30 minutos já tinha os contatos. Agora é esperar”, afirmou.

Seu trabalho como agente, entretanto, não implica em posições fixas: “Procurador pode ser outra pessoa, ou ser a mesma que o agente também”, comentou, para quem essa confusão no uso dos termos tem como causa a proliferação e multiplicidade de atores que trafegam pelo universo futebolístico e que fazem parte da carreira do jogador. “Tem ainda o assessor do jogador, que cuida dos contatos com a imprensa e a mídia, agenda entrevistas, participação em programas de TV, essas coisas”.

São denominações que muitas vezes confundem as crianças e jovens que tentam se tornar jogadores. Observando uma das peneiras realizada por Renato no campo do Guaianases, iniciei uma conversa com alguns meninos que jogavam bola ao lado do bar, a poucos metros do campo. Uma criança falou: “Vou ter um empresário, agente, procurador, assessor...”. Outra criança, ao lado, complementou brincando: “Ventilador, carburador... até outro jogador vou ter (risos)”. Quando perguntei qual era a diferença entre um empresário e um agente de futebol, os meninos não souberam responder. Questionado por um deles, eu também não soube diferenciar. “A grande dificuldade é que os agentes são popularmente chamados de empresários. Mas tem muito empresário que entra para ter lucro e ganhar dinheiro, porém não tem registro na CBF ou na FIFA, como os agentes têm” afirmou Renato. Embora concorde que as funções de agente e empresário tenham muitas semelhanças, ele apontou as especificidades na atuação de cada um desses atores: *procurador, empresário e agente de futebol*.²⁹

²⁹ O procurador, segundo Renato, é quem tem autorização, por procuração – documento no qual o jogador concede a um terceiro o direito de atuar em seu nome e de seus interesses (ver ANEXO 09) –, assinada pelo jogador e pelos pais (quando menor de idade), a cuidar dos negócios em seu nome, “para correr atrás de clubes, legalizar documentação na CBF ou na FIFA, negociar com empresas de propaganda etc.”, afirmou. O agente de futebol tem as mesmas atribuições do procurador, porém se dedica somente ao cenário futebolístico, por isso “procura trabalhar com vários jogadores ao mesmo tempo e ter mais chances de faturar”, explicou Renato. Tanto no caso do procurador quanto no do agente, a remuneração poder ser uma porcentagem do salário que o jogador recebe,

Após realizar o serviço de mediação na negociação do contrato publicitário, Renato procurou, por meio do contato com o grupo nigeriano, impulsionar sua carreira de agente FIFA. Elaborou relatórios sobre alguns jovens de Guaianases, inclusive alguns dos que foram selecionados na peneira que havia organizado, para despertar o interesse dos investidores e de clubes europeus. Sabia, contudo, que a construção destes vínculos não seria fácil, pois desde 2007 tentava, sem êxito, se aproximar de clubes internacionais. Segundo ele, com a extinção gradual do passe após a aprovação da Lei Pelé, proliferou o número de empresários de futebol e de outros atores autônomos: “É muita concorrência, não pode ficar esperando. Tem que correr atrás. Mesmo que seja fora do futebol”. Mas Renato afirmou ter consciência de que está “engatinhando na carreira”, preparando-se para saltos mais ambiciosos nos próximos anos.

“Estou fortalecendo minha base, para depois colher os frutos. Ainda estou na fase de inserir os garotos nos clubes, depois tem a etapa de manter eles lá”, comentou, confirmando algo que afirmara para os jovens no primeiro de peneira no campo do Guaianases: o ingresso nos clubes não significa assegurar a continuidade da carreira.³⁰ No segundo dia de peneira, Rodrigo “Nenê” revelou que alguns amigos do bairro chegaram a entrar nas categorias de base dos clubes, porém foram dispensados nas etapas seguintes, antes de chegarem à categoria dos juniores. Josias, morador do bairro e que acompanhava a nossa conversa naquele momento, reforçou:

Entrar em um clube não é o mais difícil. O mais foda é se manter lá. Meu filho mais velho jogou no juvenil do Corinthians e da Portuguesa. Mas não conseguiu passar para os juniores dos dois times e foi dispensado. Tentou mais algumas vezes, mas acabou desistindo. Hoje trabalha lá na Penha, como atendente de uma farmácia.

3.3) “O MUNDO DO FUTEBOL É MUITO ESTREITO”: A ESCOLINHA DO BOTAFOGO DE GUAIANASES

Durante a realização do terceiro e último dia da peneira organizada por Renato, conversei por mais de uma hora com Rodrigo “Nenê”. Entre tantas perguntas, num certo momento ele comentou que jogara em diversos clubes do bairro: no Princesa, no Guaianases F. C. e no Botafogo de Guaianases. Quando perguntei sobre este último, Rodrigo se surpreendeu: “Como assim? Você não conhece o Botafogo? Pô, é o maior clube da região e tem uma escolinha. Vamos fazer o seguinte: semana que vem vou te levar lá. A gente se encontra no CEU e depois te levo no campo do Botafogo”.

normalmente entre 5% e 10%, ou um pagamento fixo por serviço prestado – como no caso da intermediação que Renato fez para do contrato de publicidade do jogador Robinho. Empresário, dentre estes, é o ator mais conhecido no universo futebolístico, espetacularizado ou não: “É o termo mais utilizado até hoje para todos os casos. E hoje em dia todo mundo é empresário ou tem empresário, aquele cara que cuida de todas as questões envolvendo os atletas”, comentou. Apesar de a denominação englobar diversas funções desempenhadas por outros atores no universo futebolístico, o empresário pode, segundo Renato, ser definido pela intermediação nas negociações entre clubes. Mesmo sem ter contratos assinados com jogadores, o empresário participa de momentos pontuais dessas negociações.

³⁰ Etapa posterior, centrada nas categorias de base dos clubes de futebol, já pesquisada por outros autores (Rodrigues, 2003; Damo, 2007), mas que fogem dos objetivos deste capítulo, voltado ao processo de formação de jogadores em espaços não espetacularizados. Ênfase que será mantida nos próximos tópicos.

Em uma tarde chuvosa de março, Rodrigo apresentou-me a Severo Ramos, diretor das categorias de base do Botafogo de Guaianases. Expliquei que estava realizando uma pesquisa e que gostaria de observar as atividades da escolinha do clube, o que foi bem recebido pelo diretor Severo: “Aparece aqui amanhã cedo, lá pelas 8h, e procura o Jurandir. Ele é quem cuida das coisas da escolinha. Ah, o pessoal o chama de Mimi”.

Se a relação construída no CDM Cidade Líder se deu paulatinamente, e de forma muito mais tranqüila, no caso do Botafogo de Guaianases percebi, logo no primeiro contato, que precisaria buscar uma maior aproximação com os interlocutores, para ir além dos discursos repetidos e apreender outras nuances nas práticas e representações destes atores. Isto porque minha condição de antropólogo em formação na USP foi representada de distintas formas pelos vários atores ligados ao Botafogo. O fato de ter um pesquisador na escolinha de futebol despertou inúmeros interesses de várias partes, que exigiram minha participação em entrevistas para emissoras de televisão, palestras para as crianças e conversas com pais. Tal como a visibilidade midiática, tratava-se de uma presença que, segundo Severo, só confirmava o prestígio e “a importância do trabalho desenvolvido pelo Botafogo na escolinha”.³¹

Jurandir, coordenador da escolinha, fazia questão de me “carregar” de um lado para o outro, fazendo as apresentações e intermediações, mostrando “do buraco até o CÉU”.³² Além disso, essa proximidade com Jurandir permitiu freqüentar, constantemente, um lócus privilegiado na escolinha do Botafogo: a sala do coordenador da escolinha, ou seja, um dos vestiários usados por Jurandir para cadastrar e matricular alunos, conversar com mães e pais, com os próprios garotos, com a equipe e comissão técnica da escolinha, bem como com os dirigentes do clube, que em sua maioria cuidavam da equipe principal do Botafogo. O vestiário da administração mostrou-se, assim, um espaço de mediação entre os diferentes atores internos e externos ao clube.

Embora tenha acompanhado treinos e atividades ministrados pelos técnicos e professores da Escolinha Comunitária do Botafogo de Guaianases, optei por privilegiar este espaço administrativo para observar, de forma mais detida, os trâmites e agenciamentos acionados por um clube de várzea e sua escolinha de futebol.

Deste modo, pude acompanhar a organização e preparação de inúmeras ações – tais como entrevistas para a mídia, reuniões com pais de alunos da escolinha, eventos e festas etc. –, por meio das quais os dirigentes do Botafogo procuravam reforçar constantemente dois pontos importantes. Primeiro, expor a intenção “comunitária” e a função

³¹ Deste modo, “o ato de dar entrevistas ou ser pesquisado pode ser considerado como um reconhecimento público do ‘valor’ do entrevistado por parte do entrevistador e pela instituição que ele representa (a academia ou os meios de comunicação)” (Silva, 2000, 52). Não raro, minha presença era divulgada como “professor da USP” ou a própria “USP” enquanto instituição ali presente. Prestígio que pode ser utilizado como estratégia pelo próprio pesquisador, como lembra Silva (2000, 52-53), quando solicita a permissão de observar ou mesmo de realizar entrevistas. Condição que me permitiu trafegar por conversas e eventos relacionados às políticas municipais e locais, práticas clientelistas etc.

³² Como comentava em conversa informal, de forma irônica, uma mãe presente ao lado do campo, ao descrever a favela em frente ao campo do Botafogo e ao trecho final da Nova Radial Leste, e ao se referir ao CEU Jambeiro (situado ao lado do campo do Botafogo de Guaianases), respectivamente.

social da escolinha, num uso da idéia de “comunidade”³³ como estratégia discursiva para legitimar e valorizar o trabalho ali desenvolvido; segundo, fortalecer a campanha eleitoral do vereador Senival Moura (PT) em Guaianases, cujo irmão, Luiz Moura, é dirigente e principal patrocinador do Botafogo.

Nesta narrativa sobre o trabalho realizado pelo clube, utilizarei com fio condutor um evento organizado pela diretoria em homenagem às mães e pais dos alunos da Escolinha Comunitária, realizado no sábado anterior ao Dia das Mães na sede do Botafogo.³⁴

3.3.1) Início do evento do Dia das Mães

Pois bem, meus amigos, meus amados. Eu estou aqui como trabalhador lá da escolinha, como assessor do vereador Senival Moura, como colaborador do irmão dele, Luiz Moura, como amigo do presidente do Botafogo e dos diretores. Eu quero, sob a proteção do criador do céu e da terra, dar início ao nosso trabalho porque o que vai ser falado aqui vai ser coisa boa, vai ser coisa de futuro, vai ser coisa bacana para os nossos filhos, que o meu também faz parte da escolinha de futebol da comunidade, que o seu filho também faz, o Edson também tem um filho que está na escolinha da gente e ele é diretor do Botafogo. [...] Então nós queremos dizer a você que para nós é motivo de honra e de alegria os nossos filhos estarem fazendo parte da mesma escolinha, do mesmo trabalho que os seus fazem. Eu quero já, sem muita demora, dar a palavra a uma pessoa da melhor qualidade, que se não fosse ele, nós também talvez não estaríamos na posição que estamos. Com a palavra, o presidente do Grêmio Botafogo de Guaianases, senhor Itamar de Jesus.

Com esta fala, o diretor Severo Ramos, responsável pelas categorias de base do Botafogo de Guaianases, deu início ao evento. Sua voz encorpada e a desinibição em público fazem dele o principal “relações públicas” do clube e da escolinha: “Como é de costume eu falar mais, eu vou sentar porque nós vamos conversar como se nós estivéssemos nas salas de nossas casas”.³⁵

Após a fala de apresentação do Severo, o presidente do Botafogo, Itamar de Jesus, fez um pequeno discurso, no qual pedia desculpas pelo atraso no início do evento. Encerrou sua rápida participação apresentando Luiz Moura, diretor do Botafogo, presidente da Transcooper (patrocinadora do clube) e irmão de Senival Moura (PT), vereador da cidade de São Paulo.

Tem a presença também aqui do Luiz Moura, representando o nosso vereador Senival, que antes de ser vereador, sempre nos ajudou na escolinha por vários anos. [...] Sinto um carinho até especial em falar o nome dele, Senival Moura. “Vereador, tem um problema aqui em Guaianases”. Pontualmente e gentilmente sempre nos ajudou. Sem esses dois, com certeza, a gente estaria engatinhando.

³³ Para uma reconstrução sociológica do conceito de comunidade, ver Durham (2004). Para uma discussão crítica sobre a incorporação política das “representações nativas” do conceito nos estudos urbanos, ver Frúgoli Jr. (2003).

³⁴ Decisão essa pautada pela observação dos meandros deste evento, que trouxe, condensadas em apenas uma observação vespertina, as principais questões levantadas ao longo dos três meses de trabalho de campo no clube botafoguense.

³⁵ Simpatia e charme que agradavam os pais e mães dos alunos, que demonstraram em diversos momentos preferir conversar com Severo a falar com os outros diretores.

3.3.2) Sobre o Grêmio Botafogo de Guaianases

Fundado em abril de 1955 pelo carioca Admarco Armond, morador de Guaianases, o Grêmio Botafogo disputa suas partidas no campo instalado ao lado da Avenida Nova Radial, prolongamento da antiga Avenida Radial Leste. O campo faz fronteira com o CEU Jambuí e separa, espacialmente, este centro educacional de uma das favelas da região. A diretoria do Botafogo é composta de vários membros, entre eles Itamar, Adonias, Luiz Moura, Severo Ramos e Édson José de Castro (torcedor-símbolo do Botafogo). Porém, o principal nome citado por moradores do bairro e pessoas ligadas a outros clubes da Zona Leste é o do técnico Airton de Oliveira, com mais de 40 anos dedicados ao Botafogo, desde 1966.³⁶

Hoje um dos mais famosos clubes de várzea da cidade de São Paulo³⁷, o Botafogo dispõe de uma estrutura pouco comum no universo varzeano. Possui duas sedes administrativas e utiliza ainda o campo do clube Codó, colado ao do Botafogo, para as atividades da escolinha. Ao longo de sua trajetória, diversas conquistas ajudaram a construir sua fama no futebol varzeano paulistano,³⁸ fator destacado por Buguinho:

Eles sempre tiveram pessoas ligadas a eles para ajudar. O fato do Botafogo ter sido bicampeão no torneio varzeano trouxe bastante benefício para eles. Eu acho que se o Botafogo tivesse tido maior visão, hoje estaria na divisão especial. Faltou um pessoal de mais visão para poder arrumar patrocinador.

Atualmente, conta com o patrocínio da Transcooper, cooperativa da área de transportes, cujo presidente do setor Leste, Luiz Moura, é diretor do clube. Um apoio que não se limita à esfera financeira, pois o time utiliza, de forma assídua, os ônibus e microônibus da empresa para deslocar suas equipes aos jogos e torneios, inclusive as da escolinha, como pude acompanhar em diversas ocasiões. Suporte esse que alçou o Botafogo ao posto de principal clube do bairro, enquanto outros clubes foram desativados ou passaram por várias dificuldades (entre eles, como vimos, o Princesa).

Se o patrocínio foi decisivo para compor a estrutura diferenciada do Botafogo em relação às demais agremiações da região, outros fatores também alimentaram esse crescimento do clube, **como pude observar em diversas conversas travadas entre os diretores, quando alguns objetivos foram lançados, entre eles o de intensificar o trabalho nas categorias de base. Ao apostar em jovens jogadores formados nas categorias de base do Botafogo, tem-se como um dos principais objetivos revelar** novos talentos

³⁶ Airton jogou no juvenil do Corinthians, porém não pôde continuar com a carreira, pois tinha um problema no coração. Sem poder jogar futebol, Airton voltou-se para a função de treinador, na qual também passou a ser admirado, inclusive pelos adversários, entre eles Buguinho, presidente do Princesa: “O Ailton já era técnico do Botafogo. Esta há mais de quarenta anos. Eu vi ele jogar. Ele jogava bola no Santa Cruz. Eu torcia para ele, um cara muito técnico, meia direita muito bom de bola. Tinha tudo para ser profissional, mas parou devido ao problema de coração”.

³⁷ Proeminência reconhecida também em outros clubes varzeanos. No feriado de Tiradentes, em abril de 2009, o Botafogo de Guaianases sediou a reunião do Cartolas da Várzea, que congrega, uma vez por mês, os dirigentes de vários times do futebol amador de São Paulo.

³⁸ Entre outros títulos, destacam-se ainda a Copa Ermelino Matarazzo de 1982, Copa Nelson Guerra de 1989, Campeão Varzeano de São Paulo - F.P.F. em 1989 e 1990, Copa Black Power de 1990 e 1991, Copa A Gazeta Esportiva/Kaiser de 1993, Copa Kaiser de 1997, III Copa Metropolitana em 2006.

e concretizar negociações destes jovens com clubes brasileiros e internacionais. Para este fim, a Escolinha Comunitária organizada pelo Botafogo tem um papel decisivo.

3.3.3) Sobre a Escolinha Comunitária de Futebol

Encerrada a fala do presidente Itamar, o diretor Severo voltou ao palco para uma longa fala sobre os projetos da escolinha de futebol do Botafogo de Guaianases, que teve início com a seguinte frase: “Tenho alguns informes para dar para vocês e também alguns alertas”. Na primeira metade, confirmou que a parceria do Botafogo com o São Paulo F. C. fora oficializada e explicou os motivos para demora desta confirmação. Na segunda metade, pediu a confiança dos pais no trabalho do Botafogo e a colaboração deles nos próximos anos; e criticou a atitude de alguns pais de alunos que tiraram os filhos da escolinha após receberem ofertas de empresários e de clubes.

Até junho de 2008, quase mil crianças do sexo masculino,³⁹ tinham se inscrito na Escola Comunitária de Futebol do Botafogo, todos entre 7 e 17 anos. Destes, Jurandir acredita que 600 têm uma frequência semanal, enquanto outros aparecem de vez em quando. “O pior é quando chega o mês ‘do pipa’. Aí a molecada some”.⁴⁰ No campo do Codó são desenvolvidas as principais atividades. No dia-a-dia, crianças e jovens brincavam e conversavam próximos ao campo, ou nos bancos de reservas, reunidos em pequenos grupos. No Botafogo, diferente do que foi observado no CDM Cidade Líder, havia uma presença assídua de pais e mães nos treinos.⁴¹

Segundo Jurandir, a maioria das crianças e jovens mora nas várias vilas do bairro, entre elas o Jardim São Paulo, Jardim São Geraldo e Vila Iolanda. Tal como no CDM Cidade Líder, parte das crianças e jovens faziam dupla (escola e treinos) ou tripla (trabalho, treinos e escola) jornada diária. Alguns garotos, principalmente os da faixa etária dos 13 aos 18 anos, apresentavam defasagem entre série e idade. Fato lamentado por Jurandir: “Jogar futebol é uma ótima opção. Porém, a carreira acaba cedo. E depois? Vai viver como? É preciso pensar no que fará depois. Por isso tem que estudar”.

Opinião que é compartilhada pelos demais dirigentes botafoguenses. Na proposta do Botafogo, a escolinha surge como um veículo de promoção da cidadania, educação e do esporte, com ênfase nos aspectos lúdicos. Novamente, o esporte aparece como um instrumento pedagógico privilegiado no plano educacional, voltado à transmissão de regras e valores para crianças e adolescentes. “Os jovens precisam saber que existem regras e elas precisam ser obedecidas”, justificou Jurandir.

³⁹ A escolinha não permitia a participação de meninas. Segundo alguns diretores, é impossível misturar meninos e meninas nas mesmas atividades. Quando perguntei por que não agendavam horários específicos durante a semana para treinos com as meninas, um diretor justificou: “Não tem menina suficiente para formar um time”.

⁴⁰ A pipa foi presença freqüente nos céus de quase todos os recortes estudados, principalmente nos meses de junho, julho e agosto. Segundo Francisco, pai de Valter (96), menino de Guaianases, são os meses com os melhores ventos, além de chover pouco.

⁴¹ O que gerava, ocasionalmente, conflitos entre os professores e os pais dos meninos, que em alguns momentos exageravam nas reclamações.

Ismael, pai de um aluno da escolinha e que escutava a minha conversa com Juran- dir naquele momento, contou que o filho, antes mesmo de fazer 15 anos, roubara certa vez todo dinheiro de sua carteira. Soube depois que era para pagar uma dívida de futsal com outros moleques envolvidos com bandidos locais. Seu filho e os amigos tinham perdido uma partida apostada. Tiveram que entregar os tênis que calçavam na hora e mais R\$30,00 cada. Ismael depois preferiu trocar de assunto, comentando que o pior foi não saber quem era má influência: seu filho ou os amigos dele. Hoje conta com o orgulho que o filho mudou e vem treinando sério há mais de dois anos na escolinha: “Não só meu filho. Enrico, você precisa ver como esses meninos recebem bem nossos convidados, pessoas importantes mesmo... nunca tivemos problemas”, comentou.⁴²

Portanto, tal concepção da escolinha como um espaço de socialização e de sociabilidade para crianças e jovens é defendida pelos diretores, para quem a escolinha do Botafogo é um importante espaço promotor de sociabilidade comunitária, que supera, inclusive, as diferenças socioeconômicas entre os diversos frequentadores. Severo, diretor das categorias de base do Botafogo, enfatizou inúmeras vezes o trabalho desenvolvido junto à comunidade: “ajudamos a tirar crianças das ruas, das drogas e do crime, sendo que cobramos ‘módicos’ R\$5,00 de cada garoto para ajudar em algumas despesas da escolinha”.

No contato com a imprensa e a mídia, a função social da escolinha e sua preocupação em ajudar as crianças e jovens da região eram os principais objetivos destacados: “O que a gente faz aqui está no mesmo nível de trabalhos importantes aí, como o da Fundação [*Gol de Letra*] criada pelo Raí e pelo Leonardo”, afirmou o presidente Itamar ao produtor de um programa de um canal de TV a cabo. “Se todo jogador famoso fizesse um trabalho desse com as crianças pobres, o Brasil seria um país melhor”, comentou Gilmar, pai de um aluno, que criticou os jogadores que, ao ficarem ricos, esquecem que já foram pobres. “Veja o trabalho do Cafu, ele mantém uma ligação com as pessoas do bairro onde morava, os amigos, familiares”, afirmou Fernando, também pai de um aluno, entre outros jogadores que mencionou.⁴³

Se no contato com os veículos midiáticos destacava-se a função social do projeto, no contato com os pais a possibilidade de profissionalização é o principal elemento, destacado inclusive pelos diretores do Botafogo. Para além da preocupação com a ampliação do acesso das camadas sociais excluídas às atividades educativas e do fortalecimento dos laços de solidariedade entre os moradores do bairro, a diretoria do Botafogo sempre buscava enfatizar que almejava também a formação de jogadores por meio deste projeto social. Portanto, se na proposta do programa Mais Esporte, visto no primeiro capítulo,

⁴² Quando havia a presença de jornalistas realizando reportagens no campo do Botafogo, a animação dos alunos aumentava. Alguns chegavam a se oferecer para dar entrevistas. Percebi isso logo nos primeiros dias de observação, quando um garoto, de aproximadamente 14 anos, caminhou em minha direção e afirmou: “Se quiser, pode me filmar”. Familiaridade dos técnicos e das crianças e jovens com a mídia e os veículos de comunicação que pode ser explicada pelo crescente interesse despertado pela escolinha de futebol do Botafogo.

⁴³ Uma conexão com as esferas da pobreza e da classe trabalhadora valorizada por alguns dos interlocutores com os quais tive contato no dia da visita de Neto ao campo do Botafogo de Guaianases, ex-jogador e comentarista que, apesar de “endinheirado” e “celebridade”, não teria esquecido sua vida de pobreza no interior de São Paulo e ainda compartilharia de certos valores apreciados pelos trabalhadores (Guedes, 1982; 1998). Ver ANEXO 10.

a possibilidade de carreira é tida como exceção, na escolinha do Botafogo de Guaianases esse é um dos principais objetivos.

Com este fim, a diretoria do Botafogo fechou um contrato de parceria com o São Paulo F. C., assinado em setembro de 2007 no Centro de Treinamento (CT) do tricolor, no bairro da Barra Funda, com a presença do presidente Juvenal Juvêncio, dirigentes do clube e de alguns diretores do Botafogo de Guaianases: presidente Itamar, Severo, Luiz Moura e Edson. A proposta consiste no auxílio, por parte do clube do Morumbi, na formação de jogadores, com o empréstimo de materiais e instrumentos de treinamento, além da participação de profissionais do São Paulo nos treinos diários.

Severo Ramos, coordenador das categorias de base do Botafogo e articulador do vínculo com o São Paulo, era um dos mais animados com a parceria. Torcedor fanático do Santos F. C., Severo era visto, freqüentemente, vestindo a camisa do São Paulo. No evento em homenagem ao Dia das Mães, grande parte de sua fala foi sobre a parceria recém firmada com o São Paulo F. C. e os motivos para o atraso no início das atividades deste projeto. Argumentou, primeiro, sobre a seqüência de torneios e campeonatos⁴⁴ que as equipes das categorias de base do São Paulo enfrentaram no primeiro semestre de 2008 e que afastaram do Brasil por alguns meses os responsáveis⁴⁵ pela parceria. Em seguida, comentou que ocorreu um novo atraso devido ao período de eleição presidencial no São Paulo, o que preocupou os dirigentes do Botafogo, receosos de que um novo presidente e numa diretoria pudessem desistir da parceria:

Aí aquele “frio na barriga” e nós preocupados: “Meu Deus, se o nosso querido e amado Juvenal Juvêncio não ganhar a eleição e não continuar sendo o presidente do São Paulo, o que vai ser de nós aqui embaixo?” Porque essa parceria quem assinou foi o presidente, que viu graça em nós, graça em nossas crianças, na nossa comunidade e assinou o contrato sem nenhum problema.

Em seguida, Severo comentou sobre os amistosos que as categorias 94, 95, 96 e 97 do Botafogo disputaram contra as equipes da categoria de base do São Paulo no CT de Cotia no dia 27 de abril de 2008. Amistosos que teriam, segundo ele, fortalecido não só a parceria, como também a imagem positiva do clube Botafogo e das crianças e jovens do bairro de Guaianases. Após confirmar a vitória na eleição do presidente Juvenal Juvêncio, Severo reiterou que o bom comportamento das crianças da escolinha no CT de Cotia foi essencial para a agilização do início das atividades da parceria.

O pessoal do São Paulo manda dizer a vocês: “Parabéns pelo comportamento, parabéns pelo comportamento.” [...] Eu queria que levantassem a mão os pais que estiveram lá no São Paulo. Então, vocês merecem uma salva de palmas (palmas). Por que essa salva de palmas para vocês? Porque o Zé Geraldo [gerente de futebol do São Paulo] havia mencionado que um certo clube chegou lá às sete da manhã fazendo bagunça, baderna, barulho, que chegaram a acordar os meninos que [...] moram lá, então acabou sendo um incomodo para os demais garotos. Ele disse: “Então eu quero parabenizar você, porque ‘pai de primeiro mundo’ e ‘mãe de primeiro mundo’ tem lá no Botafogo”. E nós somos periferia, nós somos Guaianases e não somos bem vistos, não mesmo. O pessoal pensa que aqui a gente é malo-

⁴⁴ Foram citadas por Severo a Copa São Paulo de Futebol Junior e a Dallas Cup, nos Estados Unidos.

⁴⁵ Segundo Severo, o “professor Silva, coordenador da base, e o diretor Dr. Marcos Tadeu Novaes”.

queiro e baderneiro. Então, começa do Grêmio Botafogo de Guaianases, começa dos pais e mães da nossa escolinha e começa da nossa comunidade um incentivo a mais e também uma conscientização a mais daquele pessoal lá de cima que acha que em Guaianases só tem maloqueiro. Então eu fico lisonjeado e mais uma vez eu agradeço vocês a colaboração e parabenizo vocês (palmas).

Por meio do acordo, o São Paulo terá exclusividade num posterior intercâmbio dos jovens até 13 anos. Os meninos selecionados por profissionais do São Paulo nos campos do Botafogo realizarão testes e, se aprovados, começarão a treinar com o restante dos jogadores no Centro de Treinamento de Cotia, município da Grande São Paulo, que concentra todas as equipes das categorias de base do São Paulo e os jogadores em formação do São Paulo.

Contudo, a opção adotada pelo São Paulo em trabalhar apenas com os alunos com idade igual ou inferior a 13 anos desagradou muitos pais que tinham filhos de outras idades jogando na escolinha. Segundo o agente Renato, trata-se de uma medida que visa facilitar a formação dos jovens, em uma tentativa de padronizar o processo; “Para poder doutrinar na incubadora deles”, afirmou ele, que completou:

O São Paulo não quer pegar meninos acima de treze anos do Botafogo por quê? Eles querem doutrinar da maneira que o São Paulo entende futebol. E a partir dos treze ou catorze eles acreditam que fica mais difícil. Eles querem um menino criativo, mas querem também que o menino use a criatividade para fazer o gol, não para jogar bonito.

A restrição imposta pelo São Paulo segue, segundo Renato, um modelo de formação adotado pela maioria dos clubes brasileiros, que preferem investir nas crianças e jovens de menor idade, pois os mais novos “têm maior probabilidade de corrigir os vícios e se adaptar à tática do jogo”. Este não seria, porém, o único motivo: “Mas aí entra na questão da legislação. É mais complicado”.

Na legislação brasileira atual, conhecida como Lei Pelé,⁴⁶ o contrato profissional só pode ser assinado a partir dos dezesseis anos. Como não podem assinar um contrato em nome do garoto, os clubes assinam em nome do pai ou da mãe do jovem. Por isso é comum, segundo Renato, agentes de futebol “esconderem” os garotos menores de dezesseis anos: “Quando o menino faz dezesseis anos, pode assinar um contrato de cinco anos: três, com dois renováveis. Longo porque se o menino assinar um contrato de um ano e ele estourar nesse ano, ele pode sair daqui a seis meses”.⁴⁷

⁴⁶ Um dos temas mais debatidos ao longo da década de 1990 no Brasil foi a regulamentação da Lei do Passe (Lei 6.354/76) do jogador de futebol, que faz referência à relação entre jogador e clube, assinalada pela vigência de um contrato de trabalho de qualquer duração, acertada por ambas as partes. Porém, mesmo após o fim do contrato, o jogador permanecia vinculado ao clube, não podendo, assim, assinar com outra instituição. O jogador recebia o seu passe, o passe livre, somente aos 32 anos ou após atuar por mais de dez anos em um mesmo clube. A nova regulamentação atravessou diferentes gestões administrativas e projetos para enfim ser aprovada. A Lei Pelé (Lei 9.615, de 24 de março de 1998) extinguiu a lei do passe de forma gradual em 26 de março de 2001. Dirigentes, clubes e federações foram contrários à nova medida, pois, a partir de sua vigência, o jogador, ao término do contrato com o clube atual, pode assinar um novo contrato com qualquer outro clube que desejar.

⁴⁷ Segundo a Lei Pelé, o tempo mínimo de contrato é de três meses e o tempo máximo é de cinco anos. Nos últimos seis meses do contrato com o clube atual, o jogador pode assinar um pré-contrato com outra equipe. Ao final do contrato, ele está livre para jogar em outro clube, enquanto que sua equipe atual é obrigada a liberar este jogador sem receber qualquer valor. Se o clube quiser ter o jogador antes do término do contrato dele com a equipe atual,

Severo Ramos procurou, durante o evento em homenagem às mães, comentar sobre algumas destas questões da legislação para justificar as diretrizes do São Paulo e garantir o interesse do Botafogo na formação dos jovens acima de 14 anos: “com os 90, 91, 92, 93 nós temos interesse sim em fazer um trabalho”. Segundo Severo, alguns contatos foram travados no clube Rio Branco, da cidade paulista de Americana, no Palmeiras e no Corinthians para estas categorias. “Então eu quero pedir, fazer um apelo a todos os pais aqui, que têm os seus garotos na nossa escolinha, para ter paciência”.

Mas eram poucos os pais desconfiados. Animado com a parceria, Fernando, pai de um aluno da escolinha, comentou a importância da iniciativa do São Paulo: “Isso vai atrair crianças de toda a Zona Leste, coisa que o Corinthians conseguia e fazia antes”. Um projeto em Guaianases que, segundo Fernando, fará crescer o próprio São Paulo, pois intensifica sua atuação na Zona Leste, onde possui poucos contatos. “Não tem como. Sei lá, devem ser mais de 40 km daqui até o Morumbi. Com trânsito, umas duas horas ou mais”, calculou Fernando. Além disso, o clube do Morumbi investe contra a hegemonia do Corinthians na região. Isso foi possível perceber nos treinos do Botafogo, com uma visível diferença na distribuição das vestimentas: muitas camisas corinthianas dentro e fora de campo. Para Fernando, tal diferença só tende a diminuir:

Veja bem. Todos sabem que a maioria dos moradores da ZL é corinthiana. Por isso o São Paulo foi esperto. Não só está alcançando lugares que antes nem conhecia, como está ocupando uma região do Corinthians. Assim, conquistará também mais torcedores. O Corinthians tem o CT aqui pertinho, porém não faz esse tipo de trabalho que o São Paulo quer fazer.

Se, de um lado, o São Paulo teria poucas despesas com a parceria, o Botafogo, por outro, além de receber auxílio no trabalho com as crianças, receberia uma parcela financeira caso algum menino garimpado do Botafogo seja negociado com algum outro clube posteriormente. Portanto, para ambos os lados, o objetivo principal é revelação de novos talentos. Porém, a parceria, segundo Severo, teria uma preocupação social, pois as crianças, agora supervisionadas pelo São Paulo, tornar-se-iam melhores cidadãos.

Com a parceria, o Botafogo de Guaianases procurava, ainda, solucionar alguns dos recentes problemas que teve com saídas de alguns jovens que foram contatados por empresários de futebol no próprio campo do Botafogo. Embora muitos pais anseiem pelos contatos com empresários e agentes, o Botafogo procura coibir a presença de empresários em sua sede ou nos campos de treinamento, o que vem atrapalhando os planos do clube varzeano de agenciar jogadores, pelo menos no início de suas trajetórias, tecendo contatos com clubes e negociando os garotos.

Tal preocupação foi bastante abordada por alguns diretores em suas falas no evento em homenagem ao Dia das Mães. Principalmente no discurso do diretor Severo, responsável pelas categorias de base do clube:

terá que pagar a multa rescisória ou negociar um valor com o outro clube. “Foi o que aconteceu com o Kaká do Milan. Faltavam seis meses para terminar o contrato dele com o São Paulo. O Milan ofereceu oito milhões. Dinheiro fácil, porque em seis meses ia levar de graça. Então o São Paulo vendeu o Kaká”, comentou Renato.

Nós estamos sofrendo bastante com aquela garimpagem clandestina de garotos. Nós trabalhamos com os garotos e aí vem aquela garimpagem clandestina no nosso CT e acaba levando os nossos jogadores para clubes que nunca conheceram o garoto e que somente pegam quando o garoto está legal.

Mas nós estamos aqui começando um trabalho sério, um trabalho honesto, um trabalho transparente de nós diretores. E vocês fazem parte. Gostaria que vocês também fossem transparentes. Quando um vagabundo desse ligar na sua casa ou for na sua casa... porque os caras são tão canalhas que eles vão na tua casa, está certo? Eles vão na tua casa e te prometem um monte de coisas, prometem até reformar tua casa e tudo, por quê? Porque tem empresários atrás deles que bancam isso e de repente vocês entram nessa sem nem dar tchau para nós. Então, por favor, entre em contato com os professores, entre em contato conosco, fale para nós o que está acontecendo para a gente entrar em contato com o vagabundo.

Sabendo que o “mundo do futebol é muito estreito”, o Botafogo investiu na parceria com o São Paulo para catalisar sua inserção no universo espetacularizado. Vínculo que, segundo Severo, ajudará a enfrentar as investidas de empresários, que, segundo o coordenador, atuam de forma sorrateira, “atravessando” o trabalho do clube de Guaianases: “O Botafogo já revelou muito jogador que está por aí. Mas nunca recebemos nada, sempre fomos prejudicados, ou até roubados. Com a parceria, os garotos e os pais sabem que tem um clube grande apoiando e que ajudará na revelação de muitos talentos”, afirmou o diretor Adonias.

O papel dos pais de “parceiros do Botafogo” era algo freqüentemente reforçado pelos diretores do Botafogo, como pôde ser apreendido da fala de Severo na reunião do Dia das Mães, que optou por um discurso incisivo, revelando que as relações construídas com os familiares dos alunos vêm sendo, em alguns casos, abrasivas.

Eu estou preocupado com alguns pais que não são parceiros nossos. Estou muito preocupado. [...] Tem pai que vem aqui com cara de bobinho, de idiota, para usar o nosso clube. Eles usam nosso espaço, a gente pega esses meninos maravilhosos, o Sergio e o Chico [*professores da escolinha*] formam o garoto e daqui a pouco o pai simplesmente vai lá e fala: “É, eu estou tirando o menino porque o clube ‘tal tal’ me abriu a porta e eu vou lá”. Então não são parceiros, ok?

A gente queria no mínimo o respeito dos pais para quando acontecer isso, nos orientar: “Olha, fulano de tal veio na minha casa”. Tem que dar nomes aos bois porque nós temos os telefones de todos, todos esses que trabalham no mundo da bola, todo mundo tem o celular, todo mundo conhece, o mundo da bola é pequenininho e não adianta você querer enganar a gente porque lá na frente nós vamos descobrir que você também é um canalha [...] Por gentileza, eu gostaria da cumplicidade de vocês porque nós estamos fazendo de tudo gente, nós não estamos precisando mais de contato de ninguém. [...] Nós temos credencial para chegar no clube que a gente quiser e levar seu filho para fazer uma avaliação.

Para promover oportunidades profissionais às crianças e adolescentes de Guaianases e bairros próximos, o Botafogo participa de campeonatos e torneios municipais, espaços importantes, segundo Walter, pai de um aluno, pois permitem a visibilidade do trabalho dos filhos para um público específico: empresários, agentes, olheiros e dirigentes de clubes.⁴⁸ Em 2008, acompanhei os últimos passos do Botafogo na categoria

⁴⁸ O Botafogo foi campeão na categoria infantil em 2006 da Taça Cidade de São Paulo, organizada pela Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação (SEME), para as categorias de base das equipes de futebol amador,

Sub-16 deste campeonato, desde sua vitória por 2 a 1 diante da equipe Joerg Bruder, que classificou o clube para a etapa semifinal. Disputada contra o Paraisópolis, da Zona Sul da cidade, no campo do Eletroenergia na Vila Leopoldina, a semifinal foi decidida nos pênaltis, após o empate de 1 x 1 no tempo normal. Com a vitória, o Botafogo garantiu vaga para final do campeonato, que seria disputada no Estádio do Pacaembu, contra a equipe Goodyear, que vinha de uma vitória de 4 x 2 contra Franco da Rocha, no campo do Clube da Comunidade Nacional do Bom Retiro.

Programada para 9h30 do dia primeiro de junho, a partida final concentrava as atenções dos dirigentes botafoguenses. Contudo, sem aviso prévio para torcedores, a partida foi cancelada. Como eu, muitos se dirigiram até o Pacaembu naquela manhã de domingo e souberam no local que a partida fora adiada. Diversos torcedores ficaram indignados com a mudança repentina da data: “É uma falta de respeito com a gente e com os garotos que jogam. Já faz mais um mês de espera pela final”, comentou Élson, morador de Itaquera, bairro da Zona Leste.

Neste dia, conversei com um dos seguranças do estádio, que confirmou a suspeita de muitos: o jogo fora adiado por causa da chuva. “Eles têm medo que com essa chuva o jogo dos garotos detone o gramado novo. E tem jogo do Corinthians no próximo sábado”. O receio com a utilização do gramado nas condições climáticas daquele dia tinha uma justificativa: o campo acabara de passar por uma longa e cara reforma. O Pacaembu havia sido reinaugurado um pouco antes, após passar por uma grande reestruturação durante cinco meses e que incluía também a construção do Museu do Futebol no antigo setor administrativo do estádio. O gramado também fora reformado, devido ao desnivelamento do gramado e aos problemas na drenagem. “Você precisava ver quantos caminhões cheios de terra saíram daqui, mais de mil, com certeza”, comentou o mesmo segurança do estádio.

Na semana seguinte, no campo do Botafogo, soube como fora aquela manhã de domingo em Guaianases. A partir das 5h da manhã, o movimento no campo do Botafogo já começara. Pelo local, um festival de faixas, cartazes, bexigas brancas e pretas compondo o visual alvinegro da equipe. Crianças, jovens, pais e mães se dirigiam ao clube para esperar a chegada dos ônibus que os levariam ao Pacaembu. Por volta das 7h30, quando centenas de pessoas se preparavam dentro dos ônibus para a “viagem” até o estádio, os dirigentes do Botafogo foram avisados que a partida também não seria realizada naquele dia. Conversando com alguns pais, registrei algumas reclamações:

O que mais revolta é a desculpa, pois não estava chovendo muito, era uma garoa um pouco mais forte. Dava para ter jogado.

Tudo bem, passou por uma reforma. Mas se o sistema de drenagem é novo, por que o medo daquela chuvinha estragar o gramado? Então a reforma não foi tão boa assim e mais uma vez jogaram dinheiro público no lixo.

torneio no qual a disputa se dá em diferentes categorias: Pré-Mirim (sub-10) – a mais recente, criada em 2009 -, Mirim (sub-12), Infantil (sub-14) e Juvenil (sub-16).

Só fizeram isso porque era jogo da molecada, moradores da periferia. Se fosse um jogo dos times grandes, eles não cancelariam.

O Pacaembu é do povo de São Paulo, mantido com os nossos impostos, e assim é que somos tratados. Uma falta de respeito.

No domingo do dia 15 de junho, duas semanas após a data agendada inicialmente, a final foi enfim realizada. A torcida de Guaianases compareceu em um número muito maior que o da equipe Goodyear. Num jogo muito disputado e com os garotos de ambos os times visivelmente nervosos, o que foi confirmado pelo treinador Sérgio do Botafogo no vestiário depois da partida, poucas oportunidades de gol foram criadas, principalmente no primeiro tempo. No segundo tempo, o Botafogo acertou um chute de fora da área na trave. Um jogador da Goodyear foi expulso nos últimos quinze minutos. Com a partida encerrada, a disputa foi para os pênaltis. Os garotos Renato, capitão do time, e Marcelo do Botafogo perderam as cobranças. A equipe Goodyear venceu o Botafogo nos pênaltis, por 4 x 2.

Nos vestiários do Pacaembu, após a partida, a comissão técnica e jogadores davam entrevistas para jornais de bairro e emissoras de TV a cabo; alguns jovens cantavam enquanto tomavam banho; e os diretores tiravam fotos e conversavam no celular. Porém, o clima era de tristeza. Jonathas (92), atacante rápido e habilidoso, era um dos mais desanimados, escondendo o choro enquanto terminava de se vestir. Enquanto caminhava para o ônibus, contou: “Queria ter dedicado esse título para a minha mãe, ela merece. Vou realizar o sonho dela de ter uma casa própria”.⁴⁹

3.3.4) As relações entre futebol e política

Após a fala de Severo, o diretor e patrocinador Luiz Moura subiu ao palco. Primeiro, endossou as críticas levantadas pelo outro diretor. Contudo, utilizou grande parte de sua fala para comentar sobre a atuação de seu irmão como vereador e seus projetos para o clube Botafogo e o bairro de Guaianases. Propostas que só poderiam ser concretizadas com os votos dos pais ali presentes no vereador Senival Moura (PT), que tentaria um novo mandato nas eleições municipais de 2008.

Embora a escolinha de futebol fosse uma questão recorrente no discurso dos diretores do Botafogo, a participação destes no dia a dia do projeto era, segundo o coordenador Jurandir, desproporcional ao importante papel da escolinha no crescimento estrutural do clube como um todo, principalmente pela veiculação do projeto da Escolinha Comunitária em diferentes mídias. O que preocupava Doralice, mãe de Ítalo (92), que

⁴⁹ O primeiro contradom (Damo, 2007) do futebolista, de muitos ao longo da carreira. Como analisou Rial (2008, 39), a partir das falas de seus entrevistados em pesquisa sobre a circulação internacional de jogadores brasileiros, a “casa para a mãe”, ou família de modo geral, é a primeira grande aquisição da maioria dos jovens jogadores logo que começam a receber remunerações substanciais.

comentava só ver os dirigentes do Botafogo na escolinha “nos dias de reportagem e de televisão”. Uma reclamação inclusive compartilhada por outros pais.

Em uma tarde de quarta-feira, a mãe de um aluno da escolinha adentrou no vestiário utilizado por Jurandir como espaço administrativo para reclamar da falta de atenção que seu aluno vinha recebendo do clube e avisou que iria tirá-lo da escolinha. Jurandir perguntou qual era o motivo da reclamação. “Faz um tempão que nenhuma lotação passa no ponto lá perto de casa. Tenho que andar um bocado até o outro ponto para trazer meu filho aqui. Cansei, não trago mais”, afirmou a mãe do aluno.

Jurandir pediu para Neno, professor da escolinha, procurar e avisar o presidente Itamar, que naquela tarde comparecera à escolinha para supervisionar o conserto de um dos vestiários. Em poucos minutos, Itamar apareceu e Jurandir pediu à mãe do aluno que explicasse novamente os motivos da reclamação. O presidente Itamar, em seguida, assegurou: “Minha senhora, pode ficar tranqüila que hoje mesmo falarei com o nosso amigo Luiz Moura, da Transcooper. Ele e o vereador Senival vão resolver isso e vocês terão novamente as lotações”.

As relações entre clubes de várzea e lideranças políticas já tinha sido observadas no CDM Cidade Líder, porém ganhavam no Botafogo de Guaianases outros desdobramentos, ligados diretamente à vida cotidiana do bairro. Algo que não é recente nas articulações entre futebol de várzea e política, como lembra Seabra (2008, 140-141):

O clube, o futebol e a política formam uma unidade problemática que acompanha a modernidade desde a origem e compreende uma estruturação que vai do nível local ao internacional, na qual o clube de bairro chegou a ser o nível mais elementar. Pois, quando a população proletária se acomodava nos arrabaldes da cidade, formavam-se lideranças locais que se envolviam com o futebol em São Paulo [...] Portanto, os clubes, organizações voluntárias, que se formaram em profusão, serviam também à organização da vida civil e política.

Para Buguinho, presidente do clube Princesa, este vínculo sempre foi algo rotineiro no futebol varzeano, embora tenha afirmado que não gostava de misturar futebol e política. “Eu particularmente nunca me envolvi muito com vereador. O único vereador que a gente acabou se envolvendo foi o Guilherme Gianetti. Nas vezes em que ele ganhou, eu trabalhei para ele. Mas sem usar o time”. Segundo Buguinho, um vereador, por exemplo, pode auxiliar uma equipe de futebol de várzea de diversas formas.

Na realidade, ajuda mais na promoção. Fazendo festivais, dá os troféus. [...] Aí você aproveita e fala: “Olha, nós estamos trabalhando para esse vereador.” Mais nesse sentido. [...] Porque a gente tem um certo domínio sobre os jogadores: “Pô, esse cara aqui deu isso para o time.” Algum voto você consegue. [...] A maioria não tem um candidato assim definido, sempre pega em cima da hora um santinho.⁵⁰

O agente de futebol Renato apontou que se trata de um auxílio para a compra de equipamentos que poucos clubes conseguem adquirir sozinhos. Para os candidatos, isso representa um ótimo custo-benefício, pois “por um preço super barato, um jogo de uni-

⁵⁰ Santinho é uma forma de propaganda política impressa em pequenos folhetos, com as informações sobre o candidato (nome, número e retrato), e distribuída durante o período eleitoral. O termo santinho faz referência a uma tradicional prática católica de distribuir pequenos papéis com imagens de santos.

forme, que ele pode até arrumar na prefeitura, tem um retorno enorme”. Retorno esse muito disputado por vários candidatos nos clubes dos bairros periféricos paulistanos, que “reúnem certo número de pessoas e têm certa importância nos bairros, então para todos os vereadores é importante que estejam ligados ao clube”.

No Botafogo, contudo, as alianças não se resumiam a estas contribuições pontuais, como foi possível observar durante o discurso de Luiz Moura na reunião em homenagem ao Dia das Mães. Muito conhecido no bairro, ele era a voz que representava Senival Moura (PT) nas reuniões de diretoria do Botafogo:

Bom, eu queria começar minha fala, primeiramente, sem dúvida nenhuma, parabenizando todas as mães pelo seu dia em nome do vereador Senival. Em nome de uma pessoa que muito tem ajudado, muito colaborado, não só com vocês aqui do Botafogo, mas em muitas entidades, associações de bairro e as classes sociais mais baixas do nosso bairro, da nossa periferia de Guaianases.

Segundo o agente Renato, o vereador Senival é uma figura importante na região, cuja ascensão política é muito recente: “Quando eu aparecia nas férias eu via Senival nas camisetas e falava: ‘O quê que é Senival?’, ‘Quem é Senival?’”. Quando retornou de Londrina, acreditava que o vereador teria muito interesse em suas propostas relacionadas ao universo futebolístico do bairro. “De tanto ver, já fiquei com o nome na cabeça. Então, quando eu voltei aqui pensando em mexer com futebol, fui procurar quem? Senival”. Porém, nunca conseguia contato com o vereador, com tentativas sempre barradas pelos assessores. Posteriormente, por meio do Botafogo, teve contato com Luiz Moura e percebeu que esta era melhor forma de se aproximar de Senival.

Irmão do vereador, Luis era o principal patrocinador do clube, por meio da sua cooperativa Transcooper. Além de uma ajuda mensal ao clube, Luis garantia o transporte das equipes e torcedores aos jogos em outros lugares da cidade, como pude observar nas finais que as equipes das escolinhas do Botafogo disputaram no Pacaembu, quando diversos ônibus e lotações foram mobilizados. Embora esta, como as demais contribuições da Transcooper, era sempre creditada ao vereador Senival.

Nós temos a final no dia vinte e quatro. É a final do 91, não é isso? Nós temos a final do 91. Nós vamos pôr aqui, à disposição de vocês, quantos ônibus necessitarem (palmas). Para que vocês possam assistir aí os seus filhos jogando futebol, estarem prestigiando aqui a final de um campeonato importante como este. Nós podemos estar deslocando daqui até lá para prestigiarmos os nossos garotos. Então o compromisso está fechado, Itamar, firmado aqui. Vocês façam a relação para ver quantos ônibus vão precisar, que o vereador Senival vai mandar. Vai garantir o transporte dessas pessoas até o Pacaembu, está bom gente? (palmas).

Entretanto, Senival não era a única figura política evocada no evento. Luis procurava também destacar sua atuação como dirigente do Botafogo. Embora não confirmasse, alguns diretores do Botafogo davam como certa a candidatura de Luiz Moura para deputado estadual na eleição de 2010. Em suas falas, revelava a origem humilde, a ligação com o bairro e o orgulho de morar da periferia. “Dizem que aqui só tem bandido, só tem maloqueiro e a gente vê que aqui não tem nada disso. Nós somos moradores daqui. Nós enxergamos que aqui só tem pai de família, trabalhadores e gente que tem respeito

um pelo outro”. O orgulho de ser da periferia, contudo, não impedia Luis de desejar que os garotos do bairro consigam sair da periferia: “Com certeza nós vamos abrir as portas, vamos fazer que esses garotos se insiram no mundo do futebol. Vamos fazer com que esses garotos entrem nos grandes clubes da Europa e do mundo”.

Este seria o papel do Botafogo e de sua escolinha de futebol: investir na carreira dos jovens de Guaianases e outros bairros da região. “Quantas e quantas vezes escuto: ‘Mas meu filho é melhor que esse cara e não tem oportunidade’”, afirmou Luiz Moura durante o evento. “Infelizmente é assim que funciona o mundo da bola. Ele tem que ter por trás dele uma grande pessoa, um grande parceiro” completou Luis. Este “apadrinhamento”, segundo o diretor, seria uma das “ações sociais” que o clube vem organizando no bairro. Projeto que, nas palavras de Luiz Moura durante o evento do Dia das Mães, só pôde ser realizado devido ao indispensável apoio de um político local:

Nós não podemos nos esquecer de quem nos deu essa condição. Quem está por trás de tudo isso é o vereador Senival. [...] Hoje a gente sabe que o vereador Senival é um dos vereadores que mais tem projetos sociais na Câmara Municipal. É um dos vereadores que mais tem atuação dentro da Câmara Municipal. Isso para nós é um orgulho, que somos de Guaianases. Hoje, se não me engano, acho que é a quarta reunião que nós fazemos com os pais e com as mães. É o vereador Senival trazendo, para nossa periferia, entidades, categorias, agremiações, associações de bairro. Então nós vemos a preocupação e o compromisso que esse vereador tem com a periferia da cidade. Então nada disso seria possível, se não fosse o grande amigo, filho de Guaianases, sangue do nosso sangue, o vereador Senival.

O envolvimento dos dirigentes do Botafogo com vereadores e lideranças políticas locais era um tema que Luiz Moura comentava de forma franca, independente de quem estivesse na roda de conversa naquele momento. “Faço política mesmo, pois ela é necessária” comentou certa vez, ao relatar as críticas que recebera do diretor de outro clube da região. Argumento semelhante ao de Severo em sua fala durante o evento:

Fazem política sim, mas eles ajudam. Por isso eles têm credencial para chegar aos nossos pais aqui e falarem o que quiserem. Porque os que eles falam é benção para nós. É benção para os nossos pais. É benção para os nossos filhos, que se não tivessem uma parceria bacana com política, com a Transcooper, com o vereador Senival, nós não estaríamos do jeito que estamos. Nem campo o Botafogo teria.

Questões políticas que o diretor e patrocinador Luiz Moura fez questão de expor aos pais dos alunos durante a reunião, explicitando a importância dos votos dos pais ali presentes para a reeleição do vereador Senival em 2008 e, por conseguinte, para o fortalecimento do trabalho realizado pelo Botafogo em sua escolinha de futebol. Ao mesmo tempo, Luis enfatizava que as contribuições de Senival Moura não poderiam ser resumidas somente a uma prática clientelística pontual. “Não só na época de eleições. Nós estamos aqui há sete anos e continuaremos com vocês até quando Deus quiser”. Para Buguinho, esse era um dos diferenciais do Botafogo em relação às alianças políticas de outros clubes varzeanos, cujos vínculos com autoridades políticas municipais são construídos e reforçados principalmente em anos de eleição: “No Botafogo, essa parceria não para, ela continua mesmo em ano sem eleição”.

Além disso, Buguinho ressaltou a importância política da Escolinha Comunitária, onde o contingente de votos pode ser multiplicado. Algo pouco explorado por outros candidatos, segundo o presidente do Princesa: “Os políticos perdem uma grande oportunidade. Se você agrada meu filho, você está agradando a mim. Eles não têm essa visão, que sairia bem mais barato se arrumassem uma quadra para pôr as crianças. Atrás das crianças vêm os pais, tios, avós”.

Se para Buguinho este seria outro diferencial do Botafogo de Guaianases em relação aos demais clubes e candidatos, seu filho Renato considera um desperdício: “Eles não têm idéia do mercado que é o futebol e do mercado que é o Botafogo, a força do Botafogo, a influência que o Botafogo tem. Meninos da Cidade Tiradentes e do Jardim São Paulo vêm treinar aqui. De tudo que é lugar”. Para o agente FIFA, os diretores e políticos ligados ao clube sabem utilizar o fascínio pelo futebol, mas estão “usando a marca esportiva sem saber o poder que isso tem”.

3.3.5) Encerramento do evento do Dia das Mães

Pouco antes do final da fala de Luiz Moura, a última da reunião com os pais dos alunos, Severo retornou ao palco para apresentar a reivindicação que um pai fizera momentos antes, bem ao meu lado. “Um pai me chamou ali e disse: ‘Severo, porque que o Botafogo de Guaianases não tem um site para que a gente possa entrar, para que o Brasil entre no site do Botafogo em nome da escolinha?’”.

Mesmo surpreso com tal intervenção, Luiz Moura nem esperou que Severo terminasse a fala e prometeu que investiria na criação do site: “Vamos fazer o seguinte: nós vamos contratar uma pessoa formada em informática que vai desenvolver o site do Botafogo (palmas)”. O pai que fizera o pedido aplaudia animado e comentava com outros pais: “É isso aí, ele nunca nos deixa na mão”.

Ao final do evento, os diretores do Botafogo distribuíram centenas de rosas para as mães e pais presentes, como frisou o presidente Itamar no momento da distribuição: “o vereador Senival mandou um presentinho para vocês. E nós não podemos esquecer: é uma rosa para cada mãe e para quem é pai também, pai também merece, tem muito pai que é mãe”. No enfeite que cobria as rosas, fora anexado um cartão, no qual havia uma oração dedicada à data e o nome do vereador Senival Moura e o símbolo do PT.

Encerrada a festa, quando todos os pais e mães já haviam deixado a sede do Botafogo, o santista Severo convocou os demais diretores para uma confraternização no boteco ao lado da sede do Botafogo: “Vamos lá rapaziada, comer alguma coisa e ver o Corinthians perder na segunda divisão”.⁵¹ Enquanto assistíamos ao jogo na televisão, Se-

⁵¹ Naquela tarde de sábado, o Corinthians disputou a primeira partida da série B do Campeonato Brasileiro e venceu o CRB de Alagoas.

vero e Luiz Moura conversavam sobre os compromissos com o vereador Senival Moura agendados para aquele fim de semana: “O Senival é muito ocupado, tem uma agenda cheia nos finais de semana. Só com futebol, por exemplo, tem que visitar jogos de várzea, inauguração de campos e de escolinhas de futebol, torneios de futebol de salão, e outras mais”, comentou Severo. “Mas é um puta esforço que vale a pena”, completou Luiz Moura: “O Botafogo vai crescer junto com o Senival”, afirmou.

Não fora a primeira vez que eu presenciara conversas sobre os planos de crescimento do Botafogo. Em outras ocasiões, alguns membros da diretoria comentavam sobre a possibilidade de ingressar, num futuro próximo, na última divisão do Campeonato Paulista de Futebol.⁵² Para Buguinho, pai de Renato, a profissionalização é um objetivo que pode ser alcançado devido ao crescimento do Botafogo nos últimos vinte anos. Oportunidade que, segundo Buguinho, o rival Guaianases F. C. poderia ter aproveitado em outra época:

Se o Guaianases fosse um time com uma diretoria de visão, o quê ele faria? Ele reformularia o seu campo, daria prioridade ao Botafogo, que no caso era o time com mais nome. O Guaianases, quando foi campeão, estava a um passo da terceira divisão. Dependia de um campo de futebol. Então bastava arrumar patrocinador: “Reformamos aqui, fazemos uma arquibancada para cinco mil lugares.” Era o suficiente. O campo não está muito difícil de gramar e de pôr alambrado. Mandava jogar ali a terceira divisão. Aí depois se fazia outro campo. Se você passa para segunda divisão, é outra etapa.

Para os diretores do Botafogo de Guaianases, a profissionalização só precisa ser confirmada “na papelada”, pois o time há tempos já deixara de ter “uma mentalidade amadora” e se tornara “um clube moderno”, nas palavras do diretor Edson. Isso era possível perceber nas falas de outros diretores sobre a participação do clube no Campeonato Paulista de Futebol Amador de 2008.⁵³ Ao mesmo tempo em que enfatizavam a amplitude de um campeonato destinado a jogadores amadores, os dirigentes ressaltavam “a cara de campeonato profissional” do evento, nas palavras de Severo. “Tem execução do Hino Nacional, segue as regras da FIFA, a escalação da equipe tem que ser anunciada antes na porta do vestiário e outras coisas. Só a duração do jogo é menor, senão os caras

⁵² O Campeonato Paulista, organizado pela Federação Paulista de Futebol (FPF), tem quatro divisões: a Série A1, Série A2, Série A3 e a Série B, conhecida popularmente como 4ª Divisão.

⁵³ O 2º Campeonato Paulista de Futebol Amador realizado em 2008, contou com a participação de 128 equipes da cidade de São Paulo. Organizado pela Secretaria de Esportes da cidade de São Paulo (SEME) junto com a Federação Paulista de Futebol (FPF), o torneio foi disputado entre os meses de agosto e novembro, inicialmente com 32 grupos, para que o maior número possível de equipes participasse.

não agüentam”.⁵⁴ Uma sonhada “profissionalização” que Luiz Moura revelou a todos os presentes na reunião do Dia das Mães.⁵⁵

Crescimento esse catalisado pela articulação da agremiação botafoguense com diversas práticas cotidianas – políticas, midiáticas, educacionais, comunitárias – acionadas não só no bairro, como também para além dele, alcançando outros planos citadinos. A escolinha de futebol do Botafogo de Guaianases, especificamente, vem ocupando uma posição de destaque no cenário paulistano de formação de jogadores de futebol, como alguns diretores fizeram questão de frisar ao longo do evento do Dia das Mães. Para o diretor Severo Ramos, “falta pouco para o Botafogo e o bairro de Guaianases serem um celeiro de craques tão famoso quanto o Pequeninos do Jockey. Vamos ganhar mais títulos que o Pequeninos”, uma comparação que apareceu diversas vezes o longo da pesquisa em alguns dos recortes pesquisados. Assim, percebi que era necessário compreender o diferencial do Pequeninos do Jockey, citado por alguns atores como centro de referência na formação de jovens jogadores.

3.4) “A DIFERENÇA É UMA CIDADE INTEIRA”: PEQUENINOS DO JOCKEY E REAL MADRID

O trabalho no Pequeninos do Jockey surgiu como potencial recorte a partir das falas dos sujeitos da Cidade Líder e de Guaianases, que ocasionalmente faziam referência ao Pequeninos e suas atividades futebolísticas. Deste modo, como não problematizar o trabalho realizado no Pequeninos do Jockey – sediado próximo de Taboão da Serra (SP), na zona sul de São Paulo –, para compreender as redes observadas na Zona Leste, visto que o Pequeninos era mencionado constantemente como entidade de referência no ensino de futebol para crianças e jovens, bem como no trabalho de formação e direcionamento dos garotos? Assim, a admiração e o respeito que a escolinha de futebol do Pequeninos despertava nos principais interlocutores fizeram com que eu tentasse uma aproximação,⁵⁶ para observar o trabalho ali desenvolvido.

⁵⁴ Deste modo, amador-profissional e tradicional-moderno ora aparecem como benefícios, ora malefícios, de acordo com o contexto. Uma discussão que perpassa uma possível estrutura paradoxal, que seria, para Helal (1997), o dilema do futebol brasileiro: profissionalização dos jogadores na década de 1930 e permanência do amadorismo dos dirigentes. O que, segundo o autor, implicou um “processo incompleto de modernização estrutural da organização do futebol no Brasil” (1997, 118). A “convivência estrutural de duas éticas opostas na base da organização deste esporte” (Helal, 1997, 42) seria a principal explicação para o dilema brasileiro. Interpretação criticada por Proni (2000, 169), para quem há mais em jogo do que uma tensão entre moderno e tradicional, pois “o ‘ideal modernizante’ vai sendo redefinido com o passar do tempo, do mesmo modo que a tradição pode ser recorrentemente reinventada”.

⁵⁵ “Nós sabemos que o Botafogo um dia será um clube de televisão. Nós temos certeza disso. O Botafogo um dia estará lá na primeira divisão, no Campeonato Paulista, na Taça Juniores. E nossos garotos aí nesses campeonatos. A gente tem certeza que o futuro desses garotos será promissor [...] nós estamos torcendo, talvez não tanto quanto um coração de mãe ou um coração de pai, mas nós vamos estar do lado torcendo sem interesse algum. É obvio que se um garoto desse crescer, nós vamos tentar trazer recursos para fazer os outros irem junto com ele. Não fazer com que um suba e o resto fique na desgraça e na miséria aqui”, discursou Luiz Moura.

⁵⁶ O Pequeninos do Jockey tornou-se um recorte a ser observado por meio da intermediação de Alexandre Kishimoto, colega de pós-graduação do PPGAS da USP, que me passou os contatos de José Guimarães, presidente do clube.

3.4.1) “Bom de bola, melhor na escola”

Criado em 1970 pelo ex-turfista José Guimarães Junior, que trabalhava no setor administrativo do Jockey Clube de São Paulo, o Pequeninos iniciou seu trabalho com os filhos de funcionários do Jockey.⁵⁷ No salão principal do clube, os troféus dividem espaço com recortes de revistas e jornais brasileiros e internacionais que relatam as façanhas do time nos países europeus. Vencedor de diversos campeonatos e torneios nacionais, é reconhecido em diferentes partes da cidade por seus inúmeros títulos internacionais, principalmente nos campeonatos infanto-juvenis disputados nos países escandinavos todos os anos no mês de julho: Dana Cup, Gothia Cup, Helsinki Cup e Norway Cup.⁵⁸ Esta internacionalização e a conquista destes títulos eram os principais fatores que causavam a admiração de vários atores aqui pesquisados e, também, eram os aspectos mais destacados por José Guimarães, presidente do Pequeninos, e David, responsável pelo departamento de comunicação da entidade.

Junto a estas lembranças nas paredes, somam-se imagens de diversos jogadores profissionais que passaram pelo clube quando jovens, entre eles Zé Roberto, Edu Manga e Júlio Baptista,⁵⁹ a maioria destes com passagens pelas categorias de base do São Paulo F. C., clube preferido pelo presidente para encaminhar os jovens, por diversos fatores – estrutura, seriedade e respeito aos jovens –, além de ser o clube mais próximo ao Pequeninos, visto que as categorias de base do tricolor treinam em Cotia.

Nas paredes da entidade, frases como “bom de bola, melhor na escola” ou “se nem todos saem daqui jogadores, pelo menos se formam cidadãos, respeitando o próximo, sendo honesto e solidário”. Para alcançar este objetivo, o desempenho escolar é acompanhado pelos funcionários e professores da associação de futebol infanto-juvenil.

Segundo David e Guimarães, a escolinha não é lucrativa e esse não é o principal objetivo. Se fosse, afirmou Guimarães, não daria tantos descontos ou isenções nas mensalidades dos garotos. Segundo Guima, como é chamado pelos colegas, a renda do

⁵⁷ Com sua sede principal localizada na Rua **Santa Crescência, 323, próximo à cidade de Taboão da Serra, conta ainda** com mais dois centros de treinamento: uma unidade **na Av. Pirajussara e outro na Rua Frei Bonifácio Dux, ambas na zona sul da cidade.**

⁵⁸ A dinamarquesa Dana Cup, por exemplo, na qual o Pequeninos estreou em 1982, é disputada por mais de 700 equipes de diferentes países; no torneio sueco Gothia Cup, iniciado em 1975, que em 2006 contou com a participação de 1.456 equipes de 60 países; a Helsinki Cup, na Finlândia, criada em 1976, que já no primeiro ano contou com 211 times de cinco países; a Norway Cup, disputada na capital Oslo, começou em 1972 e hoje conta com a participação de 1.500 times de 45 países. Em 1984, o Pequeninos do Jockey disputou por uma única vez a Dalecarlia Cup, na cidade sueca de Borlänge.

⁵⁹ O jogador Zé Roberto, que mesmo morando no outro extremo da cidade, no bairro São Miguel, da Zona Leste, jogou no Pequeninos dos sete anos até os dezesseis anos, até ser contratado pela Portuguesa de Desportos, clube no qual estreou como profissional em 1994, seguindo já no ano seguinte para o futebol europeu e jogando, principalmente, em clubes alemães; o meio de campo Júlio Baptista, que jogou no São Paulo F.C. entre os anos de 2000 e 2003, para em seguida se transferir ao futebol espanhol e ser convocado diversas vezes para a Seleção Brasileira, onde conquistou os títulos da Copa América de 2004 e de 2007; André Luis, lateral-esquerdo que iniciou a carreira no São Paulo F. C., onde foi bi-campeão da Taça Libertadores em 1992 e 1993, e posteriormente jogou em clubes da França e da Espanha, com passagens pela Seleção Brasileira durante a década de 1990; o ex-jogador Serginho Fraldinha, que atuou pelo Santos F. C. no começo da década de 1990; e o **ex-jogador Edu Manga, meia-esquerda do Palmeiras e com algumas participações na Seleção Brasileira na década de 1980.**

Pequeninos vem de diferentes fontes: cobrança de mensalidades; doações de amigos, ex-alunos e empresários; realização de eventos.⁶⁰

Divididos em diversas categorias (“mamadeira”, “fraldinha”, “dentinho”, “dente de leite” e “dentão”), mais de 180.000 garotos, nas contas de Guimarães, já passaram pela entidade, que atende atualmente mais de 1.000 alunos. A maioria reside em áreas próximas, porém alguns moram em regiões mais distantes, inclusive em bairros periféricos da Zona Leste. Em Itaquera, um dos freqüentadores do CDM Cidade Líder me apresentou a Felipe (95), seu vizinho, que há um ano freqüentava o Pequeninos. Apesar da distância, Felipe afirmou não perder um treinamento: “Estando lá, tenho mais chances de entrar num clube grande, tipo o São Paulo. Vários já fizeram testes lá”. Encontrei o garoto apenas uma vez. Quando tentei um segundo contato, soube que a família havia se mudado para uma casa ao lado da favela de Paraisópolis, pois o pai trocara de posto administrativo dentro dos Correios, onde trabalhava, para um lugar mais próximo ao Pequeninos.

O trabalho do Pequeninos alcança, ainda, outras cidades, principalmente o município de Taboão da Serra, localizado na Região Metropolitana de São Paulo. Em nossas conversas, David, morador e entusiasta de Taboão da Serra, discorria sobre os jovens e velhos talentos que nasceram e surgiram em sua cidade.⁶¹ Orgulho que se esvaía ao comentar sobre o fim dos campos de várzea na região e a politicagem que circunda o cenário futebolístico de Taboão, principalmente envolvendo o prefeito do município, Evilásio Farias (PSB). Uso do dinheiro público para pagar a publicidade de alguns times de várzea da cidade e compra de vaga na Copa São Paulo de Futebol Junior de 2007 para o C. A. Taboão da Serra, eram algumas das denúncias vinculadas ao futebol local que David levantou durante a conversa.

Em seguida, citou trechos do conto “O Manco”, de Plínio Marcos (um dos seus escritores preferidos), que narra as peripécias de Manco, um apaixonado pelo futebol varzeano da cidade de Santos. Caçado pelos amigos por ser “perneta” jogando bola e relegado às funções contábeis nas equipes de várzea, Manco decidiu se tornar dono de um time. Apareceu com um jogo de camisas, depois um saco de chuteiras e meias, criando desconfianças do pessoal da várzea, pois Manco era funcionário de salário mínimo. Com equipamentos em mãos, passou a assediar os bons de bola do bairro e desfalcou os outros times da várzea santista. Manco e seu time ficaram invictos um ano inteiro. Para comemorar, organizou um festival varzeano. Convencido da qualidade do seu time, Manco convidou a equipe mista do Jabaquara, antigo rival do Santos de Pelé. No trecho abaixo, assim Plínio Marcos finaliza seu conto

⁶⁰ Porém nem sempre é o suficiente. Tanto que há tempos alguns dos treinadores e preparados das equipes são pais de alunos que realizam trabalho voluntário no clube.

⁶¹ Pode-se mencionar o meio de campo Peter, que passou por diversos clubes, entre eles o Sport do Recife, Grêmio de Porto Alegre, Figueirense, Portuguesa de Desportos e União Leiria, de Portugal; o atacante Rodrigo Tiuí, criado na periferia de Taboão da Serra, que jogou pelo Fluminense, Santos e Sporting, de Portugal; e o atacante Vinícius, que jogou pelo Clube Atlético Taboão da Serra na Copa São Paulo de Juniores, mas começou a carreira no Pequeninos do Jockey. “[Vinícius] Foi uma das principais revelações do Pequeninos numa das viagens para a Europa, nos torneios na Finlândia, Noruega, Dinamarca e Suécia. Inclusive, o Pequeninos bancou toda as despesas da viagem, pois ele vem de uma família humilde de Osasco”.

Foi lenha. No dia do festival, os leões se comeram. Quando chegou a hora do pega-pra-capar, time do Manco contra o Misto Jabaquara, teve um esquinapo. Mal o time do Manco pisou em campo, a enorme torcida que juntou pra ver o racha se assustou: do outro lado do campo, a policia entrou com tudo, pra valer. Só o Manco entendeu; quis cair fora, mas não deu: foi em cana. Nem teve jogo. A moçada foi pra delegacia buscar o dono do time, mas não teve arreglo. O delerusca explicou: “A gente estava na captura desse manco há muito tempo. Ele é ladrão. Só hoje pudemos ferrar o lalau”. Na prensa, o Manco se entregou, justificando:

- Poxa!, como é que eu ia manter o time?⁶²

Práticas ilegais essas que, segundo David, existem em diferentes planos futebolísticos: na várzea, na atuação dos políticos, dos empresários de futebol e dos dirigentes dos clubes profissionais. “Tanto cara querendo se dar bem em cima da gente, empresário e dirigente, um pior que o outro. Mas já estamos experientes, passamos por muitos apuros nessas viagens para os torneios da Europa”. Experiência em campeonatos internacionais que só os grandes clubes podem, com raras exceções, afirmar que têm. Enquanto isso, tantos outros clubes, escolinhas e times varzeanos, investem em participações nos inúmeros torneios regionais realizados ao longo do ano em diversas cidades brasileiras. No próximo tópico, acompanharemos a escolinha Real Madrid, de Ferraz de Vasconcelos, em sua viagem para São Lourenço (MG), ponto final da rede.

3.4.2) “Um por todos, todos por um. Um, dois, três... FERRAZ!”

Em abril de 2008, retomei contato com o professor Oscar, da escolinha Real Madrid de Ferraz de Vasconcelos, que conheci no campo do Guaianases F. C., em um dos dias da peneira organizada por Renato. Fundada em maio de 1997 pelo professor Oscar e localizada no Jardim Castelo Branco, a Comunidade Real Madrid de Futebol tem como objetivo, segundo ele, realizar um trabalho social junto à comunidade e aos menores carentes de Ferraz de Vasconcelos. “Não cobramos mensalidade ou qualquer outra quantia dos garotos. É um trabalho sem fins lucrativos” afirmou o professor, conhecido na região por ter sido um ótimo jogador de futebol de várzea.⁶³

Oscar afirmou diversas vezes que não pretendia ganhar dinheiro revelando jogadores em Ferraz. Disposição que revelara anteriormente a Renato, ainda no primeiro contato que tiveram: “Na primeira vez que eu falei com o professor, comentei sobre uma parceria. Ele falou que não se importava, para ele os meninos saindo de lá estava ótimo, já era retorno pessoal”. Inclusive, fazia questão de direcionar os garotos para outros clubes da região, como o Botafogo de Guaianases e o Suzano. Isso acontecia com frequência, pois, segundo Renato, “os melhores meninos acabam sendo dali porque ele trabalha bem os meninos”.

⁶² Extraído do site <http://www.bethynha.com.br/plinio-obras.htm>.

⁶³ Segundo Tânia, esposa de Oscar, a escolinha é mantida por meio da ajuda financeira de algumas entidades da região, assim como de doações de equipamentos, roupas e mantimentos.

Após algumas visitas à escolinha, Oscar comentou que estava acertando os últimos preparativos para a Copa São Lourenço em Minas Gerais.⁶⁴ Com o consentimento do professor, decidi viajar junto para acompanhar o torneio, disputado na cidade de São Lourenço nos quatro dias do feriado de Corpus Christi, entre os dias 22 e 25 de maio. Neste último tópico, abordarei a viagem dos garotos de Ferraz para a disputa do torneio em São Lourenço, a partir das observações que fiz durante as partidas e no alojamento.

A viagem estava programada para a manhã de quarta-feira, um dia antes do início do torneio. Avisado que não poderia viajar no ônibus por falta de espaço, fui de carro até a casa de Oscar na manhã da viagem. Cheguei por volta das 6h e tudo estava quase pronto. Faltava apenas arranjar espaço no ônibus lotado para alguns colchonetes.

Além dos cinquenta garotos da escolinha, viajaram: Oscar, Tânia e suas duas filhas; Kelé, funcionário público de Ferraz e assistente técnico de Oscar; três pais e a mãe de um dos garotos. Entre tantos rostos desconhecidos, reconheci Renan (92). Morador da Cidade Tiradentes, bairro da Zona Leste paulistana, Renan fora aprovado por Renato na peneira em Guaianases. Meio-direita de origem, mas deslocado por Renato para a posição de volante, Renan começou a treinar na escolinha de Ferraz por sugestão de Renato, que gostava do trabalho realizado por Oscar. Aquela seria sua primeira viagem.

Quando todos já estavam dentro do ônibus, o professor me pediu que levasse no carro algumas das bagagens. “E tem outras malas também” disse, apontando para Alan (91), Wellington (91), Bochecha (92) e o pequeno Bernardo (96). Durante a viagem, os três mais velhos conversaram sobre vários assuntos: chuteiras, desempenho em outros torneios, participação em peneiras e, principalmente, sobre garotas. Comentara sobre suas supostas traições e sobre as garotas do bairro “pegáveis” e “não pegáveis”: “Que nem a Gisele.⁶⁵ Ficou grávida e ninguém mais quer saber”, disparou Alan durante a conversa. Calado, encostado no banco, Bernardo não participava da conversa. Após a parada do ônibus em um posto de gasolina, peguei a filmadora no porta-malas do carro e entreguei a Bernardo, que filmou parte da viagem.

Chegamos a São Lourenço por volta das 15h. No centro da cidade, Oscar ligou para Antonio Carlos, um dos organizadores do torneio e dono da escolinha de futebol Vasquinho de São Lourenço. Segundo o organizador, o campeonato é mantido por clubes e escolinhas da cidade, com ajuda da Secretaria de Esporte do município. Antonio Carlos, durante nossa conversa no dia seguinte, relatou os objetivos do evento: “Além de promover uma integração entre atletas e diferentes lugares e de contribuir para a formação deles como cidadãos, um dos objetivos é enriquecer a própria prática esportiva, trabalhar questões técnicas e táticas, e assim revelar talentos também”.

O torneio de São Lourenço reunia equipes mineiras e paulistas, a maioria de escolinhas de futebol, divididas em três categorias: Mirim (Sub 13, nascidos em 1995 e

⁶⁴ Era a segunda participação da escolinha Real Madrid no torneio em São Lourenço. Na primeira viagem, em 2004, foram mais problemas do que alegrias, segundo Tânia: “Tivemos que trocar de alojamento por que tinha uma equipe junto com a gente lá que só fazia bagunça. Durante a madrugada eles ficavam fazendo festa, enquanto os técnicos iam para a cidade beber”. Além disso, Oscar reclamou da arbitragem: “Eles roubavam a gente direito. Não chegamos a nenhuma final porque não deixaram”.

⁶⁵ O nome da jovem foi alterado.

1996). Infantil (Sub 15, nascidos em 1993 e 1994) e Juvenil (Sub 17, nascidos em 1991 e 1992).⁶⁶ Na primeira fase, a composição das chaves era a mesma para as três categorias. Assim, os três times da escolinha Real Madrid jogariam contra as mesmas equipes.⁶⁷ O destaque era a participação do Atlético Mineiro na disputa, no mesmo grupo dos garotos de Ferraz. A presença do tradicional clube surpreendeu os garotos de Ferraz, embora fossem equipes formadas por jovens de uma escolinha vinculada ao clube, e não por jogadores das categorias de base.

Segundo Oscar, centenas de torneios são organizados em todo o país. “Várias cidades do interior de São Paulo fazem campeonatos. São muitos. Não dá para participar de todos. O único que a gente sempre disputa, e que eu faço questão, é o de Piquete. Esse ano foi a nossa quinta vez lá”. Afirmou, ainda, que as escolinhas com melhores condições disputam outros campeonatos mais famosos. ⁶⁸ “Sem falar nos grandes torneios... que o Pequeninos do Jockey e os clubes profissionais disputam”.

Guiados por Antonio Carlos, que nos encontrou no centro da cidade, fomos conhecer o campo do Vasquinho.⁶⁹ Em seguida, Antonio Carlos nos conduziu à escola municipal onde a **delegação de Ferraz ficaria** hospedada, alojamento que estava incluso na taxa de participação paga pelo professor Oscar semanas antes do torneio.⁷⁰

Em reunião com alguns pais e mães, uma semana antes da viagem, ficou acertado que cada aluno da escolinha pagaria R\$100,00 para ajudar nas despesas da viagem. Entretanto, na prática, uma pequena parcela dos alunos conseguiu trazer o valor indicado. “A maioria não tem condições financeiras. Por isso fizemos o seguinte: os garotos pagaram o que podiam pagar, algum valor mesmo que pequeno”. Para completar a quantia necessária, a escolinha recorreu à ajuda de entidades e empresas de Ferraz de Vasconcelos, mas não obteve ajuda. A última opção era pedir auxílio para a Prefeitura de Ferraz, opção que foi descartada por Tânia: “Uma vez, um vereador disse que nos ajudaria. Falou que iria mandar o ônibus para viajarmos. Mas esperamos horas e horas, e nada”. Comentário aprovado pelo professor Oscar, que afirmou estar cansado de fazer política e negociações para organizar as viagens.

No alojamento, para oficializar a participação da escolinha no torneio, Oscar e Tânia entregaram para Antônio Carlos as fichas individuais de inscrição dos atletas, preenchidas com dados dos jovens e com fotografia 3x4. A delegação de Ferraz ocupou

⁶⁶ Em cada categoria, era permitido que os goleiros fossem um ano mais velhos que os demais.

⁶⁷ As partidas eram disputadas em durações diferentes, a depender da categoria: na Mirim, dois tempos de 25 minutos; na Infantil, dois tempos de 30 minutos; e na Juvenil, dois tempos de 35 minutos. Nos jogos finais, em caso de empate no tempo normal, as disputas seriam decididas nos pênaltis, o que não aconteceu em nenhuma disputa. Tal como nas partidas espetacularizadas, havia um árbitro principal e dois assistentes, popularmente conhecidos como bandeirinhas.

⁶⁸ Oscar citou o 9º Brazil Cup, que viria a ser disputado entre os dias 20 e 26 de Julho de 2008, na cidade mineira de Poços de Caldas.

⁶⁹ Após uma hora de brincadeiras no campo, fui com Oscar a um restaurante próximo dali. Como o torneio só começaria oficialmente na manhã seguinte, Oscar decidiu negociar com a dona do restaurante um jantar para toda a delegação de Ferraz. Acertaram o valor de R\$3,00 por pessoa, com arroz, feijão, lingüiça, frango e macarrão à vontade.

⁷⁰ Esta taxa incluía, ainda, a alimentação (três refeições diárias), transporte para as partidas, arbitragem, premiação, além da já citada hospedagem.

quatro salas de aula, assim divididas: em uma, ficaram Kelé, a mãe do garoto Henrique (96), Oscar e sua família; as demais foram distribuídas pelas categorias, com cada grupo (e os pais presentes) ocupando uma sala de aula. Menos de uma hora depois, era possível ver as quatro salas ocupadas por vários colchonetes espalhados pelo chão. Os banheiros da escola foram separados para o uso das mulheres. O vestiário externo, ao lado da quadra poliesportiva, foi preparado para o contingente masculino.

Alojada, a delegação se dirigiu ao restaurante próximo ao campo do Vasquinho. Após o jantar, no retorno para a escola, o pessoal de Ferraz encontrou a comitiva do Atlético Mineiro, que também utilizou outras quatro salas de aula da mesma escola como alojamento. No final da noite, as equipes de uma escolinha da vizinha Caxambu (MG) ocuparam as salas restantes. Antes de encerrar aquele dia movimentado, o professor Oscar fez uma pequena preleção para cada uma das categorias. Narrou algumas das experiências em torneios anteriores, destacou as qualidades de cada jogador das equipes, agradeceu o apoio dos pais ali presentes, citou algumas passagens da bíblia e rezou um Pai Nosso e uma Ave Maria, pedindo a todos que dessem as mãos, “para formar uma única corrente de fé”.

No primeiro dia de campeonato, as três partidas seriam contra as equipes da *Profeep*, clube da região. Antes mesmo das 7h, todos já estavam acordados, preparando-se para acompanhar a primeira partida do dia. Enquanto esperavam um dos microônibus que a organização reservou para o deslocamento das equipes durante o torneio, os garotos brincavam e faziam poses para a minha câmera fotográfica. A alegria durou pouco. Quando o microônibus chegou, um dos monitores do torneio avisou que o transporte era apenas para a equipe e a comissão técnica da primeira partida. Norma essa que se repetiu ao longo do evento: “quem quiser torcer, terá que ir andando. Aqui o regulamento⁷¹ é cumprido”.⁷² A partir daquela manhã, começou uma disputa entre os garotos para decidir quem iria aos jogos no meu carro e, assim, fugir das cansativas subidas e descidas da cidade. Aconselhado por Tânia, não interferi nas escolhas, tornando-se momentos para perceber aqueles que tinham liderança e que eram mais respeitados pelos colegas.

Antes dos garotos entrarem no microônibus, Oscar pediu para os jogadores formarem um círculo, fez uma rápida preleção, rezou o Pai Nosso e pediu para Willian (91), capitão do time, “puxar a oração”.

⁷¹ Segundo o regulamento do torneio, as equipes podiam inscrever 18 atletas para cada uma das categorias acima, sendo que não poderia haver intercâmbio entre atletas de diferentes categorias, exceção somente no caso de contusão dos goleiros. Na hora de assinar a súmula, antes da partida ou no momento das substituições ao longo da partida, os pequenos atletas apresentavam os RGs. Se o acúmulo de cartões amarelos não suspendia os atletas das partidas, o cartão vermelho implicava suspensão na partida seguinte. Casos de violência e agressão moral contra adversários ou árbitros também eram punidos com suspensões, previstas também em caso de tumultos e bagunças nos alojamentos e espaços da cidade. Todas as decisões sobre eventuais punições, horários de jogos anteriormente cancelados e sorteios de vaga eram decididas por um conselho formado por um representante de cada delegação, em reuniões realizadas todos os dias após cada jornada. Votações decidiam as questões levantadas.

⁷² Embora houvesse um esmero na obediência de certas normas, outras regras não eram obedecidas, tal como a que limita o espaço do banco de reservas apenas ao técnico e aos atletas. Tanto eu como os pais dos garotos assistiram várias partidas dentro do campo.

Se Jesus está comigo (<i>Se Jesus está comigo</i>)	{puxador} {todos}
Comigo Jesus está (<i>Comigo Jesus está</i>)	{puxador} {todos}
Eu tenho ele dentro do peito (<i>Eu tenho ele dentro do peito</i>)	{puxador} {todos}
Contra mim ninguém será (<i>Contra mim ninguém será</i>)	{puxador} {todos}
<i>Um por todos, todos por um</i>	{todos}
<i>Um por todos, todos por um</i>	{todos}
<i>Um, dois, três.... FERRAZ!</i>	{todos}

Estes versos, que eu já escutara em Guaianases e na Cidade Líder, foram repetidos por diversas vezes ao longo da competição: antes das partidas, no intervalo e após o término do jogo. Puxados, na maioria das vezes, pelo capitão de cada time, tais versos eram entoados também por outras equipes no torneio em São Lourenço.

Na primeira partida, às 8h, ainda sob a forte neblina daquela região montanhosa, a equipe 95-96 perdeu de 3 x 2. Após a derrota, alguns garotos choraram na volta de microônibus para o alojamento. Em seguida, por volta das 11h, foi a vez da equipe 93-94 jogar. Ganharam por 2 x 0, mesmo com um jogador a menos, pois o centroavante Felipe (94) foi expulso no começo do segundo tempo. Vitória comemorada e narrada durante o almoço no refeitório da escola. Após o almoço, às 14h, a equipe 91-92 venceu por 5 x 2 em um jogo muito disputado, com vários gols nos últimos vinte minutos da partida. A alegria dos jovens da equipe contrastava com os choros de Nenê (91), atacante titular, que foi muito cobrado por Oscar durante a partida, sendo substituído no começo do segundo tempo pelo atacante Luis Adriano (91). “Eu cobro mesmo, principalmente o Nenê. Ele é jogador do ‘Esporte’ num clube da várzea de Ferraz. Está acostumado com jogo duro. Ficou com medo dos caras. Por isso tirei” comentou Oscar, de cabeça quente, quando conversávamos sozinhos na volta ao alojamento.

Era impossível ignorar a presença de Oscar no banco de reservas durante as partidas. Gritos como “quebra”, “arrasta” e “chega junto”⁷³ eram repetidos a cada minuto. No terceiro dia, a voz rouca não o impedia de berrar com seus jogadores e reclamar com os árbitros. Tal desempenho que foi motivo de gozação após o jantar, ainda no primeiro dia, quando parte dos garotos se reuniu para assistir as três partidas que gravei com a filmadora. “Tio, você precisa filmar de outro lugar. O professor fica toda hora na frente da câmera, assim não dá para ver o jogo” reclamou Maurício (94). Sessões de vídeo viraram rotina no alojamento nos dias seguintes. No pequeno visor LCD da câmera, as

⁷³ “Quebra” era para o jogador dar um chute na bola; “chega junto” era para intensificar a marcação; e utilizava-se “arrasta” quando se queria que os laterais ou atacantes corresse com a bola para linha de fundo, levando junto os marcadores adversários.

partidas eram comentadas e estudadas pelos garotos, que agendavam entre eles horários específicos para assistir cada partida das três categorias.

Para encerrar a noite, antes das costumeiras preleções do professor Oscar, Tânia e suas filhas organizaram uma pequena festa de aniversário, com bolo e refrigerantes, para o garoto Elivélton (93). Após cantar os parabéns, Oscar iniciou um discurso de agradecimento pelo empenho de todos no dia. Aproveitou para pedir desculpas a Nenê por qualquer coisa que ele tivesse dito e pediu que o grupo apoiasse o colega.

Na sexta-feira, segundo dia do torneio, as três partidas seriam contra os garotos do Atlético Mineiro. Oscar estava apreensivo, pois dizia que estes seriam os jogos decisivos para as equipes 91-92 e 93-94: “Os pequenos [da categoria 95-96] vieram mais para ganhar experiência. São bons, mas o coletivo ainda precisa ser trabalhado”, comentou. Foram os “pequenos” que novamente abriram a série de partidas do dia. Perderam de 4 x 0 para a equipe do Atlético. Não perderam de mais porque Oscar, quando ainda faltava mais de dez minutos para acabar o jogo, pediu para alguns jogadores simularem contusão. “Cai, cai, cai”, gritava Oscar. Cinco jogadores ouviram e ficaram caídos na grama, enquanto Oscar informava ao árbitro que não tinha mais como permanecer no jogo, pois não teria jogadores suficientes. Sem reservas, pois já fizera as substituições, a equipe de Ferraz ficou com apenas seis jogadores em campo, o que não era permitido pelo regulamento. Assim, o árbitro encerrou a partida.⁷⁴

Na segunda partida, a equipe 93-94 ganhou do time atleticano com um gol “chorado” no segundo tempo: após uma cobrança de falta, a bola sobrou na entrada da grande área no pé direito de “Paraíba” (93), que chutou com força, a bola bateu no travessão superior, voltou, bateu nas costas do goleiro adversário e entrou. Foi o tento mais comemorado pelos jovens de Ferraz na competição, que provocavam os demais membros da delegação atleticana: “Vamos comer Galo assado na janta” e “inha, inha, inha, o Galo virou galinha”.

As provocações continuariam na parte da tarde, quando a equipe 91-92 entrou em campo para o seu segundo jogo, que terminou 0 x 0, em uma partida muito disputada e, por vezes, violenta. Em dos lances finais, o zagueiro Wellington (91) bateu a cabeça no chão após uma dividida com um atacante do Atlético Mineiro. Tânia pediu para um dos organizadores do evento chamar uma ambulância. Contudo, foi avisada de que a responsabilidade pela saúde dos atletas era das equipes e não dos organizadores.⁷⁵ Instruídos por um dos monitores do torneio, Oscar e Tânia me pediram que levasse o jovem de carro para o hospital público da cidade. Após duas horas de espera, ele foi atendido e depois liberado.

Enquanto esperávamos o atendimento no hospital, aproveitei para conversar com Kelé, “uma lenda viva do futebol de várzea em Ferraz”, comentou Oscar. Funcio-

⁷⁴ Os gritos de “cai, cai, cai” foram motivos de chacota ao longo do dia. Garotos dos outros clubes repetiam no alojamento e no refeitório os berros de Oscar. Contudo, Oscar alegou que fez pelo bem dos seus jogadores: “A garotada poderia ficar em depressão se tomasse mais gols”. Mas os “pequenos” de Ferraz não ficaram chateados e após o almoço brincavam sobre o que tinha acontecido naquela manhã.

⁷⁵ O que, segundo Kelé, estava previsto no regulamento.

nário público, com uma longa passagem pelas secretarias de esporte de Ferraz de Vasconcelos, Clemente Belarmino trabalha com formação de jogadores em Ferraz há mais de trinta anos. “Foi ele quem revelou e cuidou do Nelsinho, ex-lateral esquerdo do São Paulo”, ⁷⁶ afirmou Oscar. Fato esse confirmado por Kelé, que abria um sorriso para falar sobre o ex-jogador: “Nelsinho tinha de ter tudo: roupas, barbeiro, cineminha, perfume, chuteira etc.”, comentou. Em seguida, narrou algumas de suas histórias no futebol, os grandes jogos que presenciou e os excepcionais jogadores que conheceu.

Contou que conheceu quase todos os campos de futebol de várzea em São Paulo e que já enfrentou a maioria dos clubes. Falou sobre a experiência de uma semana no alojamento improvisado no velódromo da USP, na Cidade Universitária, e sobre as grandes vitórias obtidas. A principal, segundo Kelé, foi contra o Pequeninos do Jockey, na começo da década de 1990: “Uma vitória nos últimos cinco minutos, quando os garotos de um time que eu treinava em Ferraz fizeram dois gols de cabeça”. Perguntei mais sobre o Pequeninos e Kelé teceu somente elogios: “É o que melhor trabalha com crianças. Queria que tivéssemos um projeto parecido em Ferraz”. Quando questionei o que seria preciso para iniciar um projeto semelhante, Kelé afirmou que nem saberia por onde começar: “As condições que eles têm lá são bem diferentes da nossa em Ferraz. A diferença é uma cidade inteira”, brincou Kelé.⁷⁷

Neste momento, foi interrompido por Oscar, que voltou a falar sobre o ex-jogador Nelsinho: “Hoje o cara está nas categorias de base do Juventus. E quem disse que ele lembra... nem para conseguir uma vaguinha como roupeiro lá para o Kelé...”. A “lenda de Ferraz”, contudo, não demonstrava rancor ao falar sobre Nelsinho e outros jogadores. Afirmou nunca ter trabalhado com futebol por causa do dinheiro, embora soubesse da possibilidade de enriquecimento: “Se o cara for no mínimo esperto, consegue ganhar muito dinheiro”.

No terceiro dia, decisivo para garantir as vagas, já conseguia reconhecer as pessoas de cada delegação. Quando não reconhecia, perguntava para o diretor Antonio Carlos ou para Cesinha, responsável pelo bar. Foi este último que naquele mesmo dia apontou: “Aqueles três são olheiros... de cidades próximas daqui”. Dirigi-me aos três e perguntei se poderia conversar e fazer algumas anotações. Um deles, que se identificou como um “pequeno empresário”, pediu para não ser identificado. Em seguida os demais fizeram a mesma solicitação. Nesta conversa, discutimos vários temas relacionados ao universo futebolístico. Reproduzo, abaixo, algumas das falas que anotei:

Os garotos hoje começam a investir na carreira de jogador logo com doze ou treze anos, de diferentes modos. Uns começam nos campos de várzea, outros jogam futsal em torneios de escolas, outros tentam por meio das peneiras mesmo e têm aqueles que entram em escolinhas por acharem que terão facilidades para entrar nos clubes. Mas destas escolinhas poucos dão certo. Serve mais é para o clube ganhar dinheiro com aluguel de marca... franquias, essas coisas. (Olheiro 1)

⁷⁶ Nélson Luiz Kerchner, o Nelsinho, lateral-esquerdo que atuou no São Paulo, Flamengo, Corinthians, no futebol japonês e que teve passagens pela Seleção Brasileira.

⁷⁷ Brincou sobre o fato de que para ir de Ferraz de Vasconcelos à sede do Pequeninos, no bairro Jardim Colombo, seria preciso atravessar quase toda a cidade de São Paulo.

Ganhar dinheiro, então, nem se fala. Embora hoje se ganhe dinheiro cada vez mais cedo, pois o clube se vê obrigado a segurar o garoto fazendo contratos milionários, aumentando salário... para jogadores de 16 e 17 anos. Se a lei permitisse, seria antes até. Veja a Copa São Paulo, tiveram que reduzir a idade para o limite de 18 anos, pois os garotos de 19 e 20 anos hoje são titulares dos seus clubes ou nem estão mais jogando no Brasil. (Olheiro 2)

As lendas são verdadeiras. As “marias-chuteiras” grudam hoje nos empresários, nos amigos e parentes dos jogadores. Daqui a pouco, vão pular em cima dos barbeiros, motoristas e sei lá mais o quê. (Olheiro 1)

Peneira é furada. Nunca se sabe direito quais são os critérios de avaliação dos garotos. Depende muito de quem está avaliando; uns preferem jogadores de habilidade, outros moleques encorpados e espichados. Depende também do tipo de jogador que estão precisando naquele momento: levei um moleque puta bom de bola para um teste e nem olharam para eles pois disseram que não precisavam de meias ou atacantes. (Olheiro 3)

Na primeira partida do dia, a equipe 95-96 perdeu novamente, então do time da escolinha Vasquinho. Em seguida, a equipe 93-94 garantiu a classificação para a final com uma vitória por 3 x 1. A comemoração na parte da manhã, contudo, seria pouco lembrada no final do dia. Após o almoço, a equipe 91-92 disputou sua terceira partida, com o objetivo de vencer com a maior diferença possível no placar. Com uma vitória por 4 x 1, restava aos jovens de Ferraz esperarem a partida da equipe do Atlético Mineiro para saber quem seria o primeiro do grupo e se classificaria para a final.

O Atlético Mineiro vencia por 5 x 0 e o jogo estava para terminar. Com este placar, as duas equipes somavam o mesmo número de pontos (duas vitórias e um empate) e o mesmo saldo de gols. Porém, a equipe de Ferraz fizera mais gols somando os três jogos. Por isso, do lado de fora do campo, os jogadores de Ferraz, das três categorias, comemoravam o primeiro lugar do grupo e a vaga na final. Porém, assim que o jogo acabou, os jogadores do Atlético Mineiro se abraçavam e pulavam de alegria. Desconfiados, Oscar e Kelé se encaminharam à mesa onde estava Antonio Carlos, um dos organizadores do torneio, para perguntar quem afinal terminara na primeira colocação do grupo. Com um visível semblante de preocupação, Antonio Carlos afirmou que não sabia e que a questão seria discutida na reunião do conselho, a ser realizada por volta das 21hs daquele mesmo dia.

Como as equipes conquistaram o mesmo número de pontos, nas salas do alojamento dos garotos de Ferraz, todos, inclusive eu, acreditavam que a classificação tinha sido assegurada pelo critério de gols marcados, pois a equipe de Ferraz fizera mais gols que o Atlético Mineiro. Contudo, o regulamento apresentava apenas três critérios de desempate e as equipes empataram em todos, na seguinte ordem: confronto direto, número de vitórias e saldo gols. Em reunião, os organizadores e os representantes dos clubes optaram por decidir esta última vaga em um sorteio. O professor Oscar saiu contrariado da reunião, informou seus jogadores sobre o que fora decidido e pediu para Willian (91), capitão da equipe 91-92, representar a delegação de Ferraz no sorteio.

Decidida na sorte, a vaga foi conquistada pela equipe atleticana. Enquanto a delegação mineira comemorava no pátio da escola, cantando o hino do clube, os garotos de Ferraz se fecharam no alojamento. Na sala de aula, jogados nos colchonetes, os jovens esperavam a chegada de Oscar. Assim que ele entrou na sala, a maioria dos garotos co-

meçou a chorar. O capitão Willian, um dos mais abalados, pediu desculpas por não ter vencido o sorteio. Logo após Oscar iniciar sua fala, o zagueiro Alan (91) começou a berrear no fundo da sala, enquanto dava socos em sua própria perna. Chorando, falava que a culpa tinha sido dele. Welington (91) e Ninja (91) correram para abraçar o colega. A fala de Oscar misturava-se aos gritos e provocações dos garotos do Atlético Mineiro. Após uma hora de conversa com seus jogadores, Oscar pediu para eles evitarem encontros com os atleticanos no alojamento. Sugeriu que todos dormissem, pois a viagem de volta no dia seguinte, após a final que seria disputada apenas pela equipe 93-94, seria cansativa. O sábado terminaria assim, melancólico.

No domingo, último dia do torneio, Oscar procurava animar seus alunos, tristes desde a noite anterior. Dois pais pediram a Oscar que entrasse com um recurso para anular a decisão, mas Kelé os desencorajou, pois eles não tinham como pagar, já que cada custava R\$30,00. A final da categoria 93-94 estava programada para as 10h. Junto com o equipamento da partida, os garotos arrumavam também suas malas e guardavam seus colchonetes. Chateado com a comissão organizadora do torneio, Oscar não queria participar da festa de premiação durante o almoço.

A final foi muito diferente das partidas disputadas pela equipe 93-94 até aquele momento. Se as três primeiras foram razoavelmente tranquilas, a final contra a escolinha da cidade de Cruzeiro, vizinha a Caxambu, foi muito equilibrada. O placar final de 1 x 1 levou a decisão para os pênaltis. Sem desperdiçar suas cobranças, e com uma defesa do goleiro Bruno (92), os garotos de Ferraz foram os campeões da categoria 93-94. Na pequena festa de premiação ao lado do campo, cada jogador recebeu sua medalha e o capitão Índio (93) levantou o troféu. Pouco depois, Oscar convocou todos para o ônibus. Por volta das 12h, a delegação de Ferraz de Vasconcelos partiu para casa.

Em visita à escolinha em junho, duas semanas depois, visitei o campo utilizado pela escolinha e reencontrei os garotos de Ferraz. Pouco pude conversar com o professor Oscar naquele dia, pois ele estava cuidando dos preparativos para outro torneio que seria disputado em julho na cidade de Bananal (SP).⁷⁸ “Aqui é assim, xará... não tem descanso. A molecada ainda está falando sobre o torneio lá em São Lourenço, eu já estou pensando na disputa em Piquete (SP) em janeiro”. Na ausência de Oscar, conversei com sua esposa Tânia, que repassou um certificado enviado por Antônio Carlos, um dos organizadores do torneio em São Lourenço.⁷⁹

Tânia contou que as duas semanas tinham sido difíceis. O garoto Índio (93) começou a receber telefonemas anônimos com ameaças de morte. Ninguém sabia o motivo. Desde que os telefonemas começaram, o professor Oscar passou a buscar Índio em um ponto de ônibus nos dias de treinamento na escolinha e o colega Ninja (92) o acompanhava no retorno para casa após o treino. Além disso, durante a visita, um garoto do Real Madrid relatou ter presenciado uma chacina no domingo anterior, no dia primeiro de junho de 2008, em frente à sua casa, no bairro de Jardim Vasconcelos. “Tinha um carro

⁷⁸ A Copa Vale Histórico, disputada em Bananal e Arapeí (SP), em julho de 2008. Ver ANEXO 11.

⁷⁹ Ver ANEXO 12.

parado na rua, com quatro caras dentro. Passou um carro e uma moto atirando neles, três morreram. Falaram que foi por coisa de tráfico. Eu conhecia dois dos que morreram. Eles já tinham sido presos por roubo”, contou o garoto.

No primeiro semestre de 2009, recebi uma ligação de Renan (91), que pediu cópias dos vídeos das partidas que disputou em São Lourenço. Fiz uma rápida edição, separando apenas as imagens dos jogos. Na semana seguinte, marcamos um encontro na Estação Guaianases. Entreguei-lhe os três DVDs e perguntei se poderíamos conversar sobre o que fizera após a viagem, bem como seus planos futuros. O jovem disse que estava com pressa, pois precisava levar os DVDs para um “empresário” no bairro Anália Franco, da Zona Leste paulistana. Ofereci uma carona, justificando que estava no meu caminho de retorno para casa. Durante o percurso, soube que deixara de freqüentar a escolinha Real Madrid de Ferraz no final do segundo semestre de 2008, pois fora convidado para jogar em um clube de várzea da Vila Carolina, na zona norte da cidade. “É um time forte, ligado a vários empresários. É a minha chance”.

ICONOGRAFIA – CAPÍTULO 3

Venha participar, vagas limitadas!!

PENEIRA DO GUAIANASES .F.C

Os selecionados serão convidados a participar de uma nova avaliação gratuita com observadores (olheiros) de clubes profissionais.

Esta é sua chance!! Atletas nascidos nos anos de 1989, 1990, 1991!!

Data e local das inscrições: Estádio do Guaianases FC, dias 12 e 13/03/08
A partir das 14:00h

Data e local das avaliação: Estádio do Guaianases FC, dia 14/03/08

Valor: R\$ 10,00 no momento da inscrição. Obrigatória a apresentação de RG e autorização (pegue aqui a sua!)

Outras informações : 8597-4835

Organização:
Guaianases Futebol Clube
A.C.R.E Família Fiel
Prof. Rodrigo (Nenê)
Renato Gabriel
(Agente de Jogadores Licenciado pela FIFA)

GUAIANASES FUTEBOL CLUBE







www.guaianasesfc.com



O agente Renato conversa com os jovens no primeiro dia de peneira (foto: E. Spaggiari).



Rodrigo (á esquerda) e Renato observam o desempenho dos jovens
(foto: E. Spaggiari).



Pais, familiares e amigos assistem a peneira e procuram orientar os jovens em cada lance,
inclusive nas cobranças de lateral
(foto: E. Spaggiari).



Jovem ajuda adversário após uma ríspida dividida de bola
(foto: E. Spaggiari).



Pãozinho (à esquerda), professor da escolinha do Guaianases F. C.,
observa a peneira ao lado de Rodrigo "Nenê"
(foto: E. Spaggiari).



Cabisbaixos, jovens reprovados na peneira deixam o campo
(foto: E. Spaggiari).



Fotos e troféus reunidos na sede do Botafogo de Guaianases
(foto: E. Spaggiari).



Rosas entregues para pais e mães de alunos da escolinha do Botafogo durante evento do Dia das Mães. Junto com cada flor, uma mensagem em nome do vereador Senival Moura (PT)
(foto: E. Spaggiari).



Torcida do Botafogo de Guaianases comparece ao Estádio do Pacaembu para incentivar os jovens da equipe 91-92 da escolinha na partida final do campeonato municipal (foto: E. Spaggiari).



Diretores e jogadores concedem entrevistas no vestiário do Estádio do Pacaembu após derrota nos pênaltis (foto: E. Spaggiari).



Jogadores e comissão técnica do Botafogo de Guaianases se preparam para sair do vestiário do Pacaembu utilizado pela equipe (foto: E. Spaggiari).



Paisagem do campo de futebol em São Lourenço onde as crianças e jovens de Ferraz de Vasconcelos disputaram todas as suas partidas (foto: E. Spaggiari).



Na sala de aula que serviu de alojamento para a equipe 91-92, bandeiras e toalhas dos principais clubes paulistanos convivem em harmonia. (foto: E. Spaggiari).



Jogadores da equipe 91-92 fazem oração antes da primeira partida (foto: E. Spaggiari).



Meninos da equipe -95-96 fazem aquecimento em manhã nublada (foto: E. Spaggiari).



Garotos da equipe 93-94 dão "tiros" no aquecimento antes do jogo (foto: E. Spaggiari).



Professor Oscar conversa com a equipe 91-92 antes da nervosa partida contra o time do C. Atlético Mineiro (foto: E. Spaggiari).



Crianças e jovens assistem as partidas filmadas ao longo do dia e comentam os desempenhos dos colegas e das equipes adversárias (foto: E. Spaggiari).



Jogadores e torcida do Atlético Mineiro
(foto: E. Spaggiari).



O assistente Kelé, com sua inseparável camisa do C. A. Juventus, observa a partida de uma das equipes atleticanas e faz anotações
(foto: E. Spaggiari).



Treinador e jogadores do Atlético Mineiro comemoram vitória
(foto: E. Spaggiari).



Equipe 93-94 de Ferraz de Vasconcelos, campeã da Copa São Lourenço de 2008
(foto: E. Spaggiari).



Dono de um troféu de campeão, professor Oscar e sua delegação retornam para Ferraz de Vasconcelos logo após a premiação e entrega de medalhas
(foto: E. Spaggiari).

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

OU A INCRÍVEL HISTÓRIA DO FAMOSO GOLEIRO VITOR

O jovem Dario, de dezoito anos, morava com a mãe e três irmãos na Cidade Líder. Corinthiano, o aspirante a jogador Dario não se preocupava com o vínculo clubístico: procurou uma vaga em todos os clubes. Já com a idade avançada para os padrões atuais de seleção, Dario enfrentava, na época, suas últimas chances de se tornar um jogador de futebol. Nos testes, conseguiu demonstrar suas habilidades. Porém, “fominha” nas peneiras, desperdiçou algumas oportunidades.¹

A história ficcional de Dario no filme *Linha de Passe* (Salles; Thomas, 2008) não é diferente de muitos dos jovens mencionados ao longo desta dissertação. E não só pelo fato do filme se passar na Cidade Líder. Vinicius de Oliveira, que interpreta Dario, representou os milhares de garotos que buscam seguir a carreira de jogador de futebol.² Ao mesmo tempo muitos, Dario também é um só, tal como Vitor (94). Morador de Ferraz de Vasconcelos, Vitor joga como goleiro na escolinha Real Madrid. No último dia da viagem, na cidade de São Lourenço, ele me perguntou se poderia filmar o aquecimento antes da partida final dos garotos nascidos entre 1993 e 1994. Após fazê-lo durante uns vinte minutos, devolveu a filmadora, sentou-se na grama e perguntou se eu ganhava a vida filmando moleques jogando futebol. Respondi que se tratava de uma pesquisa, ainda a ser escrita. “Escrever... como se fosse um livro?”, Vitor perguntou. Respondi que sim, “tipo um livro”, e ele se deu por satisfeito com a explicação. Sugeriu inclusive um título: “A Incrível História do Famoso Goleiro Vitor”. “À venda nas melhores bancas”, complementou.

Tal como muitos dos outros jovens, tímidos inicialmente perante as câmeras, mas que posteriormente faziam questão de posar para as fotos, aparecer nas filmagens e manusear os equipamentos, Vitor se interessou pelos instrumentos ao longo da estadia em São Lourenço. Além de incentivar o uso da máquina fotográfica e da filmadora, fazia questão de me acompanhar durante as partidas. Sugeriu posicionamentos para a câmera e criticava minha opção por filmar da altura do campo, pois preferia enquadramentos mais amplos como o das transmissões televisivas. Além disso, sem me consultar, apagou alguns registros que fiz no alojamento, alegando que não havia fitas virgens suficientes para filmar as últimas partidas do torneio...

¹ Termo utilizado no futebol para designar o jogador que não gosta de passar a bola e que opta por definir as jogadas sozinho.

² O ator Vinicius de Oliveira treinou por mais de quatro anos para interpretar um aspirante a jogador de futebol. Frequentou a escolinha do Zico, no Rio de Janeiro, e os treinamentos dos juniores do Palmeiras.

Estes aspectos foram observados na maioria dos recortes pesquisados desde que surgiu o interesse pelo uso do equipamento audiovisual,³ quando percebi que a possível presença de um *olheiro* – no caso, este pesquisador –, catalisava diferentes performances futebolísticas dos jovens. O uso do vídeo enquanto meio de comunicação demonstrou ser, também, uma forma preciosa de criar diferentes situações e interações com várias crianças e jovens, principalmente na escolinha do CDM Cidade Líder.

Além disso, pude ensaiar aproximações com uma prática dialógica e participativa por meio da edição de pequenos vídeos, solicitados por algumas crianças e jovens para os mais diversos interesses: mostrar seus desempenhos aos familiares amigos; publicar em sites de compartilhamento de vídeos na internet, como o *YouTube*; enviar DVDs, com imagens de suas atuações, para olheiros e empresários etc. Deste modo, foi possível tecer aproximações com a *antropologia compartilhada*,⁴ uma reflexão sobre as possibilidades em torno de uma Antropologia marcada pelo enfrentamento etnográfico e pela produção dialógica de conhecimentos, que podem ser compartilhados de diferentes formas.⁵ Nesse sentido, procurei exercitar a prática de uma disciplina que adota a relação entre pesquisador e observados como pedra angular na produção do conhecimento,⁶ reforçando, assim, o envolvimento de parceria e interlocução entre etnógrafo e nativos, implícitos na proposta de uma *antropologia compartilhada*.

Estas questões foram problematizadas logo na introdução desta dissertação, quando apontei as escolhas de caminho da presente pesquisa, pois a reflexão sobre o trabalho de campo, por vezes considerada supérflua, é essencial para contextualizar as negociações, preparativos e demais etapas etnográficas. São trâmites muitas vezes não planejados inicialmente, mas que, conforme relata Barley (2008), podem ocupar, inesperadamente, grande parte do tempo que é vivenciado em campo, tais como auxiliar no dia-a-dia em diversos serviços, afazeres, mediações de encontro etc.

Sem tais contextualizações, poderia parecer contraditório um esforço antropológico de problematizar certas polarizações conceituais observadas no decorrer do trabalho de campo e que fomentam um valioso debate sobre a amplitude destes conceitos nas diferentes matrizes futebolísticas. Uma discussão centrada, principalmente, nas múltiplas definições de jogo/esporte e amadorismo/profissionalismo compreendidas na expressão mais utilizada pelas crianças e jovens: “jogar bola”. Frequentemente entrelaçadas, tais premissas dicotômicas foram objetos de investigação, pois os sentidos atribuídos podem variar conforme os contextos e recortes estudados.⁷ Não se trata, porém, de criar alter-

³ O uso dos elementos audiovisuais no trabalho de campo não desarranja, contudo, a esquematização etnográfica aqui adotada que posiciona o texto escrito como suporte principal da reflexão.

⁴ Proposta defendida por Jean Rouch e adotada, de formas diferentes, por outros pesquisadores (ver Peixoto, 1995; Feldman-Bianco, 1998; Hikiji, 2009).

⁵ Ver ANEXO 13, que traz um exemplo desse tipo de exercício.

⁶ Defende-se, portanto, uma antropologia na qual é imprescindível ir a campo, falar com o nativo, acompanhar suas associações, deixar-se levar pelas relações criadas pelos atores. Para isso, a etnografia tem que ser aberta aos novos conceitos observados e o antropólogo aceitar, por meio da descrição, ser afetado pelo observado (*Favret-Saada, 2005*).

⁷ Trata-se de perceber como classificações estanques que, por exemplo, associam a matriz espetacularizada ao trabalho e as demais ao tempo-livre, são problematizadas quando cotejadas com as ressignificações observadas em campo. Questão avistada, ainda, na divisão entre jogo/divertimento e esporte/seriedade, muito trabalhada no

nativas aos conceitos hegemônicos, tampouco somente desconstruir estas polaridades, mas compreender como são empiricamente construídas, ao invés de tomá-las como referências a priori.

Tais polarizações travam um interessante contraponto com a produção bibliográfica especializada, o que exigiu retomar e dar continuidade a alguns debates e temas caros à *antropologia das práticas esportivas* (Toledo, 2001).⁸ Assim, a proposta foi retomar criticamente parte da produção anterior sobre esporte e travar um diálogo com reflexões antropológicas atuais sobre o fenômeno futebolístico, enfocando-o como “uma atividade dotada de uma notável multivocalidade – uma vocação complexa que permite entendê-lo e vivê-lo simultaneamente de muitos pontos de vista” (DaMatta, 1994, 12).

Nos dois primeiros capítulos, acompanhei o processo de ensino e aprendizagem da prática futebolística na escolinha do CDM Cidade Líder, acionado por meio de um conjunto de atividades gerenciadas por atores ligados ao futebol varzeano do bairro e por professores vinculados ao projeto Mais Esporte do governo federal. Projeto este pautado por um discurso de superação da exclusão social que compreende o esporte enquanto um instrumento de socialização. Porém, a partir da observação do cotidiano das atividades do projeto, pude perceber que as temporalidades e situações vividas pelas crianças e jovens recebem sentidos para além da perspectiva ocupacional e utilitária.

Deste modo, diferentes aspectos do ensino e aprendizado – dom, tecnicismo, masculinidade, trabalho, recreação etc. – apareciam articulados, assim como incorporavam simultaneamente as propostas de socialização e profissionalização. Portanto, inúmeras dimensões aqui trabalhadas apresentavam-se entrelaçadas de diversas formas.

O objetivo foi, portanto, levantar novas questões e apreender os múltiplos significados e sentidos atribuídos à modalidade e às crianças e jovens praticantes, tanto como prática de lazer voltada para o público infanto-juvenil, como investimento na produção do jogador visando à carreira profissional – ou mesmo como prática de cunho social para jovens em situação de risco, em projetos desenvolvidos pelo poder público, por setores privados e grupos e associações ligados à comunidade local.

Pude observar, ainda, a dinâmica do CDM (Clube Desportivo Municipal) Cidade Líder, um dos principais espaços de convivência do bairro, marcado pela heterogeneidade de práticas, no qual as crianças e jovens constroem diversas formas de sociabilidade com os outros atores, sejam adultos, jovens, idosos, mulheres etc. Isso foi também observado na Escolinha Comunitária do Botafogo de Guaianases, abordada no Capítulo 3, que proporciona um espaço onde é desenvolvida uma pluralidade de usos coletivos – festas, reuniões de associações, recepção de políticos que visitam o bairro etc. – que permitem a ampliação das atividades das escolinhas para além do futebol.

plano teórico, mas que foi confrontada empiricamente, pois a seriedade não seria uma característica exclusiva da prática espetacularizada.

⁸ Uma revisão que não teve como objetivo levantar toda uma bibliografia sobre futebol, mas sim retomar obras importantes no conjunto de produções acadêmicas sobre esporte. Conferir, no artigo de Toledo (2001), um amplo panorama sobre a produção das Ciências Sociais sobre futebol. Ver, ainda, Alabarces (2004), que traz uma revisão da produção latino-americana.

A rede traçada em tal capítulo, que também investigou o processo de formação de jovens jogadores em alguns bairros da Zona Leste de São Paulo, explanou a importância do futebol enquanto um fenômeno central nas redes de relações observadas. Ainda baseadas nas relações primárias – de amizade, vizinhança, compadrio –, tais associações se ampliam, ligando as pessoas em redes de solidariedade e reciprocidade que podem ultrapassar os vínculos fechados à esfera doméstica, tornando-se mais complexas (Agier, 1999). Como lembrou Toledo (1996, 152): “Pelo futebol existe a possibilidade de se fazer amigos, conhecer pessoas, arrumar empregos, influenciar na política do clube, ser reconhecido como participante de uma instituição”. A construção das redes de relações centradas no esporte possibilita, assim, a ampliação dessas redes para o bairro e a cidade por meio da participação em competições, amistosos, viagens, entrevistas etc.

A partir dos campos de várzea, portanto, observei a formação de redes que conectam praticantes, clubes, bairros, órgãos estatais e diversos outros agentes, pois o processo de formação do jogador, iniciado ainda no plano familiar (Rial, 2008, 34-39), é “atravessado pelos interesses de uma extensa quantidade de agentes que estão no seu entorno” (Damo, 2007, 114). Deste modo, a investigação das práticas e representações destes atores permitiu descortinar diversos aspectos que permeiam o processo de formação dos futuros jogadores, que procurei investigar ao longo da dissertação e de forma mais detida no último capítulo, construída em diferentes espaços citadinos e que atravessa as diversas redes futebolísticas paulistanas e de outros lugares.

Uma questão que emergiu com destaque na observação do processo de formação de jogadores foi o envolvimento de pessoas ligadas ao futebol varzeano da Cidade Líder e de Guaianases com um conjunto de práticas e relações políticas locais, relacionadas não só ao bairro, mas também ao plano municipal. Práticas clientelísticas que não se restringiam somente ao plano local, mas a uma rede ampliada de atores que ultrapassa os limites do bairro. São relações recursivas dentro do universo futebolístico e esportivo de forma geral,⁹ que precisariam ainda ser analisadas de forma mais detida, como lembrou o agente de futebol Renato ao comentar sobre a continuidade de seus projetos em parceria com os diretores do Botafogo de Guaianases: “Não sei o quanto o resultado das eleições municipais interfere nisso”.

Esta dimensão cotidiana das relações políticas ainda tem sido relativamente pouco explorada nos estudos dos fenômenos esportivos, visto haver, nas leituras de muitos autores a partir dos anos 1980, uma apropriação apressada das críticas a uma abordagem ideológica do fenômeno futebolístico. Os desdobramentos desta recusa ampliaram-se a uma rejeição de abordagens sobre os vínculos entre aspectos políticos e esportivos, numa interpretação equivocada da proposta inicial de DaMatta (1982a; 1982b).¹⁰

⁹ A utilização do universo esportivo para fins políticos é recorrente na história moderna da prática esportiva e corporal (Magnane, 1969), o que evidencia a importância de investigar as orientações e propósitos políticos. Por isto que, ao contrário do que aponta Magnane, não se trata de um conjunto de interesses “que se pode qualificar como distorção” (1969, 71).

¹⁰ Ao desvincular cultura e política, muitos autores repetem os erros que criticam, pois ao afirmarem que futebol não é ópio do povo, estão sendo tão arbitrários quanto os que defendem unicamente o papel alienante deste

Outras questões associadas ao universo futebolístico, para além dos usos políticos e clientelísticos, não puderam ser analisadas ao longo da rede traçada,¹¹ embora sejam alguns dos muitos outros significados a ele vinculados. “Tem time que é subsidiado pelo tráfico”, afirmou um interlocutor ligado ao futebol de várzea em Guaianases. Tais times podem ser identificados facilmente, pois são hoje alguns dos principais clubes de várzea da cidade. São os que têm dinheiro para manter o campo, uniformes e bolas, mas principalmente para pagar os melhores jogadores, inclusive ex-jogadores profissionais, como comentou este interlocutor:

Você percebe que era jogador que tinha vínculo com o profissional. Você vê a maneira do cara pegar na bola. Você fala: “Aquele cara é bom”. No pegar a bola a gente que tem experiência já sabe. Provavelmente são jogadores que passaram por times ou estão treinando em times profissionais.

As relações entre futebol varzeano e tráfico de drogas, muito bem exploradas anteriormente (Hirata, 2005), exigem novos desdobramentos a partir do que foi observado nos bairros pesquisados. Embora os clubes varzeanos fossem freqüentemente associados aos traficantes locais, diversos jovens relataram a existência de fortes vínculos entre equipes de futsal e grupos ligados ao tráfico e ao crime. Escutei relatos de violentos enfrentamentos entre equipes de futsal decorrentes das rivalidades mantidas pelos grupos de traficantes dos bairros. Tal questão foi abordada pelo agente Renato: “Às vezes você está com alguém de quem não sabe exatamente a procedência. Uma das coisas que me afastou de jogar foi isso. Você não sabe com quem está jogando contra e também não sabe quem é do seu time”.

Embora tais temas ainda exijam análises mais sistemáticas, percebe-se que as observações de campo trazem aspectos relevantes para se pensar as questões urbanas. Assim, vale salientar que apesar do enfoque nas práticas futebolísticas, este trabalho abordou várias questões que norteiam a antropologia urbana,¹² pois as dinâmicas socioespaciais permearam toda a etnografia realizada.

Ao acompanhar e rastrear algumas trajetórias individuais e familiares, foi possível observar uma série de *tramas urbanas* (Telles; Cabanes, 2005) descritas a partir de diferentes prismas, tendo como ponto inicial e articulador as redes de relações construídas nos campos de futebol de várzea da Zona Leste paulistana. No acompanhamento das redes futebolísticas pela cidade de São Paulo, foi possível perceber a produção da dinâmica e do espaço urbano, marcados pela circulação e sociabilidades dos jovens jogadores. São atores citadinos que trafegam pela permeabilidade da experiência urbana, pois “uma cidade é algo esponjoso que repele e atrai ao mesmo tempo” (Joseph, 2005, 111).

esporte. Assim, é curioso convergir, numa mesma argumentação, recusas de abordagens políticas, de um lado, e leituras do futebol enquanto um fato social total (Mauss, 2003b), de outro.

¹¹ Como lembra Latour, as descrições e a rede são, em algum momento, arrematadas por questões práticas e textuais: “Você pára quando tiver escrito suas 50.000 palavras...” (2006, 344-345).

¹² Principalmente no que diz respeito a uma antropologia da cidade – que leva a sério a questão do espaço urbano, não somente como um pano de fundo para as ações sociais (ver Frúgoli Jr., 2005).

Por meio do cruzamento, ao longo dos capítulos, das diversas histórias de vida foi possível perceber os múltiplos atores, negociações, interesses e itinerários envolvidos em diferentes planos. A partir destas intersecções, procurei evidenciar como tais experiências dialogam entre si e, também, revelar certas práticas e dimensões da experiência cidadina, como ações do poder público, ocupações irregulares, atuação de ONGs e de associações populares, rádios comunitárias, disputas políticas e práticas clientelísticas. Enfim, um quadro extenso de questões e negociações envolvendo múltiplas esferas sociais, aqui interligadas pelas práticas futebolísticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGIER, Michel. *L'invention de la ville*. Paris, Ed. des Archives Contemporaines. 1999. 176 p.
- ALABARCES, Pablo. “Veinte años de ciencias sociales y deporte en América Latina - un balance, una agenda”. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo v. 1, n. 58, jul./dez. 2004. p. 159-180.
- ALFONSI, Daniela. A. O forró universitário na cidade de São Paulo. In: MAGNANI, J. G.; SOUZA, B. M.. (Org.). *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, p. 43-65. 2007.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. “Mistérios da bola”. In: COELHO, E (Org.). *Donos da bola*. Rio de Janeiro: Língua Geral, p. 21-22. 2006.
- ARCHETTI, Eduardo P. *Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia, 2003. 287p.
- BARLEY, Nigel. *El antropólogo inocente*. Barcelona: Anagrama, 2008. 237 p.
- BOURDIEU, Pierre. “Como é possível ser esportivo?”. In: _____. (Org.), *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero. p.136-163. 1983.
- BOURG, Jean F; GOUGUET, Jean-J. *Economia do esporte*. Bauru: Edusc, 2005. 182 p.
- BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Ijuí: Unijuí, 2003. 136p.
- CAILLOIS, Roger. *Os jogos e os homens*. Lisboa: Edições Cotovia. 1990. 228 p.
- CALDEIRA, Tereza P. do Rio. *Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2000. 399 p.
- CLASTRES, Pierre. “Entre Silêncio e Diálogo”. In: *Lévi-Strauss. L'Arc Documentos*. São Paulo: Editora Documentos LTDA, 1968. p. 87-90.
- COHN, Clarice. “A experiência da infância e o aprendizado entre os Xikrin”. In: LOPES DA SILVA, A.; NUNES, A. e MACEDO, A. V. (Orgs.). *Crianças indígenas: ensaios antropológicos*. **São Paulo: Global. 2002.** p.117-149.
- _____. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 60 p.
- DAMATTA, Roberto. “O ofício do etnólogo, ou como ter Anthropological Blues”. In: NUNES, Edson de O. (Org.). *A Aventura Sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1978. p.23-35.

_____. “Esporte na Sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro”. In: _____. (Org.) *Universo do Futebol*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982a. p.19 – 42.

_____. “Futebol: Ópio do Povo ou Drama de Justiça Social?”. *Novos Estudos CEBRAP*, v. 1, n. 4, 1982b.

_____. *A Casa e a Rua*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1991. 177 p.

_____. “Antropologia do Óbvio”. *Revista USP. Dossiê Futebol*, São Paulo, nº 22, p.10 - 17, 1994.

DAMO, Arlei S. O uso dos termos amadorismo e profissionalismo como categorias sociológicas na literatura acadêmica sobre o esporte. In: *XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais – ANPOCS*, Caxambu. 26º ANPOCS 2002, 2002.

_____. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 2007. 359 p.

DECACCHE-MAIA, Eline. 2003. *Esporte e políticas públicas na virada do milênio: o caso de Niterói*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional-UFRJ - Rio de Janeiro.

DUARTE, Orlando. *Futebol: Regras e Comentários*. São Paulo, Ed. Senac **São Paulo, 2005. 360p.**

DURHAM, Eunice. “Comunidade”. In: _____. (Org.) *A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia*, São Paulo: Cosac Naify, 2004. p. 219-225.

DURKHEIM, Emile. *Educação e Sociologia*. São Paulo, Melhoramentos, 1967. 91p.

ECO, Umberto. “A falação esportiva”. In: _____. (Org.) *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p.220-226.

ELIAS, Norbert. & DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: Difel, 1992. 421 p.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. *Cadernos de Campo*, São Paulo, ano 14, n. 13, 2005. p.155-161.

FELDMAN-BIANCO, B. “Reconstruindo a Saudade Portuguesa em Vídeo: Histórias orais, artefatos visuais e a tradução de códigos culturais na pesquisa etnográfica”. In: FELDMAN-BIANCO, B.; LEITE, M. L. M. (Orgs.). *Desafios da Imagem: Iconografia, fotografia e vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papius, 1998. p. 289-304.

FERNANDES, Florestan. *Folclore e mudança social na cidade de São Paulo*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 494p.

FERNÁNDEZ, Maria do C. L. de Oliveira. *Futebol-Fenômeno linguístico: análise linguística da imprensa esportiva*. Rio de Janeiro: Editora documentário, 1974. 143 p.

FLORENZANO, José Paulo. Afonsinho & Edmundo: *a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo, Musa Editora, 1998. 254 p.

FOOTE WHYTE, William. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 390 p.

FREIRE, João B. *Pedagogia do Futebol*. Campinas: Autores Associados, 2006. 98 p.

FRÚGOLI JR., Heitor. “Os shoppings de São Paulo e a trama do urbano: um olhar antropológico”. In: PINTAUDI, S. & FRÚGOLI JR., H. (orgs.). *Shopping centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras*. São Paulo, Ed. Unesp, 1992. p. 75-92.

_____. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo: Cortez/Edusp, 2000. 264p.

_____. A dissolução e a reinvenção do sentido de comunidade em Beuningen, Holanda. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 18, n. 52, p. 109-126, 2003.

_____. “O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 48, n. 1, p. 133-165. 2005.

GUEDES, Simoni L. “Subúrbio: celeiro de craques”. In: DAMATTA, R. (Org.) *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*, Rio de Janeiro, Pinakotheke, 59-74. 1982.

_____. *Jogo de Corpo: um estudo de construção social de trabalhadores*. Rio de Janeiro: EDUFF, 1997. 355p.

_____. *O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: EDUFF, 1998. 136 p.

_____. “As formas de retribuição do dom em perspectiva comparada”. In: 31o. Encontro Anual da ANPOCS, 2007, Caxambu - MG. 31o. Encontro Anual da Anpocs. São Paulo: Anpocs, 2007. p. 258-259.

GUASCO, Pedro P. M. *Num país chamado periferia: identidade e representação da realidade entre os rappers de São Paulo*. 2001. 165p., Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, São Paulo. 2001.

HELAL, Ronaldo. *O que é sociologia do esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1990, 79 p.

_____. *Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*, Petrópolis: Vozes, 1997. 133p.

HERTZ, Robert. “A preeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa”. *Religião e Sociedade*, nº. 6, 1980, p. 99-128.

HIKIJI, Rose. S. G. *A música e o risco: etnografia da performance de crianças e jovens*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2006. 256 p.

_____. Vídeo, música e antropologia compartilhada: uma experiência intersubjetiva. In: BARBOSA, A; CUNHA, E.; HIKIJI, R.S. (Org.). *Imagem-Conhecimento: antropologia, cinema e outros diálogos*. Campinas: Papyrus, 2009. p. 143-158.

HIRATA, Daniel V. *O futebol varzeano: práticas sociais e disputas pelo espaço em São Paulo*. 2005. 155 f. Dissertação de mestrado em Sociologia - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2005.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2005. 243 p.

JOSEPH, Isaac. "A respeito do bom uso da Escola de Chicago". In: VALLADARES, L. (Org.). *A Escola de Chicago: impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte: UFMG, 2005, p. 93-128.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. São Paulo, Ed. 34, 1994. 152 p.

_____. "Como terminar uma tese de sociologia: pequeno diálogo entre um aluno e seu professor (um tanto socrático)". *Revista Cadernos de Campo*, nº14/15, São Paulo, USP, p.339-352, 2006.

LOPES DA SILVA. 2002. "Pequenos "xamãs": crianças indígenas, corporalidade e escolarização". In: LOPES DA SILVA, A.; NUNES, A. e MACEDO, A. V. (Orgs.). *Crianças indígenas: ensaios antropológicos*. **São Paulo: Global. 2002.** p.37-63.

LOPES DA SILVA, Aracy; NUNES, Ângela. "Contribuições na etnologia indígena brasileira à antropologia da criança". In: LOPES DA SILVA, A.; NUNES, A. e MACEDO, A. V. (Orgs.). *Crianças indígenas: ensaios antropológicos*. **São Paulo: Global. 2002.** p.11-33.

MACDOUGALL, David. "De quem é essa estória?". In *Cadernos de Antropologia e Imagem*, v. 5, no. 2., Rio de Janeiro, UERJ, 1997, pp 93-106.

_____. "The body in cinema". In _____. *The corporeal image*. Princeton, Princeton University Press, 2006, pp. 13-31.

_____. "Filme etnográfico por David MacDougall (entrevista)". *Cadernos de Campo*, n. 16, p. 179-188, 2008.

MAGNANE, Georges. *Sociologia do esporte*. São Paulo: Perspectiva, 1969. 166 p.

MAGNANI, José G. C. "Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole". In: MAGNANI, José G. C. & TORRES, Lílian de L. (Orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1996. p.12-53.

_____. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana" in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.17. n.49, p.11-29. 2002.

MAGNANI, José G. C.; MORGADO, Naira. "Futebol de Várzea também é Patrimônio". *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, São Paulo, nº 24, p.175-184, 1996.

MARCUS, George E. "Ethnography in/of the World System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography." *Annual Review of Anthropology* 24, p.95-117. 1995.

MASCARENHAS, Gilmar. *A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar: por uma Geografia do Futebol e de Seu Advento no Rio Grande do Sul*. 2001. 269 f. Tese de doutorado em Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2001.

MAUSS, Marcel. “As Técnicas do Corpo”. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003a. p.401 - 422.

_____. “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”. In: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003b. p.185 – 314.

MELO, Marcelo de Paula de. *Esporte e juventude pobre: a Vila Olímpica da Maré e as políticas de lazer*. Campinas: Autores Associados, 2005. 224 p.

NUNES, Angela. “No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A’uwe-Xavante”. In: LOPES DA SILVA, A.; NUNES, A. e MACEDO, A. V. (Orgs.). *Crianças indígenas: ensaios antropológicos*. **São Paulo: Global. 2002.** p.64-99.

PEIRANO, Mariza. *Teoria vivida e outros ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006. 200 p.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. “O jogo dos espelhos e das identidades: as observações comparada e compartilhada”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 2, p. 69-84, 1995.

PIMENTA, Carlos A. M. *O Processo de Formação do Jogador de Futebol: sonhos, ilusões, frustrações e violências*. 2001. Doutorado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, 2001.

PRONI, Marcelo W. *A metamorfose do futebol*. Campinas: Unicamp/Instituto de Economia, 2000. 272 p.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva*. Petrópolis, Vozes, 1973. 272 p.

RIAL, Carmen. S.. “Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior”. *Horizontes Antropológicos*, v. 14, n.30, p. 21-65, 2008.

RIBEIRO, José da Silva. “Antropologia visual e hipermedia”. In Bairon, Sérgio & RIBEIRO, José da Silva (orgs.). *Antropologia visual e hipermedia*. Porto, Edições Afrontamento, 2007.

RODRIGUES, F. X. F. A formação do jogador de futebol no Sport Club Internacional (1997-2002). Porto Alegre: UFRGS, 2003. 199 f. Dissertação (Mestrado em sociologia), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003.

RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Mauad, 2003. 344 p.

ROUCH, Jean. "Our totemic ancestors and crazed masters". In: HOCKINGS, Paul. *Principles of Visual Anthropology*. Berlin e Nova Iorque, Mouton de Gruyter, 1995. p. 217-234.

_____. "A louca maestria de Jean Rouch (entrevista)". *Sexta Feira. Antropologia artes humanidades*, n. 1, São Paulo: Pletora, 1997. p.12-22.

SANTOS, Claudemir José dos. *Futebol se aprende na escola*. 2007. 130 f. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade Federal de São Carlos. São Carlos. 2007.

SANTOS, Carlos N. F.; VOGEL, Arno. *Quando a Rua Vira Casa: A Apropriação de Espaços de Uso Coletivo em um Centro de Bairro*. São Paulo. Ed. Projeto, 1985. 152 p.

SCAGLIA, Alcides José. *O futebol que se aprende e o futebol que se ensina*. 1999. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

_____. O futebol e os jogos/brincadeiras de bola com os pés: todos semelhantes, todos diferentes. 2003, 178 f., Tese de Doutorado. Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

SCHECHNER, Richard. *Between Theater & Anthropology*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1985. 360 p.

SEABRA, Odette Carvalho de L. "Futebol: do ócio ao negócio". In: DEBORTOLI, J. A.; MARTINS, M. F. A.; MARTINS, S. (Org.). *Infâncias na metrópole*. Belo Horizonte: Editora UFMG, p. 129-146. 2008.

SILVA, Vagner G. da. *O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre as religiões afro-brasileiras*. São Paulo, Edusp, 2000, 194 p.

SOUTO, Sérgio M. *Os três tempos do jogo: anonimato, fama e ostracismo*. São Paulo, Graphia, 2000. 112 p.

SPAGGIARI, Enrico. "Ganhar jogo, pagar jogo e ganhar visita: prática futebolística em um bairro rural". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 30, p. 165-190, 2008.

STIGGER, Marco P. *Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico*. Campinas: Autores Associados, CBCE, 2002. 270 p.

STRATHERN, Marilyn. "The limits of auto-anthropology" in Jackson, A. (ed.). *Anthropology at home*. London and New York, Tavistock, 1987. p.16-37.

SZTUTMAN, Renato. "Jean-Rouch e o cinema como subversão de fronteiras". In *Sexta Feira. Antropologia artes humanidades*, n. 1, São Paulo: Pletora, 1997. p 23-30.

_____. "Jean Rouch: um antropólogo-cineasta". In Caiuby Novaes, S. et alli (orgs.) *Escrituras da imagem*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2004. p. 49-62.

TAUSSIG, Michael. *Mimesis and Alterity: a particular history of the senses*. New York/London: Routledge, 1993. 299p.

TELLES, Vera da S.; CABANES, Robert (Orgs.). *Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Humanitas, 2006. 442 p.

TOLEDO, Luiz H. de. *Torcidas organizadas de futebol*. São Paulo: Anpocs/Autores Associados, 1996. 176p.

_____. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. 78 p.

_____. “Futebol e Teoria Social: aspectos da produção acadêmica brasileira (1982-2002)”. *BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, v. 52, p. 133-165, 2001.

_____. *Lógicas no Futebol*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002. 342 p.

_____. A cidade vista de dentro (e de fora) de uma bola de gude: esportes, jogos e passatempos na metrópole. In: MAGNANI, J. G. C. et. al. (Orgs.). *São Paulo 450 anos - uma viagem por dentro da metrópole*. São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura, 2005, p.143 – 146.

_____. “Posfácio – Corporalidade e festa na metrópole”, In: MAGNANI, J. G.; SOUZA, B. M.. (Orgs.). *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, p. 255-266. 2007.

VERISSIMO, L. F. “Futebol de rua”. In: COELHO, E (Org.). *Donos da bola*. Rio de Janeiro: Língua Geral, p. 49-51. 2006.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. “O conceito de sociedade em antropologia”. In: _____. (Org.) *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo, Cosac & Naify, 2002. p.295-316.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002. 294 p.

_____. “Três premissas perniciosas no estudo do gueto norte-americano” in: *Mana*. vol. 2, nº 2, Rio de Janeiro, Museu Nacional, p. 145-161. 1996.

ZALUAR, Alba. *Cidadãos Não Vão ao Paraíso*. Campinas, Ed. Unicamp, 1994. 212 p.

_____. *A máquina e a revolta*. 3ª ed. São Paulo, Brasiliense, 2002. 265 p.

MATÉRIAS DA IMPRENSA

O Estado de S. Paulo. “Henry pisa na bola ao elogiar o Brasil”. S. Paulo, 30/6/06, p. E9.
Revista Placar. Editora Abril, S. Paulo, agosto de 1979.

DEPOIMENTOS

OSTERMANN, Ruy C. *Felipão: a alma do penta*. Porto Alegre: Zero Hora, 2002. 188p.

RAÍ; FRANCINE, S.; LACOMBE, M. *Para ser jogador de futebol: dicas de um campeão para você se tornar um jogador profissional de sucesso*. São Paulo: Jaboticaba, 2005. 128 p.

TOSTÃO. *Tostão: lembranças, opiniões, reflexões sobre o futebol*. São Paulo: DBA, 1997. 166 p.

FILMES

LINHA de Passe. Direção: Walter Salles Júnior; Daniela Thomas. Produção: Maurício Andrade Ramos; Rebecca Yeldham. Roteiro: George Moura, Daniela Thomas, Bráulio Mantovani. Intérpretes: Vinicius de Oliveira; Sandra Corveloni e outros. São Paulo: VideoFilmes, 2008. 1 DVD (113 min.), son., color.

POR QUE o Juventus?. Direção Enrico Spaggiari; Leandro Mizumoto. Produção: Enrico Spaggiari; Leandro Mizumoto. Roteiro: Leandro Mizumoto. Edição: Pedro Biava; Thiago Yoshinaga. São Paulo: PUC/SP, 2006. 1 DVD (26 min.), son., color.

ANEXOS

ANEXO 01 – O PROJETO MAIS ESPORTE



O programa

O sentido da vida atrás de uma bola

Apoiada por ex-atletas que brilharam nos campos e nas quadras e hoje vestem a camiseta da inclusão social, a Secretaria Municipal de Esportes de São Paulo desenvolve um grande programa de promoção da cidadania para crianças e adolescentes carentes da periferia da cidade. É o Mais Esporte no Segundo Tempo.



Brazeiro já nasce com a bola no pé

A ideia parte de uma constatação simples: basta rolar uma bola e logo dezenas de crianças estarão correndo atrás dela. Foi sobre esse poder de atração da bola que a Secretaria de Esportes da Prefeitura de São Paulo desenvolveu um dos mais audaciosos e visionários programas de integração social de crianças e adolescentes, o Mais Esporte, que, hoje, em convênio com iniciativas semelhantes do Ministério do Esporte, o Segundo Tempo, atende a cerca de 40 mil alunos de escolas municipais localizadas na periferia da cidade.

O Mais Esporte nasceu com uma proposta bastante simples: valer-se do apelo do esporte para atrair alunos carentes, do ensino fundamental para uma nova realidade. Ou seja, tirá-los das ruas de forma voluntária, afastá-los de influências negativas e integrá-los em um programa de lazer, educação e cultura que tem como meta contribuir para a promoção do seu desenvolvimento pessoal e social.

Destinado a alunos da 1ª a 8ª séries e tendo como pré-requisito a frequência à escola, o programa oferece complementação educacional com atividades livres de esportes e recreação direcionadas para o fortalecimento dos valores sociais da criança: convivência, auto-estima, disciplina, disciplina e solidariedade e, pela paz, contra a violência, pelo respos-



Os ex-jogadores Silva e Coutinho (atacante do Santos F. C.), hoje difusores do projeto (foto: autor desconhecido).

ANEXO 02 – CELSO E O BAR DO CDM CIDADE LÍDER

Celso comandava o bar do CDM há cinco anos. A primeira vez foi em 1997, e ficou por dois anos e meio. Saiu quando Mário, atual presidente, assumiu, reformou a cantina e iniciou um processo de licitação. Cinco pessoas participaram da mesma:

Um pôs R\$700,00 reais por mês, o outro pôs R\$500,00 e os outros sei lá quanto. Eu pus R\$300,00, mais a limpeza dos vestiários e dos banheiros. [...] O cara dos setecentos ganhou a licitação. Aí ele não quis mais. Ele não via movimento aqui de domingo. [...] No fim, ganhamos a licitação.

Assim, Celso ficou por mais quatro anos. Porém, o alto aluguel, que chegara a R\$ 700,00, fez com que ele novamente deixasse o bar. Ficou dois anos e meio afastado, vendendo salgados e bebidas em sua barraca montada num dos portões principais do Parque do Carmo – “minha barraca lá parecia uma lanchonete, tinha quatro metros de comprido”. Finalmente, ele ao CDM. Naquele período, outras três pessoas assumiram a cantina. Duas delas ficaram devendo mais de R\$1.000,00 para o CDM. O último a cuidar da cantina foi Jailson:

Ele ficou janeiro, fevereiro, março e abril. Um dia eu estava com um freguês meu lá no Parque do Carmo, onde tenho a minha barraca, um carro parou e buzinou. [...] Fui ver e era o vice-presidente do CDM. Falei: “Pô meu, o que você quer?” “Quero falar com você, vem aqui. Meu, estou caçando você que nem agulha no meio do palheiro”. Eu: “Mas o que aconteceu?”. Ele: “Eu queria que você fosse tocar a cantina para nós”. “Quê? Não vou não, não vou mesmo”. Ele falou: “É que não tem ninguém, o cara saiu, largou a cantina, vai ter campeonato esse final de semana aqui”. Falei: “Se for para fazer palhaçada que nem daquela vez, eu não vou mais não”. Aí ele pegou e falou para mim: “Não, vamos conversar”.

Celso retornou pagando por volta de R\$400,00, mas como o movimento estava fraco, conversou com Mário, presidente do CDM, e acertou um aluguel de R\$300,00. Nestes últimos anos, começou a vender cerveja nas noites durante a semana, nos dias de treino das escolinhas de Itaquera. Porém, afirmou que não vende muito, são dias fracos. Ainda assim, procura abrir todos os dias: “Eu só não abro quando não tem mercadoria para trabalhar, quando não tenho cerveja e salgadinho. Se abrir e o pessoal pedir as coisas e eu falar ‘não tem’, fica chato. Então fico em casa descansando”.

Para comprar as mercadorias, segundo Celso, o rendimento tem que ser bom nos finais de semana: “O movimento foi fraco domingo, não deu para comprar. Tem que pagar o boleto da cerveja [...] Fui pagar, R\$530,00 e alguma coisa. O dinheiro que eu fiz domingo foi somente para pagar os boletos. Fiquei sem dinheiro”. Embora tente fugir dos fiados, Celso convive com as faltas de pagamento, o que dificulta seu trabalho:

Pensei: então vou receber dinheiro do gordo na segunda-feira, passo no mercado, compro salgadinho, bala e chiclete. Mas o cara não me pagou. Como é que eu vou abrir? Não tem jeito. Ia me pagar dia 31, mas amanhã vou chegar nele e falar: “Ó, meu!”. O cara ganha bem. O cara é não sei o quê da Yakult, trabalha lá na Paulista [...] Tem négo aí, meu, que não vira, não vira. Para pagar são dois, três, quatro meses. Esse mesmo que eu fui atrás hoje, já faz três meses que não paga. Se o cara não tivesse dinheiro ainda vai lá, mas o cara tem dinheiro. O cara tem agência de carro, tem um monte de coisa. O filho dele é assim. Vem

com os amigos. Os amigos dele têm dinheiro, mas como ele quer aparecer: “Põe na minha conta”. Ele não tem conta, quem tem conta é o pai dele. [...] Para ficar aqui aberto para vender fiado, eu fico em casa. [...] Para você ter uma idéia tem um advogado aí que está me devendo quase R\$100,00. Chamei ele domingo para acertar comigo, mas ele: “Não sei o quê, minha filha casou”. Porra meu, o que eu tenho a ver com isso? Para fazer festa tem dinheiro, mas para pagar a conta não tem?



ANEXO 03 – FOTOS DO BAÚ DO EX-JOGADOR SILVA



Ano
1974
Foto no Campo
Lauder Filho ^{de} São Francisco
JOGO OXO
A.A. Francana X Santos F.C.
ULTIMO JOGO do Pelé
NO INTERIOR

Equipe da A. A. Francana que enfrentou o Santos F. C. em 1974, na última partida de Pelé no interior de São Paulo, o que foi registrado no verso da fotografia. Silva está em pé e é o quarto da direita para a esquerda



Equipe da A. A. Francana. Silva está em pé e é o quarto da direita para a esquerda (foto: autor desconhecido).



Equipe da Francana na década de 1970. Silva está em pé e é o terceiro da esquerda para a direita (foto: autor desconhecido)

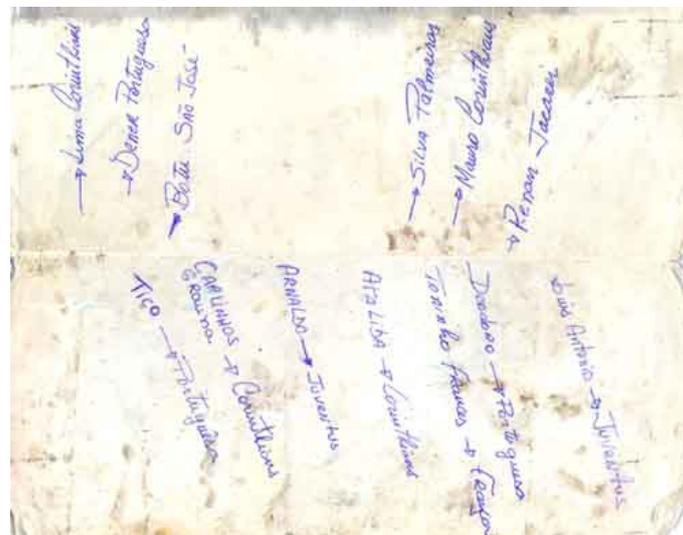


Foto acima: amistoso do começo da década 1990, com a presença de jogadores e ex-jogadores: Dener e Tico (da Portuguesa), Ataliba e Deodoro. Silva é o quinto da esquerda para a direita, em pé (foto: autor desconhecido)
Os nomes foram registrados por Silva no verso da foto.

ANEXO 04 – SILVA NA CAPA DA REVISTA PLACAR AGOSTO DE 1979



ANEXO 05 – A HISTÓRIA DE DAVID

Mas, qual a história de David (90)? Como conhecer as histórias de todos os alunos da escolinha? Para Jaílson, este é um dos principais desafios no trabalho: o relacionamento com as crianças, ou melhor, com muitas crianças, cada uma com sua trajetória, como a de David:

Sou descendente da família do Lampião... Minha avó é descendente de um parente da família dele... família dos Alencar. Eu nasci no Ceará, em Campo Sales. Vim para cá para poder ajudar minha mãe, porque lá as coisas são mais difíceis. Lá não tem muito desenvolvimento, muita educação. Assim, não que não tenha educação, eu ia fazer faculdade lá, mas eu não quis porque eu quis seguir carreira aqui, junto da minha mãe. Para poder ajudar ela. Porque eu morei aqui. Com nove anos vim para cá. Aí meu pai morreu. Foi uma trajetória meio que corrida. Ele morreu e eu fui para o Ceará em 2004, com quinze anos. Voltei para cá, para São Paulo, em 2006, no começo do ano, em fevereiro. Comecei a trabalhar no final de 2006.

Ele mora com a mãe e a família do irmão. A irmã chegou recentemente a São Paulo, para terminar os estudos, iniciados em Campos Sales, no Ceará. David afirma que não pretende voltar:

Pretendo seguir minha vida aqui. Porque lá no Ceará a coisa é complicada. Tem a bebida. É uma coisa que eu tento esquecer. Minha família teve problemas com isso. Eu pretendo ir só para me divertir, quando eu tiver a minha casa lá, se Deus quiser, construída. Ir para lá, tomar banho nos rios... Fortaleza, quem sabe?

David estava sempre acompanhado nos treinos de Jonatas (94). Afirmou que tenta sempre conversar com ele, dar conselhos, incentivar a treinar no CDM:

É, meu primo... Jonatas, filho da mulher do meu irmão. Meu irmão está morando aqui, mas não está ajudando muito agora. Mas está bom, é assim mesmo. Ele morava no Piauí e eu morava no Ceará. Eu não conhecia muito porque meu irmão ficou com ela lá no tempo de 2004, quando a gente morou lá. Aí é que o Jonatas veio ficar com a gente. Eu falo para ele: “olha, não adianta você fica jogando bola na rua, é uma coisa que eu falo para você, aqui você vai aprender coisa melhor, estando aqui com a garotada, é uma estrutura pequena de um negócio de São Paulo, mas é uma coisa que traz educação para você, que faz com que você treine e se divirta”. Igual a mim. Não importa se eu seguir a carreira de profissional de futebol. Eu pretendo fazer uma Faculdade de Psicologia.

Para David, o bairro não oferece outra estrutura e não há como contar com uma ajuda familiar. Por isso, elogia o programa de esporte da Prefeitura, pois “ajuda bastante a gente que não tem condições, entendeu?”.

E: Você começou a trabalhar com ...

David: Dezesseis.

E: O Jonatas hoje tem...

David: Catorze.

E: E se ele falar: “Vou trabalhar”?

D: Aí eu vou falar para ele: “Aqui você joga bola, treina. É melhor do que estar na rua. Aproveita cada minuto. Você ainda é jovem, criança, para poder se divertir e correr atrás do que você quer”. Eu comecei a trabalhar com dezesseis. Mas aí você pensa assim: “Ah,

tem gente que já começou com dez anos, nove”. Todo mundo começou a trabalhar novo. Aí a gente vai ficando com raiva: “Ah, porque eu comecei a trabalhar cedo, não tinha nem terminado os estudos ainda”.

Dividido entre estudos, trabalho e as tentativas de seguir carreira futebolística, David não abandona nenhuma dos três planos, porém focaliza no momento os dois últimos: a procura por trabalho, assim como a realização de testes e peneiras. Enquanto não consegue vaga em algum clube, continua trabalhando para ajudar a mãe:

Quando eu tinha dezesseis estava treinando, mas com dificuldades. Não tinha dinheiro. No São Caetano, gostaram de mim. Só que eu me mudei para cá na mesma semana. Acabou atrapalhando o teste que eu já tinha passado. Aí eu comecei a treinar aqui no final de 2006 e até hoje eu estou treinando. Não estou fazendo nenhum teste, pois não tive tempo, trabalhando e estudando, sem tempo para poder treinar. Só em 2007 que eu terminei os estudos, com dezessete anos. Aí voltei a treinar, para voltar à forma física.

Além da parte física, treina para aperfeiçoar os fundamentos e desenvolver a técnica:

D: Quando cheguei do Ceará, eu jogava um pouco. Mas eu não batia bem na bola. Não batia com a mesma força, para ela ir rápida. Aí eu vim aprimorar.

E: Hoje já bate forte?

D: Hoje já estou batendo mais forte e com mais precisão. Porque a força a gente tem que usar, mas com a certeza de que ela vai naquele lugar, entendeu? Aí eu tenho aprendido, eu tenho mantido meu físico e os treinos também ajudaram bastante. Eu tenho falado com o treinador e o Silva tem falado que só está esperando ter uma chance: “Não, essa é a hora, vou te levar lá, você vai fazer a sua parte e eu vou fazer a minha de estar te levando”. Estou esperando essa oportunidade, para quando chegar essa hora estar pronto e mostrar trabalho.

Antes goleiro, David vem treinando nos últimos anos como volante. Nessa posição realizou a última peneira, em 2006:

D: Fiz o teste no Pão do Futuro. Meu irmão passou, mas eu não passei não. Lá era difícil.

E: Seu irmão tem quantos anos?

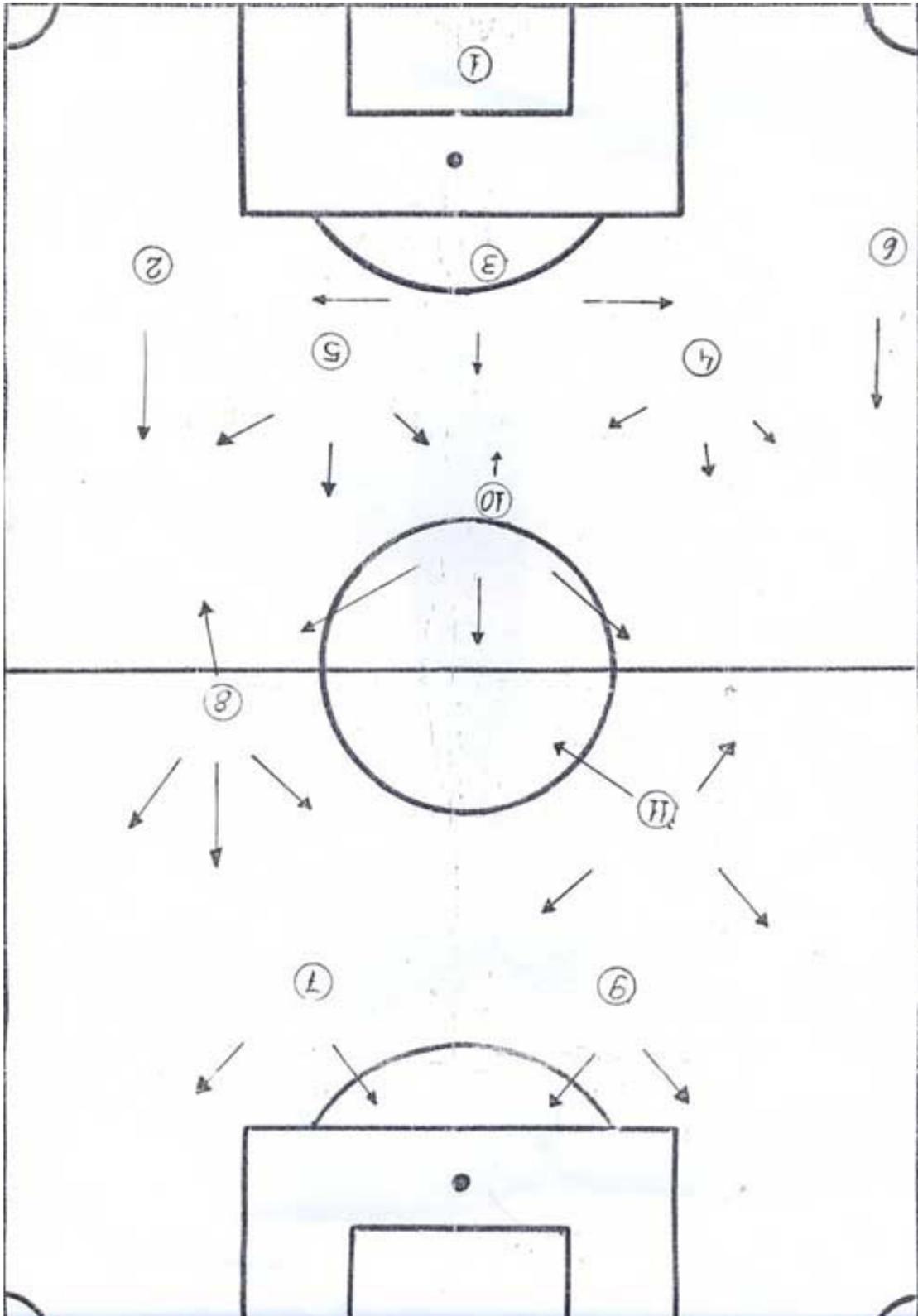
D: Meu irmão tem dezessete anos. Ele passou, mas não teve estrutura. Igual eu falo para você: o que falta é dinheiro. Meu irmão falou com o dono do time lá: “Você tem que pagar a condução para mim, porque não tenho condição”. Era perto, só que tinha que pegar uma condução, entendeu? Mas aí meu irmão falou: “Não dá para ficar passando por debaixo da catraca toda hora”. Naquela época até dava, era fácil, mas só que os cobradores pegavam no pé. Aí meu irmão acabou faltando num jogo lá. O treinador não quis mais ele, mandou embora.

Hoje na Cidade Líder, David morou no bairro do Grajaú, Zona Sul da cidade, antes de viajar ao Ceará aos dezesseis anos. Um dos seus tios ainda mora para aqueles lados da cidade. Foi ele quem lhe arranhou uma entrevista de emprego.

David: É, fui fazer uma entrevista de trabalho lá na Zona Sul. Para um posto de gasolina, pois eu já saí do mercado aqui. Eu trabalhei um ano e meio aqui no mercado. Aí eu falei: “Eu não posso continuar nessa carreira de mercado porque eu não quero passar três anos como empacotador, porque empacotador não tem futuro. Então eu quis sair logo para entrar em outro emprego que possa me ajudar a ter uma estrutura melhor, de poder ter uma renda melhor para buscar meus objetivos, fazer um teste, ser feliz um pouco”. Se não conseguir, eu vou trabalhar no posto de gasolina. Vai demorar um pouco porque eu estou

no exército, estou no carimbo ainda. Aí eu vou levar o carimbo, vou se dispensado e vou entrar nessa empresa. A empresa é boa, a Petrobrás, que tem uma estrutura muito boa. Uma empresa que é bastante conhecida no mundo todo e espero poder ajudar lá. Eu gosto dos meninos que trabalham lá, da minha idade, entendeu? Dezoito, vinte anos. É como se fosse um time. O gerente pediu para eu trabalhar na conveniência. Eu falei “não, eu não quero trabalhar na conveniência, porque eu já trabalhei em loja, em mercado, eu sei como é difícil suportar o cliente quebrar aquilo, ter que limpar, cliente bêbado. Não, eu quero trabalhar lá fora”.

ANEXO 06 – QUADRO TÁTICO UTILIZADO NO CDM CIDADE LÍDER



ANEXO 07 – CARACTERÍSTICAS DO BOM JOGADOR

**Clube Desportivo Municipal Cidade Líder**

Fundado em 17/07/76 - CXC: 50 544 998/0001-63

JOGADOR PADRÃO**AS DEZ PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DE UM BOM JOGADOR**

- 01) SENDO O FUTEBOL, UM JOGO DE CONJUNTO, PROCURAR SEMPRE E O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL EFETUAR UM LANÇAMENTO PARA UM COMPANHEIRO MELHOR COLOCADO.
- 02) CONHECER AS REGRAS DO JOGO.
- 03) ACATAR AS DECISÕES DO ARBITRO E SEUS AUXILIARES
- 04) JOGAR COM A MÁXIMA LEALDADE, RESPEITANDO OS COMPANHEIROS E TAMBÉM OS ADVERSÁRIOS
- 05) DESLOCAR-SE EM CAMPO A FIM DE FACILITAR O PASSE DO COMPANHEIRO.
- 06) AO PERDER A POSSE DA BOLA, NÃO DESISTIR, DAR COMBATE AO ADVERSÁRIO TENTANDO RECONQUISTA-LA.
- 07) RESPEITAR SEUS COMPANHEIROS, NÃO RECLAMAR DOS POSSÍVEIS ERROS APRESENTADOS.
- 08) PROCURAR FAMILIARIZAR-SE O MÁXIMO COM A BOLA A FIM DE DOMINA-LA COM MAIOR FACILIDADE.
- 09) ESMERAR-SE NO PREPARO FÍSICO. ELE É FUNDAMENTAL PARA O BOM DESEMPENHO DO JOGADOR EM CAMPO.
- 10) SER OTIMISTA, NUNCA PERDER O ENTUSIASMO, INCENTIVAR OS COMPANHEIROS A LUTAR E PRINCIPALMENTE TER POR OBJETIVO SOBRETUDO, A VITÓRIA.

ANEXO 08 – PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS POR POSIÇÃO

Ver: RAÍ; FRANCINE, S.; LACOMBE, M. (2005, 40).

Goleiros: Altura é importante aqui. Idealmente, acima de 1,83 m. Envergadura (que é a distância entre os dedos medidos de uma mão a outra com os braços abertos), também. O goleiro com boa envergadura abrange uma área maior do gol. Velocidade de reação (o popular reflexo), força, impulsão, explosão e movimentos coordenados de potência e precisão. Pense em Marcos, goleiro do Palmeiras, e Dida, do Milan e da seleção brasileira. Ambos têm, além de talento, as características físicas ideais para a posição.

Laterais: Velocidade, resistência, e precisão, pois têm a função de atacar e defender, muitas vezes em uma mesma jogada. Por isso, precisam de movimentação constante. Pense em Roberto Carlos, lateral do Real Madrid da seleção, em Cicinho, lateral do São Paulo e também da seleção.

Zagueiros: Velocidade de antecipação, força muscular (pois estão em contato constante com o adversário), impulsão, visão periférica e força rápida. Lembre-se de Lucio, zagueiro do Bayer de Munique e da seleção, e de Sebá, argentino do Corinthians. Os dois são fisicamente talhados para a função.

Volantes de Contenção: Resistência aeróbica, já que percorrem uma grande área do campo. Importante também é a força física, pois são marcadores e, por isso, estão sujeitos a intenso contato. Além disso: velocidade e capacidade de reagir rapidamente. Emerson, que em 2005 jogou pelo Juventus de Turim, e Mauro Silva, campeão mundial com o Brasil em 1994 nos Estados Unidos, são bons exemplos de adequação física para a posição.

Volantes de armação e meias: Antes de mais nada: altíssima resistência aeróbia. Isso porque essa turma do meio-campo normalmente roda de 10 a 14 Km por jogo. Fundamental também é força muscular para reduzir lesões, força rápida e visão periférica privilegiada, pois cabe a eles fazer a ligação entre a defesa e o ataque. Pense em Juninho Pernambucano, do Lyon, em Roger, ex-Fluminense e que foi contratado pelo Corinthians em 2005, e em Ricardinho, que jogou no Corinthians, Santos e São Paulo. Todos bons exemplos de volantes de armação (Juninho) e meias (Roger e Ricardinho).

Atacantes: Tevez e Adriano definem bem o atacante atual: força e potência pura, explosão, velocidade e, claro, muita precisão na finalização. Afinal, o objetivo do jogo ainda é o gol.

ANEXO 09 – MODELO DE PROCURAÇÃO UTILIZADO POR RENATO PARA ASSINAR CONTRATO COM UM JOVEM DE DEZESSETE ANOS DO BAIRRO CIDADE TIRADENTES

PROCURAÇÃO

Pelo presente instrumento particular de Procuração, o Atleta Outorgante:

Atleta:
 [REDACTED] brasileiro, menor de idade, nascido em 23/09/1991, solteiro, Jogador de Futebol, residente e domiciliado à Rua Igarapé Água Azul, 577, apartamento [REDACTED], Cidade Tiradentes – SÃO PAULO / SP, doravante designado **ATLETA**, ora representado e assistido pela sua mãe, a Sra. [REDACTED] brasileira, casada, cozinheira, portadora do RG [REDACTED].

Nomeia e constitui seu bastante procurador:

Procurador:
RENATO GABRIEL DO NASCIMENTO, brasileiro, solteiro, Agente de Jogadores, residente e domiciliado à Iguatama, 427, Bairro Guaiarazes, São Paulo/ SP, Carteira de identidade no. 25.344.000-2, expedida pela SSP/SP, inscrito no CPF sob o no. 313.581.728-89 neste ato doravante designado procurador.

PODERES:
 O Atleta acima qualificado por este instrumento nomeia e constitui seu procurador, ao qual confere os poderes amplo, gerais e pleno, em caráter irrevogável e irretroatível para representar meus interesses, na qualidade de jogador profissional de futebol, especificamente para oferecer, receber e negociar propostas profissionais perante entidades de prática desportiva sediadas no Brasil e no exterior, Federações, confederações, Ligas e clubes de futebol resguardado que a aceitação definitiva de qualquer negócio deverá ocorrer mediante minha aceitação formal.

Por ser verdade, firmo o presente.

São Paulo, 23 de Novembro de 2007.

[Assinatura manuscrita]

[REDACTED]
ATLETA (Menor de idade)

[Assinatura manuscrita]

[REDACTED]
PAI E/ OU RESPONSÁVEL

Testemunha:

Nome:	[REDACTED]
CPF:	[REDACTED]

ANEXO 10 – “PERIFERIA NA MÍDIA”: A VISITA DE NETO AO BOTAFOGO DE GUAIANASES¹

Nos últimos anos, a presença do Botafogo de Guaianases na mídia é cada vez mais freqüente. Durante o período de observação, acompanhei a gravação de um programa no Botafogo por uma produtora independente para um canal do sistema TVA; a repercussão de uma reportagem especial sobre o Botafogo no canal SporTV; e a participação do ex-jogador e comentarista Neto em uma partida de veteranos no campo do Botafogo, jogando com a camisa alvinegra do clube de Guaianases.

A visita de Neto ao campo do Botafogo atraiu mais de mil pessoas naquela manhã de domingo. Para alguns diretores, contudo, o público foi bem maior que o dobro desse. Um dos mais animados era o santista Severo, que vestia uma camiseta do parceiro São Paulo F. C. naquele dia. Para Severo, a partida consolidaria a relação entre o time e o ex-jogador, visto que Neto citava constantemente o clube e a escolinha do Botafogo de Guaianases no programa de televisão da Rede Bandeirantes, do qual participa diariamente na hora do almoço, e nas transmissões da Rádio Transamérica FM. As menções de Neto ao Botafogo foram recuperadas por Luiz Moura em seu discurso na reunião do Dia das Mães, quando citou o ex-jogador para destacar o prestígio do Botafogo de Guaianases no universo futebolístico paulistano:

Qualquer clube, qualquer grande clube de São Paulo conhece o Botafogo, conhece a história que tem aqui. De vez em quando eu estou assistindo àquele programa na Band do Neto, de futebol. De vez em quando eu ouço ele falar do Botafogo de Guaianases, da sinceridade que os diretores têm aqui, que o Botafogo tem e é a pura realidade, não tem enrolador. Isso é que é importante para nós.

Prestígio esse verificado também no discurso de Severo em homenagem ao ex-jogador e comentarista após a partida de veteranos. “É a periferia na mídia”, bradou Severo:

Honra não é palpável, mas dá para expressar a nossa gratidão pelo Neto estar aqui através de uma singela lembrança [...] Netão, nas poucas que fiquei contigo hoje, deu para notar a humildade total do Neto. E a gente pode investir nesse link de amizade entre Transamérica, Neto e a gente aqui da periferia. Porque ele muito nos honra com a presença dele. Ao você olhar para esse troféu Netão, que você sinta a nossa honra da sua presença.

O troféu foi entregue por Luiz Moura, que encerrou o evento: “Não é só do Botafogo. É da comunidade daqui de Guaianases, de todos os que estão aqui hoje, muito obrigado por você ter vindo”. Tal homenagem foi relatada por Neto nos dias seguintes nos programas que participa. Mais uma vez, o Botafogo de Guaianases ganhava destaque na mídia.

¹ José Ferreira Neto é um ex-jogador de futebol, que atuou pelo Guarani F. C., S. E. Palmeiras, S. C. Corinthians P., Santos F. C. e outros clubes brasileiros, além de uma breve passagem pela Seleção Brasileira no começo da década de 1990. Hoje é comentarista de futebol no rádio e na televisão.

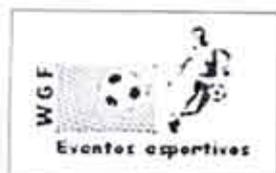
A importância da presença, naquele momento, do ex-jogador e comentarista pode ser compreendida de diversos modos. Primeiro, pela valorização dada aos ditos *especialistas* do universo esportivo (Toledo, 2002), que funcionam como mediadores entre o futebol e os espectadores. Estes agentes costumam atuar nos mais diferentes meios de comunicação, com destaque para programas de debate, como as *mesas redondas* esportivas. Em segundo lugar, Neto desfrutava de sua posição de ex-jogador de futebol de fama nacional, mas principalmente de ídolo do S. C. Corinthians Paulista, clube de maior torcida no bairro. Terceiro, pude escutar diversos torcedores do Botafogo valorizando a articulação das duas posições antes mencionadas: por se tratar de um comentarista de futebol que foi jogador, ou seja, “sabe do que está falando”.

Para Edson, morador de Guaianases e torcedor do Botafogo, a posição de Neto é privilegiada, pois, segundo ele, um ex-jogador entende muito mais que o jornalista, que nunca jogou bola.² Segundo Edson, um ex-jogador sabe o que conversam no vestiário, a relação treinador e jogadores, o que é feito nos treinos, os esquemas táticos, a técnica do jogador: “Tipo o Casagrande: não sei se você já notou, mas quando ele começa a falar sobre contusões e operações, coisas que teve quando foi jogador, ele não pára”.³

² Trata-se de uma disputa assinalável no campo esportivo. Como lembra Eco (1984), a “falação esportiva” orienta uma parte considerável das formas de sociabilidade masculina, em diferentes grupos. Vivenciado cotidianamente, o “futebol consiste, para além da sua prática profissional ou fruição esportiva, em um fenômeno também da ordem do vivido e do falado, recriado pela mídia e pelas conversas cotidianas, nos bares, em casa, pelas ruas, enfim, sensibilizando e impregnando uma memória nacional” (Toledo, 1996, 12).

³ Walter Casagrande Júnior, mais conhecido como Casagrande, é um ex-jogador de futebol que iniciou sua trajetória no S. C. Corinthians Paulista, atuou em equipes do futebol italiano e, também, pela Seleção Brasileira. Atualmente é comentarista esportivo da Rede Globo.

ANEXO 11 – COPA VALE HISTÓRICO



Caro Coordenador,

É com muita alegria que estamos enviando pra você o convite do VI Torneio Interestadual de futebol, denominado COPA VALE HISTÓRICO, que acontecerá de 20 à 27 de Julho nas cidades de Arapeí e Bananal, que ficam localizadas no Vale Histórico paulista, bem próximo a Serra da Bocaina e do Vale do Paraíba Fluminense.

Para esta edição preparamos um convite especial e diferente, desta vez a sua agremiação está recebendo um CD com informações gerais do evento, tudo sobre a região onde acontecerá o evento, inclusive com fotos das cidades onde o tudo vai acontecer.

As informações estão no programa Power Point, é só colocar o CD no seu computador e aguardar que as imagens irão aparecer.

Acreditamos que desta forma facilitamos seu trabalho, na era da informática não poderíamos ficar sem essa novidade, essa inovação aconteceu a partir da necessidade de melhorarmos nossos serviços pra melhor atendê-lo. A WGF sempre pensa no futuro.

Caso você queira poderá também tirar cópias para que os pais e as crianças possam ter acesso ao convite na sua residência, ou até mesmo apresentá-lo em multimídia em uma única reunião.

Passos para concretizar a participação de sua equipe:

- 1º Passo - assistir nosso CD.
- 2º passo - caso tenha alguma dúvida ligar pra gente e solicitar maiores informações.
- 3º Passo - confirmar através de email a participação de seu clube e as categorias.
- 4º Retirar no site as fichas de inscrição individual de cada categoria
- 5º Passo - efetuar o pagamento das parcelas mês a mês.

Estamos a sua inteira disposição, caso queira entre em contato conosco para tirar suas dúvidas e eventuais esclarecimentos.

Nossos contatos:

(24) 3343 2393
(24) 9948 0975
(24) 8135 8191

Se preferir fale conosco pela internet: wgfeventosesportivos@hotmail.com

E não deixe de visitar nossa pagina na internet: www.wgfeventosesportivos.com.br

Wellington Fontes – Coordenador Geral

ANEXO 12 – CERTIFICADO CONFERIDO AOS PARTICIPANTES DA COPA SÃO LOURENÇO


Associação Esportiva Rio Verde


Certificação

A ASSOCIAÇÃO ESPORTIVA RIO VERDE, CONFERE O PRESENTE CERTIFICADO A

Mica Sagroni

pela participação na I Copa São Lourenço Futebol de Base, realizada pelo Projeto PROFEEP e Escolinha de Futebol do Miramar.

São Lourenço, 22 e 25 de Maio de 2008.




António das Graças Ramalho
 Presidente do A. E. Rio Verde

www.profeep.com.br

António Carlos O. Urbano do Silveira
 Coord. de Núcleo

ANEXO 13 – SOBRE CHUTEIRAS

Convidado a participar dos jogos de sexta-feira de manhã dos sócios do CDM Cidade Líder, estava decidido a comprar uma chuteira de futebol de campo. Mais do que as camisas de times, um dos principais sonhos de consumo das crianças e jovens, principalmente os mais velhos, é a chuteira, calçado específico para a prática de futebol de campo. Não são todos que as têm. Entre as meninas, só Katlyn (93), a mais velha. Muitas chuteiras, mesmo assim, não são para futebol de campo, mas de futebol society, outras de futebol de salão; são modelos mais baratos. Aproveitei um momento de descanso antes de um amistoso do CDM na Vila Prudente, para conversar com Juan (92) e Raúl (92) sobre marcas e modelos:⁴

E: Eu quero comprar uma chuteira. Quais vocês indicariam? Uma chuteira não muito cara, mas boa.

Juan: Reebok.

E: Por quanto sairia, mais ou menos?

Juan: R\$100,00. Tem Adidas aí, por uns R\$90,00 ou R\$80,00.

E: E é boa? E qual é a marca, sem contar preço?

Juan: Adidas.

E: Por quanto sai uma Adidas boa?

Juan: Boa? Quatrocentos... quinhentos contos.

E: Sério?

Juan: Boa, original. A falsa da Nike estava R\$600,00, imagina...

Raul: Chuteira boa é cara.

E: Custa R\$600,00, a falsa?

Juan: É. E nem é aquela chuteira Kappa original.

E: E a Kappa é cara?

Juan: A Kappa não.

E: E a mais barata qual é? Alguma brasileira?

Juan: São as brasileiras mesmo, a Finta.

E: E a Topper ou a Dal Ponte?

Juan: Nem Dal Ponte. Dal Ponte é o quê mesmo? Não é brasileira, nem italiana... um país lá em cima.

Raul: Canadá.

Juan: Que Canadá?

E: Qual é a sua chuteira?

Juan: Nike... pode filmar. Faz assim, depois assim...[mostrando a chuteira em diferentes ângulos]

⁴ Filmei a conversa com a câmera fotográfica, visto que já estava com a mesma em mãos para registrar alguns momentos antes da partida.

E: Demorou muito para comprar?

Juan: Não, foi R\$200,00.

E: Mas é uma graninha. Qual é a sua, Raul?

Raul: A minha é Adidas.

E: E quanto tempo dura uma... quanto tempo você acha que vai durar a chuteira ?

Juan: Essa aqui? Ah, a minha da Nike durou dois anos e meio... essa aqui tem que ser nessa faixa aí...

E: Mas durou?

Juan: Rasgou, a chuteira rasgou. Gastou o couro. Porque não é só em campo gramado que nós jogamos.



Chuteiras dos mais variados modelos, marcas, cores e estilos
(fotos: E. Spaggiari)